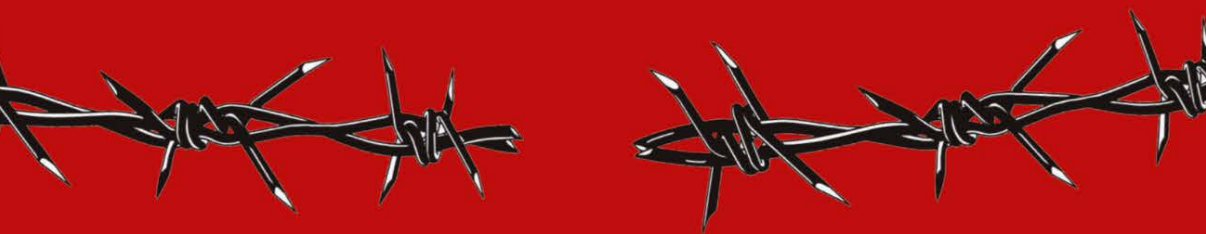


Pedro Poncio

# A FACE OCULTA DO MST

Como sobrevivi aos  
campos de doutrinação



*Opino*  
EDITORA



Pedro Poncio nasceu em Jaciara, MT, em 26 de fevereiro de 1992. Bacharel em Teologia, atuou por muitos anos como professor de Teologia e pregador do Evangelho.

Hoje atua como escritor, palestrante e ativista cristão na política.

*Opino*  
EDITORA

Quando pensamos em terrorismo, é comum vir à mente imagens do Holodomor – período de terror promovido pelo governo comunista da União Soviética, que matou de fome milhões de ucranianos inocentes –, do Holocausto; do atentado às Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001. Essas tragédias fazem parte do imaginário brasileiro se tratando desse tema. Todavia, e quanto ao Brasil, o que temos de terrorismo em nossa pátria? Seriam as guerrilhas urbanas do comunista Carlos Marighella? Seriam as facções criminosas? E se houvesse um grupo que tem raízes e possivelmente ligações profundas com estes dois? Esse é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Um grupo terrorista! Eles invadem, roubam, torturam, perseguem, violentam crianças ideologicamente. Isso é terrorismo. E essa é apenas uma das faces do MST que este livro mostrará.

**Gustavo Gayer**  
**Pai, professor, empresário e deputado federal**

A CPI do MST não apenas reforçou a imagem da organização criminosa desses grupos que invadem, depredam, furtam e aterrorizam os produtores rurais, como revelou a outra face, onde os líderes tratam os liderados quase como escravos. Enquanto as lideranças têm carros bons, casas boas e enriquecem a olhos vistos, os liderados, chamados de massa de manobra, seguem por anos ou décadas na miséria e sob pressão psicológica e violência física de seus líderes!!!

**Ricardo Salles,**  
**deputado federal**

Uma denúncia séria e ao mesmo tempo um relato em primeira pessoa de alguém que sobreviveu aos campos de doutrinação marxista. Neste livro, Pedro Poncio expõe os bastidores do MST como jamais foi feito na história do Brasil. Além de uma abordagem histórica e precisa, Poncio revela detalhes da vida comum dentro de um acampamento do MST e mostra como funciona o *modus operandi* do movimento e seus propósitos nem sempre conhecidos da população brasileira. A FACE OCULTA DO MST é, certamente, a peça que faltava neste quebra-cabeça que é definir do que se trata o movimento sem-terra e quais estratégias o movimento tem usado para se perpetuar durante 40 anos em atividade. Algo que fica evidente durante os capítulos é que, se tratando de Paulo Freire, patrono consagrado pelo MST, sua pedagogia não conseguiu transformar Pedro Poncio em um oprimido; antes, sua libertação da ideologia marxista através do Evangelho revela o poder que tem a doutrina cristã em devolver a uma vítima as rédeas da própria história e transformá-la em uma voz profética. Este livro é a prova de como a verdade é capaz de libertar alguém das garras da mentira. Como costuma mencionar o autor, citando a Bíblia: “Não há nada em oculto que não venha ser revelado”.

*“Pedro Poncio traz o leitor das trevas à luz, neste incrível e indispensável livro”.*

Onyx Lorenzoni, ex-ministro-chefe da Casa Civil



*Opino*  
EDITORA



## A FACE OCULTA DO MST

Copyright © Pedro Poncio, 2024

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem  
os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

REVISÃO

Rita Luppi

PROJETO GRÁFICO

Sirius Bonfim

CONCEPÇÃO DA CAPA

Pedro Poncio

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

---

Poncio, Pedro

A face oculta do MST : como sobrevivi aos campos de doutrinação /  
Pedro Poncio. -- Anápolis, GO : Ed. do Autor, 2024.

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-96563-6

1. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Brasil)
2. Movimentos sociais - Brasil - Aspectos políticos 3. Relatos pessoais I. Título.

24-197248

CDD-320.981

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Movimentos sociais : Aspectos políticos : Brasil : História 320.981

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

CONTATO COM O AUTOR  
[pedrobrunob@gmail.com](mailto:pedrobrunob@gmail.com)

VENDAS  
[www.pedroponcio.com.br](http://www.pedroponcio.com.br)

PEDRO PONCIO

**A FACE OCULTA DO MST**

Como sobrevivi aos  
campos de doutrinação

*Opino*  
EDITORA

## Agradecimentos

Agradeço a Jesus, meu Senhor, que me chamou  
e a quem pertenço.

Aos missionários Aarão e Claudia,  
a semente de vocês frutificará.

Aos meus amigos Ailton Junior e Richelson Xavier  
pela lealdade e por compreenderem  
que o propósito é maior que a proposta.

A todos que direta ou indiretamente apoiaram este livro.

Aos meus pastores Thiago Cunha e Késia Dayane  
por acreditarem em nós.

A toda equipe da editora pela excelência  
com que organizaram esta obra;

aos meus pais, Pedro e Antônia Poncio, a quem eu honro;

aos meus irmãos, Maxsuel e Deise Poncio, a quem eu amo;

a minha querida esposa, Jéssica Poncio,  
por suportar comigo a perseguição,  
as lutas e as adversidades.

*Soli deo gloria.*

*A minha amada esposa, Jéssica Poncio;  
como disse em meus votos, você é a prova da bondade  
e da graça de Deus sobre a minha vida.*



Manifestação do acampamento Oziel Alves Pereira em 2003, Campo Grande - MS.

Da esquerda para a direita, eu com 11 anos de idade, minha irmã Deise,  
meus pais, Antônia e Pedro Poncio.

# SUMÁRIO

<b>Prefácio</b> .....	9
Marco Antônio Costa .....	
<b>Introdução</b> .....	11
<b>1. A face socioeconômica</b> .....	19
1.1 A problematização.....	20
1.2 O êxodo rural e o surgimento do agronegócio.....	22
1.3 A invasão da Fazenda Macali .....	25
<b>2. A face política</b> .....	35
2.1 Imperialismo americano ou influência soviética?.....	36
2.2 O Brasil no fogo cruzado da Guerra Fria.....	39
2.3 O Serviço Secreto da Tchecoslováquia .....	42
2.4 Ligas Camponesas e uma tentativa de golpe .....	44
2.5 MST, o herdeiro das Ligas Camponesas .....	53
<b>3. A face ideológico-religiosa</b> .....	57
3.1 A Igreja Católica como “cavalo de Troia” .....	58
3.2 Espiões russos no Concílio Vaticano II.....	62
3.3 O Pacto das Catacumbas .....	66
3.4 Origem da Teologia da Libertação .....	70
3.5 Comunidades Eclesiais de Base e a Comissão Pastoral da Terra.....	79
<b>4. Uma face mais oculta</b> .....	89
4.1 Da pobreza às entranhas do MST .....	90
4.2 Mística, a religião marxista “Do Bem” .....	97
4.3 Os campos de doutrinação .....	112
4.4 Eldorado do Carajás: lavagem cerebral e morte .....	120
4.5 A politização do agronegócio .....	123
4.6 Terrorismo no prato .....	130

<b>5. O exército vermelho</b> .....	145
5.1 Uma tentativa de definição .....	146
5.2 Um exército bem-armado .....	154
5.3 As três camadas da hierarquia .....	156
5.4 Operações Especiais .....	158
5.5 A máfia das ONGs e dos movimentos sociais .....	161
5.6 A quem deve sua lealdade o Exército Vermelho? .....	165
<b>6. Como Cristo me libertou de Marx</b> .....	173
6.1 Um grito entalado na garganta.....	174
6.2 A doutrina de Cristo .....	175
6.3 O comunismo é um anticristianismo .....	180
6.4 “E a verdade vos libertará” .....	185
6.5 Quatro palavras que mudaram a minha vida .....	186
6.5.1 <i>Comunhão</i> .....	187
6.5.2 <i>Capacitação</i> .....	192
6.5.3 <i>Posição</i> .....	194
6.5.4 <i>Nações</i> .....	197
6.6 Descubra quem você é e viva de propósito .....	198
<b>Referências</b> .....	199

# Prefácio

**E**m *A face oculta do MST*, Pedro Poncio nos apresenta uma análise corajosa e implacável de um dos movimentos mais controversos do Brasil: o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST). Este livro é um testemunho poderoso que desafia a narrativa convencional e desvenda a realidade muitas vezes sombria por trás dos *slogans* de justiça social.

O MST tem sido frequentemente romantizado como um bastião da luta dos oprimidos, mas Poncio revela uma realidade muito mais complexa e perturbadora. Através de sua experiência direta e análise cuidadosa, ele expõe as táticas coercitivas, a doutrinação ideológica e a manipulação política que permeiam a estrutura do movimento. Este livro é um alerta para todos nós sobre os perigos do radicalismo mascarado de benevolência.

Poncio não se limita a criticar; ele oferece uma perspectiva equilibrada, reconhecendo a necessidade de reforma agrária, mas questionando a abordagem do MST. Ele destaca a ironia de um movimento que, em nome da igualdade, muitas vezes perpetua a divisão e a hostilidade. *A face oculta do MST* é um apelo à reflexão e ao diálogo, em vez da polarização e do conflito.

Este livro é um marco importante no entendimento dos movimentos sociais no Brasil e um testemunho da coragem de Pedro Poncio em confrontar verdades inconvenientes. Ele nos convida a olhar além da superfície e a questionar as “verdades” estabelecidas. *A face oculta do MST* é uma leitura essencial para todos aqueles que buscam uma compreensão mais profunda da realidade social e política do Brasil.

Em uma época em que a verdade é muitas vezes ofuscada por narrativas ideológicas, *A face oculta do MST* se destaca como um farol de clareza. Parabênico Pedro Poncio por sua coragem e integridade em trazer esta história à luz. Que este livro inspire outros a buscar a verdade com a mesma determinação e coragem.

**Marco Antônio Costa**

*Comentarista Político, Advogado e Professor de Direito*



## Introdução

**D**e tudo que sonhei fazer em minha vida, confesso que jamais imaginei que escreveria um livro sobre o Movimento Sem-Terra (MST). Tudo o que o leitor está prestes a encontrar aqui a partir de agora nada tem a ver com o desejo ardente de um escritor de contar sua própria história ou revelar coisas obscuras acerca do que quer que seja. Antes, este livro nasceu de uma necessidade: de trazer à luz várias verdades, outrora ocultas aos olhos da sociedade brasileira. Ao me lançar nesta odisseia rumo a expor toda a doutrinação que sofri – sob os olhos do Estado brasileiro – e confrontar com fartura de evidências um sistema político que existe há quatro décadas e se articula livremente nos corredores do poder, sei exatamente a que tipo de risco estou me expondo e conheço as consequências da minha decisão. No entanto, aprendi certa vez com um sábio que a verdade deve ser comprada a qualquer custo e não deve ser vendida a preço algum.

Entrei para o MST com 12 anos de idade e vivi durante vários anos sendo doutrinado pela ideologia marxista para me tornar no mínimo um militante e mais provavelmente um guerrilheiro revolucionário. Durante esse tempo, eu e minha família vivíamos como nômades, morávamos em barracos de lona, cozinhávamos à lenha e bebíamos água de cisternas e açudes; vivíamos à mercê da própria sorte, mudando de uma fazenda para outra e acreditando que o MST era a solução para sairmos da extrema pobreza. O que era para ser apenas dois meses – junto a outras famílias pobres também aguardando um pedaço de terra que fora prometida pelo movimento –, se tornou a experiência mais marcante de toda a minha vida.

Uma vez dentro de um acampamento do MST, fomos doutrinados e vivíamos sob as leis do acampamento. A partir daí, éramos usados como massa de manobra nas mãos de políticos; estávamos disponíveis e dispostos a tudo sempre que fôssemos solicitados. Um drama psicológico que sugou nossa energia vital, nos sentenciou a uma miséria ainda maior do que aquela de onde partimos, no interior de Goiás, acrescentou dor e sofrimento a nossa pobreza. Algum tempo depois, já desvinculado do movimento e liberto de toda aquela lavagem cerebral, minha história se tornou conhecida por milhares de pessoas no Brasil através das redes sociais, e, desde então, senti que tinha a missão de falar sobre aquilo que vi e vivi nos campos de doutrinação do MST.

Compreender o fenômeno do MST é tarefa difícil, pois trata-se de um movimento que apresenta várias faces, tem objetivos diversos e serve a propósitos nem sempre claros. Há pouco ou quase nenhum material publicado que faça um contraponto ao MST, e acredito que isso aconteça porque o movimento é extremamente fechado, é quase impossível entrar em um acampamento para colher qualquer tipo de informação que seja capaz de revelar o que o movimento é de fato. Por se tratar de um movimento com vasto histórico de violência, torna ainda menores as chances – para quem conseguiu sair de lá – de ousar contestar seus métodos ou expor seus crimes. A prova disso é que, quando expus minha própria experiência no MST, recebi inúmeras ameaças de morte, sofri injúrias, calúnias, difamações e até mesmo campanhas de cancelamento. Mesmo assim, é importante que o caro leitor compreenda que aqueles que pensam encontrar nas páginas deste livro apenas um conglomerado de ofensas ao movimento pode se decepcionar. Afinal, minha verdadeira preocupação e o objetivo deste livro é expor como um movimento ilegítimo tem doutrinado milhares de crianças, arrancando delas a sua dignidade ao lhes inserirem em um processo de dependência do próprio movimento, pela sua pobreza, lhes apresentando uma ideologia perigosa que foi responsável pela morte de mais de 100 milhões de pessoas em todo o mundo<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> COURTOIS, S. *et al.* *O livro negro do comunismo*. 1999, p. 5.

Penso que a melhor forma de falar sobre o MST é deixar que ele mesmo diga o que pensa sobre si. E qual é a face que o movimento faz questão de mostrar à sociedade? No *site* oficial do MST, na primeira página, há um vídeo que traça sua própria definição. Com um fundo musical emotivo e palavras bonitas, o MST se descreve da seguinte forma:

Desde 1984 o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) organiza os camponeses sem-terra na luta pela realização de uma reforma agrária para transformar o campo em um lugar onde os trabalhadores e trabalhadoras possam viver com condições dignas e produzir alimentos saudáveis. O MST mobiliza famílias expulsas do campo por grandes latifundiários e empresas multinacionais do agronegócio para lutar pela terra e pela transformação social. Homens, mulheres, crianças e idosos participam do movimento de forma coletiva enfrentando desafios para construir um mundo melhor<sup>2</sup>.

Qualquer pessoa que ouça/leia essas palavras, à primeira vista, ficará comovida e sentirá certa empatia por esse “movimento social”. Afinal, quem é que seria contra pessoas trabalhadoras? Quem é que não se solidarizaria com pessoas pobres que foram expulsas do campo? Quem, em sã consciência, não iria querer um “mundo melhor” para mulheres, crianças e velhinhos? Produzir alimentos saudáveis então, nem se fala, todos somos a favor e ponto final. O problema é que essa definição romantizada feita pelo próprio movimento é insuficiente para convencer a população brasileira de que o MST é apenas um movimento bonzinho, solidário, legítimo, nascido de forma orgânica e que representa a vontade popular.

Uma vez que, em uma democracia o Estado tem o dever de dar uma resposta à vontade do povo, os movimentos sociais são, em geral, formas orgânicas que a população encontra para se organizar e reivindicar seus direitos. Em tese, o MST deveria ser mais um desses movimentos populares – tal qual o movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos da América (EUA), liderado por Martin Luther King, ou qualquer outro

---

<sup>2</sup> MST: “Quem somos”. *Site* do MST.

cujas pessoas se unem e criam meios para expressar sua vontade. Distante disso, o MST faz o caminho oposto.

O que intenciono mostrar nas páginas deste livro é que o MST é um movimento social criado artificialmente por ideólogos de esquerda, que usaram a população para sujeitar o Estado ao desejo de uns poucos homens com objetivos políticos. A prova disso é que boa parte das ações do MST acontece por meio da invasão de propriedade, crime que já foi provado que vai completamente contra os valores do povo brasileiro.

Em contraste com outras culturas, o povo brasileiro é um povo afetuoso e acolhedor, jamais será contra qualquer ação social ou movimento que vise o bem comum. No entanto, por se tratar de um povo que dá muito valor ao trabalho, ele sabe muito bem o preço de tudo o que conquista e tem em seu DNA um senso de justiça muito aguçado. O brasileiro comum abomina o furto, o roubo e a invasão de propriedade. Se até em determinadas favelas há certa ética e punições severas por parte das facções criminosas para quem roubar das pessoas da comunidade, é de se imaginar o que pensa a população brasileira de bem, em geral. Sem dúvida, faz parte dos valores do povo brasileiro ser contra a invasão de propriedade privada<sup>3</sup>.

Segundo a *Gazeta do Povo*, de 21 de dezembro de 2009, cerca de 92% da população considera ilegais as invasões feitas pelo MST. Ainda segundo a matéria, para 85% dos entrevistados o direito de propriedade privada é essencial ao País e para 77% delas quem já possui uma propriedade hoje, tem o direito de escolher se quer ou não produzir nela<sup>4</sup>. Diante desses fatos, a pergunta que fica é: se a população brasileira em geral carrega valores que se opõem diametralmente àqueles propostos pelo MST, como esse movimento surgiu e como conseguiu crescer e se manter ativo durante 40 anos? Os três primeiros capítulos deste livro foram escritos justamente para responder a essas perguntas.

No primeiro capítulo – “A face socioeconômica” – introduzo o assunto daquele que se tornou o maior argumento do MST para ganhar adeptos. Trata-se daquilo que abre a porta de entrada para a adesão ao movimento, que geralmente passa pela questão econômica, pois o movimento começou a ganhar forma no final

---

<sup>3</sup> SOUZA, F. *BBC News Brasil*, 23 agosto 2016.

<sup>4</sup> *Gazeta do Povo*, 21 dezembro 2009.

da década de 1970, quando o Brasil estava em transição de um país rural para um país urbano. A industrialização dos centros urbanos, a mecanização do campo e a ditadura militar (que caminhava para o fim) geraram um caos social que deixou um rasto de muita pobreza no campo, disputas por terras e injustiças sociais, cenário perfeito para uma ideologia que sobrevive dividindo o mundo entre oprimidos e opressores. Usando do vitimismo e do ressentimento, o MST, conseguiu convencer algumas famílias que, para mudarem sua situação econômica, deveriam invadir uma propriedade, e a vitória que obtiveram nessa primeira invasão – em 1979, na Fazenda Macali – foi o ponto alto para, cinco anos depois, ser fundado o Movimento Sem-Terra. Até hoje, a principal forma de cooptar membros para o movimento é a partir da promessa de uma vida melhor baseada na ideia da conquista da terra.

No segundo capítulo abordo “A face política do MST”. Não é possível compreender o fenômeno do surgimento do MST em 1984 sem compreender os acontecimentos históricos em torno de 1964, exatamente 20 anos antes de sua fundação. O ano de 1964 marca o início do período militar no Brasil. O cenário mundial era de Guerra Fria e o Brasil estava no meio do fogo cruzado entre EUA e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A esquerda afirma que o período militar se tratou de um golpe do imperialismo americano, porém nunca houve provas ou evidências que pudessem comprovar essa teoria. Por outro lado, anos mais tarde, documentos secretos encontrados em uma base da URSS na Tchecoslováquia, revelariam que, na verdade, o Brasil estava à beira de uma guerra civil em uma tentativa da esquerda comunista de implantar no país a ditadura do proletariado. Os documentos secretos da polícia tcheca revelaram que havia milhares de espões soviéticos atuando ativamente na política brasileira e se articulando junto a um movimento social rural chamado Ligas Camponesas, para impetrar um golpe no Brasil. Os espões chegaram a relatar treinamento de guerrilha em Cuba para membros das Ligas Camponesas e planejamento de operações armadas para promover uma guerra civil. Após a intervenção militar em 1964, uma vez que as Ligas Camponesas foram colocadas na ilegalidade, tiveram que se reinventar e viver nas sombras até que pudessem ressurgir. Vinte anos depois surge

o MST, com o mesmo DNA político das Ligas Camponesas, mas, dessa vez, travestido com uma roupagem católica, para conquistar adeptos no maior país católico do mundo, o Brasil.

No terceiro capítulo - “A face ideológico/religiosa” -, exponho como foi costurada essa “roupagem católica” que o MST usou para se proliferar pelo Brasil. Mostro como, nesse mesmo cenário de Guerra Fria, a União Soviética se infiltrou na Igreja Católica, em especial no Concílio Vaticano II, criando uma falsa teologia - denominada Teologia da Libertação - e usou o “espírito do concílio” para disseminar essa teologia marxista na América Latina. No Brasil, pontuo como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) foi a responsável por disseminar a Teologia da Libertação através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), e como elas - que podem ser consideradas “células marxistas” - foram responsáveis pela criação e ascensão do Partido dos Trabalhadores (PT) e do Movimento Sem-Terra.

No quarto capítulo, “Uma face mais oculta”, enfoco basicamente dois assuntos extremamente importantes: trata-se da doutrina cristã que recebi na minha infância, isto é, antes de morar em um acampamento do MST, e também sobre o conflito dessa doutrina com toda a gama de doutrinação ideológica que recebi no que denominei “campos de doutrinação”. Destaco como o MST criou, a partir da Teologia da Libertação, a própria religião, chamada “mística”, e assumiu características de seita, criando seus símbolos, ritos e uma espécie de culto a personalidades revolucionárias tais como Che Guevara, Fidel Castro, Zumbi dos Palmares e outros. Este capítulo é de extrema importância para compreender o fenômeno de permanência das pessoas durante anos no MST através da mística e, principalmente, como uma exposição profunda a essa doutrinação levou 19 pessoas, dentre elas um jovem, à morte, através de um conflito armado com a polícia em Eldorado dos Carajás. Por fim, discorro sobre os perigos da politização do agronegócio e como essa pauta, tão cara ao movimento sem-terra, gerou em vários países uma insegurança alimentar tamanha que foi responsável por milhões de mortes por inanição e por genocídios tiranos, como o Holodomor, quando houve até mesmo relatos de canibalismo por causa da fome extrema.

O penúltimo capítulo, cujo título é “O exército vermelho”, é uma tentativa de definição do que vem a ser essencialmente o MST. Se ele não pode ser considerado um simples movimento social, como podemos classificá-lo? Como funciona seu sistema hierárquico, como ele está organizado e a quem ele deve lealdade? Esse capítulo se faz necessário pois ele responde àquela que se tornou uma das perguntas mais recorrentes no que diz respeito ao movimento. Trata-se do porquê o MST subsiste há tantos anos e como segue impune diante de tantos crimes cometidos ao longo da história. Por fim, esse capítulo também refere-se à máfia das ONGs, sistema criado pelo movimento para a captação de dinheiro público e recursos privados, fato que expõe a ligação do movimento com ditaduras na América Latina, com diversos outros países e até mesmo estreita relação com globalistas.

Dediquei o último capítulo – “Como Cristo me libertou de Marx” – ao que acredito ser o ponto alto deste livro: trata-se da minha sobrevivência nos campos de doutrinação até a minha completa libertação do marxismo. O fio condutor que guiará o leitor do início ao fim deste livro é acompanhar uma verdadeira guerra de doutrinas acontecendo na mente de uma criança. É impossível falar do MST sem entrar no mérito da religião e olhar certos assuntos a partir de uma visão teológica. Afinal, é disso que se trata o MST: um movimento que nasceu a partir da Teologia da Libertação e carrega características religiosas até hoje. No que diz respeito a mim, antes de adentrar os acampamentos do MST, tive contato com a fé cristã e esse contato foi o responsável por eu, de alguma forma, não me tornar um militante radical; e responsável também pela minha libertação. Uma vez liberto, fortaleci minha fé em Cristo, me formei em um seminário teológico e me tornei professor em um seminário teológico. “A face oculta do MST” é um tratado de como somente uma doutrina superior pode vencer uma doutrina menor; é um livro que mostra o poder que tem a verdade de dissipar sofismas e libertar pessoas.

Ao iniciar esta obra percebi que tinha que tomar algumas decisões importantes sobre se o livro carregaria um tom mais técnico e investigativo ou se investiria mais tempo tentando imprimir nele minha própria experiência. Precisei escolher até que ponto valeria à pena explorar assuntos mais densos ou evitá-los para não perder a conexão com o tema principal. Foram

escolhas difíceis dada a complexidade de cada assunto. Tive ainda certa dificuldade em ter acesso a uma quantidade maior de materiais do próprio movimento, visto estar escrevendo a partir da Europa, e alguns livros que gostaria de pesquisar já estarem fora do mercado, ficando restrito a alguns anúncios em sebos no Brasil. Por fim, acredito que, no que diz respeito às decisões que tomei, consegui chegar a um meio termo, apresentando uma obra com um farto embasamento histórico, certa medida autobiográfica e apoiada em minha interpretação dos fatos a partir de uma cosmovisão cristã. Longe de tentar esgotar o assunto, tenho a expectativa que este livro seja apenas uma introdução ao tema e um precedente que abra caminho para futuras obras complementares. Assim, convido o caro leitor a partilhar da minha narrativa, isento de ideias preconcebidas e com a mente aberta, desejando que seja uma boa leitura e esperando que esta obra cumpra seu propósito.

**1**

---

A face  
socioeconômica

## 1.1 A problematização

Satanás, a antiga serpente, foi o primeiro problematizador da história. Mesmo no Éden –o paraíso perfeito em todos os sentidos – Satanás conseguiu problematizar uma situação e tirar vantagem disso. No Éden havia um jardim criado por Deus, socioeconomicamente perfeito. O homem não o plantou, mas poderia desfrutar de absolutamente tudo que ali estava. Também era socialmente igualitário: homem e mulher coexistiam em harmonia, com responsabilidades distintas, mas com equivalência de valores. Nesse ecossistema, todos os seres criados – os animais, os vegetais e a humanidade – estavam ligados ao Criador através de uma aliança de obediência feita entre Deus e o homem que garantia ao homem (traduz-se humanidade) o desfrute da vida abundante que emanava do Criador, ao passo que o homem possuía o livre arbítrio para fazer suas próprias escolhas. É nesse ambiente de harmonia e perfeição que Satanás chega para problematizar. Ele se aproxima da mulher e lança-lhe seu primeiro dardo inflamado: “Deus realmente disse que vocês não devem comer do fruto de *nenhuma* das árvores do jardim?” (Gn 3:1)<sup>5</sup>.

No relato do *Gênesis*, Deus colocou o homem no jardim perfeito para que o homem tivesse liberdade, proteção e propósito. As palavras que Deus disse ao homem foram distorcidas por Satanás. Deus disse: “Coma à vontade dos frutos de *todas* as árvores do jardim, *exceto* da árvore do conhecimento do bem e do mal. Se você comer desse fruto, com certeza morrerá” (Gn 2:16-17)<sup>6</sup>.

Essa ordem revela a liberdade dada ao homem em uma aliança baseada na confiança do homem para com o Criador: se o homem obedecesse teria como benefício a vida, se desobedecesse teria como consequência a morte. A fala inicial da serpente foi uma tentativa bem-sucedida de criar um problema onde não havia, para gerar o caos. Para realizar seu feito, Satanás se utilizou de parte da verdade para fazer uso da mentira; ele sabia que Deus tinha permitido ao homem se alimentar de todas as

<sup>5</sup> *Bíblia NVT*, 2016.

<sup>6</sup> *Idem*.

árvores, com uma simples exceção, mas ele usou seus ardis e sua sagacidade para criar uma dor onde não existia problema, criar um problema para gerar uma dor. Além da estratégia de dividir para conquistar, Satanás ofereceu ao homem um falso remédio, a rebeldia, para seu falso diagnóstico.

É de mentirosos e problematizadores que o mundo está cheio, e homens maus se utilizam de ferramentas retóricas de manipulação para fazer política, criar movimentos sociais iníquos e manipular as massas. Se Satanás conseguiu problematizar o paraíso e criar um problema em um lugar justo e perfeito, que farão seus filhos neste mundo caído, cheio de injustiças e desigualdades? Ideologias demoníacas como o marxismo se aproveitam das fragilidades humanas para problematizar tudo e ganhar adeptos. Afinal, é sempre mais cômodo sermos as vítimas e os oprimidos do que os opressores. Essa talvez seja a grande diferença entre o cristianismo e marxismo. Enquanto Marx vê a pessoa como vítima e propõe que ela se levante, pegue em armas e mate seu opressor, Jesus Cristo, porém, não nos vê como vítimas; Ele sabe que todos somos igualmente opressores, toda a humanidade está na condição de igualmente culpada. Contudo, sendo Jesus o único santo, justo e inocente, Ele decidiu entregar sua vida por nós; assumiu a nossa culpa para que nós pudéssemos nos apropriar gratuitamente da Sua justiça.

Reconhecer que movimentos como o MST só existem pela capacidade que têm de se utilizar das dores sociais das massas é o primeiro ponto para compreender o fenômeno da adesão por parte de milhares de pessoas a esse tipo de movimento, e porque ele permanece de pé após tantos anos de rejeição popular.

Meu propósito a partir de agora é desenhar um pano de fundo, mostrando alguns dos problemas sociais brasileiros das décadas de 1960, 1970 1980, qual era a mentalidade da época. Para isso, dividi esse pano de fundo em três partes: *o contexto socioeconômico, o contexto político e o contexto ideológico-religioso*. E sugiro que o caro leitor pense neles como *três faces* distintas, pois em cada face que o MST mostra para a sociedade existem outras faces ocultas cujas revelações intrigantes serão aqui expostas, revelações não apenas sobre as origens do Movimento Sem-Terra e seus propósitos obscuros, mas também um testemunho de quem viveu por oito anos dentro dessa estrutura alienante.

## 1.2 O êxodo rural e o surgimento do agronegócio

Na segunda metade do século XX o Brasil estava em um contexto de transição, estava saindo da condição de um país rural para um país urbano, e isso obviamente contou com um processo de industrialização muito forte tanto nos centros urbanos quanto no campo.

Em 1950, o Brasil era ainda considerado um país rural, com 63,8% da população vivendo no campo; 20 anos depois essa proporção caiu para 44%, pois entre as décadas de 1950 a 1970 o Brasil experimentou uma das maiores migrações para os centros urbanos da sua história.

No Censo Demográfico de 2010, a população rural já representava apenas 15,7%. Todo esse êxodo rural promoveu mudanças significativas em todas as estruturas sociais e afetou diretamente a vida do brasileiro<sup>7</sup>. Junto com o crescimento populacional nas cidades aumentou também o poder aquisitivo e com isso o Brasil experimentou dias tenebrosos, pois a mesma população que se tornava então consumidora, também deixou de ser produtora, pois no campo era comum essas pessoas que se urbanizaram produzirem grande parte do próprio alimento, além de comercializar para as cidades vizinhas, e exemplificado numa reportagem de *O Estado de S. Paulo* de 24 de abril de 1968:

O Brasil terá de multiplicar por 10 a sua atual produção de alimentos ou será forçado a parar o surto de industrialização por falta de divisas para pagar o crescente volume de importação de alimentos. Segundo o relatório apresentado pelos delegados brasileiros à IV Conferência latino-americana de produção alimentar que realizou-se em Buenos Aires.

O encontro patrocinado pela International Mineral Chemical Corporation reuniu representantes do Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, República Dominicana, México, Venezuela e Argentina visando principalmente estabelecer uma política coordenada a fim de deter a escassez

<sup>7</sup> Embrapa: <https://www.embrapa.br/visao-de-futuro/trajetoria-do-agro>.

de alimentos desta região do mundo considerada uma das mais famintas do globo.

A dieta alimentar do homem brasileiro é uma das mais baixas do mundo e o surto de industrialização dos estados do Centro-Sul e do Nordeste brasileiro só virão agravar o problema ao proporcionar um aumento das rendas da população urbana e uma demanda cada vez maior de gêneros alimentícios a não ser que a produção agrícola acompanhe esse desenvolvimento<sup>8</sup>.

A matéria de *O Estado de São Paulo* propõe que o Brasil precisaria multiplicar por 10 a sua capacidade de produção para dar conta da quantidade de pessoas que chegavam nas cidades e melhoravam seu poder aquisitivo. Isso significa que esse processo de êxodo rural aconteceu, pois as pessoas que abandonavam os campos encontraram melhores oportunidades nas indústrias. Imagine como era árduo e exaustivo o trabalho nos campos nas décadas de 1950 e 1960! Estamos falando de um período em que a agricultura era braçal e os equipamentos eram arcaicos para a maioria dos trabalhadores. Para se ter uma ideia, segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), nas décadas de 1950 e 1960 menos de 2% das propriedades rurais contavam com máquinas agrícolas<sup>9</sup>. Não é difícil perceber que ao encontrar oportunidades mais rentáveis nas indústrias as famílias camponesas renunciavam ao campo em busca de um futuro mais digno e menos penoso.

Um novo ciclo se iniciou na década de 1960 quando o governo – para atender às crescentes demandas por alimento – decidiu acelerar e diversificar o processo de industrialização no campo. Foi instituída então uma série de políticas destinadas à modernização da agropecuária do Brasil. Texto da própria EMBRAPA:

O Brasil sofria com a carência de tecnologias aplicáveis às suas condições de clima e solo, e o arcabouço institucional federal então existente para a pesquisa agrícola era insuficiente para encarar o desafio de tornar o Brasil

---

<sup>8</sup> Embrapa: <https://www.embrapa.br/visao/trajetoria-da-agricultura-brasileira>.

<sup>9</sup> Idem.

autossuficiente na produção de alimentos. Como resposta, em 1972, o governo federal criou a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), com os objetivos de aumentar a produtividade de áreas sob cultivo, incentivar a ocupação racional dos Cerrados e promover de forma geral a modernização tecnológica da agropecuária do País. A partir desse modelo, criaram-se ou modernizaram-se os sistemas estaduais de pesquisa em estados importantes para a agricultura nacional<sup>10</sup>.

Com o rápido processo de industrialização do campo e alto investimento em pesquisas e tecnologias, o Brasil saiu da retaguarda dos maiores países produtores do mundo e se projetou como um gigante produtor de alimentos. Surge aí o agronegócio brasileiro.

Só para se ter uma ideia, quando se leva em conta o período entre 1975 e 2015, os avanços tecnológicos foram os responsáveis por 59% do crescimento do valor bruto da produção agrícola e, nesse mesmo período o trabalho respondeu por 25% e a terra por 16%<sup>11</sup>. Para dar conta de tamanha demanda por alimentos, o Brasil teve que se reinventar e encontrar uma forma de produzir a maior quantidade de alimentos possível em um menor espaço de tempo. Isso foi possível graças à mecanização do campo e o combate às pragas através dos pesticidas e fungicidas, que são um dos principais alvos de críticas por parte do ativismo antiagronegócio.

Toda essa metamorfose no seio da sociedade brasileira foi palco de transformações que tiveram consequências dramáticas, como, por exemplo, a necessidade de mão de obra qualificada, já que para trabalhar nos equipamentos agrícolas era necessário especialização, menor oportunidade de emprego para serviços braçais, disputas e reivindicações de terras, problemas que são comuns em processos de transição. Entretanto, seriam as dores desse caos social que homens engajados politicamente usariam para criar movimentos sociais rurais para manipular as massas.

---

<sup>10</sup> Embrapa: <https://www.embrapa.br/visao-de-futuro/trajetoria-do-agro>.

<sup>11</sup> Embrapa: <https://www.embrapa.br/visao/trajetoria-da-agricultura-brasileira>.

## 1.3 A invasão da Fazenda Macali

A questão socioeconômica compõe o primeiro pilar desse Atripé que será crucial para se compreender a gênese do MST. Desde seu surgimento, o movimento tem se utilizado do velho estratagema de “pegar o pobre pela barriga”, e o final da década de 1980 foi o momento propício a esse tipo de influência, pois estava inserido em um período de transição e disputas no campo. Nesse contexto de ebulição de conflitos, surge a figura de João Pedro Stédile, um homem de fala mansa, de face sociável, mas com ideias revolucionárias; um marxista que veio dos sindicatos. Naquela altura trabalhava junto à Secretaria de Agricultura, e isso significa que tinha informação privilegiada sobre questões agrárias do país. Ao mesmo tempo, Stédile fazia parte de um movimento social católico que intermediava conflitos no campo, a Comissão Pastoral da Terra (CPT).

O evento divisor de águas para o surgimento do MST foi um conflito entre camponeses e indígenas no Rio Grande do Sul, que culminou na mobilização de alguns camponeses e na invasão de uma propriedade em Ronda Alta (RS), Fazenda Macali. No relato do evento, no livro *Brava Gente* (Stédile, 1999), é possível identificar que, ao perceberem esse conflito, ele e seus companheiros identificaram diversas dores sociais e se apresentaram quase que em tom messiânico como os “salvadores”; suas ideias carregavam a solução para a miséria daquelas pessoas. Nas palavras do autor, como e em qual contexto surge o Movimento Sem-Terra:

(...) os índios kaingang expulsaram da reserva de Nonoai cerca de 1.200 famílias. Elas foram para a beira da estrada porque, literalmente, perderam tudo. Algumas casas foram até queimadas. Não tinham para onde ir, não lhes restava outra opção a não ser acampar na beira da estrada. Depois de alguns meses, em torno de 700 dessas famílias aceitaram a proposta do governo e foram para Mato Grosso. A proposta era essa: ‘Tem terra em Mato Grosso, vão morar lá’. Como um grande número aceitou – mais de 50% do total –, o governo achou que o conflito estava resolvido. Mas permaneceram 500 famílias perdidas, dispersas. Algumas foram acolhidas

em casas de parentes. E havia três núcleos que reuniam um número significativo de famílias. **Meu primeiro trabalho foi identificar onde é que elas estavam.** Identifiquei um núcleo no município de Planalto, outro próximo à cidade de Nonoai e o terceiro em Três Palmeiras. Na época, Três Palmeiras pertencia ao município de Ronda Alta, onde o padre Arnildo era vigário. **O que mais me chamou a atenção foi o grau de precariedade e pobreza dessas famílias,** ainda mais porque comecei a ir lá e a conversar com elas em pleno inverno, entre os meses de maio e junho. Fazia um frio de matar. Pelo nível de consciência que tinham, colocavam toda a culpa nos índios. **Meu primeiro trabalho,** junto com Ivaldo Gehlen e com Fladimir Araújo, **foi mudar essa visão.** Dizíamos: **‘Esqueçam os índios. Essa aí é a terra deles. Agora, não significa que no Brasil não tenha mais terra. Tem, sim. Como o governo quis levar vocês para Mato Grosso, vocês não quiseram e decidiram ficar no Rio Grande, vamos procurar terra aqui’** (Stédile, 1999, p. 25; grifos meus).

O MST sempre vendeu a ideia de que o movimento surgiu de forma orgânica. Quando fiz parte do MST, ouvia com frequência histórias que os militantes contavam sobre “como os camponeses, cansados da exploração dos grandes latifundiários, se organizaram e decidiram lutar pelos seus direitos promovendo ocupações etc.” Ao que parece, os relatos históricos/jornalísticos mostram que não foi bem assim, pois na verdade ele surgiu de um conflito por terra entre indígenas e camponeses, inclusive dois grupos minoritários que o MST tem se lançado como “protetor”. Como se tratava de famílias pobres, vulneráveis e despolitizadas, que abraçariam qualquer um que lhes oferecesse ajuda, Pedro Stédile, Ivaldo Gehlen e Fladimir Araújo viram uma oportunidade de, como eles mesmos disseram, “mudar essa visão”. Como então convenceram aquelas famílias? Fazendo parte do movimento, possivelmente foi dito para elas o que ouvíamos frequentemente nos acampamentos: que os inimigos não eram os índios, mas os grandes latifundiários, os burgueses, os capitalistas.

Olhando para os fatos, o MST não parece um movimento que nasce de forma orgânica e independente e, obviamente, não se trata de camponeses se unindo e buscando entre si formas

de resolver seus conflitos. O MST surge, portanto, da influência de uns poucos marxistas que viram uma oportunidade de se aproveitar da dor de algumas famílias para disseminar suas ideias revolucionárias.

Após as famílias serem expulsas das terras indígenas pelos índios kaigangs, Pedro Stédile, economista pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), funcionário público e trabalhando numa Secretaria de Agricultura, reuniu as famílias sem-terra e iniciou um processo didático de doutrinação instigando as famílias à invasão de uma fazenda onde funcionava uma granja, em Ronda Alta (RS). Convencidos pelos doutrinadores e fragilizados pela demora da resolução do problema por parte do Estado, as famílias camponesas pareciam ter encontrado na invasão a oportunidade de conquistar o seu pedaço de terra. Analisando documentos da época, percebe-se que tudo havia sido planejado para que a invasão acontecesse no dia 7 de setembro, por conta da comemoração da Independência do Brasil. A ideia era que, de alguma forma, a atenção em torno da data abafasse um pouco a repercussão negativa da ação e talvez evitasse a repressão por parte do regime militar que, ao final dos anos 1980, já estava perdendo sua força. Essa invasão, uma vez que foi bem-sucedida, seria a gestação de uma criança que nasceria cinco anos depois, o MST. Manchete de matéria da *Folha de São Paulo*<sup>12</sup> e seu texto são esclarecedores:

Stédile planejou a primeira invasão:

Em 7 de setembro de 1979, 102 famílias se reúnem de madrugada. Em três caminhões, percorrem 5,5 quilômetros até a fazenda Macali, em Ronda Alta (RS). Atravessam o riacho que delimita a propriedade, cravam uma cruz no chão e, sobre ela, colocam a bandeira do Brasil. É a primeira invasão de terra organizada por aqueles que, anos depois, vão fundar o MST. A ação se repete numa terra vizinha, a gleba Brilhante, em 20 de setembro, com mais 105 famílias. Hoje só 25 famílias originais continuam nas áreas. As famílias que promoveram as invasões estavam antes em uma reserva de índios caingangues, em Nonoai. Em 1978, os índios expulsaram os agricultores, que acamparam ao

---

<sup>12</sup> ORNAGHI, T. *Folha de São Paulo*, 19 janeiro 2004.

lado das fazendas Macali e Brilhante. Quatro meses depois, o governador Amaral de Souza (Arena) pediu um mês para achar uma solução. O prazo acabou, eles decidiram invadir. A invasão foi planejada pelos sem-terra e por João Pedro Stédile, na época economista da Secretaria da Agricultura. Stédile sabia que a fazenda estava em litígio e seria considerada improdutiva. Ele deu o sinal verde. No dia 8 de setembro, um pelotão da Brigada Militar foi ao local. Stédile estava com os policiais. ‘Tivemos que fazer de conta que não nos conhecíamos’, diz Eusébio Reginaldo<sup>13</sup>.

Stédile – que já atuava politicamente através do sindicalismo – percebeu que havia na trama dos camponeses a oportunidade de uma vitória, e uma vitória era tudo o que ele precisava para emplacar uma narrativa e ganhar espaço no debate público, o que de fato aconteceu. Com o passar dos anos o assunto em torno da invasão das fazendas Macali e Brilhante passaram a não ser mais um tabu, e hoje é possível ver nitidamente como o MST enxerga essa história a partir de sua própria descrição dos fatos:

Outro fator que favoreceu o sucesso da ocupação naquela noite foi o mapeamento e a análise da estrada que levava ao local em que os Sem Terra ocupariam, **ação que fora realizada anteriormente**. A partir disso, os organizadores da operação puderam delimitar um esqueleto do local e identificar um espaço mais apropriado para o acampamento. Os ocupantes levaram em consideração tudo, o tempo levado de transição da cidade de Nonoai até Ronda Alta, e de lá até o acampamento. Também mapearam um ponto perto de água, elemento essencial para a permanência dos Sem Terra<sup>14</sup> (grifos meus).

Toda essa complexa logística não contou obviamente com a espontaneidade dos camponeses, mas com uma liderança bem-organizada que aguardava há tempos a oportunidade de reacender uma chama revolucionária prestes a ser despertada. O processo de identificar qual terra seria invadida, criar uma estratégia logística para a invasão, convencer os camponeses de

---

<sup>13</sup> *Ibidem*.

<sup>14</sup> RAUBER, M. *Site* do MST.

que aquelas terras não eram de seus donos e, nesse caso, eles poderiam tê-las – caso invadissem –, e armá-los com ferramentas de trabalho ficou completamente a cargo de Stédile e seus camaradas. Assim, Stédile (1999) pontua:

**Eu, como funcionário da Secretaria da Agricultura,** sabia a história da Macali. Os que se diziam donos eram arrendatários, tinham grilado as terras. Como o Estado não se mexia para requisitar essas terras para seu domínio, **meu papel foi o de contar a situação real dessa fazenda. Aos poucos começou a se reproduzir,** entre as famílias acampadas, o comentário geral: **‘Olha, tem uma fazenda aqui na região que é grilada. Os que se dizem donos não têm moral perante a sociedade. Temos que fazer pressão para conseguir essas terras’.** A primeira decisão foi pedir uma audiência com o governador. **O exemplo dessa audiência é uma amostra de como era planejado o trabalho com essas famílias. Estabelecíamos passos pedagógicos para as pessoas irem aprendendo,** sobretudo as lideranças. Como as lideranças tinham presente o objetivo, que era ocupar as terras, já estava na cabeça delas que seriam as fazendas Macali e a Brilhante. Eram as terras mais fáceis de serem ocupadas, mas antes tínhamos que convencer a sociedade (Stédile, 1999, p. 27; grifos meus).

Eu sei que há várias formas de se dizer uma verdade, e neste capítulo estou fazendo um esforço para colocar o máximo possível de recortes tanto dos livros de Stédile quanto dos artigos e entrevistas do próprio MST para que seja possível fazer uma análise sincera das informações. Confesso que tenho me espantado com o fato de o movimento ter coragem de expor certas informações, porém isso se explica porque há pouco ou quase nenhum material literário que busca mostrar a verdade sobre as origens e o propósito do movimento. Não há necessidade de se esconder quando não há oposição, e creio que após a publicação deste livro muitas dessas informações desaparecerão. Por meio desta acurada investigação dos fatos, não há como negar que o utilitarismo desenhou a gênese do MST e serviu como uma espécie de doutrina. Os militantes marxistas nitidamente manipularam um cenário de extrema pobreza e fragilidade para

levar pessoas sem envolvimento político a promoverem uma invasão a propriedade privada que ficaria registrada na história do movimento como uma referência de “luta por reforma agrária”, mas que, na verdade, marcava o retorno da luta pelo socialismo.

Ainda sobre a entrevista no *site* do MST, há uma fala importante de um dos invasores da Fazenda Macali que corrobora essa ideia:

Alcides Souza e Oliveira comenta que um de seus vizinhos o chamou para a luta. Ele e outras pessoas se reuniram em um local previamente combinado, mesmo sem saber onde os levariam. **‘Chegou o caminhão que ia nos carregar, fomos sem saber onde que era.** Quando chegamos ali embaixo, de madrugada, começamos a descarregar a mochila e a passar por cima de capim. Quando chegamos na veia de uma sanga, quem tinha machado foi derrubando árvores para nós passarmos o rio’<sup>15</sup> (grifos meus).

A expressão “fomos sem saber onde era”, registrada pelo próprio movimento, denuncia que aquelas famílias sequer sabiam exatamente do que se tratava aquela invasão; estavam apegadas a uma promessa de sucesso para resolver suas mazelas e estavam dispostas a arriscar a vida nisso.

Com a morte do pai, a filha de Alcides destacou na entrevista os motivos que levaram seu pai a participar da invasão na época:

Leir Ferreira, filha de Luiz Ferreira, relata a participação do seu pai, já falecido, nessa luta. ‘Foi um comerciante da Linha Progresso que soube a notícia da ocupação e foi avisar. Aí o meu pai foi, **porque nós éramos muito pobres,** nós perdemos tudo lá nas terras indígenas de Nonoai’<sup>16</sup> (grifos meus).

As promessas sociais e econômicas atraíram famílias vulneráveis ao MST, pois elas estão expostas a problemas elementares como fome, falta de moradia, educação e a dignidade. Antes fosse o MST um movimento que nasceu da preocupação em olhar pelos menos favorecidos, pois se assim fosse, não haveria

---

<sup>15</sup> RAUBER, M. *Site* do MST, 3 setembro 2019.

<sup>16</sup> RAUBER, M. *Site* do MST, 3 setembro 2019.

sequer a necessidade deste livro. O que pretendo aqui, não é fazer ataques ao movimento ou a seus líderes – apesar de que, eu, na condição de quem sofreu perdas irreparáveis nas mãos do movimento, bem que teria legitimidade ao fazê-lo –, ao contrário, fazer uma análise honesta dos fatos que compõem o contexto para o surgimento do MST. O que apresento são fatos, e contra fatos não há argumento.

Como foi dito, os marxistas precisavam de uma vitória, e esta, sem dúvidas, seria a sua melhor oportunidade; mas para que fosse considerada uma vitória seria necessário ganhar o imaginário popular, e para isso a mídia seria uma aliada importante:

Após a consolidação da ocupação Macali, era importante divulgar a ação. Foi articulado um grupo de agricultores que se deslocou para a capital do estado, com o intuito de falar com a imprensa, com o governador Augusto Amaral de Souza (Arena) e deputados. Segundo Ivaldo Gehler, agrônomo e professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS, na segunda-feira, dia 10 de setembro, os acampados começaram a visitar os meios de comunicação. ‘Fomos à Gaúcha, na Guaíba, e fomos muito bem recebidos. Era uma grande novidade, depois de tantos anos de repressão finalmente alguma coisa nova’<sup>17</sup>.

É importante lembrar que o ano de 1979, que marcou uma vitória dos socialistas no que diz respeito à invasão de uma propriedade privada, também foi um ano marcado pelo desgaste do regime militar que acabou oficialmente em 1985. O que se percebe é que o regime militar estava sofrendo decomposição, provocada principalmente pela militância dos comunistas. Os comunistas foram colocados na ilegalidade em 1964, mas a história mostra que essa “ilegalidade” existia somente no papel, pois a eles foram entregues as universidades e a mídia, e, assim, tiveram tempo para se reinventar e lançar suas investidas. O ranço do militarismo naqueles dias pedia menos repressão e mais compreensão, o imaginário popular estava tomado por uma onda de solidariedade gerado no âmago de uma crise sem

---

<sup>17</sup> Idem.

precedentes, o país estava sem identidade definida e a narrativa dos opressores contra os oprimidos ganhava força, fazendo a polícia retroceder ante os invasores da Fazenda Macali. O recuo era a carta branca que Pedro Stédile e seus companheiros precisavam para dar início a uma nova era.

Mesmo negando que a pedra fundamental para o surgimento do MST foi exclusivamente a invasão da Fazenda Macali, Stédile, em seu livro, não nega o fato que a vitória das fazendas Macali e Brillante tiveram um impacto decisivo para o surgimento do MST anos depois:

No Rio Grande do Sul, foi a Macali, não pelo espaço geográfico, pelo pedaço de terra conquistado, e sim porque foi uma vitória. Se fosse só pelo espaço geográfico, em nome da verdade histórica, deveríamos dizer que o movimento surgiu da expulsão dos colonos que viviam na reserva indígena dos kaigangs em Nonoai (RS). A Macali ganhou fama porque teve repercussão e porque foi vitoriosa<sup>18</sup>.

Em outra entrevista dada ao próprio *site* do movimento, Stédile afirma que “a Macali é o berço de uma criança que ninguém saberia qual o nome que teria, mas quando completou cinco anos recebeu nome de MST”<sup>19</sup>.

Neste capítulo inicial é minha intenção que o caro leitor mantenha em mente pelo menos três pontos:

- i) O primeiro, é que as décadas que antecederam o surgimento do MST foram décadas de mudanças significativas na sociedade brasileira, a industrialização do campo e dos centros urbanos teve consequências dramáticas, e essa transição do Brasil de um país rural para um país industrializado teve o seu preço, que incluiu escassez de alimentos, conflitos no campo e disputas ideológicas.
- ii) O segundo, é que foi nesse contexto de conflitos, pobreza e declínio do regime militar que os marxistas se aproveitaram para implantar a sua nova era, que tinha

---

<sup>18</sup> STÉDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. *Brava Gente*, [1999], 2005.

<sup>19</sup> RAUBER, M. *Site* do MST, 2 setembro 2019.

por objetivo pôr em prática tudo o que eles vinham construindo nas universidades e nos sindicatos desde antes de 1964. O caos da redemocratização se tornou terra fértil para o plantio das ideias socialistas. E, se promoverem como justiceiros pela causa da desigualdade foi, nesse caso, uma das grandes façanhas dos marxistas.

- iii) O terceiro, e não menos importante, é que a vitória dos militantes marxistas na invasão das fazendas Macali e Brilhante marcou o ressurgimento de um movimento de guerrilha que estava – há muito – adormecido. Trata-se das Ligas Camponesas, sobre as quais abordo adiante. Essa vitória deu combustível para os militantes se organizarem e darem início a um movimento que prometia, a partir dali, milhares de outras invasões, tendo como principal barreira o agronegócio, que seguia na contramão das ideias marxistas promovendo um desenvolvimento sem precedentes no país.



# 2

---

## A face política

“Vigie seus pensamentos, eles tornam-se palavras.  
Vigie suas palavras, elas tornam-se ações.  
Vigie suas ações, elas tornam-se hábitos.  
Vigie seus hábitos, eles formam seu caráter.  
Vigie seu caráter, ele se torna seu destino.”  
**Frank Outlaw**<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> Trecho do filme *A Dama de Ferro* (2011), no qual a personagem Margaret Thatcher cita seu pai, Alfred Roberts, baseado no texto de Frank Outlaw (Frank Jackson). *Pensador (blog)*.

## 2.1 Imperialismo americano ou influência soviética?

Para compreender os acontecimentos históricos que confluíram para a criação do MST é necessário olhar para uma segunda parte nesse pano de fundo, que é o fator *político*.

As palavras de Frank Outlaw<sup>21</sup> explicam o poder da influência de um pensamento e como determinados pensamentos têm o poder de formar intelectualmente aqueles que irão escrever a história. Para que seja possível desenhar a gênese, ou seja, a origem de um movimento social – o que continuarei a fazer aqui neste capítulo – é preciso antes compreender qual o contexto das ideias que permeavam o Brasil nas décadas anteriores ao surgimento do MST. Qual era a situação geopolítica em que o Brasil estava inserido? Qual era a situação política vigente no país? Quais fenômenos sociais no campo e nos centros urbanos impactavam diretamente a vida do brasileiro? Quais acontecimentos históricos seriam escritos naqueles dias e, principalmente, quais as memórias históricas seriam legadas às próximas gerações?

Para responder essas perguntas traça-se um fio condutor que irá ligar diretamente os fatos históricos das duas décadas mais importantes sobre o assunto: 1970 e 1980, mais especificamente do ano de 1964 a 1984.

O ano de 1964 foi aquele em que houve uma intervenção militar no Poder Executivo e que deu início ao regime militar no Brasil. Já o ano de 1984, foi quando, oficialmente, foi fundado o movimento dos trabalhadores rurais sem-terra, o MST.

Houve uma narrativa hegemônica no Brasil de que a direita, ou seja, o movimento conservador por meio dos militares deu um golpe fascista que pôs fim ao Estado democrático de direito e que estabeleceu uma ditadura opressora e violenta em 1964, e que se estendeu até 1985, quando, enfim, a esquerda “democrática” e “salvadora” usando todas as suas façanhas, conquistou novamente, “para o bem da humanidade”, o Estado

---

<sup>21</sup> Idem.

democrático de direito, com novas eleições diretas e um processo de redemocratização. Não somente isso, mas principalmente que esse tal “golpe fascista de direita” foi orquestrado e executado pelos Estados Unidos (EUA) – como afirma, por exemplo, o livro *O Golpe*, do jornalista Edmar Morei (1965). O “golpe” começou em Washington, criando a ideia de que o imperialismo americano estaria atuando secreta e ativamente no Brasil, corrompendo generais, cooptando políticos, se infiltrando na imprensa brasileira e sendo responsável por tudo de ruim que aconteceu no Brasil naqueles dias.

O problema dessa narrativa é que nunca houve sequer uma prova relevante para respaldar essa ideia hegemonicamente difundida; nunca houve evidências que pudessem sustentar a histeria coletiva da esquerda no Brasil que, em vozes uníssonas gritam há anos a mesma coisa – “golpe, golpe, golpe” –, e qualquer um que tente discordar desse pensamento é imediatamente chamado de “fascista”, é “cancelado” ou perseguido. Ainda que muitos conservadores nunca se opuseram à ideia de que houve sim um regime militar que foi endurecido principalmente durante o governo do General Costa e Silva, e que houve sim características ditatoriais ao longo dos 21 anos que se sucederam, para a esquerda os fatos nunca foram importantes; o importante é que – como diz o ditado – “a culpa é minha e eu coloco em quem eu quiser”, como o fizeram: colocaram a culpa nos EUA, colocaram a culpa nos conservadores e usaram isso para uma perseguição sem precedentes contra qualquer movimento de direita, mesmo aqueles que apoiaram a intervenção mas não compactuaram com a ditadura. A intervenção que era para ser apenas um procedimento cirúrgico simples e paliativo se tornou uma sessão de quimioterapia longa e exaustiva que, ao tentar matar o câncer, acabou matando também os anticorpos e retirando a defesa do próprio corpo.

Ao longo desses amargos anos, houve vozes na direita brasileira que gritavam a verdade e os fatos, mas infelizmente essas vozes se tornavam poucas quando comparadas com o tamanho da gritaria que a esquerda promoveu com a mídia, seus artistas, seus guerrilheiros e qualquer um que tropeçasse perto de um soldado, pois um arranhão no dedo mindinho já era suficiente para a esquerda gritar “Fora tortura!” e fazer da

mídia o seu refúgio, sua plataforma performática para se lançar como mais uma vítima do “golpe do grande monstro capitalista” como ficariam conhecidos na memória criativa e alucinógena da esquerda a partir dali.

Mesmo que poucas, foram essas vozes que mantiveram a chama da verdade acesa, e destaca-se aqui, por exemplo, o professor Olavo de Carvalho, seus alunos e um punhado de conservadores que diziam que não era de fato assim que a história deveria ser contada, que o que aconteceu em 1964 não foi um golpe do imperialismo americano através dos militares brasileiros e nem mesmo militares fascistas assumindo o Brasil na base da força bélica para impor uma ideologia fascista. O que aconteceu foi o oposto disso. O que houve, na verdade, foi uma reação por parte dos militares no Brasil, pois a esquerda já havia tentado implantar uma ditadura comunista no Brasil através da figura de Luís Carlos Prestes, mas sem sucesso. No entanto, essa tentativa de 1964 foi por meio de armas e com teor revolucionário, aparelhando guerrilhas armadas, movimentos sociais e diretamente financiada por potências mundiais, como ainda veremos mais à frente. O golpe comunista no Brasil não teve seu êxito porque a população, ao perceber que a esquerda se articulava para uma guerra civil, foi às ruas clamar por intervenção das Forças Armadas e essa intervenção de fato aconteceu, em 31 de março de 1964.

Nenhum conservador que se preze nega que o período militar pôs fim à democracia, nem mesmo que seu caráter rígido promoveu censuras, autoritarismo e, mais à frente, uma verdadeira ditadura. O que se nega primeiramente são os motivos que levaram as Forças Armadas a tal atitude; e se nega também a falácia de que se tratou de um golpe fascista promovido pela direita brasileira, pois durante os 21 anos do período militar a própria direita foi perseguida por todas as forças existentes, tanto militares quanto comunistas. Os militares, por sua vez, influenciados pelo positivismo, que vê a ciência como um deus, impuseram ao país um regime de governo tecnocrático, colocando especialistas para cada área de atuação nos ministérios – o que em si foi louvável pelos resultados que trouxeram ao desenvolvimento do país no que diz respeito à infraestrutura –, porém ignoraram a guerra política e adotaram uma estratégia

que foi chamada posteriormente de “panela de pressão”, cederam à pressão dos comunistas e acabaram por entregar a eles o que se tornariam as armas mais perigosas contra o próprio Brasil: as universidades e a mídia.

Essa forma de “válvula de escape” para baixar a temperatura política do Brasil era na verdade um “cavalo de Troia” que escondia dentro de si o amargo veneno das ideologias marxistas a serem implantadas nos filhos da próxima geração. Os militares, tendo a intenção ou não, dessa e de várias outras formas, dissolveram qualquer resquício de movimento conservador que havia naquele período, e, por fim, permitiram que uma mentira se perpetuasse na mentalidade das próximas gerações.

A ideia de que foi a direita quem promoveu um “golpe fascista”, vendendo a alma do seu país ao diabo capitalista (os EUA), se perpetuou, mas isso tudo mudaria mais tarde após 1989 quando foram descobertos arquivos secretos da União Soviética na Tchecoslováquia que permitiriam contar a história como ela foi, provas fartas e irrefutáveis de que o que aconteceu em 1964 foi, na verdade, o que aquelas poucas vozes afirmavam: o Brasil estava à beira de uma guerra civil armada, prestes a receber um golpe e se tornar uma ditadura comunista. Porém todas essas verdades, que podem ser verificadas por quem viveu a história, são apenas parte da verdade, porque o que se descobriu através desses documentos são registros que iriam mudar para sempre a compreensão sobre o ano de 1964, como veremos a seguir.

## 2.2 O Brasil no fogo cruzado da Guerra Fria

**D**urante a segunda metade do século XX, o mundo estava no meio do fogo cruzado de duas grandes potências mundiais – os Estados Unidos e a União Soviética –, e ambos os países foram responsáveis por derrotar a Alemanha nazista na II Guerra Mundial e para fazer isso tiveram que se unir à Inglaterra formando o grupo dos “Aliados”. O problema

surgiu após a guerra, pois ambos os países, tanto os EUA quanto a URSS, possuíam visões de mundo completamente diferentes: se, de um lado, a URSS, fundamentada nas teorias de Karl Marx e guiada pelas ideias de Lenin, buscava, através do seu líder, Josef Stalin, conquistar cada centímetro de terra no mundo e implantar uma revolução comunista universal; do outro lado, os EUA acreditavam em um mundo capitalista, livre e democrático onde cada país buscaria sua independência e o mundo manteria uma relação baseada no livre comércio e, a partir disso os EUA usariam toda sua influência e potência para garantir que isso fosse possível. O que vimos após 1945 é que essas visões de mundo entraram em conflito direto e indireto, porém não diretamente em um conflito armado, mas por meio de suas influências, disputando entre si cada milímetro de espaço do sistema solar, seja nas ciências, nas artes, na mídia, na política e até mesmo na Lua, o que logo depois foi chamado de Guerra Fria<sup>22</sup>.

Se até a Lua foi disputada politicamente pelos EUA e a URSS, o Brasil, país mais importante da América Latina, certamente não ficaria de fora. A diferença é que os EUA, ao cortejar o Brasil com sua política liberal e capitalista, nunca colocaram em risco a soberania nacional, diferentemente da URSS, que estava obstinada em implantar sua revolução sangrenta em qualquer país que tocasse.

Quando se aborda essa disputa entre EUA e URSS pelo Brasil é importante ressaltar que não se trata de uma disputa justa, como se a URSS jogasse a partir das regras do jogo. Afinal, quando se fala nos EUA, a referência é a um país que foi fundado a partir de princípios cristãos. O Ocidente foi formado por esses valores cristãos. Os EUA, por mais erros que cometessem nesse período de Guerra Fria, tinham uma sociedade com valores a quem prestar conta. Quando o serviço de inteligência norte-americano, a CIA, cometia algum excesso e isso vinha a público, a população norte-americana e os países que apoiavam os EUA retaliavam o governo, se manifestavam contra essas atitudes e delimitavam margens seguras para que não fosse uma guerra maquiavélica cujos fins justificavam os meios. No entanto, do lado de lá, na União Soviética, havia não apenas um inimigo dos

---

<sup>22</sup> Documentário “1964 – O Brasil entre armas e livros.” *Brasil Paralelo*, março 2019.

EUA, mas um inimigo do Ocidente, que possuía uma ideologia materialista, e portanto ateuista, que nega a necessidade de valores morais para uma sociedade e que estaria disposta a jogar um jogo sem regras, sem limites e até as últimas consequências.

Após o ano de 1989, com a queda do Muro de Berlim e, conseqüentemente, o início da queda do comunismo, o mundo passou a ter acesso a uma série de documentos que traziam a público os horrores que aconteceram na Cortina de Ferro. Somente o genocídio contra o povo ucraniano – conhecido como Holodomor (1931-1933) – matou entre 5 a 12 milhões de pessoas, tanto de inanição quanto mortes causadas pelas consequências da fome. A fome era tamanha que há relatos de canibalismo em uma tentativa desesperada por sobreviver. Nesse período, sob o regime comunista e longe dos olhos do Ocidente, pessoas eram assassinadas apenas por esboçar uma pequena discordância à revolução, famílias eram separadas, bens eram desapropriados e qualquer um que ficasse na frente na máquina comunista era torturado, silenciado e morto. *O livro negro do comunismo* (Courtois *et al.*, 1999) possui mais de 500 páginas de relatos baseados em evidências, e elas são apenas parte desses documentos que foram expostos e que relatam esses e tantos outros horrores do Exército Vermelho comunista que, a partir das ideias de Marx e governados por um regime à mão de ferro – por Lenin, Stalin, Mao Tsé-Tung, Pol Pot, Ho Chi Minh, Fidel e outros – foram responsáveis por cerca de 100 milhões de mortes, o que representa mais do que o nazismo... na verdade, mais do que as duas Guerras Mundiais juntas, o equivalente a mais do que toda a população brasileira no ano de 1964, que era de aproximadamente 80 milhões<sup>23</sup>.

Esse pano de fundo sobre a Guerra Fria foi necessário para se entender as diferenças ideológicas desses dois titãs que passaram a disputar espaço também na política brasileira. Não se pode negar que os EUA mantinham uma relação com o Brasil para proteger sobretudo seus próprios interesses, mas esses interesses, de algum modo, estavam alinhados aos valores da população brasileira e, desse modo, não havia problema em manter uma relação livre com um país que carrega

---

<sup>23</sup> COURTOIS, S. *et al.* *O livro negro do comunismo*. 1999, p. 5.

independência e soberania nacional como valores primordiais. O problema mesmo estava do outro lado, os interesses que levaram a URSS a se interessar pelo Brasil estavam no fato de que o Brasil possuía um péssimo histórico político, carregado de fragilidades, golpes de estado, conspirações para golpes e um legado de corrupção, exploração e ganância pelo poder. O Brasil, na década de 1970, era um terreno fértil para as ideias socialistas que se valiam da fragilidade humana e dos problemas sociais para dividir o país em classes, colocar uns contra os outros e dar início à revolução.

## 2.3 O Serviço Secreto da Tchecoslováquia

Em março de 2014, Laudelino Lima, administrador do *site* “A verdade sufocada”, recebeu uma mensagem de um homem chamado Mauro Abranches Kraenski, brasileiro, que mora na Polônia. A mensagem dizia algo do tipo “estou dentro do serviço secreto da KGB Tcheca traduzindo informações sobre espionagem no Brasil”. Laudelino pensou que aquele seria apenas mais um fatídico e-mail de trabalho, mas ao ler, respondeu de forma eufórica e imediata, pois sabia que aquele contato seria um divisor de águas na história do Brasil. Exatamente por conta desse contato, surgiu o livro intitulado *1964: o elo perdido – O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista* (2017) por Mauro Abranches Kraenski e Vladimir Petrílák<sup>24</sup>.

A União Soviética, como já mencionado, jogava, durante a Guerra Fria, um jogo sem regras, sem moral e sem limites, e, por isso a URSS criou a *Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosticom* (KGB) – que pode ser literalmente traduzido como Comitê de Segurança do Estado –, uniu todas as polícias ao exército e criou o maior e mais eficaz serviço de inteligência e espionagem do mundo. Foram milhares de homens e mulheres infiltrados em todos os países possíveis, recolhendo informações privilegiadas, cometendo assassinatos e torturas, corrompendo instituições e

governos e, mais do que isso, fazendo tudo em nome da revolução, sem pudor e sem limite de recurso.

Nesse tempo, vários outros países aliançados à URSS tinham seus próprios serviços de inteligência e espionagem que agiam de forma independente, mas eram subordinados diretamente à KGB – era o caso da Tchecoslováquia através da StB.

A StB nasceu em 30 de junho de 1945 como uma divisão desuniformizada da Polícia Nacional Tchecoslovaca. Depois de 1948, essa divisão cumpriu um papel obscuro, sendo um dos principais agentes instrumentalizados pela URSS para espalhar o terror comunista, e ela teve seu fim somente em 1990 quando aconteceu na Tchecoslováquia a Revolução de Veludo<sup>24</sup>, que, por sua vez, teve origem em uma onda imensa de protestos gerados contra o comunismo após a queda do Muro de Berlim, dando início, na Tchecoslováquia, a um processo de “descomunização”, ou seja, quanto mais vinham à tona documentos secretos que deixavam exposto todo o horror comunista, mais o movimento universal de expurgação do comunismo conquistava espaço.

Em 1989, os arquivos da URSS na Tchecoslováquia deixaram de ser secretos, mas foi a partir de 2007 que uma lei foi criada (Lei 181/2007)<sup>25</sup> para que aqueles documentos – que não colocavam em risco a segurança nacional tcheca – fossem tornados públicos e qualquer pessoa no mundo que tivesse interesse poderia acessá-los para trazer à tona a verdade<sup>26</sup>. Esses documentos compreendem o período desde 1952 até o final dos anos 1980. São mais de 20 quilômetros de papel nos quais a StB registrava informações importantes de sua espionagem em todo o mundo.

Segundo Mauro Abranches Kraenski (2017), o início das atividades da StB (serviço de inteligência tcheco) no Brasil iniciou-se na segunda metade de 1952 e atuou até 1971<sup>27</sup>. A forma que a União Soviética encontrou para atuar em determinados países era através da chamada *residentura*, ou seja, *residentura* era o nome soviético para todas as bases soviéticas no exterior. No Brasil, a *residentura* da StB ficava na embaixada do Rio de

---

<sup>24</sup> KRAENSKI, M. A.; PETRILÁK, V. *1964 o elo perdido* – O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista. 2017.

<sup>25</sup> Documentário “1964 – O Brasil entre armas e livros.” *Brasil Paralelo*, março 2019.

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> Documentário “1964 – O Brasil entre armas e livros.” *Brasil Paralelo*, março 2019.

Janeiro, e posteriormente foi mudada para Brasília; ela respondia diretamente ao I Departamento, em Praga (capital tcheca), que por sua vez respondia à KGB (polícia secreta da URSS)<sup>28</sup>.

## 2.4 Ligas Camponesas e uma tentativa de golpe

Ao aprofundar sua pesquisa nos documentos secretos, Mauro Abranches percebeu que havia várias “pastas de interesse” em Praga, que tratavam de cada atividade importante no Brasil, dentre elas: *governo e parlamento, ministério de relações exteriores, instituições científicas, Petrobras, clube militar, forças armadas, partidos políticos, ligas camponesas* e muitos outros.

Os espões da StB, ao chegarem ao Brasil, passavam por um curto treinamento de diplomacia para que pudessem se disfarçar de diplomatas, porém a sua principal atividade era o trabalho de espionagem. Eles eram obrigados a fundar uma rede de informantes que colaborasse com a *residentura*. Ao se infiltrarem, esses espões tinham acesso a muitos indivíduos, como políticos, jornalistas, artistas e empresários que ajudavam a “pescar” futuros colaboradores. Havia colaboradores de todos os tipos: colaboradores secretos, colaboradores ideológicos e alguns colaboradores inconscientes que eram chamados de figurantes.

Vale lembrar que toda essa logística da StB financiada pela URSS no Brasil não se tratava apenas de mera espionagem ou colheita de informação secreta. Todas essas atividades de inteligência tinham um propósito: instaurar operações ativas para desestabilizar o país a fim de implantar uma revolução armada. Isso fica claro nos documentos da StB que relatam a quantidade de operações dessa qualidade no Brasil, e, dentre elas vamos nos ater àquela que mais interessa neste livro, que é a operação “Luta”.

No livro de Kraenski e Petrilák (2017), os autores relatam com riqueza de detalhes que houve uma orientação que viera de

---

<sup>28</sup> Idem.

Moscú (capital russa) e que foi acatada pelo ministro do Interior da StB, aprovando a operação cujo criptônimo era “Luta”, que tinha como objetivo principal criar uma guerra civil no Brasil. É ponto pacífico que uma operação dessa magnitude não poderia estar na alçada da pequena Tchecoslováquia, que isso viera de uma entidade superior, a própria KGB. Trecho do documento e quais os propósitos da operação “Luta”:

O camarada ministro confirmou a operação ativa I-V de criptônimo LUTA, cujo objetivo é **causar demonstrações e tumultos antiamericanos** e – em caso de seus surgimentos –, **causar uma guerra civil no Brasil**. Um dos objetivos desta operação ativa é fazer com que representantes nacionalistas **tomem o poder no Brasil**. Esta operação ativa coopera com o plano de desviar a atenção dos EUA sobre a Europa, durante a assinatura do tratado de paz com a Alemanha. Ela se baseia na análise da atual situação da política interna do Brasil, que se caracteriza: **pela fraqueza do governo de GOULART**, fortalecimento do movimento pela volta de QUADROS e ameaça de eclosão de um golpe militar. Uma guerra civil no país pode explodir como consequência da tentativa anterior dos golpistas na reversão da atual ordem constitucional e resistência contra as forças populares que estão cada vez mais fortes. A ação em massa e colisão da opinião pública democrática brasileira, contra a reação pró-americana, pode surgir pelos seguintes motivos: 1. Declaração antiamericana de J. QUADROS. 2. Demonstração antiamericana contra os aliados americanos no Brasil. 3. Movimento em prol da reforma agrária – no Nordeste<sup>29</sup> (grifos meus).

A operação “Luta” buscava criar focos de tensão chamados “tumultos antiamericanos”, causar uma guerra civil no Brasil com o objetivo de tomar o poder, ou seja, implantar um golpe comunista através dos “nacionalistas” e se aproveitava – como no texto – da fraqueza do governo de João Goulart.

Pretendo me ater aqui ao fato de que para essa operação os agentes da espionagem soviética contavam com um terceiro pilar, que seria crucial para essa tomada de poder, e que eles

---

<sup>29</sup> KRAENSKI, M. A.; PETRILÁK, V. *1964 o elo perdido* – O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista. 2017.

se referiram como “movimento em prol da reforma agrária no Nordeste”<sup>30</sup>.

Mais adiante, nesse mesmo documento, segundo os autores, o texto afirma que para garantir o progresso revolucionário do Brasil seria necessário se certificar de algumas coisas, dentre elas uma aliança com Francisco Julião, que era líder das chamadas “Ligas Camponesas”. Afinal o que eram as Ligas Camponesas? E por que esse movimento camponês era tão importante para a *residentura*? É necessário abrir um parêntese para explicar o que foi esse movimento para poder dar sequência a essa investigação.

As Ligas Camponesas surgiram no ano de 1945, foram abafadas pelo governo de Getúlio Vargas, mas surgiram novamente a partir de 1954. Tudo começou quando os foreiros do Engenho Galileia, em Vitória de Santo Antão (PE), decidiram criar uma associação que, dentre outras coisas, ajudasse alguns trabalhadores rurais a comprar caixão para enterrar seus mortos, que até então eram enterrados em caixões coletivos, emprestados pela prefeitura. Em um contexto de muita pobreza e recorrentes conflitos agrários, tudo mudou quando esse movimento camponês, na tentativa de resolver um conflito com proprietários de terra, foram em busca de um político ou um advogado para solucionar o problema, e é nesse contexto que surge aquele que seria o maior expoente das Ligas Camponesas: Francisco Julião, advogado e deputado estadual pelo Partido Comunista, que logo depois se elegeu como deputado federal e usou toda sua influência dentro do partido para transformar as Ligas Camponesas em um movimento de guerrilha cujo lema era “Reforma agrária na lei ou na marra”, e cuja existência foi crucial para a tentativa de golpe comunista em 1964.

É importante mencionar que, em meados de 1964, as Ligas Camponesas não eram mais um pequeno movimento, franzino e inofensivo como fora um dia. Nessa altura o movimento já havia furado a bolha do Nordeste e atingido o Norte, o sul, Sudeste e Centro-Oeste do país. Já havia uma estrutura, uma liderança forte e uma certa independência do próprio Partido Comunista, pois nesse tempo as relações entre o Partido Comunista e os movimentos mais radicais eram, de certa forma, discretos para

---

<sup>30</sup> *Ibidem*.

que fosse possível coexistirem juntos pela causa revolucionária atuando em áreas distintas de poder. A prova de que as Ligas Camponesas se tornaram tão expressivas era que a própria StB, se interessou de tal forma pelas ligas que havia, em Praga, uma pasta exclusiva para elas, pasta que foi queimada posteriormente, mas restou ainda uma subpasta (n° de registro 11681/305) da qual foi possível extrair todas as informações que temos acesso hoje<sup>31</sup>.

Como foi dito, para a eficácia da operação “Luta”, era necessário que os agentes da inteligência tcheca garantissem tudo o que foi solicitado nos documentos. O parágrafo III do relatório esclarece o que foi solicitado:

LUTA III – O camarada Bakalár deve discutir pessoalmente com JULIÃO sobre:

1. A situação, as condições e **a capacidade de ação de seu movimento agrário**;
2. Qual é a possibilidade de **realizar uma larga demonstração antiamericana**;
3. Quais são as premissas para **pôr em prática ações armadas** com objetivo de apoiar os postulados do movimento;
4. Questão de interessar o movimento pela realização de uma **reforma agrária radical** em forma de uma pressão de ultimato sobre o governo GOULART;
5. Descobrir se o seu movimento pode **receber apoio de forças nacionalistas** em outras partes do Brasil e, caso possa, então em quais;
6. Que tipo de **apoio do exterior** o seu movimento necessitaria para poder realizar um movimento decidido e eficaz contra a reação americana no país<sup>32</sup> (p. 115, grifos meus).

Além da possibilidade de colocar ações armadas em prática, promover expropriações de terra de forma radicalizada e cometer outros crimes contra a nação, o capítulo “LUTA V”, ainda demonstra a expectativa dos soviéticos de que parte do Exército brasileiro se unisse às Ligas Camponesas nessa guerra civil revolucionária:

<sup>31</sup> KRAENSKI, M. A.; PETRILÁK, V. *1964 o elo perdido* – O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista. 2017.

<sup>32</sup> *Ibidem*.

LUTA V – assim como nos pontos da LUTA IV. Engajar GOLEM para que faça uma sondagem entre os contatos nas fileiras de oficiais nacionalistas no norte do Brasil, para saber quais são as possibilidades de união da parte nacionalista do exército no norte do Brasil com JULIAO<sup>33</sup> (p. 115).

Num primeiro momento, a StB estava receosa de que houvesse agentes americanos agindo junto às Ligas Camponesas e pediu que uma investigação fosse feita sobre o deputado Francisco Julião. Embora Julião fosse líder das Ligas Camponesas, a StB era cautelosa e queria certificar-se de que não havia nenhum agente americano infiltrado nesse movimento, possibilidade que foi logo descartada ao perceberem o teor revolucionário das ligas e o vislumbre de Julião pelas ideias marxistas<sup>34</sup>.

Havia também nos documentos secretos da StB uma pasta exclusiva com o nome de “C. de Moraes” (possivelmente Clodomiro Santos de Moraes), que era braço direito de Julião e secretário das Ligas Camponesas. O que mais chamou a atenção foi o fato de que C. de Moraes era casado com Marie B., uma mulher tcheca que ele conhecera em uma de suas viagens a Praga. A StB se interessou pelo casal como possíveis “figurantes”, ou seja, agentes secundários que seriam importantes para a causa revolucionária e, assim, foi solicitada uma investigação mais profunda não somente sobre Julião, mas também sobre o casal C. de Moraes e Marie. B.

Em novembro de 1961 chegou uma notícia<sup>35</sup> de Havana (Cuba) à central da StB tcheca informando que C. de Moraes estivera em Cuba naquele mesmo ano, com outros 15 membros das Ligas Camponesas para um treinamento de guerrilha, e, não somente isso, que Moraes se encontrou com Fidel Castro e provavelmente era membro do Partido Comunista. A central da StB comunicou à *residentura* do Rio de Janeiro o fim do contato com C. Moraes, pois ele já estava comprometido com a mesma causa, porém através de outros aliados<sup>36</sup>.

---

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 115.

<sup>34</sup> KRAENSKI, M. A.; PETRILÁK, V. 1964, *o elo perdido* – O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista. 2017, p. 118.

<sup>35</sup> *Ibidem*.

<sup>36</sup> *Ibidem*.

A essa altura é importante abrir um parêntese para mencionar que os documentos do serviço secreto mostrados aqui trazem um extenso e detalhado relato, tão denso e complexo que seria necessário um livro à parte somente para explicar toda a relação sobre a influência da URSS nas Ligas Camponesas e como isso tem relação direta com o surgimento do MST duas décadas depois. Entretanto o que fica evidente a cada instante é que quando se fala das ligas e do MST, não se está falando de movimentos sociais legítimos, preocupados com a dignidade humana, ou interessados em promover uma reforma agrária a fim de fazer justiça social em favor dos pobres. Todo esse mito fundador baseado em promoção da igualdade e justiça social desaparece ante os fatos que mostram a busca por poder e propagação de ideias revolucionárias que escondem um histórico de fome, assassinatos, torturas e muito sangue inocente.

Os documentos seguem mostrando a relação dos agentes da StB com Julião no que diz respeito à compra de armamentos, filmes, órgãos de imprensa e um extenso financiamento para as atividades da operação “Luta”. Várias reuniões secretas foram feitas, dentre elas uma na qual Julião solicitou ao serviço de inteligência que financiassem um órgão de imprensa capaz de imprimir 50 mil exemplares de uma revista, pois como as Ligas Camponesas possuíam um tom mais radical, mesmo os órgãos de imprensa comunistas estavam hesitantes em imprimir seus materiais revolucionários<sup>37</sup>. Noutra reunião, Julião forneceu uma lista de contatos de confiança com quem a StB podia contar em todo o território brasileiro, e dentre esses contatos Julião apresentou à StB um homem chamado Joaquim Ferreira, que era membro das Ligas Camponesas e passou a ser o homem de ligação entre Julião e os tchecos. Certa vez, Joaquim se reuniu com um agente chamado Nesvadba e, segundo o relato<sup>38</sup> os três assuntos abordados foram; armas, livros e... armas. O que nesse ponto chamou a atenção do agente da StB foi que na mesma ocasião Joaquim demonstrou um forte interesse por filmes e livros para instruí-los em lutas guerrilheiras, e usar no treinamento dos combatentes das ligas<sup>39</sup>.

---

<sup>37</sup> *Ibidem*.

<sup>38</sup> KRAENSKI, M. A.; PETRILÁK, V. 1964, *o elo perdido* – O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista. 2017, p. 122.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 122.

Quanto à operação “Luta”, que visava uma guerra civil e a tomada de poder, a princípio ela não foi executada, não dessa forma, e não por meio da StB. Apesar de a StB ter liberdade para atuar através da *residentura* no Brasil, respondia a uma instância superior, por vezes chamada nos documentos secretos de “os amigos”. Quanto a esse desfecho, o que aconteceu foi que:

Em outubro de 1962 a revista A Liga começou a ser publicada. Os tchecos não financiaram o empreendimento, que funcionou até 31 de março de 1964. Não se pode falar em influência e aproveitamento nas relações entre o serviço de inteligência tchecoslovaco e as Ligas Camponesas. Essa era a intenção inicial, dentro das suposições da AO LUTA, mas, como sabemos, a *residentura* entrara em contato com Francisco Julião tarde demais e teve tempo apenas de recolher informações. Após os erros na fase inicial, foi possível estabelecer contato de conspiração com as Ligas, o que significa que naquela fase de trabalho sobre o objeto o serviço de inteligência cumprira uma parte significativa da tarefa. Não houve tempo de obter mais, pois outro jogador se interessou pelo objeto: a KGB<sup>40</sup> (p. 124).

O que fica claro por meio desses documentos é que a KGB via em Francisco Julião um possível Fidel Castro brasileiro, alguém que tinha condições e capacidade para estabelecer uma revolução armada através das Ligas Camponesas no Brasil. Outra coisa que fica evidente é que naquele estágio a operação “Luta” não aconteceu porque a própria KGB decidiu cortar a intermediação da StB tcheca e assumir ela mesma a direção das operações no Brasil relacionadas às Ligas Camponesas<sup>41</sup> (p. 124).

A quantidade de documentos secretos que relatam a influência da União Soviética na tentativa de golpe comunista em 1964 é de fato muito extensa e complexa. A KGB era o serviço de inteligência mais completo do mundo, e sua atuação no Brasil era transversal, ela atingia todas as forças políticas e sociais de forma organizada e intensa, havia financiamentos de armas para o Partido Comunista do Brasil, intermediado pelo deputado federal Leonel Brizola, havia uma estreita relação com a I Divisão

---

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 124.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 124.

do 3º Exército, através do comandante General Oromar Osório; havia de fato um serviço de espionagem ativo e reativo em todas as camadas da sociedade, e diante disso não há como não mencionar a importância que nosso vizinho – a Cuba de Fidel Castro – tinha nesse processo de tentativa de revolução no Brasil.

O serviço de inteligência tcheco também interagiu com Cuba a partir da *residentura* no Brasil, além de ajudar Cuba a criar a sua própria polícia secreta e fortalecer as relações entre Fidel Castro e a URSS. Um dos papéis da StB no Brasil era angariar novos seguidores para Fidel e tentar aplacar os efeitos negativos que os terrores da revolução cubana geravam no seio da opinião pública do Brasil. Apesar das narrativas que chegavam ao Brasil de que Fidel era um herói, libertando o povo cubano, de que Che Guevara era um homem a quem os jovens deveriam seguir o exemplo, tudo isso logo era suplantado pelas notícias de assassinatos nos paredões em Cuba de qualquer um que discordasse dos ideais da revolução. Para tentar sanar esse e outros problemas, operações foram feitas no Brasil pela StB. Documentos falsos foram veiculados na imprensa, campanhas de apoio a Cuba e até a criação de uma organização chamada Frente Nacional de Apoio a Cuba (FNAC). De fato, a popularidade do regime de Fidel não era das melhores no Brasil, como se nota nos documentos da StB:

Cuba está perdendo apoio, aos olhos dos países da América Latina, por causa da rigidez do regime e das execuções que continuam existindo no país. Principalmente no Brasil, onde não existe pena de morte, as execuções são claramente condenadas e não somente pelos inimigos da revolução cubana, mas também por aqueles que abertamente se declararam do lado de Cuba. O nome de Fidel Castro está sendo novamente apresentado como o nome de um ditador contemporâneo. Causou uma forte impressão por aqui, principalmente a notícia da execução de três empregados das fábricas de eletrificação, acusados de sabotagem e executados no dia 18/01/61. No Brasil, onde o nível de consciência política é muito baixo, justamente para essas pessoas que apoiaram a revolução cubana (trata-se das camadas mais baixas da sociedade) **fica difícil compreender por que Castro, construindo um novo país, distribuindo terras**

**para aqueles que não tem e armando aos trabalhadores, condena à morte justamente a trabalhadores.** As execuções constantes em Cuba são um dos motivos da perda de seguidores<sup>42</sup> (p. 134, grifos meus).

As narrativas de que o regime cubano estava ao lado do trabalhador caem por terra quando Fidel condena à morte justamente pessoas pobres e trabalhadoras. Informações de assassinatos, estupros e torturas eram comuns e ecoavam nos países da América Latina e principalmente no Brasil. O que ficara claro é que havia uma dissonância entre aquilo que se prometia com a revolução e aquilo que se via nos regimes socialistas na sua execução prática. Isso ficou ainda mais claro para a população brasileira em 27 de novembro de 1962, quando aconteceu uma tragédia que matou 97 pessoas: um avião da Varig, voo 810, saiu do Rio de Janeiro naquela madrugada e caiu, ao tentar pousar no Peru. Dentre os passageiros havia emissários de Cuba e em suas bagagens foram encontrados documentos importantes sobre a relação entre Cuba e Brasil. Nos documentos publicados posteriormente pela imprensa brasileira, constava uma ajuda dos cubanos no treinamento de grupos guerrilheiros do Brasil e atividades de subversão em território brasileiro. Entre as vítimas havia também delegados cubanos que estavam retornando de uma convenção da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, do inglês Food and Agriculture Organization) no Rio de Janeiro. Os documentos encontrados provavam com fartura de evidências que Cuba participava do treinamento armado das Ligas Camponesas, e a partir daí ficou claro que elas se tornaram um agente fundamental para tudo que envolvia a tentativa de golpe de 1964 contra o Estado democrático de direito e com influência direta da União Soviética<sup>43</sup> (p. 140).

---

<sup>42</sup> KRAENSKI, M. A.; PETRILÁK, V. 1964, *o elo perdido* – O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista. 2017.

<sup>43</sup> KRAENSKI, M. A.; PETRILÁK, V. 1964, *o elo perdido* – O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista. 2017.

## 2.5 MST, o herdeiro das Ligas Camponesas

O objetivo inicial deste capítulo era mostrar que há um segundo fator que compõe o pano de fundo para o surgimento do MST, que é o fator político, e não somente isso, mas que esse fator esconde uma face oculta do MST, que é o seu mito fundador sob a influência de uma ideologia que foi responsável por 100 milhões de mortes ao longo da história. Meu objetivo particular é trazer à tona a verdade por vezes escondida pelos militantes do movimento, que se aproveitam da ignorância da população e do aparelhamento com as mídias de massa para vender a ideia de que o MST é um movimento cujo nascimento tem origem na busca por justiça social e preservação da democracia, quando, na verdade, ele nasce de uma tentativa de golpe contra o Estado democrático de direito a partir de uma guerra civil.

Talvez o que o caro leitor esteja se perguntando é como eu poderei provar que o MST tem origem a partir das Ligas Camponesas. Afinal, eu sei que o fato de eu ter habitado as entranhas do movimento, ter visto e vivido na pele a atmosfera marxista e revolucionária que são os acampamentos do MST, não me credencia a chancelar afirmações tão contundentes. Nesse caso, não ficarei somente nas minhas palavras, mas usarei as palavras de Pedro Stédile, que foi um dos fundadores do movimento e, sem dúvida, é o maior expoente no Brasil quando se trata de MST.

O livro *Brava Gente – a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil* foi lançado pela Fundação Perseu Abramo – que foi instituída pelo Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores (PT) em maio de 1996 – e publicado em 1999 em comemoração aos 20 anos do MST, cujos autores são o próprio João Pedro Stédile e Bernardo Mançano Fernandes. O livro tem estilo de entrevista, com Bernardo Mançano fazendo perguntas a Pedro Stédile, e este, por sua vez, as responde com o objetivo de mostrar desde a origem do movimento até seus ideais mais profundos.

No capítulo “Raízes”, já no início do livro, Bernardo pergunta a Stédile sobre a origem do MST:

**Bernardo:** Antes do golpe militar, em 1964, no Nordeste as Ligas Camponesas eram o movimento mais organizado. Com o golpe militar e a conseqüente perseguição política, ocorre o fim das Ligas. Isso contribuiu para que o MST viesse a nascer no Sul, nos últimos anos da década de 1970, já no fim da ditadura militar?<sup>44</sup> (Stédile; Fernandes, 1999, p. 17).

Pedro Stédile inicia sua fala dizendo que “muita gente considera que o ressurgimento da luta pela terra aconteceu no Sul do Brasil porque as Ligas tinham sido praticamente extintas no Nordeste” (Stédile; Fernandes, 1999, p. 117). Ele explica que no Sul do Brasil houve um outro movimento semelhante chamado “Master”, que foi fundado pelo próprio Leonel Brizola e João “Sem Terra”, mas ele nega que o “Master” tenha gerado o DNA para o surgimento do MST. Segundo Stédile, o “Master” teve seu fim em 1962, mesmo antes da ditadura, e afirma ainda que o movimento entrou em decadência porque estava muito ligado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e, ao seguir a orientação de um outro movimento agrícola (Ultrab), deixou seus ideais de lado e passou a organizar sindicatos. Pedro Stédile segue mostrando que diferentemente

do “Master” e do “Ultrab”, as Ligas Camponesas se mantiveram puras em sua bandeira “Reforma agrária na lei ou na marra” e conclui:

O MST nasceu no Sul em função de um conjunto de fatores, que tem suas raízes *nas condições objetivas* do desenvolvimento da agricultura. Mesmo assim **nós do MST nos consideramos herdeiros e seguidores das Ligas Camponesas, porque aprendemos com sua experiência histórica e ressurgimos com outras formas**<sup>45</sup> (Stédile; Fernandes, 1999, p. 18, grifos meus).

João Pedro Stédile, como é possível observar, afirma pelo menos três coisas muito contundentes: i) a primeira é que o MST

---

<sup>44</sup> STÉDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. *Brava gente – A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. [1999], 2005.

<sup>45</sup> STÉDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. *Brava gente – A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. [1999], 2005, p. 18.

se considera herdeiro do legado das Ligas Camponesas, ou seja é só investigar o que foi o legado das Ligas e encontrará o DNA do MST (o que estou fazendo aqui); ii) a segunda é que o MST surge a partir da experiência histórica das Ligas, e isso significa que existe um fio condutor ligando o ano de 1964 ao ano oficial em que o MST foi fundado, 1984; iii) a terceira informação é sobre duas coisas: “ressurgimento” e “outras formas”, como uma espécie de “reencarnação”. Como cristão, preciso enfatizar que não creio em reencarnação, mas cabe aqui a metáfora usada pelo Stédile: é sabido que na reencarnação se renasce com o mesmo espírito, a mesma essência, porém em outro corpo, ou como prefiro me referir aqui, com outra “face”.

Para quem acredita que um livro publicado em 1999, 20 anos após o surgimento do MST, é frágil como fonte histórica para ligar o surgimento do Movimento Sem-Terra às Ligas Camponesas, recorto um trecho de uma entrevista recente do próprio Pedro Stédile em um *podcast*<sup>46</sup>, quando ele, mais uma vez, ressalta a gênese do MST a partir das Ligas Camponesas. Importante mencionar que nessa entrevista Stédile parece tentar se distanciar um pouco de Francisco Julião. Afinal, essa entrevista faz lembrar uma daquelas entrevistas roteirizadas para dar popularidade a algo que a sociedade já considera indigesta, e durante ela Stédile aparece como um “tiozão” legal, totalmente do bem e que faz parte de um movimento mais parecido com um episódio de *ursinhos carinhosos* do que qualquer outra coisa. Ele nega ser líder do movimento, foge das perguntas que o confrontam e usa um tom sempre amigável para desviar a atenção dos problemas reais do MST. Para que alguém possa conhecer a verdadeira face do movimento, certamente essa entrevista não é a das melhores para se iniciar, mas ainda assim quero usá-la para reforçar o meu ponto: o MST nada mais é do que as Ligas Camponesas, ressurgidas com outra face:

Inclusive, eu pessoalmente tive o privilégio de conhecer alguns líderes dos movimentos camponeses que foram massacrados pela ditadura, de antes de 60. E acabei fazendo amizade por curiosidade por exemplo com Francisco Julião, porra! É um ícone da luta pela reforma agrária no Nordeste,

---

<sup>46</sup> FLOW. J. P. Stédile (*podcast*). *YouTube*, 2 junho 2023.

neh? O Clodomiro de Moraes, lá no Nordeste, também tinha o Manoel da Conceição, *Aí, o que que nos fizemos?* Nós chamamos esses líderes antigos, antes de fundar o movimento, nós chamamos para conversar como essa assim. O dia inteiro aqui em São Paulo *e só fazíamos duas perguntas a eles, uma de manhã e outra de tarde. Nos perguntávamos: no que vocês erraram, que vocês perderam em 1964? Aí o cara contava todos os problemas e nós anotávamos. De tarde: no que que vocês acertaram? Então, nós conseguimos captar a experiência histórica que estava nas pessoas, não estavam em livros, entendeu?*<sup>47</sup>.

Mais à frente quero me ater ao fato do porquê movimentos como as Ligas Camponesas não registram em livros seus feitos e suas estratégias, o motivo pelo qual o MST descentraliza o foco dos verdadeiros líderes para “liderança coletiva e independente”, e como isso tudo dificulta a individualização dos crimes e facilita a perpetuação do movimento. Por ora, quero voltar ao trecho do livro onde Pedro Stédile relata “ressurgimos com outras formas”. Creio que é fácil assimilar de onde vem o teor político do MST e qual sua verdadeira face histórica. O que importa agora é descobrir qual seria essa “nova forma”, ou nova face, que permitiu um movimento com histórico de guerrilha ser colocado novamente na legalidade e atrair milhares de novos adeptos. É sobre isso o próximo capítulo.

---

<sup>47</sup> FLOW, J. P. Stédile (*podcast*). *YouTube*, 2 jun. 2023.

# 3

---

## A face ideológico-religiosa

## 3.1 A Igreja Católica como “cavalo de Troia”

“O homem só será livre quando o último rei for enforcado nas tripas do último padre”.

Essa frase, que posteriormente se tornou símbolo da Revolução Francesa, faz parte de um documento de mais de 600 páginas, escritas – acredite ou não – por um padre, e não somente isso, mas um padre ateu, talvez o primeiro ateu teórico da história. Jean Meslier<sup>48</sup> (1664-1729) foi padre em uma pequena paróquia na França de onde escreveu suas ideias, que vieram à tona logo após a sua morte em 1729. Filósofos iluministas como Voltaire, editaram suas obras e disseminaram suas ideias pelo mundo, ideias que, dentre outras coisas, chamavam Jesus de um “louco fanático”, pregavam o fim do cristianismo e propunham até mesmo uma espécie de protoc comunismo, algo que Karl Marx e Engels teorizariam anos mais tarde.

É um paradoxo pensar na ideia de um padre ateu ou, mais do que isso, um padre anticristão com ideias revolucionárias que chegou a sugerir não somente o fim da monarquia ou da burguesia, mas o fim da própria Igreja. Mais interessante ainda é pensar que esse padre só teve suas ideias descobertas após a sua morte; isso significa que durante sua vida teve dupla identidade, viveu como um sacerdote católico durante o dia e como um ateu durante a noite, quando escrevia suas ideias obscuras à luz de velas na solidão e no silêncio de sua capela. Diante disso, cabe aqui o adágio de que “nem tudo o que reluz é ouro”. O próprio apóstolo Paulo já havia advertido os cristãos do primeiro século que para enganar os escolhidos “o próprio Satanás se transforma em anjo de luz”, (2 Coríntios 11:14). Isso significa que para compreender a gênese do MST, precisaremos olhar além da superficialidade e mergulhar a fundo no tempo e na história, pois nesta terceira parte quero revelar aquele que talvez seja o lado mais controverso do MST, a sua face mais oculta que é o seu caráter ideológico/religioso.

---

<sup>48</sup> *Wikipédia.*

Foram muitas as tentativas de destruir a fé cristã no mundo: Nero, Diocleciano, Valeriano, imperadores romanos são alguns dos exemplos cruéis de perseguição aos cristãos e de incontáveis mártires que morreram em fogueiras, em coliseus lutando com feras e, muitas vezes, precipitados de penhascos ou até mesmo sendo crucificados. Fato é que não é possível implantar ideais totalitárias onde há uma sociedade com bases cristãs e, assim, antes de se plantar uma ideia revolucionária, cristãos precisam morrer. Dessa forma, aconteceu, por exemplo, durante a Revolução Francesa a partir das ideias de Jean Meslier, que influenciou na decapitação de padres e líderes religiosos em praça pública. A violência usada contra cristãos na Revolução Francesa não resolveu o problema do fim da religião, pois assim que esfriou o fervor de toda aquela violência, os franceses voltaram a buscar suas crenças, e novas estratégias de destruição das bases cristãs precisariam ser adotadas.

Segundo o Rabino Marvin Antelman, os revolucionários observaram isso e ***mudaram o método de destruição das religiões***: eles não usariam a violência, mas se infiltrariam dentro das religiões e minariam os mecanismos de defesa de suas crenças. O judaísmo e o cristianismo eram os alvos principais<sup>49</sup> (grifos meus).

O final do século XX marcaria o início da aplicação dessa metodologia que tinha como objetivo o fim do Ocidente através da destruição das bases judaico-cristãs.

Em abril de 2014, a Conferência Nacional do Bispos do Brasil (CNBB) lançou uma declaração sobre os 50 anos do “Golpe civil-militar de 1964”. Em nota<sup>50</sup>, a entidade relembra que a Igreja Católica apoiou de certa forma o golpe militar contra o comunismo, mas diz que agora, 50 anos depois, reconhece que aquele foi um dos períodos mais “sombrios da história”, um erro histórico que foi cometido, e ainda lança apoio sobre a Comissão da Verdade, que foi instituída posteriormente com a finalidade de fazer uma reparação histórica aos “perseguidos políticos”.

<sup>49</sup> OLIVEIRA E SILVA, Padre José Eduardo de. “Teologia da libertação, uma das linhas de pensamento mais influentes do século XX”. Brasil Paralelo, 1º dezembro 2023.

<sup>50</sup> Site da CNBB, 2 abril 2014.

A nota ainda pontua as torturas, a cassação de políticos, o cerceamento das liberdades, que fizeram do Brasil o país “da dor e da lágrima”<sup>51</sup>.

Não se engane achando que a mudança de posicionamento da Igreja Católica veio apenas 50 anos após a intervenção militar, visto que já nas primeira e segunda décadas após 1964, setores da Igreja já haviam mudado radicalmente de posição, chegando a ser incubadora de muitas ONGs, movimentos estudantis e movimentos sociais que mais tarde seriam vistos como verdadeiros Cavalos de Troia contra a própria Igreja Católica.

Mesmo para os cristãos protestantes, é impossível negar a relevância religiosa, política e social que a *instituição* Igreja Católica Apostólica Romana possui, não somente no Brasil – maior país católico do mundo – como também no mundo inteiro. Quando se fala de civilização ocidental, cuja base é a filosofia grega, o direito romano e a moral judaico-cristã, vale ressaltar que grande parte da transmissão dos valores da ética cristã ao mundo, por meio da literatura, arte, música, da política e da própria religião, se deu através da Igreja Católica. Para se ter uma ideia, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na década de 1940 o catolicismo representava 95,2% da população brasileira<sup>52</sup>. Mesmo que esse número tenha caído para 64,6% em 2010 devido a diversos fatores, ainda assim trata-se de mais da metade da população do Brasil, um número acima de 125 milhões de pessoas, sendo praticantes ou não, que confiam na Igreja Católica como uma instituição cujas diretrizes devem ser acatadas, ou, no mínimo, devem ser levadas em consideração<sup>53</sup>. Talvez surja a pergunta por que estou fazendo distinção entre catolicismo e protestantismo. Por que não cito o “cristianismo” apenas, já que estamos falando sobre o fator da influência cristã no Ocidente? Explico: as revelações que farei a partir de agora fazem jus especificamente à Igreja Católica enquanto *instituição*. Isso significa que estou analisando-a não pelo ponto de vista da espiritualidade em si, mas, ainda que a Igreja seja um agente que promove a espiritualidade, o que pretendo aqui é

---

<sup>51</sup> Idem.

<sup>52</sup> CAMPOS, L. S. Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira: católicos e evangélicos entre 1940 e 2007. *Revista de Estudo da Religião*, dezembro 2008.

<sup>53</sup> IBGE. Principais resultados – Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. *Censo Demográfico de 2010*.

fazer uma análise da sua influência no mundo moderno, enquanto agente político e social.

O catolicismo, em relação ao movimento protestante, tem uma grande vantagem no que diz respeito a sua capacidade de influenciar seus adeptos, que é o fato de a Igreja Católica ser uma instituição hierárquica e homogênea. Toda sua hierarquia, seus sistemas de ordenação, seus seminários teológicos e principalmente seus concílios funcionam como um só organismo que responde em última instância ao papa. As decisões que são tomadas nos concílios são difundidas entre os fiéis de forma rápida e sistemática através das missas e dos catecismos. Nesse aspecto, o catolicismo se distingue das igrejas protestantes que, em geral, são independentes e multifacetadas. Isso significa que, no movimento protestante, cada igreja, enquanto instituição, possui seu próprio estatuto, não respondem umas às outras e são livres para direcionar seus membros livremente em questões políticas, sociais e religiosas. Há poucas exceções quando se trata das convenções, como é o caso das Assembleias de Deus e algumas outras, mas, ainda assim, são poucas exceções quando comparadas à totalidade. Ainda assim, quando o assunto é influenciar seus adeptos, nenhuma outra instituição pode ser levada em consideração quando comparada à influência do Vaticano no mundo; portanto, não incluirei o movimento protestante nesta reflexão.

A homogeneidade da Igreja Católica e sua influência política no mundo está sendo colocada em questão aqui por um motivo que será revelado mais adiante. No momento, quero abrir um parêntese para explicar ao leitor católico que os fatos históricos que pretendo narrar a partir de agora não são de forma alguma uma tentativa de denegrir a imagem da Igreja Católica, muito pelo contrário. Para entender o surgimento do MST, é preciso explicar como homens malignos se infiltraram nessa instituição para instrumentalizá-la politicamente e como isso teve impactos significantes para o surgimento do Movimento Sem-Terra. Nas minhas pesquisas fiz questão de me apoiar em materiais literários do segmento católico, me cerquei de autores respeitados do catolicismo como é o caso do Padre Paulo Ricardo, ouvi opiniões de influenciadores que são grandes defensores do catolicismo, como é o caso do professor Olavo de Carvalho e alguns de seus

alunos como Bernardo Küster, Pietra Bertolazi, Allan dos Santos, dentre outros. Em resumo, pretendo apresentar fatos que os próprios intelectuais católicos foram os primeiros a denunciar, fatos que a própria Igreja Católica vem combatendo.

## 3.2 Espiões russos no Concílio Vaticano II

Na década de 1960 um homem sofreu um acidente de carro e, ao chegar no hospital, ficou aos cuidados de uma enfermeira chamada Marie Carré. Pouco tempo depois, ele não resistiu aos ferimentos e morreu deixando para trás uma pasta, a única coisa que poderia identificá-lo para não ser enterrado como um indigente. A enfermeira vasculhou todos os seus itens pessoais, diversas pilhas de documentos que havia na pasta, até que encontrou um cartão de identificação escrito AA-1025. Não havia documentos, não havia números de telefone, havia apenas um código que se tratava de um criptônimo: Anti-Apostle 1025 (Anti Apóstolo 1025). Marie descobriu que estava diante de um agente comunista que se infiltrou na Igreja Católica em 1938, foi ao seminário, se tornou um sacerdote católico muito ativo nos bastidores do Vaticano e chegou a influenciar aquele que seria talvez o concílio mais importante da história da Igreja Católica, o Concílio Vaticano II<sup>54</sup>. Após a morte desse agente da polícia secreta russa, mesmo relutante, a enfermeira Marie Carré, uma fervorosa católica, decidiu que tinha a responsabilidade de estudar todos aqueles documentos e publicar um livro que serviria como alerta para a Igreja e uma constatação histórica de que o inimigo da Igreja não está atacando-a apenas do lado de fora, mas, dessa vez, do lado de dentro.

Os concílios da Igreja Católica ao longo da história serviram – via de regra – para dois propósitos: combater as heresias e reafirmar as doutrinas da Igreja. O Vaticano II foi um dos mais

---

<sup>54</sup> CARRÉ, M. *et al.* AA-1025. [1972], 2020.

importantes concílios da Igreja Católica e, por se tratar de um concílio em contexto de Guerra Fria, suas decisões teriam impactos significativos no seio da civilização ocidental. Diferentemente dos outros concílios, esse que foi o XXI Concílio da Igreja, veio com um tom um pouco menos doutrinário, menos combativo e um pouco mais flexível, em uma tentativa de dialogar mais com o homem moderno, mas sobretudo olhar com mais atenção para as injustiças sociais e causa do pobre. Para compreender melhor o que significou a Igreja querer “dialogar com o homem moderno” naquele contexto, é como imaginar um inimigo entrando na casa de seus amigos, destruindo seus bens, assassinando os familiares deles, e quando finalmente há a oportunidade expor o inimigo para sua própria família, decide-se, ao invés disso, diminuir a segurança da própria casa e tentar dialogar com o inimigo. É consenso entre lideranças católicas que o concílio baixou a guarda da Igreja ante o maior inimigo da fé cristã no mundo, o comunismo, e que isso abriu um precedente fatal para a Igreja.

O Vaticano II, que foi convocado pelo Papa João XXIII, em 1961, mas que só terminou em 1965, já sob o Papa Paulo VI, teve suas decisões expressas em quatro constituições, nove decretos e três declarações elaboradas e aprovadas pelo concílio. No entanto, há um debate hoje sobre qual foi a dimensão da influência comunista nesse concílio e o quanto essa influência impactou no processo de degradação que a Igreja Católica vem sofrendo nas últimas décadas. O antiapóstolo AA 1025 afirmou que o êxito que teve em sua missão consistiu principalmente na elaboração de documentos ambíguos que abririam margem para dúvida interpretação nos pós-concílio<sup>55</sup>. Essa ambiguidade em documentos oficiais do Vaticano seria tudo o que os marxistas precisavam para dar início a um processo de distorção da teologia cristã por meio do que ficaria conhecido depois como “Teologia da Libertação”, que se trata de uma vertente marxista do catolicismo – se é que isso é possível – que torce a mensagem do Evangelho na tentativa de tirar de Jesus a sua divindade e transformá-lo em um justiceiro social, um completo revolucionário.

Em seu livro intitulado *AA-1025 Confissões de um Anti-Apóstolo*, Marie Carré (1972) expõe as próprias palavras desse agente secreto

---

<sup>55</sup> CARRÉ, M. *et al.* AA-1025. [1972], 2020.

que, por desconhecer seu nome ela decidiu chamá-lo Michael. Segundo a autora, ele escreveu que “o ‘Espírito do Concílio’ tornou-se para mim um trunfo-mestre”<sup>56</sup>, assinalando que o sucesso de sua missão em destruir a Igreja não estava apenas nos documentos ambíguos que foram redigidos, mas principalmente no que chamou de “o espírito do concílio”, que foi a capacidade que os comunistas tiveram de usar aquele concílio como carta branca para implantar uma guerra de narrativas sem precedentes e emplacar uma teologia materialista que seria a base de toda a perversão dos valores cristão que aconteceriam a partir dali.

Uma coisa importante é que o número 1025 não era apenas um número aleatório; esse número significava que, antes de Michael, outros 1.024 agentes comunistas da KGB já haviam se infiltrado na Igreja Católica antes dele, todos eles seguindo o mesmo processo, estudando nos seminários, sendo ordenados sacerdotes e enfraquecendo as bases da Igreja por dentro.

É possível imaginar o que mais de 1.200 agentes comunistas disfarçados de padres são capazes de fazer em uma sociedade? Estamos falando de milhões de fiéis sendo influenciados a acreditar que o socialismo, e não Jesus Cristo, é a resposta para os problemas do mundo, e, mais do que isso, se utilizando da fé para manipular as massas e implantar suas ideologias e suas pautas políticas. Até hoje não é possível mensurar a dimensão da influência somente desse agente comunista “1025”, no Concílio Vaticano II, e a consequência disso no seio da sociedade.

No Capítulo 1 deste livro cito a capacidade que os marxistas têm de perceber as dores de uma sociedade fragilizada e problematizá-las para tirar proveito e manipular as massas, e o que veremos a seguir é exatamente esse tipo de estratégia cruel, porém eficaz, do qual a esquerda se utiliza para fazer política. Mesmo antes da convocação para o Concílio Vaticano II já havia um ar de que a pauta do século teria características marxistas, e o que há de mais marxista do que usar o discurso do opressor *versus* o oprimido como propaganda para seus fins políticos e sórdidos? Não me refiro aqui à Igreja, mas à capacidade dos marxistas de instrumentalizar a Igreja, criando uma teologia paralela para o seu fim revolucionário. Isso ficou explícito já às vésperas do concílio:

---

<sup>56</sup> *Ibidem.*

Numa mensagem radiofônica de 11 de setembro de 1962, na eminente expectativa para a abertura do Concílio Vaticano II, exatamente um mês antes do seu início, João XXIII assinalou que havia, entre outros, um ‘ponto luminoso’ a ser considerado: ‘Em face dos países subdesenvolvidos a Igreja apresenta-se – tal qual é e quer ser – como a Igreja de todos e particularmente a Igreja dos pobres’ (KLOPPENBURG, 1963, p. 301). Na opinião de Maria Cecília Domezi, esta sensibilidade aguçada do pontífice, que se manifestaria também em duas de suas encíclicas sociais, *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963) e, deve-se, entre outras coisas, à sua humilde origem camponesa, mas, sobretudo, por causa de sua experiência e prática pastoral (DOMEZI, 2014, p. 22). Era o que se verificaria também por detrás do apelo dos bispos do Terceiro Mundo. Aqueles que conheciam a realidade dos mais pobres entre os pobres, um dos critérios decisivos para abraçar o compromisso com os pobres. Deste modo, o ‘Papa Bom’ cunhava a inédita expressão ‘Igreja dos pobres’, unindo duas realidades, aparentemente distantes naquele contexto histórico trágico e esperançoso em que a Igreja buscava o diálogo com o mundo moderno. Este que se recuperava da II Guerra Mundial (1939-1945) e se animava com os progressos técnico-científicos. Embora ainda inserido num cenário de miséria, principalmente nos países do ‘Terceiro Mundo’, amenizados pela expressão eufêmica ‘subdesenvolvidos’ ou ‘em vias de desenvolvimento’<sup>57</sup>.

Em contexto de Guerra Fria, quando o capitalismo e o comunismo disputavam geopolítica e culturalmente cada palmo do planeta, e também em contexto de pós-guerra que havia devastado economicamente, direta e indiretamente, todo o mundo, os comunistas se aproveitaram das pobreza em que o mundo – em especial a América Latina – se encontrava para disseminar sua narrativa mais ardilosa e eficaz: “a pauta do pobre”, que venderia a ideia de justiça social enquanto multiplicava a pobreza, a miséria e a violência por onde passava, os legítimos e mais bem intencionados sacerdotes do concílio jamais imaginariam a degradação que aconteceria na Igreja a partir dali.

---

<sup>57</sup> SOUZA, N. de. A pobreza da Igreja: história e teologia do Documento 14 da Conferência de Medellín. *Caminhos*, 2019.

Em uma entrevista, o professor Olavo de Carvalho comentou que a infiltração soviética na Igreja Católica remonta a uma data muito anterior ao Concílio Vaticano II. Segundo ele, tudo começou por volta de 1917, logo após a Revolução Russa:

Eles começaram essa infiltração nos anos 20. Veja, passados – o quê? – quarenta anos, aqueles jovens de vinte anos tinham sessenta, setenta anos e já não são mais ‘padrecois’, são cardeais e estavam lá no Concílio Vaticano II (...) o Concílio Vaticano II, você vê que é o pessoal da esquerda, chegou lá organizadíssimo, pronto para tudo e o pessoal conservador nem sabia o que estava acontecendo. Então isso foi um longo trabalho, não acontece do dia para a noite, e quem começou isso foi o Stalin<sup>58</sup>.

De fato, o Concílio Vaticano II foi o evento mais importante do século XX e mostrou o antes e o depois da Igreja Católica, e – por que não dizer? – um antes e um depois da história religiosa e política do Brasil. A forma que os marxistas encontraram para dar início à aplicação do Vaticano II na América Latina e, mais especificamente, no Brasil, foi através do Pacto das Catacumbas e sua propagação nas conferências episcopais que se sucederam a partir dali.

### 3.3 O Pacto das Catacumbas

**E**m 16 de novembro de 1965, já nas semanas finais do Concílio Vaticano II, 42 padres conciliares celebraram a Eucaristia nas catacumbas de Domitila, uma espécie de cidade subterrânea de Roma. Ali assinaram o pacto da Igreja servidora e pobre, mais conhecido como Pacto das Catacumbas<sup>59</sup>. O pacto constituía-se basicamente de 13 pontos em que pactuaram viver uma vida ascética e ter como centro de suas vidas uma teologia

---

<sup>58</sup> KÜSTER, B. P. Eles estão no meio de nós. *YouTube*, outubro 2022.

<sup>59</sup> VEIGA, E. O que foi o Pacto das Catacumbas, que mudou os rumos da Igreja Católica? *UOL*. Milão/ Itália, 16 novembro 2018.

voltada exclusivamente para o pobre. Saindo dali, os signatários convenceram cerca de 500 outros padres cujas atividades subsequentes mudariam para sempre a política e a cultura do Brasil. Dentre esses signatários estava Dom Helder Câmara, conhecido por ser o fundador da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Dom Helder Câmara e cerca de 80 outros bispos faziam parte daquele grupo que havia se preparado para o concílio, antes de assinar o pacto, que havia formado uma frente no Vaticano II que visava emplacar a pauta da pobreza como tema oficial do concílio, mas sem sucesso. É fato que tiveram êxito em colocar o tema da pobreza em muitos textos da constituição pastoral *Gaudium et spes*, porém não o suficiente para satisfazerem seu apetite por ver a Igreja Católica prostrada ao marxismo. Para isso tiveram que criar outra alternativa para gerar daquele momento histórico um “espírito do concílio” com o qual pudessem contar no “pós concílio”, e daí surgiu o Pacto das Catacumbas.

Entre as diversas comissões (SOUZA, 2015, p. 159-162) oficiais e grupos informais do Concílio Vaticano II, merece destaque especial um grupo cuja principal preocupação era a evangelização dos pobres, tanto que foi denominado ‘Igreja dos Pobres’. Formado por aproximadamente oitenta bispos, sendo vinte latino-americanos (dezesesseis do Brasil), este grupo atuava às ‘margens’ do Concílio. Um dos seus intuitos era criar um ‘Secretariado da Pobreza’ a fim de que este tema fosse amplamente discutido nas sessões conciliares. Fazia parte deste grupo o Cardeal Lercaro, entre outros bispos, com destaque para o brasileiro Dom Helder Câmara, um dos expoentes dos bispos do Terceiro Mundo que denominou o grupo de ‘sagrado complot’. Apesar de todos os esforços empreendidos, o grupo não conseguiu colocar o tema da Igreja dos pobres no centro da reflexão do Concílio. Mas algumas temáticas discutidas entre os bispos das diversas realidades de subdesenvolvimento e pobreza transpareceram na Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, que trata do diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo (DOMEZI, 2014, p. 32; 34). As discussões, reflexões e ações do grupo que visavam conscientizar os demais bispos da situação de subdesenvolvimento que afligiam 2/3 da humanidade. Além

de algumas discretas conquistas, embora muito aquém da expectativa e desejo dos seus membros, culminou no Pacto da Igreja servidora e pobre, o assim chamado ‘Pacto das Catacumbas’<sup>60</sup> (p. 730).

Foi esse pacto que posteriormente influenciou diversas conferências do episcopado latino-americano para cancelar de uma vez por todas a marca mais emblemática da Teologia da Libertação, que é a sua “opção preferencial pelos pobres”, que proliferaria como um vírus na América Latina. A mais proeminente dessas conferências foi a Conferência Geral Episcopal Latino-Americana, em Medellín, na Colômbia, entre os dias 24 de agosto e 6 de setembro de 1968, quando foi feita uma leitura do que foi o Concílio Vaticano II à luz da realidade na América Latina:

Apesar de discreto e não oficial, despojado e bem discernido, o ‘pacto’ pode ser bem considerado como uma iniciativa notadamente ousada (DOMEZI, 2014, p. 37). Posteriormente, ‘inspirou as conferências do episcopado latino-americano-caribenho em Medellín [1968] e Puebla [1979], que consagraram a opção dessa Igreja local pelos pobres’<sup>61</sup> (p. 731).

O discurso da Igreja Católica tendo como base a *opção preferencial pelos pobres*, veio como um tsunami ideológico na América Latina e ganhava adeptos todos os dias, principalmente no Brasil, cujo contexto era de muita pobreza e tensões políticas além de um contexto socioeconômico de transição de um país rural para um país industrial. Dom Helder Câmara, bispo de Olinda e Recife, posteriormente ficou conhecido como o padre comunista e o “o arcebispo vermelho” – nome dado por Nelson Rodrigues. Segundo o dramaturgo, Dom Helder Câmara era o padre que estava tão engajado nas coisas terrenas que as coisas transcendentais deixaram de ser o centro de sua pregação: “D. Helder só olha o céu para saber se leva ou não o guarda-chuva”<sup>62</sup>.

---

<sup>60</sup> SOUZA, N. de. A pobreza da Igreja: história e teologia do Documento 14 da Conferência de Medellín. *Caminhos*, 2019.

<sup>61</sup> SOUZA, N. de. A pobreza da Igreja: história e teologia do Documento 14 da Conferência de Medellín. *Caminhos*, 2019, p. 731.

<sup>62</sup> CARDOSO, M. O arcebispo vermelho em Aracaju. *Infonet*, 19 dezembro 2022.

A CNBB, criada por Dom Helder Câmara, não se tratava de outra coisa senão de uma espécie de “partido político”, ou de uma base marxista militante, responsável em parte pela criação do PT, de vários movimentos estudantis e movimentos sociais como o próprio MST.

O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, fundador do PT, condenado em todas as instâncias no Brasil como líder no maior escândalo de corrupção da história do país, disse certa vez: “Mas por que eu cheguei aonde eu cheguei? Porque eu tenho por detrás de mim um movimento, eu tenho por detrás de mim uma grande parte da Igreja Católica {... a base da Igreja Católica...} (...) e eu era fruto da Teologia da Libertação”<sup>63</sup>.

Neste ponto, imagino que o caro leitor esteja confuso, pois são tantas as informações e afirmações que ligam o esquerdismo brasileiro à influência direta da União Soviética, e são tantos os fatos que mostram como o Brasil está infestado desde as suas entranhas da ideologia comunista (que matou mais de 100 milhões de pessoas no mundo), que tudo isso beira a teoria da conspiração. Quer dizer, nenhum outro livro provavelmente ligou o surgimento do MST ao grupo terrorista com treinamento de guerrilha cubana e ao braço armado da União Soviética para uma tentativa de golpe comunista no Brasil, que foram as Ligas Camponesas. Quase nenhum material publicado provavelmente liga o ressurgimento da esquerda revolucionária brasileira à infiltração soviética na Igreja Católica, ordenando padres e criando uma teologia anticristã. Tudo isso se explica pelo simples fato de que o vírus mortal que corre nas veias no Brasil foi fabricado na sala dos fundos da União Soviética, e tem sido usado por políticos poderosos para se perpetuarem no poder e implantarem seus ideais escusos. A maior vitória da Sociedade Fabiana, do gramiscismo, da Escola de Frankfurt e do próprio marxismo revolucionário é o de serem irrastráveis, invisíveis e atuarem nas sombras, e para isso nada melhor do que fazer uma nação inteira acreditar que todos os fatos malignos acerca de sua origem, seus objetivos e sua atuação não passam de pura teoria da conspiração.

A Teologia da Libertação é, portanto, a responsável pelo nascimento e ascensão da esquerda brasileira e, antes disso, ela

---

<sup>63</sup> RIPPEL, N. Lula explica como a Igreja Católica ajudou-o no socialismo. *YouTube*, 10 março 2015.

foi a responsável por enfraquecer as bases cristãs da América Latina pela sua capacidade de ao mesmo tempo vestir o discurso de amor ao pobre enquanto aumentava seu poder de influência fazendo do pobre um meio para o fim político.

### 3.4 Origem da Teologia da Libertação

Johann Baptist Metz é autor de *Teologia Política*<sup>64</sup>, no qual analisa as ideias revolucionárias à luz de uma teologia. A partir daí, um de seus alunos, o teólogo Gustavo Gutiérrez escreveu a primeira sistematização de uma teologia revolucionária e se perpetuou como pai dessa teologia. É quase impossível compreender o surgimento do MST ou até mesmo o fenômeno de adesão das massas ao movimento sem compreender o que Gutiérrez descreve em seu livro intitulado *Teologia da Libertação*<sup>65</sup> (1986). Portanto, investir algumas páginas nesse assunto é de extrema importância não só para compreender a gênese do movimento como também para compreender o que, sem dúvida, é a maior influência no pensamento da esquerda brasileira.

Para Gutiérrez, a Teologia da Libertação surge dos vários tipos de relação opressor/oprimido nos quais os homens se encontram, não somente enquanto indivíduos, como também enquanto nação, continente, classes sociais etc. Ao refletir sobre o tema da pobreza e da miséria no mundo a Igreja Católica sempre se posicionou em favor do desenvolvimento de um determinado país como resposta aos problemas socioeconômicos, ou seja, pela lógica, a melhor forma de resolver o problema da pobreza é multiplicando a riqueza para aqueles que não têm. O papel da Igreja em promover uma verdadeira justiça social estaria em garantir que essa riqueza fosse gerada e distribuída de forma justa, no processo natural de um desenvolvimento, a partir de meios legítimos e que garantissem que o direito e a dignidade

---

<sup>64</sup> OLIVEIRA E SILVA, Padre José Eduardo de. “Teologia da libertação, uma das linhas de pensamento mais influentes do século XX”. *Brasil Paralelo*, 1º dezembro 2023.

<sup>65</sup> GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*, 1986.

humana fossem sempre respeitados. Já para a Teologia da Libertação a palavra *desenvolvimento* ganha um tom pejorativo. Para os teólogos da libertação só existem países chamados “desenvolvidos”, porque o são em detrimento de outros países “subdesenvolvidos”. A expressão “sub”, nesse caso, denuncia o estado de opressão e inferioridade ao qual estão submetidos todos os países e continentes pobres. A isso Gustavo Gutiérrez chamou de “teoria da dependência”, na qual os países subdesenvolvidos são frutos da opressão e exploração dos países capitalistas a partir da política de mercado internacional. Ou seja, a Teologia da Libertação não vê os países mais bem sucedidos do mundo como modelos econômicos a serem seguidos; ela os vê exclusivamente como opressores e algozes dos países subdesenvolvidos.

Desde alguns anos prepondera na América Latina diferente modo de ver. Percebe-se cada vez melhor que a situação de subdesenvolvimento é o resultado de um processo, e portanto deve ser estudada em perspectiva histórica, quer dizer, em relação ao desenvolvimento e expansão dos grandes países capitalistas. O subdesenvolvimento dos países pobres como fato social global aparece então em sua verdadeira face: como o subproduto histórico do desenvolvimento de outros países. Com efeito a dinâmica da economia capitalista leva ao estabelecimento de um centro e de uma periferia e gera simultaneamente progresso e Riqueza crescente para a minoria, tensões políticas e pobreza para a maioria. Nesse contexto nasceu e se desenvolveu a América Latina<sup>66</sup>.

Outros possíveis nomes para a Teologia da Libertação fornecidos pelo próprio autor seriam: a *teologia das coisas terrestres*, a *teologia da história*, a *teologia do desenvolvimento*, ainda *teologia política* ou até mesmo *teologia da revolução*<sup>67</sup>. A cada parágrafo de *Teologia da Libertação* fica mais evidente que o propósito do livro não é necessariamente propor uma teologia. A proposta de Gutiérrez se aproxima cada vez mais de uma tentativa de usar a maior religião do mundo como instrumento para implantar na mente latino-americana as ideias de comunistas. Isso fica um tanto evidente quando o autor começa a “dar nomes aos bois”, e

<sup>66</sup> GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*, 1986, p. 78.

<sup>67</sup> *Ibidem*, p. 49.

então é possível confirmar no fim quem é o grande inimigo da América Latina: o “monstro opressor e capitalista”, os Estados Unidos da América.

O malogro dos esforços reformistas acentua esta atitude. Hoje, os grupos mais despertos, nos quais se impõe o que chamamos nova consciência da realidade Latino Americana, crêem que só pode haver desenvolvimento autêntico para a América Latina na libertação da dominação exercida pelos grandes capitalistas, e em especial pelo país hegemônico: os Estados Unidos da América do Norte. O que implica além disso o confronto com seus aliados naturais: os grupos dominantes nacionais. Torna-se, com efeito, cada vez mais evidentes que os povos latino-americanos não sairão de sua situação a não ser mediante uma transformação profunda, uma **revolução social** que mude radical e qualitativamente as condições em que vivem atualmente. Os setores oprimidos no interior de cada país vão tomando consciência lentamente, é verdade, de seus interesses de classe e do penoso caminho a percorrer até a quebra do atual estado das coisas e, mais lentamente ainda do que implica a construção de uma nova sociedade<sup>68</sup> (grifos meus).

O fundamento da Teologia da Libertação não disfarça seu apreço pelas ideias de Hegel, Karl Marx, Freud, e até mesmo aos pensadores da Escola de Frankfurt. Para Gutiérrez, a Teologia da Libertação nasce justamente da simbiose entre teologia e teoria crítica, o que em si é uma contradição, pois a verdadeira teologia cristã está fundamentada em dogmas e doutrinas, enquanto a teoria crítica é justamente a relativização de verdades absolutas e a dissolução da moral. A Teologia da Libertação não propõe uma nova forma de fazer teologia; antes, ela propõe uma nova teologia, uma nova cristandade voltada não mais para o transcendente, mas agora para os problemas sociais. O diabo e os demônios desaparecem, em seu lugar surge o mal social; Jesus Cristo é esvaziado de sua divindade e se torna um justiceiro social, tal qual os marxistas acreditam ter sido Fidel, Che, ou qualquer outro.

A Teologia da Libertação propõe uma revolução social e cultural para que, criando um novo homem, possa criar daí

---

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 84.

uma nova sociedade. Para isto, ela conta com seus agentes: os pedagogos, aqueles que atuarão para aumentar o nível de consciência social e política, como é o caso dos guerrilheiros, e aqueles que trabalharão para modificar o subconsciente através da doutrinação ideológica, como é o caso de Paulo Freire, por exemplo. Sobre Che Guevara, Gutiérrez escreveu:

Os revolucionários – escrevia Ernesto Che Guevara – precisamos muitas vezes dos conhecimentos e da audácia intelectual necessária para encarar a tarefa do desenvolvimento de um homem novo por métodos distintos dos convencionais; estes sofrem da influência da sociedade que os criou<sup>69</sup>.

O que o teólogo Gustavo Gutiérrez não menciona aqui é que Che Guevara foi um dos maiores psicopatas sanguinários já visto, não só na América Latina como no mundo, sendo responsável por uma série de crimes contra a humanidade. Foi responsável pela criação de campos de trabalho forçado, crimes de homofobia e intolerância religiosa, fuzilamento sem julgamento e incentivo à guerra nuclear, sem contar que até hoje não se consegue dimensionar a quantidade de homicídios feitos de forma direta e indireta pelo revolucionário cubano no uso de seus “métodos não convencionais”, como ele preferiu chamar, para implantar a revolução socialista cubana.

Gutiérrez cita Paulo Freire como um exemplo de protagonismo no que diz respeito a levar o oprimido a um nível de consciência social a ponto de ele se tornar um “novo homem”. No entanto, Gutiérrez entende que a metodologia de Paulo Freire é diferente da de Che Guevara, pois enquanto Che busca a libertação por vias armadas, Paulo Freire promove uma “ação cultural”, uma “pedagogia do oprimido” pela qual o homem sairá de um estado de ingenuidade para um estado de consciência crítica:

Neste último aspecto, um dos esforços mais criadores e fecundos realizados na América Latina são as experiências e trabalhos de Paulo Freire, que tenciona constituir uma

---

<sup>69</sup> GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*, 1986, p. 87.

‘pedagogia do oprimido’. Por meio de uma ‘ação cultural’ que une teoria e práxis desalienante e libertadora, o homem oprimido percebe e modifica sua relação com o mundo e com os outros homens. Passa deste modo de uma ‘consciência ingênua’ – que não problematiza, que superestima o tempo passado, tende a aceitar explicações fabulosas e busca polemizar – a uma consciência crítica’, que aprofunda os problemas, é aberta ao novo, substitui as explicações mágicas pelas causas reais e tende a dialogar.

Neste processo, denominado por Freire ‘conscientização’, o oprimido ‘extrojeta’ a consciência opressora que nele habita, adquire conhecimento de sua situação, encontra sua própria linguagem e torna-se, ele próprio, menos dependente, mais livre, comprometendo-se na transformação e construção da sociedade<sup>70</sup>.

Vemos aqui o que já refletimos no primeiro capítulo: a problematização como instrumento de manipulação das massas. Paulo Freire, por sua vez, fez com a educação o que Gutiérrez fez com a teologia: usou-a como instrumento revolucionário, única e simplesmente como meio para um fim, o socialismo. Seu método consiste em problematizar todas as relações humanas dividindo-as em classes, vitimizando os indivíduos, separando-os em grupos minoritários e apresentando a revolução como saída; onde quer que haja um problema ali estará um marxista para se beneficiar da dor.

Sendo assim, a Teologia da Libertação não pode ser levada a sério como uma teologia. Ela é, antes de tudo, o resultado da infiltração marxista no seio da fé para destruir a fé.

Não é o objetivo deste livro fazer uma análise da Teologia da Libertação e expor suas ideias heréticas e demoníacas de forma mais profunda, no entanto quero mostrar ao leitor um simples trecho do Evangelho de Jesus Cristo, segundo escreveu o Apóstolo João, que elimina, ele só, a falácia de que o cerne da fé cristã é pautada na justiça social, ou na preocupação última com esse mundo material.

Seis dias antes da Páscoa, Jesus entrou em Betânia, onde vivia Lázaro, ressuscitado pouco tempo antes. Lázaro e suas

---

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 88.

irmãs convidaram Jesus para jantar em casa. Marta servia. Lázaro era um dos que estavam assentados à mesa com eles. Maria veio com um jarro de óleos aromáticos muito caros, ungiu e massageou os pés de Jesus e depois os enxugou com os cabelos. A fragrância dos óleos encheu a casa.

Judas Iscariotes, um dos Doze, que estava prestes a traí-lo, lamentou: ‘Por que esse óleo não foi vendido e o dinheiro distribuído aos pobres? Seria fácil conseguir trezentas moedas de prata por ele’. Disse isso não porque se importava com os pobres, mas porque era ladrão. Era o tesoureiro do grupo e costumava se apropriar indevidamente do dinheiro que guardava.

Jesus, porém, disse: ‘Deixem-na em paz! Ela está antecipando e honrando o dia do meu sepultamento. Os pobres estão o tempo todo com vocês. Quanto a mim, nem sempre terão’<sup>71</sup>.

Esse texto bíblico é autoexplicativo, mas quero tecer breves comentários para não restar dúvidas nos seguintes pontos:

- Maria era irmã de Lázaro, a quem Jesus havia ressuscitado. Reconhecendo ela que Jesus era o filho de Deus, ela pega um frasco de puro nardo, um perfume que custava em média 300 denários (na moeda atual seria o equivalente a cerca de um ano de salário de um trabalhador comum, de 10 a 12 salários-mínimos). Ela derrama o perfume aos pés de Jesus como sinal da sua devoção e para demonstrar que nenhum bem material pode ser o fim último da busca do ser humano; antes a adoração ao Criador e a salvação da própria alma pela graça que há em Cristo Jesus.
- Seria um anacronismo chamar Judas de marxista, mas veja como ele usa o discurso da sua “escolha preferencial pelo pobre”, mas, faz isso, em detrimento de Jesus, o autor da salvação e mensageiro do Evangelho. Judas era o tesoureiro entre os discípulos, tinha na ponta da língua o discurso do pobre ao passo que roubava o próprio Jesus e seus amigos. Isso denota duas coisas importantes: a primeira é que, tendo o ser humano uma natureza má, há uma disfunção cognitiva entre seu discurso e sua prática e não é porque alguém afirma ter boas intenções

---

<sup>71</sup> A Mensagem. *Bíblia Sagrada*, 2011.

para com os pobres que devemos dar a esse discurso total credibilidade; a segunda é que, ainda que Judas não fosse ladrão, antes fosse bem-intencionado, ainda assim sua teologia estaria equivocada, pois o propósito de Jesus ter vindo ao mundo não foi para resolver todos os males sociais e promover um utópico paraíso na Terra. Jesus veio ao mundo resolver o problema original, muito maior que a desigualdade social. Na verdade, a causa de todo o mal social, moral e espiritual da humanidade, o problema do pecado.

- Ao reprovar a problematização que Judas e alguns outros discípulos fizeram da atitude devota de Maria, Jesus revela que a adoração a Deus, na pessoa de Jesus deve ser o centro do Evangelho e não a justiça social. É fato que o Evangelho de Jesus carrega em si a mensagem do amor a Deus em primeiro lugar e o amor sacrificial ao próximo, seguindo o próprio exemplo do Cristo crucificado. É fato que amar o próximo significa também o amparo aos pobres, o cuidado para com o órfão e a viúva e a busca pela verdadeira justiça social, mas isso não deve ser confundido com Teologia da Libertação. A Teologia da Libertação é humanista e vazia de sentido transcendente, ela ignora a divindade de Jesus e seu sacrifício para resolver o problema do pecado original. Afinal, Evangelho significa “boas novas”, ou em termos mais simples, “a boa notícia”, e essa boa notícia é que, como disse Jesus, “no mundo vocês terão aflições, mas tenham bom ânimo, eu venci”. Isso não significa que Jesus venceu o sistema, significa que ele venceu a morte, ressuscitou ao terceiro dia e tem ele em suas mãos o poder de dar vida eterna, tem ele as chaves da morte e do inferno.

Como boa doutrina marxista que é, a Teologia da Libertação não poderia desembocar de outra forma a não ser no tema da propriedade privada e dos meios de produção. Desde os primórdios dos tempos, tanto a tradição judaica como a tradição cristã veem na composição do núcleo familiar o projeto original de Deus para abençoar todos os povos, desde o patriarca Abrão,

a quem Deus proferiu as palavras “... em ti serão benditas, todas as *famílias* da terra”<sup>72</sup>, até Jesus, quando falou contra o divórcio e declarou “*não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: ‘Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne?’*”<sup>73</sup>. A propriedade privada é compreendida desde então como um direito natural, inalienável e sagrado, pois a propriedade existe para garantir a subsistência da família e a proteção da mesma. Como poderia, pois, um homem garantir o bem-estar e o futuro da sua prole e gozar do fruto do seu trabalho sem delimitar aquilo que é propriamente seu? O ataque à propriedade privada é, portanto, um ataque à família, e um ataque a família é por sua vez um ataque à Igreja; eis aí os três pilares no qual o marxismo se propõe a destruir ao pautar o fim da propriedade privada. Em *Teologia da Libertação*, Gutiérrez explica:

(...) as dificuldades para conseguir uma conciliação entre a justiça e a propriedade privada levaram muitos à convicção de que ‘a propriedade privada do capital conduz de fato à diferenciação entre capital e trabalho, ao predomínio do capitalista sobre o trabalhador, à exploração do homem pelo homem... A história da propriedade privada dos meios de produção põe em evidência a necessidade de sua diminuição ou supressão em favor do bem social. Dever-se-á, pois, optar pela propriedade social dos meios de produção’<sup>74</sup> (p. 103-104).

Entender a trajetória da Teologia da Libertação – desde a KGB soviética influenciando o Concílio Vaticano II até a sua instituição a partir dos documentos do Pacto das Catacumbas e da Conferência Episcopal em Medellín e, por fim, sua sistematização pelo teólogo Gustavo Gutiérrez – é o fio condutor que precisávamos para desenhar as informações contidas no DNA que resultará na criação do MST. Sem a Teologia da Libertação o MST não existiria e jamais se perpetuaria por tanto tempo, como veremos a seguir. Contudo, talvez o ponto de ligação que precisávamos para compreender esse fenômeno

<sup>72</sup> *Bíblia Sagrada* (edição revista e atualizada), 1999.

<sup>73</sup> *Idem*.

<sup>74</sup> GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*, 1986.

está ainda no livro de Gutiérrez quando ele explana não somente os conceitos da teologia marxista da libertação, como também da sua propagação através de uma espécie de “evangelização revolucionária”, para conscientizar os homens, ou seja, se a Teologia da Libertação é vista como uma doutrina, os bispos marxistas precisam com urgência iniciar um processo massivo de doutrinação, e a doutrinação deve ser o resultado final dessa teologia. Sobre isso os bispos de Medellín escreveram o seguinte:

Reconhecendo que talvez a deficiente apresentação da mensagem cristã tenha criado a Imagem de ser a religião o ópio do povo – declaram sacerdotes peruanos – sentir-nos-íamos agora culpados de grande traição ao desenvolvimento do Peru se calássemos a riqueza doutrinal do evangelho como uma **mística revolucionária**<sup>75</sup> (p. 109, grifos meus).

Percebe-se até aqui que a Teologia da Libertação assumiu o materialismo histórico de Karl Marx. Gustavo Gutiérrez e os bispos de Medellín apresentam uma teologia cética, mundana, centrada na luta de classes, uma teologia racional cujo objetivo final é aumentar o nível de consciente e subconsciente do homem para que, enquanto ele vai se descobrindo durante o processo histórico, vai tomando também as rédeas da própria existência e sendo transformado em um novo homem. Esse caráter racional, porém, vai assumir *a posteriori* um caráter mais evoluído que culminará nessa mística revolucionária, uma espécie de religião comunista, que tem a pretensão de não somente tocar a razão, mas desta vez tocar a alma, as emoções e a fé. É necessariamente esse novo desdobramento da Teologia da Libertação, de caráter místico e revolucionário, que dará origem ao Movimento Sem-Terra. O MST, por sua vez, assumirá características de seita, se apropriando de narrativas, conceitos e símbolos da fé cristã para se estabelecer no Brasil, e, para isso, contou com uma espécie de “evangelização marxista” que foi possível graças às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

---

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 109.

## 3.5 Comunidades Eclesiais de Base e a Comissão Pastoral da Terra

“A Teologia da Libertação foi mais importante para a revolução na América Latina que o marxismo.”<sup>76</sup>

**Fidel Castro ao bispo Pedro Casaldáliga.**

Os militares foram eficazes em evitar que os comunistas tivessem êxito em sua tentativa de “golpe do proletariado”, em 1964. Além de evitar uma ditadura comunista, os militares também foram assertivos em colocar as Ligas Camponesas na ilegalidade. No entanto, as Ligas Camponesas – que foram de particular interesse para a União Soviética no Brasil, possuíam treinamento de guerrilha cubana e dispunham de grande exército de militantes – tiveram que parar suas atividades revolucionárias e recuar sua luta contra a propriedade privada e viver nas sombras nos 20 anos que se seguiram. Além do mais, para voltar com suas atividades, tiveram que se reinventar e, para isso, nada melhor que contar com aqueles que seriam seus mais importantes aliados: os marxistas da Teologia da Libertação.

Talvez o tripé que mais ganhou a vanguarda na aplicação cultural dos desdobramentos do Concílio Vaticano II tenha sido o teólogo Leonard Boff, o educador Paulo Freire e o frade dominicano Frei Betto. O sucesso de suas empreitadas pode ser explicado a partir de duas grandes estratégias: a primeira, por meio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), e depois, por meio de uma ação pastoral militante, a Comissão Pastoral da Terra (CPT).

Para entender o que são as CEBs, é importante entender primeiro quem é Frei Betto, que não é apenas um frade dominicano adepto da Teologia da Libertação, mas pode ser considerado um dos maiores aliados do Presidente Lula e um dos homens mais influentes da América Latina no que diz respeito às ideias socialistas. Amigo de Fidel Castro, Hugo Chávez e outros

<sup>76</sup> KÜSTER, B. P. Eles estão no meio de nós. *YouTube*, 2022.

ditadores, Frei Betto foi preso duas vezes na ditadura militar e chegou a apoiar o grupo armado Ação Libertadora Nacional (ALN), que tinha Carlos Marighella, um guerrilheiro assassino, como líder. Nos anos de 2003 e 2004, o então Presidente Lula o nomeou assessor especial da Presidência e, a partir de 2007 em diante, passou a compor a Comissão de Justiça e Paz de São Paulo. Frei Betto também atuou como assessor de diversos governos socialistas, como mediador entre Igreja e Estado<sup>77</sup>. Em seu livro, *Sinal de contradição* (1988), ele afirma:

Tive ligações com grupos de esquerda, na época de minha atividade de política estudantil, em Belo Horizonte, antes do golpe de 64. Trabalhei muito em contato com o pessoal do Partido Comunista, e depois com o pessoal da Ação Popular. Após o golpe, vinculei-me ao pessoal da ALN, comandada por Marighella. Estive sempre muito próximo de companheiros comunistas<sup>78</sup>.

Em um artigo seu publicado para o *site O Globo*<sup>79</sup>, destaca a importância das CEBs como a sementeira responsável por gerar “lideranças populares”, ou seja, as lideranças que foram responsáveis pela criação de movimentos sociais e sindicais como o MST e a Central Única dos Trabalhadores (CUT) por exemplo. Apesar de negar seu nítido envolvimento político com o PT, ao qual está explicitamente ligado, ele chega a confirmar que as CEBs formaram a base política que deu origem ao PT:

Nas décadas de 1970 e 1980, as CEBs desempenharam importante papel na conjuntura brasileira. Foram sementeiras de lideranças populares que criaram movimentos sociais e revitalizaram o sindicalismo combativo. Favoreceram a capilaridade nacional do PT, embora jamais tivessem caráter partidário e sempre abrigassem militantes de diferentes partidos<sup>80</sup>.

---

<sup>77</sup> BETTO, F. Lideranças políticas. NEAMP/PUC-SP. GHZ, 2020.

<sup>78</sup> BETTO, F.; BORGES FILHO, A. *Sinal de contradição*. 1988.

<sup>79</sup> BETTO, F. As Comunidades Eclesiais de Base no mundo brasileiro: encontro com 5 mil pessoas debateu desafios contemporâneos em Londrina. *O Globo*, janeiro 2018.

<sup>80</sup> BETTO, F. As Comunidades Eclesiais de Base no mundo brasileiro: encontro com 5 mil pessoas debateu desafios contemporâneos em Londrina. *O Globo*, janeiro 2018.

Em outro livro, uma biografia do próprio Lula escrita por Frei Betto (2002), intitulado *Um operário na presidência*<sup>81</sup>, o autor chega a afirmar que “a proposta do PT – criado oficialmente no mês seguinte a nossa conversa – vinha ao encontro das expectativas das Cebes”<sup>82</sup>. Dados os fatos, basta um olhar investigativo sobre o que são as CEBS e a CPT, e será possível compreendermos mais claramente do que se trata o DNA do MST. Em seu livro *O que é Comunidade Eclesial de Base*<sup>83</sup> (1981), Frei Betto explica:

São **comunidades**, porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma igreja e moram na mesma região. Motivadas pela fé, essas pessoas vivem uma comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras.

São **eclesiais**, porque congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. São de **base**, porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares): donas-de-casa, operários, subempregados, aposentados, jovens e empregados dos setores de serviços, na periferia urbana; na zona rural, assalariados agrícolas, posseiros, pequenos proprietários, arrendatários, peões e seus familiares. Há também comunidades indígenas. Segundo estimativas não oficiais, existem no país, atualmente, 80 mil comunidades eclesiais de base, congregando cerca de dois milhões de pessoas crentes e oprimidas<sup>84</sup> (p. 7, grifos meus).

As CEBs nada mais são do que células marxistas difundidas por todo o território brasileiro no qual se fazia a aplicação da Teologia da Libertação. Determinados grupos de pessoas se reuniam em comunidade, seja em uma casa, uma praça, ou em um salão paroquial, e ali eles colocavam em prática uma metodologia chamada “ver-julgar agir”:

As comunidades eclesiais de base se orientam pelo método ver-julgar-agir. Reunidos num barraco de vila, na casa modesta de um lavrador ou no salão paroquial, os

<sup>81</sup> BETTO, F. *Um operário na presidência*. 2002.

<sup>82</sup> KUSTER, B. P. Dossiê Frei Betto – o “papa” das CEBs. *YouTube*, fevereiro 2018,

<sup>83</sup> BETTO, F. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. 1981.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 7.

participantes fazem suas orações e cânticos e, em seguida, colocam seus problemas e dificuldades. Em geral, são problemas domésticos (uma filha doente, um vizinho desalojado de seu terreno, o mutirão para erguer o barraco destruído pela chuva) e profissionais (a obrigação de fazer horas extras na fábrica, a organização do sindicato rural, o desemprego).

A maneira de se colocarem as questões varia muito. Em certas comunidades, o monitor – ou coordenador – simplesmente indaga aos participantes como foi a semana em casa, no bairro, no trabalho. No relato, saem os problemas e as dificuldades; percebe-se que uma ou duas questões se impõem como mais importantes. A esta parte, chama-se o ver<sup>85</sup> (p. 10).

As comunidades eram formadas para descobrir quais eram os problemas comuns àquela determinada população; após “ver” a demanda, é hora então de problematizá-la e “julgar”, criando um plano estratégico de resolução, para, então, “agir”, pondo em prática mobilizações comunitárias, passeatas, protestos e reivindicações. As CEBs eram caracterizadas por não depender de um sacerdote católico, nem das liturgias tradicionais da Igreja; antes ela se utilizara da estética de uma missa católica, porém assimilava características locais e era independente em suas liturgias e decisões.

*É na zona rural que as comunidades de base mais proliferam. O homem do campo – pequeno-agricultor, boia-fria, assalariado rural – encontra na igreja seu principal referencial ideológico. Ao contrário do operário urbano, sua cultura está impregnada de religiosidade. A palavra do padre ou do bispo é, para ele, a palavra de Deus. No caso brasileiro, os camponeses, desprovidos de apoio oficial, sem condições de obter crédito bancário, vítimas dos intermediários que pagam pouco pelo produto que depois revendem caro, não têm como se defender senão através do sindicato rural e das comunidades de base<sup>86</sup> (p. 9).*

---

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 10.

<sup>86</sup> BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. 1981, p. 9.

Ao olhar distraído e meramente estético, as CEBs parecem remontar à Igreja primitiva, e, segundo o livro de *Atos dos Apóstolos*<sup>87</sup> (At 2: 42-47), a Igreja se reunia nas casas dos fiéis, compartilhava de suas dores e juntos repartiam o pão com singeleza de coração. Bem distante disso, as CEBs funcionavam como uma organização para promover a doutrina revolucionária marxista, pregar a divisão de classes e mobilizar a população pobre para devolver o poder à esquerda brasileira. Não era Jesus, nem o seu Evangelho, o centro das reuniões, mas sim uma falsa teologia criada artificialmente para fazer política. Como bem explicitou Frei Betto, é justamente nos meios rurais onde os apóstolos da revolução têm mais força.

Surge, então, a segunda grande estratégia: a já mencionada CNBB criou, no ano de 1975, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) com o objetivo de intervir de forma política com roupagem religiosa em questões rurais a partir da Igreja Católica, pela Teologia da Libertação, como observou Betto:

O sindicato quase sempre fica atrelado à política oficial, restrito a atividades assistencialistas. As comunidades rurais articulam-se com a Comissão Pastoral da Terra, órgão da Conferência Nacional dos Bispos. A CPT acompanha os problemas das comunidades rurais, denuncia os conflitos, divulga os casos de opressão, apóia a luta dos posseiros, dos bóias-frias e dos peões escravizados nos latifúndios.

As comunidades rurais não têm uma consciência política explícita enquanto categorias cartesianamente acadêmicas, mas vivem na carne o sofrimento resultante da mais brutal opressão. Por isso, não temem a luta por seus direitos, pois já não têm nada a perder. Essa luta é travada pelos próprios lavradores: procuram tomar o sindicato das mãos oficiais, expressam seus sofrimentos em versos e canções, promovem mutirões para comprovar a força de sua união, fazem manifestações públicas para denunciar a opressão em que vivem.

Na consciência das comunidades rurais, a luta é a vivência do Evangelho. Elas não perguntam qual a distinção entre evangelização e libertação, que é o trabalho supletivo da Igreja ou se o Evangelho é pela violência ou não-violência.

---

<sup>87</sup> *Bíblia Sagrada*. Edição revista e atualizada, 1999.

Premidas pela necessidade, sabem que Deus criou a terra para todos e que a terra deve ser de quem nela trabalha. Por isso, resistem ao acelerado ingresso do capitalismo no campo, principalmente aos projetos agropecuários das empresas multinacionais, proprietárias de extensões de terras que ultrapassam, às vezes, um milhão de hectares<sup>88</sup>.

Frei Betto sabia que a população rural das décadas de 1970 e 1980 era de pessoas pobres e completamente despolitizadas – eram como uma folha em branco nas mãos de líderes revolucionários, como a história provaria mais tarde. Aquela população camponesa guiada espiritualmente pela voz da Teologia da Libertação não sabia distinguir entre cristianismo e marxismo e, uma vez fragilizada pela sua condição de miserabilidade, encontraria nessa nova “religião”, com promessas de justiça social, o amparo que ansiava sua alma. Pedro Stédile, acompanhando a visão de Frei Betto, descreve o surgimento do MST a partir desse mesmo contexto das CEBs e da CPT:

Agora, há um segundo elemento muito importante na gênese do MST. O primeiro aspecto, como vimos, é o socioeconômico. O segundo é o ideológico. Quero ressaltá-lo porque é importante na formação do movimento. É o trabalho pastoral, principalmente da Igreja Católica e da Igreja Luterana. O surgimento da Comissão Pastoral da Terra (CPT), em 1975, em Goiânia (GO), foi muito importante para a reorganização das lutas camponesas<sup>89</sup> (p. 19).

Stédile não tem receio de ligar a gênese do MST à Teologia da Libertação e especificamente à CPT. Mais à frente, ele acrescenta o caráter materialista desse movimento, que tira o olhar dos fiéis das coisas mais altas e transcendentais e coloca-os na revolução, e ressalta a influência dos padres marxistas nas mobilizações rurais que deram origem ao movimento<sup>90</sup>:

Outro aspecto importante, com o surgimento da CPT, é o pastoral. Penso que é um elemento importante de aplicação

---

<sup>88</sup> BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. 1981, p. 9.

<sup>89</sup> STÉDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. *Brava gente*. 2005, p. 19.

<sup>90</sup> *Ibidem*, p. 20.

prática do que foi o Concílio Vaticano II e das outras encíclicas progressistas que o seguiram. E que, de certa forma, acabou sendo expresso pela Teologia da Libertação. **A CPT foi a aplicação da Teologia da Libertação na prática**, o que trouxe uma contribuição importante para a luta dos camponeses pelo prisma ideológico. Os padres, agentes pastorais, religiosos e pastores discutiam com os camponeses a necessidade de eles se organizarem. **A Igreja parou de fazer um trabalho messiânico e de dizer para o camponês: ‘Espera que tu terás terra no céu’. Ao contrário, passou a dizer: ‘Tu precisas te organizar para lutar e resolver os teus problemas aqui na Terra’.** A CPT fez um trabalho muito importante de conscientização dos camponeses<sup>91</sup> (p. 20, grifos meus).

As palavras de Stédile fazem compreender que a CPT teve sua relevância porque se encontrava no seio da Igreja Católica e saiu de um contexto regional para ganhar o cenário nacional. Também porque ela assumiu um caráter ecumênico e se tornou uma incubadora de todas as pautas progressistas do campo. Comprou a luta dos pequenos produtores, dos indígenas, dos camponeses e de qualquer demanda que fosse capaz de beneficiar direta e indiretamente a revolução. Foi justamente ao perceber que o crescimento exponencial da CPT se dava pelo fato de que o país sofria um duro processo de transição que agravava os problemas sociais e que esse era o cenário perfeito para, de alguma forma, ressuscitar as Ligas Camponesas, que Pedro Stédile decidiu organizar o primeiro encontro dos sem-terras<sup>92</sup> (2005), alguns anos depois.

Eu estava na CPT nessa época. Lembro-me de que, num dos primeiros debates, ainda com esse caráter pastoral, nos anos de 1981 ou 1982, quando já estavam pipocando as lutas, a CPT levou o professor José de Souza Martins para assessorar a reunião. Não lembro se foi numa plenária ou num trabalho de grupo, debaixo das mangueiras existentes no Centro de Formação da Diocese de Goiânia, que ele fez uma afirmação marcante: ‘A luta pela terra no Brasil só terá

---

<sup>91</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>92</sup> STÉDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. *Brava gente*. 2005, p. 21.

futuro e somente se transformará em um agente político importante para mudar a sociedade se conseguir adquirir um caráter nacional e se conseguir organizar os nordestinos'. Foram dois desafios que me marcaram. Saí de lá com isso na cabeça. E a CPT ajudou a superá-los. Cresceu a convicção de que deveríamos construir um movimento nacional e romper com o regionalismo gaúcho, sempre muito cioso de si, que achava que sozinho podia ir longe<sup>93</sup>.

O cenário perfeito para a fundação do MST estava criado. Stédile estava munido com a vitória midiática da invasão das fazendas Macali e Brilhante em 1979, estava amparado pela CPT, que se agigantava no Brasil, estava desimpedido politicamente pelo fim do período militar que se aproximava, e, ele e seus companheiros organizaram em 1984 1º Encontro Nacional, fundando oficialmente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), em Cascavel, no Estado do Paraná.

*O 1º Congresso do MST, organizado a partir do 1º Encontro Nacional em Cascavel, no Paraná, em 1984, aconteceu durante os dias 29 a 31 de janeiro de 1985. Dele foi tirado como orientação a ocupação de terra como forma de luta, além de ter sido definido os princípios do MST: a luta pela terra, pela Reforma Agrária e pelo socialismo<sup>94</sup>.*

Até aqui me propus a mostrar as três faces do MST. A primeira face foi explicada a partir do êxodo rural brasileiro e os problemas sociais dos quais os marxistas se aproveitaram para retomar as invasões de propriedades privadas no Brasil. Na segunda face vê-se o fator político do movimento, tendo como origem a tentativa de implantar uma ditadura comunista no Brasil por influência da União Soviética. Por fim, foi analisado o fator ideológico-religioso, que surgiu também como influência da União Soviética, dessa vez sendo a Igreja Católica instrumentalizada e usada como face religiosa de um projeto político de poder, através de uma teologia criada artificialmente com essa finalidade. Para encerrar este bloco, quero registrar um texto recortado do *site* do movimento cujo título é “Surge

---

<sup>93</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>94</sup> KÜSTER, B. P. Eles estão no meio de nós. *YouTube*, 2022.

o MST”, que confirma exatamente as três faces do movimento: *lutar pela terra (socio-econômica), lutar pela reforma agrária (política) e lutar por mudanças sociais no país (ideológica-religiosa).*

Em 1984, os trabalhadores rurais que protagonizavam essas lutas pela democracia da terra e da sociedade se convergem no 1º Encontro Nacional, em Cascavel, no Paraná. Ali, decidem fundar um movimento camponês nacional, o MST, com três objetivos principais: lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país<sup>95</sup>.

---

<sup>95</sup> KÜSTER, B. P. Eles estão no meio de nós. *YouTube*, 2022.



# 4

---

## Uma face mais oculta

## 4.1 Da pobreza às entranhas do MST

Nesses primeiros capítulos fiz questão de não incluir experiências pessoais, em uma tentativa de não minar a importância dos fatos históricos até aqui apresentados. No entanto, não é possível transmitir as revelações que farei a partir de agora se não adentrar ao campo da discussão com aquilo que tenho de mais marcante, que é a minha própria experiência de doutrinação. Para isso faço uso de uma reflexão feita por Viktor E. Frankl, o criador da logoterapia, que sobreviveu aos campos de concentração em Auschwitz e conta, em seu livro *O homem em busca de um sentido* (2012), todos os horrores que viveu sob o nazismo na II Guerra Mundial. Ao contar minha história, tal qual Viktor, vejo como é difícil me distanciar emocionalmente de um passado de dor e sofrimento que me causaram sequelas irreparáveis. Contudo, preciso contá-la, com a responsabilidade de ser fiel à própria consciência para trazer ao mundo essa verdade. Acerca disso, Viktor Frankl (2012) escreveu:

(...) poderá um homem que faz as suas observações, sendo ele mesmo um prisioneiro, ter o distanciamento necessário? Tal distanciamento é garantido a quem está de fora, mas esses estão demasiado longe das coisas para poderem fazer afirmações com real valor. Só quem esteve lá é que sabe. Os seus juízos podem não ser objetivos; as suas avaliações podem ser desproporcionadas. Isso é inevitável. Mas tem de ser feito um esforço para evitar preconceitos pessoais e é essa a verdadeira dificuldade de um livro deste gênero<sup>96</sup>.

Venho de uma família pobre do interior do Mato Grosso. Meu pai, que naquela altura já vinha de uma família desajustada socialmente, acabou cedendo ao alcoolismo e reproduzindo em nossa família uma desestrutura familiar que nos levou à pobreza e à miséria. Certa vez, flagrei minha mãe aos risos lendo um livro que trouxera da biblioteca da igreja; ela me disse: “Veja o que está escrito neste livro”. No livro em questão, a personagem contava

---

<sup>96</sup> FRANKL, V. *O homem em busca de um sentido*. 2012, p. 22.

o testemunho de sua vida e dizia que “era tão pobre que até os pobres a chamava de pobre”. Rimos juntos naquele momento, pois aquela frase refletia exatamente a nossa condição de miséria. Minha mãe, Antônia Poncio, uma mulher de etnia indígena, cujo pai era nordestino e a mãe de origem italiana, encontrou em uma pequena igreja evangélica das Assembleias de Deus, um lugar de amparo espiritual e social para ajudá-la na criação de seus três filhos: eu, meu irmão Maxsuel e minha irmã Deise Poncio.

Sim, quando o Estado nos desamparou, quando erámos invisíveis aos olhos da sociedade, quando vivíamos a extrema pobreza, completamente desamparados pelo Estado, foi a igreja de Jesus Cristo quem nos encontrou e nos devolveu dignidade, com seus projetos sociais, cestas básicas, amor fraternal e anúncio do Evangelho. A nossa condição era precária, a ponto de, com pouco mais de sete anos de idade, já me esforçar por trabalhar na pequena cidade do Mato Grosso onde nasci. A cidade tinha cerca de 5.000 habitantes, e as margens da autoestrada eram cercadas por barracas ao longo da BR-364, que comercializavam com os caminhoneiros que ali paravam – palmito, água de coco, móveis de madeira e bambu e pequenos artesanatos.

Começar a trabalhar quando ainda criança e lidar com certas responsabilidades em casa me obrigou a adquirir certa maturidade precoce, o que me permitia devanear desde muito cedo sobre questões maiores, como o sentido da vida, a realidade social cruel na qual vivíamos e o que gostaria de fazer com a minha própria vida a partir dali. Certo dia, na igreja na qual congregávamos, ouvi um pregador fazer um apelo, após pregar o Evangelho. Perguntou se havia alguém ali que gostaria de aceitar Jesus como seu único e suficiente salvador. Eu levantei minha mão e, mesmo sob alguns olhares bem-humorados que não viam tanta seriedade naquela decisão de uma pobre criança pelo Evangelho, fui à frente e recebi a oração. Poucos meses após a decisão por Cristo, tive a experiência do batismo pelo Espírito Santo em um congresso de senhoras do Círculo de Oração. Após essa experiência transcendente e também depois de receber muitas palavras de profecias – comuns em igrejas pentecostais –, decidi que não queria fazer outra coisa com a minha vida senão crescer, trabalhar e estudar para me tornar um pastor.

Algo que me marcou nesse período da infância foi o fato de que, por viver uma completa desestrutura familiar, pobreza e muita humilhação, a Igreja para mim se tornou um lugar de refúgio, um parque de diversão. Desse modo, todos os domingos, íamos todos – com exceção de meu pai – à escola bíblica dominical, e ali aprendíamos sobre as histórias bíblicas contada pelas “tias da escolinha”. Eu não tinha noção naquele tempo de que, ao invés de apenas participar da escolinha, eu tinha uma personalidade um tanto difícil, era uma criança hiperativa e, ao invés de estudar, eu “tocava o terror” aos meus coleguinhas, e isso só pude descobrir mais tarde. Lembro-me que em determinado momento percebi que todas as professoras da Escola Dominical começaram a me tratar diferente, me pedindo ajuda, me colocando para cuidar da sala na ausência dos professores. Muitos anos depois, já adulto, eu descobriria que se tratava da influência de uma mulher ao qual eu devo muito da minha postura de liderança: a Tia Rosinha. Ao receber diversas reclamações – tanto de algumas professoras quanto de alguns pais que não suportavam mais aquela criança imperativa em sala de aula –, Rosinha, que era uma espécie de diretora da Escola Bíblica Dominical EBD, convenceu as outras tias de que se potencializassem toda aquela energia que eu tinha para assumir função de liderança, para servi-las como ajudante, elas teriam o “Pedrinho”, como eu era chamado, como seu maior aliado, e assim aconteceu. Dali até aproximadamente meus 11 anos de idade, era exatamente disso que se tratava a minha vida: sobreviver à extrema pobreza, estudar e ser um embaixador do Reino de Deus. Essas revelações acerca da minha infância, pobreza e formação religiosa serão cruciais para a compreensão do que significou mais tarde para mim a doutrinação sofrida nas mãos do MST.

Em busca de melhores condições de vida, tivemos que migrar para o Mato Grosso do Sul, para a cidade de Campo Grande, onde moravam meus parentes por parte de pai. Mudamos de estado, mas a nossa condição socioeconômica em nada havia mudado: meu pai fazendo pequenos serviços como mecânico, minha mãe desempregada, morávamos de favor na casa de um senhor que não usava a casa, pois, coincidentemente, fora conquistar uma terra em um acampamento, provavelmente o mesmo do qual faríamos parte algum tempo mais tarde. Mais uma vez, estávamos aquém do Estado e sendo amparados pelas igrejas que frequentávamos

e, dessa vez, contávamos também com a ajuda de parentes que nos auxiliavam como podiam. Abro aqui um parêntese para afirmar que as igrejas cristãs no Brasil fazem mais pelo pobre do que qualquer movimento social marxista com seus discursos demagógicos e suas promessas fraudulentas jamais fez.

Em 2003, foi o ano em que o PT chegou ao poder, o MST completava quase 20 anos desde sua fundação e uma onda de novas invasões de terra tomavam conta do país. As notícias se espalhavam, até que, enfim, meus pais souberam que havia certo lugar onde os pobres estavam conseguindo terra para cuidar de suas famílias, e foi exatamente aí que meus pais viram a oportunidade de abandonar a miséria e encontrar a solução se cadastrando no movimento.

Meus pais receberam o endereço e foram até uma reunião. Tratava-se de um acampamento chamado Oziel Alves Pereira, à beira de uma fazenda próxima ao *lixão* da cidade. Ao chegar a essa reunião viram centenas de pessoas com camisetas e bonés vermelhos, bandeiras por todos os lados e uma multidão eufórica ouvindo o que os militantes falavam. Era dia de assembleia, e o que se dizia basicamente era que dali a poucas semanas estava para ser “cortada” uma fazenda para dividir entre aquelas pessoas, mas que só poderia pegar essa terra quem antes se cadastrasse no MST, ficasse ali acampado por cerca de dois meses, morando em um barraco de lona e seguindo as regras do acampamento – algumas delas era participar das reuniões, das atividades e se preparar para pegar a terra, em uma espécie de minicurso preparatório.

Como uma mulher temente a Deus, minha mãe, que era conhecida por ser uma mulher muito sensível à voz de Deus, alguns dias antes teve um sonho em que ela se mudava com nossa família para uma espécie de cemitério. Ao chegar naquele acampamento, ela percebeu que era o mesmo lugar com o qual sonhara e, assim, entendeu que esse “cemitério”, era, na verdade, um lugar onde as pessoas estavam espiritualmente mortas e precisavam conhecer Jesus. Mesmo um tanto desconfiada e achando tudo aquilo muito estranho, a forma como as pessoas se comportavam quase que religiosamente naquele lugar, e toda aquela estética nômade, minha mãe se sentiu chamada à missão de ajudar espiritualmente aquelas pessoas. Além do mais, uma terra para trabalhar era tudo o que precisávamos para sair da extrema pobreza.

No dia 8 de março de 2003, eu e minha família chegávamos ao acampamento Oziel Alves Pereira, em Campo Grande, em uma fazenda próxima ao *lixão* do bairro das Moreninhas. Poucas semanas morando ali, descobriríamos que havia pessoas que já estavam há 10, 20 anos, ou mais, peregrinando de acampamento em acampamento e que até aquele dia não havia conseguido conquistar a tão sonhada terra. Eu e minha família perceberíamos só depois que estávamos sendo inseridos em um processo de doutrinação tão forte que mais se parecia com uma lavagem cerebral, e que os dois meses que nos prometeram para adquirir uma terra se transformariam em quase 10 anos morando em um barraco de lona, em condições insalubres, além de sermos usados como voto útil para eleger governos de esquerda. Perceberíamos muitos anos depois que éramos somente uma massa de manobra nas mãos dos comunistas que usaram nossa pobreza e nossa dor para sua tentativa de revolução socialista.

Os acampamentos do MST são verdadeiros campos de doutrinação em massa. Diferentemente do que muitos pensam, trata-se de um sistema muito bem-organizado. Cada detalhe é pensado para inserir os novos moradores em um processo didático que não poderá ter outro fim a não ser criar novos militantes para o movimento. O acampamento possui uma legislação própria, são regras desenvolvidas pela militância e qualquer um que descumpra esse conjunto de leis está sujeito à expulsão do acampamento e do movimento. Assim, o acampado que descumprir as regras terá seu nome “sujo” no cadastro interno e não poderá participar de nenhum outro acampamento que seja do mesmo movimento. Era cobrada também uma taxa mensal de cada acampado, nada muito elevado, mas, segundo a militância, a taxa servia para a manutenção interna do acampamento, como viagens da militância para os outros acampamentos, combustível para o gerador de energia dos bailes nos finais de semana e coisas do tipo.

Havia dois tipos de membros do acampamento: os Internos e os Externos. Os Internos eram pessoas como nós: pobres, não possuíam casa na cidade nem dinheiro, e assim, para conseguir a terra precisavam acampar. Um pedaço de lona preta foi-nos cedido pelo movimento para que pudéssemos construir uma barraca para nossa família. Em um tom amigável e bem unido, os membros da comunidade nos auxiliavam indo conosco a uma

floresta para cortar varas. Cavávamos buracos, colocávamos as varas, fixávamos a lona preta com martelos e pregos e pronto: aquela seria a nossa casa, até que o sol e as chuvas não permitissem mais que ela ficasse em pé. Nosso fogão era feito de tijolos e barro, nossa cama era a chamada “tarimba”, feita também com varas improvisadas e papelão. Nossa água vinha de poços cavados à mão. Nosso banheiro era qualquer lugar no meio da floresta ou um buraco no chão, para os mais “civilizados”. Nossa luz eram lamparinas improvisadas. Nunca imaginei que era possível ter luz com uma lata de sardinha, um punhado de terra, uma tira de calça jeans e um punhado de óleo velho de fritura. Se sobrevivi à fumaça daqueles candeeiros por anos, certamente sou imune a qualquer coisa. Esse era nosso estilo de vida, completamente insalubre e literalmente nômade.

Os chamados Externos também se cadastravam para pegar a terra, mas diferentemente de nós, os acampados, os Externos moravam no conforto de suas casas na cidade, tinham suas empresas, possuíam seus carrões, suas caminhonetes, e não tinham necessidade de morar debaixo da lona. Cada Externo, de certa forma, “apadrinhava” um Interno: o Externo pagava nossa mensalidade e a dele, e bondoso como era, trazia aos finais de semana um pedaço de carne e uma garrafa de água gelada (duas coisas raras que só víamos aos finais de semana). Quanto a nós, cabia passar para o Externo todas as informações das muitas reuniões que haviam durante a semana. Uma das regras mais importantes do acampamento, quase uma cláusula pética, era de que cada membro da família era obrigado a participar ativamente de um determinado “Setor”. O acampamento era organizado por setores; havia o *setor da segurança*, *setor da educação*, *saúde*, *alimentação e cultura*.

Os setores existiam em tese para organizar o acampamento, porém, mais do que isso, os setores existiam na verdade como um sistema de doutrinação cujas reuniões e atividades serviam como processo didático para nos apresentar à revolução. Exemplo: o homem da casa, no caso, meu pai, fazia parte do setor da segurança e tinha por obrigação participar das reuniões – em que era discutido sobre a proteção do acampamento contra invasores – e tirar períodos regulares como vigia, em uma das várias guaritas que havia no acampamento. Nas reuniões, a polícia era vista como o “inimigo fascista”, e havia inclusive

fogos de artifício nas guaritas; caso fosse visto um carro da polícia os fogos deveriam ser estourados alertando assim todos no acampamento. Não era permitido qualquer tipo de fogos de artifício no acampamento, apenas nas guaritas, exatamente como o sistema utilizado pelos traficantes nas favelas para avisar que chegou mais um carregamento de droga. Nesse caso, havia mais uma regra extremamente importante: o segurança deveria fazer sua guarda portando uma arma. Havia armas de fogo, mas geralmente se usava arma branca, como facões, foices e cassetetes. Havia inclusive uma cultura interna de disputas para ver quem tinha a arma maior, melhor ou mais interessante. Muitos gravavam seus nomes em seus porretes; havia um ar de guerrilha pairando sempre sobre o acampamento. No caso de um guarda acionar o alarme através de fogos de artifício, toda a população acampada – homens e mulheres, velhos e crianças – tinha por obrigação pegar uma arma (geralmente um facão, uma foice ou um porrete) e ir em direção àquela guarita. Era possível ver onde era o local pelo sinal da fumaça; não importa onde estivesse ou o que estivesse fazendo, nada era mais importante do que a proteção do acampamento.

Lembro-me que na primeira vez que isso aconteceu, estávamos acampados não fazia muitos meses, e assim que ouvi o estouro dos fogos eu me encontrava na floresta buscando lenha para minha mãe preparar o almoço e, ao ouvir os estouros, imediatamente peguei um pedaço de madeira e corri de forma frenética até a guarita da estrada principal onde passava a linha do trem. Ao sair da floresta dei de cara com uma cena demasiadamente impactante para mim, muito similar à cena de um formigueiro: pessoas saíam de todos os lados, brotavam do chão com facões, porretes, foices, pedras e qualquer coisa pontiaguda ou pesada, que fosse capaz de ferir uma pessoa, todos corriam em direção à guarita. Chegando lá, havia policiais armados e um pouco nervosos e eles pediam para adentrar ao acampamento, mas imediatamente foram impedidos pelos guardas e pela multidão. Eles tinham uma ordem de prisão em mãos e afirmavam que um criminoso havia se infiltrado naquele acampamento e, para isso, precisavam revistar o local. Eles perguntavam quem eram os líderes para que pudessem conversar, mas sem sucesso. Todos éramos líderes, ao menos era isso que os militantes nos

instruíram a dizer. Sabíamos quem eram os líderes, eles estavam bem ali, conversando com a polícia, mas se recusavam a assumir a liderança e se escondiam em meio à multidão caso a polícia ameaçasse entrar à força. As crianças eram colocadas na frente, tudo meticulosamente pensado para impedi-los de entrar. O mais bizarro é lembrar que tenho todas essas recordações, sendo que eu era apenas uma criança de 11 anos, não somente uma criança, era uma criança armada, e preparada para a violência. Lembro do sentimento em meu coração e do sangue em meus olhos, aguardando eufórico apenas uma ordem para partir para cima daqueles policiais que portavam armas de fogo. Não pensava nos efeitos colaterais, tomaria uma bala pelo movimento, estava disposto a ir até as últimas consequências; a única coisa que tinha certeza era que os “fascistas” não passariam e que eu havia sido preparado para aquele momento. Enquanto os policiais insistiam em que estavam apenas fazendo o seu trabalho, um dos militantes mais experientes logo puxava um grito de guerra. Ele dizia “MST” enquanto todos respondíamos vorazmente: “Essa luta é pra valer”. Outros gritos de guerra foram dados, os acampados se agitavam e os policiais não viram outra opção senão recuar. Enquanto os policiais davam meia volta, nós voltávamos as nossas atividades, vibrantes, aos gritos, pulsando nas veias uma verdadeira adrenalina revolucionária.

## 4.2 Mística, a religião marxista “Do Bem”

Assim que chegam nos acampamentos, os jovens, os adolescentes e crianças são cooptados para o setor da cultura, que por sua vez é o principal centro de toda a doutrinação do acampamento. É na cultura onde é introduzida a parte “litúrgica” do MST, uma espécie de culto a personalidades revolucionárias tal qual Lenin, Stalin, Zumbi dos Palmares, Che Guevara, Fidel Castro, Marx e tantos outros “deuses” do panteão do movimento. É na cultura que são feitas oficinas de teatro, danças, poesias e palavras de ordem. Tudo isso faz parte daquele gene religioso herdado da Teologia da Libertação, um ritual

pagão sem o qual o MST jamais subsistiria por tanto tempo, o ritual religioso chamado pelo próprio movimento de *mística*.

É possível se perguntar como alguém se submeteria viver por 10, 20, 30 anos em condições subumanas na simples promessa de um pedaço de terra? Como alguém, um senhor de 90 anos de idade, por exemplo, caminharia 1.200 km a pé, em uma marcha nacional apenas para fazer militância do movimento? Como tudo isso é possível? João Pedro Stédile, explica:

Por que uma pessoa se engaja numa marcha até Brasília? Porque se sente bem, se sente feliz. Todo mundo olha e diz: ‘Que sacrifício’, mas o cara está gostando, como aconteceu com aquele senhor idoso de Promissão, o senhor Luiz Beltrame, de 90 anos. Ele caminhou 1.200 quilômetros e, quando chegou em Brasília, disse que estava esperando que o movimento marcasse a próxima caminhada. Poderia ter dito assim: ‘Pô, eu acabei com os meus pés. Vou levar uns três meses para recuperar a saúde’. Ele tinha o direito de dizer o que quisesse...

Bernardo: ‘É isso que faz com que famílias fiquem até seis anos acampadas?’.

João Pedro: ‘Os exemplos de sacrifícios são enormes.

**Elas permanecem tanto tempo porque têm a mística** e os princípios organizativos, não é só porque a terra é necessária<sup>97</sup> (p. 129; grifos meus).

Para compreender esse fenômeno ao qual os padres marxistas de Medellín chamaram “mística revolucionária”, e que o MST denomina apenas de “mística”, é preciso compreender antes a origem dessa mística e como o próprio movimento enxerga seu surgimento.

Em uma aula sobre mística, Luciano Carvalho Barbosa, militante do Coletivo Nacional de Cultura do MST 2020, aborda as origens do sentido de mística para o movimento:

(...) a palavra mistério da nossa mística vem de *myo* que é ‘fechar-se’, como fechar os olhos e a boca no sentido de não revelar um segredo. Esse ritual de iniciação era para adoração

---

<sup>97</sup> STÉDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. *Brava gente*, 2005, p. 129.

das deusas: Perséfone e Deméter. Olha que interessante nós pensarmos que eram deusas da agricultura, portanto rituais agrícolas. E o MST hoje, um movimento social com um incontestável vínculo com a agricultura, evidentemente e com sua ritualização. Vamos pensar na mística, na ritualização dos mistérios de Eleusís; eram rituais iniciáticos onde se tinha dança, coros, declamação de poesias, pessoas percorrendo florestas (...) tem-se notícia de todo um percurso em forma de marcha, de caminhada coletiva com tochas, com sacrifício de animais, com encenações, declamação de poemas, poesias, exortação às deusas da agricultura, a busca de Perséfone, *como quem teria sido raptada* por Hades. Na materialização mítica, do sepulcro vivo, de enterrar a semente que depois nascerá na primavera<sup>98</sup>.

Essa descrição feita por um militante nacional de cultura do MST descreve com perfeição como foi a experiência da mística à qual fui submetido durante anos no setor da cultura do qual eu e meus irmãos participávamos. Não havia muitas regras, era uma espécie de religião libertina na qual qualquer grito, movimento corporal, qualquer frase aleatória eram tidos como expressão da mística. As poucas regras que havia estavam implícitas, não havia um livro específico, não havia um templo, havia apenas um entendimento geral que nos era apresentado nas reuniões da cultura. O entendimento é que os militantes eram portadores da verdade, eram os “iluminados”, tudo que dissessem deveríamos levar em consideração. Não era o que diziam, mas era o que entendíamos; afinal, diziam muita coisa em tom filosófico, uma linguagem rebuscada e desconexa com a realidade da qual nem tudo podíamos assimilar. Sabíamos ao menos quem eram nossos heróis e quem eram nossos inimigos. Os heróis eram todos do panteão marxista, desde Jesus, o “primeiro revolucionário” – de quem pouco se falava –, passando por todos os ícones da revolução, uma passada breve por alguns nomes de pessoas que morreram nas invasões de terra, que eram chamados de “mártires”, até enfim desaguar em personagens atuais como Lula, Stédile, Dilma, que eram conhecidos heróis revolucionários pelos militantes. Nossos inimigos, no entanto, eram tudo o que esses homens um

---

<sup>98</sup> Cultura Sem-Terra. MST debate: Mística. *YouTube*, agosto 2020.

dia odiaram: o capitalismo, os EUA, a religiosidade tradicional, a polícia fascista e, por fim, o inimigo mais voraz contra quem deveríamos concentrar nossas energias, o *agronegócio brasileiro*.

Havia sempre um barracão espaçoso em cada acampamento onde se realizavam as reuniões. Sempre que havia algo importante a dizer, sempre que havia determinado direcionamento – uma BR a ser fechada, um novo protesto na cidade, uma nova marcha até o INCRA ou a invasão de uma nova fazenda –, a mensagem com o horário da reunião se espalhava como fogo na palha e todo o acampamento se reunia no barracão. Não é possível começar a reunião sem uma mística. Logo no início, alguém aparece gritando algo de forma teatral, outro surge do meio da multidão com uma bandeira vermelha e assim todos sabem que se trata de uma mística. Lembro-me de certa mística quando eram colocados em uma faixa nomes de alguns inimigos do MST – como capitalismo, agronegócio, latifúndio e até palavras emotivas como injustiça, perseguição, fome. Uma pessoa saía do meio da multidão e atirava pedras contra esses nomes, incentivando assim que todos pegassem uma pedra e de alguma forma “apedrejassem” aquele inimigo. Aquilo parecia fazer total sentido para as pessoas que estavam ali, elas participavam sempre de forma frenética, uma neurose coletiva tomava conta de cada um ali. Eu, uma criança que já havia experimentado a religião, não tinha capacidade teológica para discernir se aquilo era uma religião do bem ou não, apenas me sentia bem, no sentido que de alguma forma éramos as vítimas e estávamos a cada dia chegando mais perto de virar o jogo. Havia uma causa muito maior do que ganhar um pedaço de terra em jogo: estávamos caminhando em direção a uma revolução. Ao final da apresentação alguém puxava uma palavra de ordem, todos gritávamos fervorosos e começávamos uma segunda parte da mística. Era então hasteada a bandeira do MST (raramente havia também uma bandeira do Brasil), cerrávamos o punho – necessariamente o esquerdo –, havia um clima religioso no ar, um sentimento de adoração que eu já havia experimentado na igreja da Assembleia de Deus, mas, ali, não havia somente o único Deus; havia uma bandeira que representava um panteão de deuses revolucionários, e assim começávamos todos com voz firme a cantar o hino do movimento:

Vem teçamos a nossa liberdade  
Braços fortes que rasgam o chão  
Sob a sombra de nossa valentia  
Desfraldemos a nossa rebeldia...<sup>99</sup>.

Ao final da canção, mais palavras de ordem eram dadas, uma forte salva de palmas e estávamos prontos, atentos a cada palavra proferida pelos militantes. E não só isso: estávamos disponíveis e dispostos a qualquer coisa para contribuir com a causa. É fato que os mais céticos eram convencidos com palavra do tipo “se não fizermos isso a terra não sairá”, mas havia muitos que a terra já nem era parte de suas preocupações, a causa coletiva era mais importante que a própria causa. O que muitos não percebiam era que a causa coletiva não existia. Militávamos pela causa de uns poucos poderosos e engravatados lá em Brasília.

Anos depois de sair do movimento, sempre foi para mim um enigma entender como sendo um jovem cristão, era tão seduzido pela mística do MST. Eu, naquele tempo era engajado de tal forma que passei a usar toda minha energia e engajamento para me tornar um militante. Importante frisar que militante para o MST é uma nomenclatura para certas lideranças mais proeminentes; todos éramos de certa forma militantes pois militávamos por aquela causa, mas quase todos os jovens sonhavam em um dia se tornar, no mais puro sentido da palavra, um militante.

Eu, que àquela altura era um rapaz saudável, com personalidade pragmática e muito criativa, comecei a ser visto pelos militantes do movimento como uma promessa de sucesso, um garoto promissor de quem poderia sair grandes ideias. Uma vez que meu contato com a religião cristã me abriu para o transcendente, tudo o que eu precisava era acreditar que cristianismo e marxismo eram a mesma coisa, e disso me convenceram muito rápido. A partir daí comecei a criar poemas para o movimento, me engajava dia e noite compondo palavras de ordem e tentando de alguma forma absorver toda aquela gama de conhecimento revolucionário para poder um dia, talvez, morrer por aquela causa.

Nunca houve uma aula sobre mística no acampamento, mas ela era parte central de tudo o que fazíamos. Não somente

---

<sup>99</sup> MST. Nosso hino. *Site do MST*, julho 2009.

isso: ela fazia sentido, de alguma forma ela atingia mais do que a razão, ela mexia em lugares mais profundos na alma. Algo importante sobre a introdução da mística como religião é que assim que os marxistas descobriram que não era possível derrotar a religião, visto que ela não era uma construção social, mas um componente essencial da alma humana, os revolucionários tiveram que renunciar àquele ateísmo de Karl Marx para abraçar a espiritualidade.

Em um estudo sobre o marxismo, mística e o MST, o doutor em Teologia e cientista social Graham Gerald McGeoch<sup>100</sup>, analisa o uso da mística pelo MST à luz da Teologia da Libertação. Tendo como base de seus estudos uma extensa bibliografia, ele afirma:

Em termos políticos, ao discursar sobre mística, Stédile nota que tradicionalmente a esquerda tem vergonha de seu uso, enquanto a direita não a considera importante. A esquerda política, de inspiração Marxista, facilmente associa mística com religião e depois deve lidar com o desprezo de Marx pela religião na frase célebre, tirado do ensaio dele sobre a filosofia de Hegel: ‘Religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, e a alma de condições sem alma. Ela é o ópio do povo’ (Tucker, 1978, p. 54). Atualmente, a rejeição da religião pela esquerda marxista está sendo revisitada e revisada por teóricos diversos como Terry Eagleton (2009), Slavoj Žižek (2009) e Boaventura de Sousa Santos (2015), entre outros<sup>101</sup>.

O MST parece ter ido além dos sacerdotes/espíões da União Soviética. Estes se infiltraram na Igreja e criaram uma falsa teologia, mas ainda assim uma teologia fria e acadêmica. O MST, no entanto, se apropriou dessa nova teologia para criar uma nova religião.

Inspirado na liturgia católica das CEBs e adicionando a isso símbolos camponeses sobre luta, agricultura e um toque revolucionário, o MST tinha tudo o que precisava para começar seu processo de culto.

---

<sup>100</sup> McGEOCH, G. G. Marxismo, mística e o MST: qual é o segredo do MST na luta pela reforma agrária no Brasil? *Debates do NER*, 2018, p. 179.

<sup>101</sup> *Ibidem*.

**Bernardo:** A mística é uma prática que o movimento desenvolve. De certa forma, é seu alimento ideológico, de esperança, de solidariedade. A mística, para o MST, é um ritual. Ela tem um caráter histórico, de esperança, de celebração permanente. Está certa essa interpretação?

**João Pedro:** Está, mas ela é mais do que isso. Até por influência da Igreja, tínhamos a mística como um fator de unidade, de vivenciar os ideais, mas, por ser uma liturgia, vinha muito carregada. Com o passar do tempo – tudo é um processo de construção – fomos nos dando conta de que se tu deixas a mística se tornar formal ela morre. A mística só tem sentido se faz parte da tua vida. Não podemos ter momentos exclusivos para ela, como os Congressos ou Encontros Nacionais ou Estaduais. Temos de praticá-la em todos os eventos que aglutinem pessoas, já que é uma forma de manifestação coletiva de um sentimento. Queremos que esse sentimento aflore em direção a um ideal, que *não seja apenas uma obrigação*. Ninguém se emociona porque recebe ordem para se emocionar; se emociona porque foi motivado em função de alguma coisa<sup>102</sup>.

Stédile não nega a influência da Teologia da Libertação para a criação da mística do MST, nem mesmo o uso indiscriminado dessa nova religião para disseminar os ideais do movimento no imaginário dos acampados. Antes, ele parece acreditar que o movimento tenha criado uma religião superior, algo que ao invés de prometer um ideal utópico e inalcançável promete algo material, mais perto da realidade e mais estimulante para o povo.

Já os carismáticos, estes usam a mística para um ideal inalcançável. No caso, ela não se sustenta, da mesma forma que esse movimento carismático não dura a vida inteira. As pessoas se darão conta do engodo, que pode até durar 20 anos ou 30 anos, mas não sobrevive na história da humanidade. Diferentemente, fomos construindo maneiras de fazer mística a partir de uma maior compreensão. Antes só imitávamos: ‘A Igreja usa determinada liturgia mística para manter a unidade em torno do projeto do Evangelho’. Quando forçávamos a cópia, não dava certo porque as pessoas têm de ter o sentimento voltado para algum projeto. A partir

---

<sup>102</sup> STÉDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. *Brava gente*, 2005, p. 130.

dessa compreensão, em cada momento, em cada atividade do movimento, ressaltamos uma faceta do projeto como forma de motivar as pessoas<sup>103</sup>.

Como qualquer religião, para que se distinga das demais é necessário fazer uso de símbolos próprios como uma forma de materializar certos ideais e compactá-los através de representações. Ainda que a mística se apresente na prática de forma espontânea, com uma liturgia menos engessada, o MST entendia que precisava de símbolos atemporais, que atravessassem o tempo e a história para se perpetuarem nas próximas gerações.

Bernardo: Como é que surgiu a bandeira do Movimento dos Sem Terra?

João Pedro: De acordo com a concepção de mística, teoricamente a gente *já vinha aprendendo com a Igreja* – e na prática também – que em qualquer organização social, em qualquer movimento social, não é o discurso que proporciona a unidade entre as pessoas na base. O que constrói a unidade *é a ideologia da visão política* sobre a realidade e o uso de símbolos, que vão costurando a identidade. Eles materializam o ideal, essa unidade invisível<sup>104</sup>.

Segundo Stédile, existem símbolos das místicas que são mutáveis e temporais e alguns que são eternos e atemporais. Nesse caso, qualquer canção, poesia, expressão artística e corporal será temporária e cumprirá a função de contar a história imediata, ou seja, cumprirá um propósito utilitarista das necessidades do movimento naquele tempo. Stédile acredita que somente o hino e a bandeira são símbolos atemporais e imutáveis. Na minha experiência nos acampamentos do MST percebi que esses símbolos mutáveis e temporais são aqueles que serão usados para dar as diretrizes conforme a conveniência das lideranças, seja para a invasão de uma terra, seja para recuar em determinadas situações de articulação entre o movimento e o governo. Os ritos temporais cumprem uma função utilitarista e manipulam as massas, enquanto os dois símbolos imutáveis, o

---

<sup>103</sup> *Ibidem*, p. 131.

<sup>104</sup> *Ibidem*, p. 132.

hino e a bandeira, os mantêm unidos em torno da sua religião. Nada mais tem o poder de cativar um ser humano do que fazê-lo acreditar que está lutando por um bem maior.

A mística faz com que as pessoas se sintam bem.

Nos últimos tempos, temos conseguido teorizar um pouco mais sobre ela. Editaremos uma cartilha com diversos textos de Leonardo Boff. Como teólogo que é, ele analisa as origens da mística no pensamento humano<sup>105</sup> (p. 131, grifos meus).

Leonardo Boff é um dos principais nomes da Teologia da Libertação. Ele e outros apóstolos da TL como Frei Betto e Ademar Bogo são responsáveis por quase toda a disseminação da Teologia da Libertação na América Latina. Em 1995, Leonardo Boff e Frei Betto lançaram um livro chamado *Mística e espiritualidade* que, além de analisar as origens da mística, faz uma correlação da força que a mística tem para guiar os movimentos marxistas em direção ao ideal revolucionário. Ao elencar as perguntas “Qual é a força secreta que sustenta todos esses grupos?”, e “De onde vem a esperança para continuar a sonhar, a resistir e a querer uma sociedade mais humana?”, Boff e Betto respondem que são quatro as raízes nas quais a mística está sendo constantemente alimentada:

Primeiro, há a utopia original do cristianismo de uma sociedade fraterna, justa e participativa, com a inclusão dos pobres, e uma percepção da divindade em cada ser humano. A segunda fonte é o ideal emancipatório da revolução francesa com uma visão de uma democracia participativa e popular.

Na terceira, fala-se da visão do socialismo e marxismo, que se indagam diante da miséria e promulgam revolução como um ato de amor. E por fim, na quarta, há o humanismo radical com uma ética de compaixão e solidariedade<sup>106</sup>.

Ou seja, a mística é a mistura grotesca de Teologia da Libertação, Revolução Francesa, socialismo e humanismo. Apesar de não citar o paganismo da mitologia grega, Boff e os

<sup>105</sup> STÉDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. *Brava gente*, 2005, p. 131.

<sup>106</sup> McGEOCH, G. G. Marxismo, Mística e o MST: qual é o segredo do MST na luta pela reforma agrária no Brasil? *Debates do NER*, 2018, p. 186.

apóstolos da TL não podiam criar algo mais anticristão do que esse sincretismo pagão com roupagem católica.

Compreender a mística não será, porém, uma fácil tarefa visto ser um fenômeno recente e cheio de contradições, porém é possível ver o rastro de sua destruição por onde passa. Muitos se perguntam, por exemplo, de onde vem essa radicalização comum em protestos da esquerda no Brasil quando são vilipendiados publicamente santos e imagens católicas, ou mesmo qual a origem de certas expressões “artísticas” (em grandes aspas) que blasfemam contra símbolos da fé cristã como o caso em que os manifestantes enfiaram um crucifixo no orifício anal, ou quando dois travestis vestidos de “jesus crucificado” trocavam beijos e obscenidades entre si publicamente em protestos, ou até mesmo a tal “*performance* artística”, no Museu de Arte Moderna em São Paulo, onde crianças eram instigadas a tocar um homem nu. De onde vem toda essa blasfêmia? Quais as raízes dessa libertinagem? Eu respondo: vem da nova religião marxista, a mística.

É curioso como para mim fazem total sentido essas “expressões artísticas” bizarras que se vê comumente em vídeos circulando na Internet. As universidades federais são um exemplo de como você pode fazer o que quiser se colocar na frente as palavras “arte” ou “religião”. Cada vez mais é possível ver essas ideias radicais tomando o imaginário de jovens brasileiros que, unidas ao uso de alucinógenos, promovem cirandas e grupos de apresentações “artísticas”, com encenações teatrais esquizofrênicas; expressões de cunho sexual, frases de efeito sem sentido e um enredo sem respaldo algum na realidade. Tudo isso são facetas da nova religião que surge.

A religião mística é uma espécie de religião sincrética, ela não exclui nenhuma forma de religião, na verdade ela está pouco preocupada com o que você faz com a sua vida, no que acredita, quais são seus códigos morais, isso não faz a menor diferença. A única coisa que importa para a nova religião marxista é que você se sinta bem consigo mesmo e demonstre sua devoção à causa empenhando-se na militância. O que é importante não é sequer participar dessa religião; afinal, sequer é dito aos adeptos que se trata de uma religião. O que conta é usar a religiosidade que há no ser humano para cooptá-lo para a revolução cultural.

Lembro que certa vez, quando comecei a ser aceito na “roda dos militantes”, no acampamento Oziel Alves Pereira, os

militantes cujas lutas eu admirava, pessoas das quais eu diversas vezes ouvira sobre como invadiram certa fazenda ou como escaparam da polícia em certa situação, estavam em uma roda informal a discutirem sobre conceitos revolucionários e questões filosóficas. Inocente que era aos 13 anos, dei minha opinião e por algum motivo afirmei que era crente em Jesus Cristo. Não demorou muito para eu ouvir uma risada sarcástica e olhares irônicos em minha direção até que um benevolente militante se prestou ao atencioso papel de me explicar que Deus não existia, que na verdade a ideia de um Deus criador de todas as coisas, todo poderoso e soberano, foi um conceito criado pelos povos antigos para explicar fenômenos naturais para os quais ainda não havia explicações. Foi a primeira vez que eu ouvi aquilo. Disse-me ainda que o verdadeiro Jesus era um Jesus histórico que nada tinha a ver com o Jesus da religião cristã tradicional; o Jesus histórico era na verdade mais um dentre os tantos homens bons que existiram na história que lutaram contra a desigualdade e promoveu justiça social. Naquele momento percebi que para me tornar um militante precisaria renunciar a tudo o que acreditava ser verdade e estar disposto a me colocar como uma folha em branco nas mãos dos iluminados para que eles pudessem me mostrar o caminho a seguir. Confesso que a partir daquele dia fiquei confuso porque, ao passo que aqueles que eram meus referenciais negavam a religião, ainda assim muitos deles a praticavam de forma descomprometida, como era o caso do militante apelidado de “Vassourinha” – acredite se quiser, esse apelido foi dado a ele por amigos do MST pelo motivo de ele, sendo negro, ter o cabelo volumoso e crespo. Vassourinha era conhecido no acampamento como um feiticeiro, promovia certos rituais ocultistas e certas “mandingas”. Então, por que eu não podia acreditar em Deus se quem me doutrinava para ser ateu mexia com rituais ocultos? Outro exemplo era alguns militantes declaradamente ateus e que participavam das missas católicas que havia com frequência no acampamento, e que só muitos anos depois eu descobri que se tratava da Teologia da Libertação, para mim isso não fazia o menor sentido. Para Stédile, no entanto, não há nenhuma contradição entre a prática religiosa, qualquer que seja, e a adesão à mística:

Bernardo: Qual é a relação do MST com a religiosidade?

João Pedro: É um aspecto interessante que deve chamar a atenção da sociedade. Como é que nós, que somos de esquerda, vamos sempre à missa? Para nós, não existe contradição nenhuma nisso. Ao contrário: a nossa base usa a fé religiosa que tem para alimentar a sua luta, que é uma luta de esquerda, que é uma luta contra o Estado e contra o capital<sup>107</sup>.

Era comum ver determinados militantes participando das missas da Teologia da Libertação e até promovendo certos encontros que envolviam aspectos religiosos, mas isso não os impedia de frequentemente negarem a existência de Deus, participarem de ocultismos e promoverem as famosas “noites culturais”, que eram bailes realizados aos finais de semana no acampamento que eram um verdadeiro antro de promiscuidade, drogas, sexo, corrupção de menores, brigas e muita bebida alcoólica. Era dito nas reuniões que nenhuma religião deveria ser reprimida. Há, porém, que destacar que certa vez, quando um pastor entrou em contato com a minha mãe e uns poucos evangélicos para iniciar um trabalho de evangelismo no acampamento, assim que começaram os cultos, esse pequeno grupo encontrou muita dificuldade, em desenvolver um trabalho cristão que não fosse da Teologia da Libertação, a exemplo do gerador de energia que era do “coletivo”(pois, afinal, todos contribuíram com taxas mensais para comprá-lo e para comprar o combustível), então todos deveriam usar, era para ser uma espécie de prefiguração do comunismo, tudo era de todos. Quando, porém, o pastor chegava para realizar o culto evangélico, era recebido com certa hostilidade silenciosa, e, de repente, o combustível do gerador de energia acabava, e por vezes não era possível usá-lo pois escondiam o gerador do pobre pastor Edilson. Isso, todavia não o impedia, e os cultos eram realizados à luz de um lampião a gás. Mesmo sendo hostilizado, os cultos permaneciam e pessoas carentes de uma fé genuína rendiam-se pouco a pouco ao verdadeiro Evangelho.

É interessante, por exemplo, como os símbolos do MST, que fazem parte desta religião mística, jamais apontam para a

<sup>107</sup> STÉDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. *Brava gente*, 2005, p. 133.

direção da prosperidade rural tão defendida pelo movimento. Os símbolos não mostram famílias felizes à volta de suas mesas fartas, ou trabalhadores satisfeitos por estarem trabalhando em suas terras e cuidando de suas famílias. Longe de tudo isso, os símbolos representam sempre ambientes revolucionários e apontam para a guerra, não para a paz. A exemplo do casal estampado na bandeira do movimento, na qual um homem segura um facão. Muita gente acredita se tratar de uma referência ao trabalho, mas o próprio Stédile afirma em seu livro que aquilo não faz alusão a uma ferramenta de trabalho, trata-se de uma arma de guerrilha:

(...) não se tinha tanta clareza quanto ao significado de cada elemento ou cor. Só dos elementos, digamos, mais gerais. Por exemplo: a cor vermelha, pela tradição de luta, pela identidade da classe trabalhadora, é um elemento ideológico muito forte. O casal que está desenhado na bandeira foi aproveitado do cartaz do I Congresso. Para mostrar que no mundo nada se cria, **nos inspiramos num cartaz da Nicarágua, que tinha um homem e uma mulher numa manifestação**. No I Congresso Nacional, em 1985, aquele casal, com um facão erguido, impregnou na turma. É uma marca muito bonita<sup>108</sup> (p. 133, grifos meus).

Por falar em bandeira do MST, esse símbolo sagrado da nova religião tem se popularizado cada vez mais, e acho importante explicar ao caro leitor o motivo do MST ganhar tantos adeptos na história recente da política brasileira. Em 2022, ano de eleição e, portanto, marcado pelo antagonismo político entre direita e esquerda, aconteceu um fenômeno que levou a mística para fora dos acampamentos do MST: a bandeira, maior símbolo da nova religião mística, furou a bolha do movimento e acabou sendo vista na cabeça de muitos artistas globais, jornalistas e influenciadores. A revista *Oeste* fez uma matéria cuja manchete dizia “Rede de lojas do MST vende mais de 3 mil bonés por mês”. Isso aconteceu após um debate interno que ganhou as redes sociais no qual militantes de esquerda criticavam o movimento por estar “se deixando levar pelo capitalismo” ao permitir que qualquer um compre o boné, símbolo do movimento. Segundo

---

<sup>108</sup> *Ibidem*, p. 133.

a matéria, com preços que variam entre R\$ 25,00 a R\$ 60,00, o MST possui uma rede de lojas chamada “Armazém do campo” que comercializa símbolos do movimento em 13 estados, mais o Distrito Federal, cujas vendas somente dos bonés chegam a 300 por dia. Quanto a isso, o MST se manifestou da seguinte forma: “Nos orgulhamos quando vemos pessoas que não são do MST utilizando os nossos símbolos, nossos bonés, camisetas e bandeiras”, disse Kelli Mafort, da direção nacional do MST – “Usar esses símbolos é assumir um compromisso”<sup>109</sup>.

Além da grande contradição, de capitalizar o maior símbolo de um movimento socialista, esse fenômeno também demonstra como a nova religião mística pode ser atrativa para determinadas personalidades, pois cada dia mais o MST vem ganhando adeptos, muitos dos quais sequer sabem quais são as reais pautas do movimento.

A adesão de artistas e influenciadores a essa nova religião é explicada na frase de Pedro Stédile, citada há pouco: “A *mística faz com que as pessoas se sintam bem*”. Sim, é exatamente assim que funciona a mística. Ela foi criada com a finalidade de fazer com que aqueles que a possuem se sintam bem, mesmo sem praticar qualquer ato de bondade. A nova religião mística simbolizada pelo uso do boné do MST é trinitária e possui em sua teologia três personalidades cujas ideias são a base dessa religião; trata-se de Maniqueu, Maquiavel e Marx.

A nova religião é maniqueísta porque resume as relações sociais entre oprimidos e opressores, literalmente entre os “do bem” e os “do mal”. É maquiavélica porque caso você se torne “do bem”, você tem passe livre para infringir qualquer regra e fazer qualquer maldade para alcançar seus objetivos políticos ou pessoais. É marxista porque para pertencer a essa nova religião você precisa fazer um aceno a Marx, geralmente tendo como rito de passagem o uso do boné do MST. Ao colocar o boné do MST o membro da religião “do bem” se tornará automaticamente imune a cancelamentos e críticas e ainda por cima lhe permitirá ser até mesmo racista, sexista, machista ou politicamente incorreto sem que isso lhe cause nenhum prejuízo financeiro ou desgaste da sua imagem pública.

---

<sup>109</sup> Redação Oeste. *Revista Oeste*, 14 março 2022.

Essa experiência com os símbolos do MST de forma *gourmetizada* é uma experiência diferente daquela vivida nos acampamentos do MST. Para um artista, usar um boné do MST é ser aceito por determinado grupo e evitar cancelamento de reputação. Já para quem mora em um acampamento, a mística é discreta, é vista em quase tudo o que fazemos, mas ainda assim invisível, ela tem como principal função aguçar no acampado o sentimento de esperança, de revigoramento e de estar lutando por algo maior enquanto é explorado pelo movimento. Como alguém que viveu a experiência da mística em um acampamento, quero encerrar este bloco descrevendo como foi para mim viver em um acampamento do MST, tendo como “religião oficial” a mística.

Imagine uma cidade feita de barracos de lona. Olhando em volta, todas as casas estão a cerca de poucos metros umas das outras; são milhares de barracos de lonas que fazem lembrar aquelas seitas religiosas vistas em filmes e séries. O estilo de vida é arcaico: os poços são feitos à mão, os fogões são à lenha e a iluminação é feita a partir de velas, lamparinas ou lampiões. Cercado por todos os lados por campinas e florestas, a comunidade possui guardas nos quatro cantos do acampamento. A comunidade é organizada por um conjunto de leis criada pelos líderes e as pessoas vivem razoavelmente em harmonia umas com as outras apesar dos infortúnios de brigas entre vizinhos, brigas nas festas causadas por álcool e drogas e conflitos comuns do dia a dia. Há certo espírito que mantém aquela comunidade ali por anos a fio, mesmo em condições sub-humanas, a poucos quilômetros de uma cidade repleta de recursos. Trata-se do espírito revolucionário criado em cada membro da comunidade a partir da experiência com a mística. A mística, por sua vez, não é considerada pelos membros necessariamente uma religião, mas ainda assim ela preenche o vazio existencial religioso dentro de cada membro da comunidade. Tudo o que acontece na vida dessa comunidade é pensado e guiado pelos heróis militantes que são os “iluminados”. Esses “bravos” homens e mulheres viajam o Brasil e o mundo, mas sempre voltam para dar novos direcionamentos e aplicar novas “conjunturas” aos acampados.

Os membros dessa comunidade participam de setores e se reúnem constantemente de acordo com seu setor de atuação para receber direcionamentos; as novas manifestações a serem feitas,

as novas regras do acampamento, as novidades acerca da luta e alguma informação sobre a terra que lhes foi prometida, para aguçar sua esperança. Essas reuniões são sempre carregadas de mística. São as liturgias, teatros, poemas e canções que reforçam no imaginário dos acampados cada ponto importante para manter a chama revolucionária acesa em seus corações. Os mártires do movimento, os heróis revolucionários que deram suas vidas pela causa, quem são seus inimigos e a importância de se manter leal ao movimento. Essa pode ser uma pequena descrição do que era para mim viver em um acampamento do MST e, diante disso, não vejo outra forma de descrever o MST a não ser como uma seita religiosa, política, revolucionária representada pela mística cujos símbolos atemporais são o hino e sua bandeira.

## 4.3 Os campos de doutrinação

Quando fui recebido pelo ex-Presidente Bolsonaro no Palácio da Alvorada, me lembro de uma cena que, dentre outras, me marcou. Naquele dia, o ex-Presidente Bolsonaro viajara mais de 30 horas: estava retornando da Europa após participar do enterro da rainha Elisabet II, voou para os EUA, onde fez um discurso na ONU e ainda encontrou folego para cumprir com seu compromisso diário de conversar com o povo na sua costureira *live* nas redes sociais. Após o fim da *live*, o Major Vítor Hugo, que intermediou minha ida ao Planalto, me apresentou ao presidente da seguinte forma: “Presidente, este é o Pedro Poncio, o ex-MST”. Nesse momento, o presidente sorriu enquanto eu ia em sua direção apertar-lhe a mão; ele estava cansado e com o rosto abatido por conta da sua viagem. E me disse: “Ex-MST? Ah! Eu vi uns vídeos teus aí, cara!”, com aquela voz característica dele e seu bom humor de sempre. Ele puxou a cadeira ao lado e disse: “Sente aqui; me conte tua história”.

Ele trajava uma roupa simples, camiseta polo, e isso fez com que eu me sentisse completamente à vontade; não parecia estar ao lado do homem mais importante do país. Assim que comecei a contar-lhe minha história, ele não conseguia se concentrar

pois havia cerca de outras 20 pessoas naquela imensa sala. Nesse momento, o presidente, de uma forma firme, mas educada, pediu que todos fizessem silêncio pois ele precisava se concentrar no que estava prestes a ouvir. Lembro que isso me marcou, pois não fazia sentido nenhum dar tamanha importância a um anônimo como eu, sem nenhuma relevância política e nenhum motivo para beneficiá-lo de qualquer maneira que fosse, e, ainda assim, ele se importou o suficiente para prestar verdadeira atenção. Enquanto ele ouvia atentamente toda minha história, pude perceber o quanto verdadeiramente se importava com o seu povo e o quão ele, de fato, era diferente do espantinho que construíram no imaginário de muitas pessoas, com narrativas levianas e mentirosas. Lembro-me da minha preocupação em não tomar o tempo do presidente por conta da grande quantidade de pessoas importantes que havia ali e que também queriam falar-lhe, por isso sempre terminava rápido os assuntos que abordava e me calava. Mesmo assim ele insistentemente me dava liberdade de continuar e continuava a fazer-me perguntas demonstrando estar completamente interessado em minha história. Lembro-me perfeitamente quando fez questão de me perguntar o que era “encontro sem terrinha”. Não me lembro de ter-lhe ainda falado sobre isso, talvez tivesse ouvido sobre isso de uma outra forma, mas percebi que sua curiosidade sobre o assunto vinha da preocupação que tinha como chefe de estado com as crianças do Brasil. Aquilo me emocionou, senti que havia chegado a hora de dar um grito não somente por mim, mas pelas milhares de crianças que sofreram e as que, enquanto você lê este livro, estão sofrendo uma brutal violação de seus direitos humanos e infantis, sendo doutrinadas através de um processo violento de lavagem cerebral que lhes deixará sequelas amargas para o resto de suas vidas. Trata-se dos campos de doutrinação, chamados “encontros sem-terrinha”.

Os “encontros sem-terrinha” são encontros regionais e nacionais promovidos pelo MST com o propósito quase que exclusivo de doutrinar crianças, jovens e adolescentes para a causa revolucionária. Talvez seja essa uma das faces ocultas mais criminosas do Movimento Sem-Terra. Anualmente, e por vezes, mais de uma vez ao ano, todas as crianças são retiradas de seus pais e tuteladas a estranhos para irem aos encontros chamados “sem-terrinha”. Os encontros que participei geralmente eram

realizados em um lugar chamado Centro de Pesquisa Geraldo Garcia (CEPEGE) no interior da cidade de Sidrolândia (MS).

Ônibus de todos os acampamentos do Estado do Mato Grosso do Sul e região conduziam centenas de crianças e adolescentes a esse lugar retirado da cidade, que, ali, ficavam por dias e até semanas sofrendo uma doutrinação que fazia lembrar a juventude hitlerista – que chegou a cooptar 98,1% dos jovens alemães em 1940 para a causa do nazismo vendendo-lhes a propaganda mentirosa de estarem do lado certo da história<sup>110</sup>.

Uma vez separados de nossos pais, erámos conduzidos a galpões velhos e insalubres onde ficávamos no chão, sobre colchões velhos, que demonstravam descaso com nossa saúde. Aquilo para nós não passava de festa, pois afinal estávamos acostumados a um estilo de vida miserável nos acampamentos em que vivíamos. Meninos e meninas ficavam em galpões iguais; éramos colocados indistintamente em quartos e abandonados a nossa própria sorte. Mesmo sendo já um pré-adolescente aos 13 anos, lembro-me de que havia um clima propenso à sexualidade precoce naqueles eventos. Tenho a recordação de contar vantagem entre meus amigos por ter beijado uma mulher de 30 e poucos anos de idade, por exemplo. Lembro perfeitamente de homens maiores de idade contando vantagens em se relacionar sexualmente com meninas menores de 14 anos de idade, e isso acontecia com uma naturalidade sem precedentes. Afinal, o que poderia acontecer entre centenas de crianças desprotegidas pelos pais e vivendo por dias em um ambiente afastado da cidade sendo ensinados que os poucos valores que receberam durante sua vida não faziam o menor sentido? De que a verdade é que valores e regras da sociedade são coisas ultrapassadas e devem ser vencidas em nome da revolução? De fato, esses encontros são, até hoje, um terreno fértil para a pedofilia, abusos sexuais, corrupção de menores e outros crimes contra a dignidade e a inocência das nossas crianças.

Nos encontros, todos nós recebíamos as tão esperadas boinas do camarada Che Guevara, camisetas de Fidel Castro, bandeiras de ícones revolucionários. Assistíamos dezenas de filmes como *Olga*, *Diários de motocicleta* – filme sobre Che Guevara – e vários

---

<sup>110</sup> ANTÓN, J. A fábrica de filhotes nazistas. *El País*, 3 novembro 2016.

outros filmes internos que não estavam à disposição a não ser do movimento. Parece-me que o grau de importância de um ícone revolucionário para nós era medido pelo grau de psicopatia do sujeito, quanto mais psicopata e assassino fosse, mais o idolatrávamos. Nos *campos de doutrinação* toda a programação era pensada com propósito doutrinário. Éramos estimulados a criar nossas próprias canções e palavras de ordem. Havia muitas apresentações de poesias, danças e místicas que eram produzidas pelas próprias crianças sob a orientação e estímulo dos militantes. Eles nos davam uma mensagem e nós cantávamos sobre aquilo; eles nos mostravam um ídolo e nós o adorávamos. Me lembro de ouvir avidamente sobre a história de um que se tornou um dos meus “heróis” preferidos naquela altura, por se tratar de um “herói nacional”, cujo nome era Carlos Marighela. O psicopata em questão era um guerrilheiro com treinamento militar cubano que se insurgiu contra os militares em 1969 e promoveu ataques terroristas em território brasileiro. Marighela escreveu um minimanual do guerrilheiro urbano para ensinar táticas de guerrilha aos revolucionários de 1964, e esse material, no entanto, é facilmente difundido entre crianças nos campos de doutrinação infantil do MST. Abaixo, um trecho desse material abjeto:

Antes de qualquer ação, o guerrilheiro urbano tem que pensar nos métodos e no pessoal disponível para realizar a ação. As operações e ações que demanda a preparação técnica do guerrilheiro urbano não podem ser executadas por alguém que carece de destrezas técnicas. Com estas precauções, os modelos de ação que o guerrilheiro urbano pode realizar são os seguintes:

**a.** assaltos **b.** invasões **c.** ocupações **d.** emboscadas **e.** *táticas de rua* **f.** greves e interrupções de trabalho **g.** deserções, desvios, tomas, expropriações de armas, munições e explosivos **h.** libertação de prisioneiros **i.** execuções **j.** seqüestros **l.** sabotagem **m.** terrorismo **n.** propaganda armada **o.** guerra de nervos<sup>111</sup>.

Como se trata de um período da vida quando a criança está acessando certa camada da existência que lhe coloca em contato com o propósito da sua vida e a busca por formar seus

<sup>111</sup> KÜSTER, B. P. Dossiê Frei Betto – o “papa” das CEBs. *YouTube*, fevereiro 2018.

valores, o Movimento Sem-Terra violenta o imaginário dessas crianças propondo a elas sua nova religião. Como uma criança que já havia experimentado a religião, eu me sentia de alguma forma familiarizado com aquilo e por vezes tinha que lidar com o fato de que havia certa diferença daquele *modus operandi* em relação àquele que havia aprendido na Igreja. E, de fato, aquele resquício da doutrina de Cristo que havia em mim me impedia de me radicalizar de certa forma. Ainda assim, conseguia muito bem lidar com a ideia de que apesar do método ser diferente o objetivo da revolução era o mesmo da fé cristã: a busca por justiça social do qual tanto falavam. Ao passo que nos mostravam o “bem comum” como um alvo a ser alcançado, nos davam ferramentas contraditórias e perigosas com as quais deveríamos lutar.

Uma das principais ferramentas usadas na doutrinação eram as encenações místicas teatrais. As “peças teatrais” ocupavam grande parte das oficinas nos encontros e muitos militantes do MST levavam essas “peças” criadas nos acampamentos para escolas e universidades afora. Há uma encenação que aprendíamos nesses campos de doutrinação: trata-se de uma “peça” que conta a história do Brasil. Na trama havia quatro personagens principais que eram, respectivamente:

- Sr. Portugal
- Sr. OMC (Organização Mundial do Comércio, que representava os EUA)
- Sr. Inglaterra
- O Brasil.

Numa cena, o Brasil é apresentado como um cão na coleira do Sr. Portugal. Enquanto o Sr. Portugal se gabava de tornar o Brasil uma colônia independente, ele cometia certos “atos falhos” em sua fala, mostrando sua verdadeira face de opressor do Brasil, dizendo que o Brasil não passa de uma colônia e coisas do tipo. Ao final, o Sr. Portugal dá uma rasteira no Brasil, que cai no chão e fica machucado.

Após o Sr. Portugal, é a vez do Sr. Inglaterra entrar em cena, fazendo promessas de se unir ao Brasil para conquistar o mundo, porém pedindo ajuda ao Brasil, pois o Brasil é um país rico, enquanto a Inglaterra é um país pobre. “Rico em recursos naturais”, dizia o Sr. Inglaterra, tentando levantar o Brasil com

uma das mãos enquanto o derruba com a outra. No prelúdio, havia um poema para a entrada do Sr. OMS, ou seja, os EUA, na pessoa do seu presidente à época, George W. Bush. O poema dedicado a Bush dizia:

Satanás desocupado, teve uma ideia infernal,  
De criar uma serpente pra fazer somente o mal.  
Pegou dez cachorros doidos, leite de canguru,  
A urina de três gambás e a tripa de um urubu.  
O espírito de Caim, cachaça de cana preta,  
Vinte quilos de maconha e a capa do capeta.  
Veneno de cem lacraias e um litro de estricnina.  
Vinte cobras cascavéis e um quilo de cocaína.  
Um litro de gramocil, algumas bicheiras de porco,  
Vinte doenças do mundo e um marimbondo caboclo.  
Tudo isso colocado numa panela a ferver. Assim,  
criou forma de gente como o diabo quis fazer.  
Satanás achando pouco, misturou merda de porco  
Até achar que ficou a puxe.  
Ao soltá-lo pelo mundo, batizou o vagabundo por George  
W. Bush<sup>112</sup>.

Na sequência, o Sr. OMC falava ao celular com o presidente dos EUA, como quem não estava dando atenção ao Brasil. Ele inicia um discurso com diversos “atos falhos” que demonstravam que ele acreditava que o Brasil pertencia aos EUA, que os EUA havia criado a ONU para controlar as nações ao seu favor e que, para garantir a paz, era necessária a guerra. Ao final da apresentação era declamado mais um poema, que se chamava “500 anos”. Poema que problematiza o livre comércio, o agronegócio, a privatização, a imigração, a industrialização e até as novas tecnologias, poema que memorizei apaixonadamente na época de acampamento, como segue:

O povo brasileiro tem guardado na memória  
o que os quinhentos anos esqueceu em nossa História.  
Tudo que realizamos, precisamos avaliar,

---

<sup>112</sup> Coletivo Nacional de Cultura – Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré (orgs.). *Teatro e transformação social, Teatro Fórum e Agitprop*. São Paulo/SP: Centro de Formação e Pesquisa Contestado, novembro 2007, p. 109.

pra *não cometer outros enganos*  
E de novo voltar a errar.  
Está estampado em cada rosto não adianta esconder,  
a nação sente desgosto com esse jeito de viver  
A maior riqueza do planeta se encontra neste país,  
por isso a nação pergunta, por que somos infelizes?  
A maior riqueza desta terra pertence à União,  
mas ao privatizar não consulta a nação.  
Falo muito em liberdade numa grande democracia,  
mas se disser muita verdade pode *não ver o outro dia*.  
Neste país tudo tem um preço. Há coisas que se duvida,  
eu *não sei quanto* mereço; quanto vale sua vida?  
Está tudo dominado, como diz o inimigo.  
O país mais cobiçado começou a ser vendido.  
Já não temos tanta fortuna.  
O Brasil dos brasileiros, está trocando a identidade pra país  
do estrangeiro.  
A natureza é cada vez mais pobre  
tudo está se acabando, até a água,  
como pode, cada rio ter um dono?  
As máquinas tecnológicas vieram em nosso cotidiano,  
mas mudaram sua lógica  
E desempregou o ser humano.  
Nos tornamos dependentes, mas onde vamos chegar  
já controla a semente de o agricultor plantar.  
Criaram os transgênicos porque a produção natural era  
pouca.  
Tal grande descoberta trouxe o mal da vaca louca.  
*É o mundo diferente onde a vida não tem valor,*  
O trabalho da nossa gente poderá ser feito por robô.  
O nosso salário-mínimo  
*É dos menores do planeta terra,*  
também é dos países assassinos  
Mata mais do que uma guerra.  
Precisamos dizer ao inimigo  
O que é errado, e o que é certo,  
E dizer aos Estados Unidos Vai cuidar do seu deserto.  
Vamos todos dar as mãos  
E provar para o estrangeiro, que quem manda nessa Pátria  
*É o povo brasileiro*<sup>113</sup>.

---

<sup>113</sup> Coletivo Nacional de Cultura – Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré

Esse recorte é uma parte ínfima da gigantesca gama de doutrinação que recebíamos nos *campos de doutrinação*. O caro leitor consegue mensurar o que isso causa no imaginário de crianças e adolescentes? Veja a quantidade de ódio disseminado nas ideias, as narrativas indiscriminadas, a gama de problematizações às quais éramos submetidos, eu e as centenas de crianças que lá estávamos. Segundo o *site* do próprio movimento, existem hoje cerca de 2.000 escolas nos acampamentos do MST e cerca de 200 mil alunos cadastrados<sup>114</sup>. Foi publicado, posteriormente, um livro intitulado *Teatro e transformação social*, contendo essas e outras apresentações místicas do MST para que fossem encenadas não apenas em escolas dos movimentos sem-terra, mas em escolas públicas, igrejas e reuniões de bairro em todo o país.

Nesta coletânea de peças encontramos produções deste caráter. São peças como ‘Alcapeta’, que foram apresentadas em dezenas de escolas nas campanhas contra os tratados da ALCA e de Livre Comércio. Estas apresentações e outras intervenções culturais dos mais de 300 militantes do setor de cultura do MS provocaram o desconforto dos poderosos, e algumas câmaras legislativas municipais tentaram formular leis impedindo a apresentação dos grupos do MST em escolas. Na preparação da Marcha Nacional, em 2005, uma Brigada de Agitprop tinha em seu repertório a apresentação da peça ‘A luta do camponês contra o agronegócio’, realizada em escolas, igrejas e reuniões de bairros<sup>115</sup>.

Ao ter contato com esse tipo de conteúdo éramos instigados pelos militantes a levar essa revolução para fora das guaritas do MST. Certa vez, minha mãe foi chamada à escola pelo diretor, para uma reunião. Morávamos no acampamento Oziel Alves Pereira, em Campo Grande (MS), e estudávamos no bairro das Moreninhas, pois ainda não estava construída a escola do MST em nosso acampamento. Ao chegar lá, minha mãe, preocupada, acreditando que se tratava de um problema que eu havia causado, ficou orgulhosa

---

(orgs.). *Teatro e transformação social, Teatro Fórum e Agitprop*. São Paulo/SP: Centro de Formação e Pesquisa Contestado, novembro 2007, p. 112.

<sup>114</sup> MST. Educação. *Site* do MST.

<sup>115</sup> Coletivo Nacional de Cultura – Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré (orgs.). *Teatro e transformação social, Teatro Fórum e Agitprop*. São Paulo/SP: Centro de Formação e Pesquisa Contestado, novembro 2007, p. 17.

quando ouviu o que naquela época soava como um elogio: “Seu filho, dona Antônia, será o futuro Lula do Brasil”. Ainda bem que Deus teve misericórdia da minha alma não permitindo que essa “profecia” viesse a se cumprir, caso contrário, hoje eu deveria estar preso. O que aquele diretor – que na época estava vibrante com o primeiro mandato do então Presidente Lula – estava querendo dizer é que eu estava seguindo os mesmos passos daquela figura política que havia chegado ao poder. Segundo as fontes da época, Lula terminou seu mandato com mais de 80% de aprovação; sendo números inflados ou não, o fato é que naquela época ele estava no auge de sua popularidade, e as escolas, no entanto, já estavam cheias de professores e diretores militantes que viam com bons olhos uma criança como eu fazer militância pela causa socialista. Conseguise imaginar como estão as escolas do Brasil hoje, quase 20 anos após esse incidente? Eu e meus colegas do MST aproveitávamos cada momento, seja em sala de aula ou nos intervalos, para colocar hegemonicamente nossas ideias. Nos tornávamos populares nas escolas, pois fazíamos teatros, declamávamos poemas como esse do “satanás desocupado”, erámos aplaudidos por professores e alunos; não havia nada que pudesse nos frear em nossa obstinação por ser parte da causa revolucionária.

## 4.4 Eldorado do Carajás: lavagem cerebral e morte

Há um aspecto importante de como funciona a mística no MST, que são os muitos mitos criados ao longo da existência do movimento. O MST é especialista em transformar suas tragédias em instrumentos políticos e religiosos e, assim, enquanto canoniza todos aqueles que morreram em conflitos, canaliza um sentimento de injustiça para seus militantes. Havia filmes e cartilhas nos campos de doutrinação que contavam histórias heroicas de luta pela terra, e tudo aquilo era demasiado inspirador para crianças da minha idade. Havia sempre um sentimento pairando no ar que nem sempre sou capaz de descrever, mas tudo era detalhadamente

planejado para nos ensinar algo. O próprio nome de nosso primeiro acampamento era Oziel Alves Pereira, que, segundo o movimento, foi um dos 19 mártires que foram assassinados pela polícia fascista no “massacre de Eldorado do Carajás”, no Pará.

Segundo matéria da *Folha de São Paulo* de 22 de abril de 1996, Oziel Alves Pereira integrou o MST com apenas 15 anos de idade, já participando da sua primeira invasão naquele mesmo ano. Lá ficou conhecido como “zumbi”, após participar de uma apresentação místicas em homenagem aos 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares. Chegou ao movimento tendo estudado até a quarta série, teve seus estudos pagos pelo MST e era visto com uma “liderança promissora” pelos militantes, chegando a se tornar coordenador estadual do MST. Apenas dois anos após sua chegada ao movimento foi morto, aos 17 anos, em Eldorado do Carajás, junto com outras 18 pessoas. Oziel Alves Pereira sempre foi apresentado como um herói nacional e sua triste morte era motivo de euforia política para os militantes que falavam a respeito de sua bravura, de como, mesmo na iminência da morte, morreu gritando “viva o MST”, “viva o MST”. No entanto, Oziel foi somente mais uma das centenas de jovens vítimas do fanatismo político e religioso da seita MST. Devido à escassez de registros da época, vou colocar aqui a transcrição da matéria do *Jornal Nacional* do dia 18 de abril de 1996 que teve, naquele tempo, o registro exclusivo da cena de confronto entre a polícia e os sem-terra em Eldorado do Carajás:

Quarta-feira à tarde, Eldorado do Carajás, 2 horas de conflito que deixaram imagens de violência e desespero. Foices, facões, o confronto se aproxima. Soldados do Batalhão de Choque da Polícia Militar se posicionaram na estrada, os primeiros tiros são disparados. Os policiais atiram para o alto para intimidar os invasores. Os sem-terra avançam contra os policiais, disparam tiros de revólver e jogam foices, paus e facões contra a polícia. A resposta é com rajadas de metralhadora. Invasores baleados caem mortos e feridos. Os policiais recuam e se escondem atrás de um caminhão, os sem-terra arrastam pelo chão. Um dos sem-terra feridos pega um revólver e tenta reagir, mas é impedido por outros; a mãe dele mostra a perna furada à bala<sup>116</sup>.

---

<sup>116</sup> TV PARAENSE (acervo). Massacre de Eldorado do Carajás. *Jornal Nacional* / TV Globo, 15 nov. 2021.

Nas imagens disponíveis no YouTube é possível ver notadamente que os invasores estavam preparados para a guerra. Empunhavam armas, foices, facões e até mesmo pedaços de pau e pedras, exatamente como são ensinados nos acampamentos. O *modus operandi* de guerrilha havia sido ativado, e um ar revolucionário tomava conta do ambiente. Na cena, os policiais que cumpriam seu serviço atiram para o alto, com o propósito de dispersar os invasores. Nesse momento, os sem-terra iniciaram uma ofensiva com armas de fogo, facões, foices e tudo o que tinham em mãos. Os policiais ficaram encurralados junto a um caminhão e, ao que parece, não viram outra opção senão a legítima defesa.

Enquanto descrevo essas cenas há em meu coração uma mistura estranha de pesar por tantas vidas humanas ceifadas e, ao mesmo tempo, um sentimento de indignação e impunidade. Oziel Alves Pereira foi uma vítima fatal, seu sangue segue perene manchando as mãos desse movimento que tem ceifado a vida de centenas de pessoas. Quanta manipulação dos sentidos é suficiente para transformar pessoas comuns em guerrilheiros a ponto de avançarem cegamente para cima da polícia armada, sabendo que o resultado disso certamente será a própria morte? São incontáveis famílias destruídas por confiarem suas vidas a um movimento que lhes prometia o fim da pobreza quando, na verdade, só lhes acrescentou dor e luto a sua miserabilidade.

O propósito deste livro certamente não é compilar um dossiê com os crimes cometidos pelo MST. Caso o fosse, uma enciclopédia não seria suficiente para tal. No entanto, é necessário deixar em alto relevo que o MST carrega em seu histórico um rasto de crimes e violência por onde passa. Onde quer que haja seu dedo, assassinatos são registrados, como no caso em que quatro funcionários de uma fazenda foram assassinados em Pernambuco<sup>117</sup>. Nem mesmo os animais foram perdoados, como no caso em que 50 vacas grávidas foram executadas pelos terroristas e tiveram suas vísceras espalhadas em sinal de terror<sup>118</sup>. Além de sequestros, extorsões, perseguições e ameaças, tudo isso revela uma face oculta do movimento – oculta e bem

---

<sup>117</sup> “MST admite morte de 4 funcionários de fazenda em PE”. *Terra*, fevereiro 2009.

<sup>118</sup> SOUZA, R. F. de. “Massacre de vacas em fazenda de Marabá/PA é maliciosamente atribuído ao MST por páginas reacionárias.” *Veganagente*, 3 dezembro 2015.

diferente daquela propagada pelos bastiões da justiça e dos direitos humanos, membros da igreja mística marxista do MST.

## 4.5 A politização do agronegócio

**E**m setembro de 2021, a escritora e deputada estadual Ana Campagnolo fez uma gravíssima denúncia na Assembleia Legislativa Estadual de Santa Catarina (ALESC) de que a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) estaria realizando um Curso de Extensão sob o tema “Reforma Agrária Popular, Agroecologia e Educação do Campo: alimentação e educação no enfrentamento ao agronegócio e às pandemias”. Dentre outros, esse curso de extensão tinha como objetivo demonizar o agronegócio brasileiro comparando-o a uma pandemia mundial, que matou milhões de pessoas no mundo<sup>119</sup>. Apesar de ser um tremendo absurdo, a demonização do agronegócio tem se tornado inevitável dada a avalanche de doutrinação que tem furado a bolha de movimentos marxistas como o MST e invadido as universidades brasileiras. Não quero dizer com isso que o fenômeno da doutrinação marxista nas universidades federais tenha sua origem no MST. Na verdade, tanto o surgimento do MST como a tomada das universidades pelos marxistas ocorreram de forma paralela e simultânea nas últimas décadas, devido à displicência política da ditadura militar desde 1964. No entanto, não é possível comparar a radicalização revolucionária de um movimento forjado ocultamente aos olhos da sociedade – como é o caso do MST – àquele marxismo cultural gerado nas universidades. O que se percebe é que, enquanto no passado eram os militantes que saíam das universidades doutrinados, para pertencer a movimentos sociais, dessa vez são os radicais militantes dos movimentos sociais que estão retornando às universidades para levá-la ao seu potencial máximo de radicalização.

O objetivo político do MST é evidente: estabelecer o fim da propriedade privada no Brasil, pois esta é um dos maiores

---

<sup>119</sup> CAMPAGNOLO, Ana. “Terrorismo vermelho”. *YouTube*, outubro 2021.

impedimentos à revolução socialista. Diante disso, o MST, dessa vez, influenciando as universidades, passa a canalizar suas forças e declarar guerra àquele que, desde a sua fundação, sempre foi considerado seu maior inimigo, o agronegócio do Brasil.

Dentre tantos teatros místicos que o MST apresenta nas escolas, igrejas e universidades brasileiras, há dois outros que são ensinados com muito afinco nos campos de doutrinação. O primeiro se chama “campo de guerra em sala de aula” e o segundo “a luta do camponês contra o agronegócio”. A primeira peça teatral conta a história de um professor que teve a fazenda do seu tio invadida pelo MST. Enquanto o professor se direciona à escola onde irá lecionar, ele começa a praguejar pela invasão da fazenda de seu tio, com palavrões, pois ele é professor em uma escola rural e terá que dar aula para os filhos dos acampados. Enquanto isso, a cena mostra uma aluna chamada Margarida afirmando o quanto está feliz pelo seu primeiro dia de aula e como acredita que a aula será incrível, tal qual as aulas que ela teve nos cursos do MST. Recortei um trecho do que acontece na sequência, quando ambos chegam à escola:

Três atores se posicionam nas cadeiras, demarcando o espaço com uma sala de aula.

PROFESSOR

Bom dia, crianças!

MARGARIDA e MARQUINHOS

Bom dia, professor!

MARQUINHOS

Olha só, Margarida, é professor novo!

PROFESSOR

*Como é o nome de vocês? Marquinhos e Margarida respondem.*

Nossa! É um prazer vir aqui dar aula para vocês!

MARQUINHOS

E pra gente também é um prazer ter o senhor aqui, professor.

O professor vê a bandeira do MST na parede e se irrita. Vai até ela, arranca-a da parede e faz um gesto de que vai jogá-la no lixo.

MARGARIDA

*Ê professor, essa bandeira é minha!*

PROFESSOR

Então guarde-a contigo! Joga a bandeira no colo de Margarida. Eu não tolero essa bandeira. Hoje mesmo escutei no rádio que os sem-terra invadiram a fazenda do meu tio Leôncio! Eu sou contra esse movimento! Por que não trabalham pra conquistar a terra do mesmo jeito que meu tio conquistou? Ele trabalhou a vida inteira pra ter o seu pedaço de terra e agora esses vagabundos vão lá e invadem!

MARGARIDA

**Ah, professor, mas a gente trabalha! Inclusive, a comida que você come é a gente que produz**<sup>120</sup>.

A partir daí os alunos entram em guerra ideológica com o professor. O professor é rotulado como uma espécie de “conservador” grotesco e extremista que usa seu poder autoritário para calar e oprimir os alunos enquanto debatem sobre produção de alimento e História do Brasil, dentre outras coisas. Ao final, a aluna Margarida deixa bem claro sua mensagem: **“MARGARIDA – Pois bem, Professor. Eu vou me formar, ser uma professora, para eu ensinar uma história verdadeira que é a realidade do nosso país”**<sup>121</sup> (p. 84, grifos meus).

Acessar esses materiais pedagógicos do MST e das universidades brasileiras são importantes para tentar compreender em que nível se encontra a histeria coletiva da esquerda brasileira ao propor, por exemplo, que o MST é responsável pela segurança alimentar do Brasil. É mais triste ainda pensar que o universitário médio não somente acredita nessas mentiras como são capazes de, com isso, fazer citações em seus mestrados e pós-graduações. Isso explica porque Paulo Freire, um dos principais responsáveis pela criação das CEBs – que deram origem ao PT e ao MST – é considerado hoje o terceiro educador mais citado em faculdades de Humanas no mundo<sup>122</sup>.

---

<sup>120</sup> Coletivo Nacional de Cultura – Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré (orgs.). *Teatro e transformação social, Teatro Fórum e Agitprop*. São Paulo/SP: Centro de Formação e Pesquisa Contestado, novembro 2007, p. 84.

<sup>121</sup> *Ibidem*.

<sup>122</sup> PAIVA, V. Paulo Freire é terceiro teórico mais citado em trabalhos acadêmicos no mundo. *Controvérsia*, junho 2016.

Desmentindo as narrativas falaciosas do MST, um estudo da EMBRAPA mostra que o agronegócio brasileiro é responsável não somente pela produção total de alimentos do Brasil, como alimenta cerca de 1 bilhão a 1,5 bilhão de pessoas em todo o mundo.

Nesta versão, o Brasil alimentaria em 2020 a 625,008 milhões (...) da população mundial, segundo o USDA; e 628,223 milhões de pessoas de acordo com a FAO. Ou seja, são valores bastante aproximados em relação àqueles compilados a partir do IGC. Isto significaria que o Brasil alimentaria sua população de 212 milhões de habitantes e mais de 410 milhões somente com suas exportações (tomando-se os dados de 2020). O que é significativo é o aumento da participação do Brasil: de 2009 a 2020 o Brasil passou a alimentar mais 200 milhões de pessoas<sup>123</sup>.

Enquanto os números não mentem, não se pode dizer o mesmo da esquerda. O Presidente Lula disse em entrevista ao *Jornal Nacional*<sup>124</sup> que o MST é o maior responsável pela produção de alimento orgânico do Brasil<sup>125</sup>. O MST, seus militantes e toda a esquerda brasileira têm disseminado a ideia de que, além de produzir um alimento ecologicamente superior ao agronegócio, sem uso do que chamam pejorativamente de “agrotóxicos”, são capazes de – sozinhos – dar conta da demanda alimentar do Brasil. No entanto, segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) e do próprio MST, a produção de arroz orgânico do MST representa apenas 0,14% da produção nacional<sup>126</sup>. Isso significa que enquanto o agronegócio alimenta eficazmente 212 milhões de pessoas no Brasil e ainda e quase cinco vezes isso no mundo, todos os anos, o MST não é capaz de alimentar o Brasil por apenas um dia com toda a sua produção.

---

<sup>123</sup> CONTINI, E.; ARAGÃO, A. O Agro Brasileiro alimenta 800 milhões de pessoas. *Site da Embrapa*, 4 março 2021.

<sup>124</sup> *Jornal Nacional*. TV Globo, 25 agosto 2022.

<sup>125</sup> “Lula lembra no ‘JN’ que MST é o maior produtor de arroz orgânico do Brasil. Armazém do Campo vende com desconto. *Rede Brasil Atual*, agosto 2022.

<sup>126</sup> DUARTE, D. A. Arroz orgânico do MST representa 0,14% da produção nacional. Volume é suficiente para alimentar 310 mil pessoas ao longo de um ano. *Agrofly*, setembro 2022.

Sem levar em conta os preços exorbitantes dos seus produtos, visto que o arroz chega a ser o dobro do preço convencional. Concluímos que, exceto pela questão ideológica, não é possível haver qualquer tipo de competição entre MST e agronegócio, pois não se trata de dois oponentes com equivalências de força. No que tange à produção, o MST é insignificante e quase inexistente comparado ao agronegócio, cuja produção representou, por exemplo, em 2016, 23% do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil<sup>127</sup>. O agronegócio é, sem dúvida, o motor econômico brasileiro, é a nossa maior força motriz em direção ao desenvolvimento.

O segundo teatro que apresentávamos com frequência é sobre uma luta de boxe entre um pequeno camponês e o agronegócio. Na encenação, há duas plateias que torcem por ambos os lutadores e gritam seus interesses particulares em coro, conforme acontecem os assaltos. Há também o juiz, que recebe suborno do agronegócio para lhe dar a vitória. Uma das cenas mais performáticas acontece quando o pequeno camponês ganha o primeiro assalto e está vibrando, enquanto o agronegócio está esmorecido e machucado. Nesse intervalo, uma garota figurando uma *ring girl*, as famosas garotas do *ring*, aparece com uma seringa gigante – feita de papelão, com letras enormes coladas escrito “RANDAP” –, e, após fazer a exibição da seringa ao público, ela aplica a substância no grande fazendeiro que tem suas forças revigoradas pelo produto. “Randap” é a transliteração de *roundup*, um herbicida cuja simbologia representa para o MST a quantidade de “veneno” que o agronegócio coloca no prato do brasileiro através dos alimentos transgênicos e do uso indiscriminado de “agrotóxicos”.

Prestes a acabar a luta, há uma cena que quero compartilhar aqui, com as falas finais de ambos os lados:

#### CORO DO AGRONEGÓCIO

Mas que ousadia! O agronegócio é o responsável pelo progresso do país. E, além disso, é um grande empregador!

Ao final da frase os atores do coro ofertam nova quantidade de dinheiro como suborno ao juiz, e ele aceita. Enquanto

---

<sup>127</sup> EMBRAPA. *Visão 2030 – O futuro da agricultura brasileira*. Secretaria de Inteligência e Relações Estratégicas. Brasília, 2018.

o coro diz a frase, o Grande Fazendeiro arma um soco, em câmera lenta.

#### CORO DO MST

Mentira! O Camponês se esquiva e contra-ataca com um soco. As pequenas unidades são responsáveis por 87% da mão-de-obra do campo. **A cada alimento o Camponês acerta um soco no Grande Fazendeiro. À medida que os alimentos são mencionados**, uma imagem gigante de cada – com o dado percentual – é erguida sobre os lutadores, sustentada por um membro do coro do MST, por meio de uma haste de madeira. Por mais de 70% da produção de tomate, feijão, leite. Por mais de 80% da produção de aves, suínos, banana. Mais de 90% da produção de uva, mandioca. Quer mais?!<sup>128</sup> (p. 124, grifos meus).

Uma das maiores honras para mim *no campo de doutrinação* do MST foi ganhar o papel de pequeno camponês. Várias foram as passeatas e protestos que fazíamos nos quais apresentávamos tal peça. Minha irmã, por vezes interpretou a *ring girl*, e junto aos outros jovens éramos aplaudidos pela população. Uma dessas apresentações foi quando fizemos uma passeata até a sede do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) na cidade de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul. Nesse episódio, enquanto fazíamos a passeata e promovíamos vandalismo pela cidade, quase linchamos um cidadão por ele ignorar a nossa ordem para parar o trânsito enquanto passávamos. Mais à frente, ao chegar em frente da sede do INCRA, enfrentamos o segurança do prédio, que estava armado. Ele fez sinal de reprovação para que não escalássemos as grades da entrada do prédio, mas seu olhar ameaçador foi insuficiente para nos impor medo. Nesse dia de muita agitação, meus referenciais, os militantes, foram mais ousados: escalaram à mão o primeiro andar pelo lado de fora e assumiram o escritório, intimidando os funcionários, pedindo que eles trouxessem um cafezinho enquanto badernavam por todo o andar cantando músicas do movimento ao som de pandeiros e atabaque: “Arroz deu cacho e o feijão floriôô, milho na palha coração cheio de amor, povo sem-terra fez a guerra por

<sup>128</sup> Coletivo Nacional de Cultura – Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré (orgs.). *Teatro e transformação social, Teatro Fórum e Agitprop*. São Paulo/SP: Centro de Formação e Pesquisa Contestado, novembro 2007, p. 124.

justiça, visto que não tem preguiça; este povo é de pegar cabo de foice, também cabo de inchada...”.

Não sei quanto tempo da apresentação foi transmitida à população, mas me lembro que essa peça de teatro contra o agronegócio chegou a ser veiculada na TV através de uma reportagem enquanto apresentávamos ao mundo o pequeno camponês sendo massacrado pelo malvado agronegócio.

Fazer oposição ao agronegócio era sempre a pauta que dava mais engajamento aos militantes, pois, nesse caso, era sempre usado o argumento emocional. A cena do personagem agronegócio quase morto, sendo fortalecido pelo seu “agrotóxico” Roundup fazia lembrar o personagem Marinheiro Popeye quando comia seu espinafre. Impregnávamos através das encenações que as doenças modernas eram frutos de uma conspiração das grandes corporações em vender alimentos intoxicados para a mesa do brasileiro. A revolta tomava conta de quem assistia: por anos foram enganados, entravam em conflito existencial, pois talvez o agronegócio fosse o responsável pelo câncer da avó ou pelo Alzheimer da tia. Fato é que grande parte do mal na humanidade era culpa do monstro capitalista devorador de vidas – o agronegócio brasileiro. Dentre as muitas mentiras que absorvíamos, havia teorias da conspiração como a de que o transgênico era na verdade uma semente geneticamente modificada nos laboratórios dos EUA para controlar a produção mundial. Era uma semente que produz frutos cujas sementes desses frutos são inférteis. Sendo assim, em poucos anos os pequenos produtores não teriam sementes para plantar e isso os mataria de fome caso não vendessem suas terras. Duas estrofes do já citado poema “500 anos” desenham bem todas essas ideias conspiratórias do movimento: “Nos tornamos dependentes, mas onde vamos chegar já controla a semente de o agricultor plantar. Criaram os transgênicos porque a produção natural era pouca. Tal grande descoberta trouxe o mal da vaca louca”<sup>129</sup>.

Sem compromisso algum com a realidade, com números inventados e narrativas completamente fictícias, o MST tem invadido o sistema educacional brasileiro com a arma mais

---

<sup>129</sup> Coletivo Nacional de Cultura – Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré (orgs.). *Teatro e transformação social, Teatro Fórum e Agitprop*. São Paulo/SP: Centro de Formação e Pesquisa Contestado, novembro 2007, p. 106.

perigosa e genocida já criada pela humanidade: a politização da produção de alimentos. Segundo números apresentados pela deputada Ana Campagnolo em sua denúncia, morreram de fome na Ucrânia entre 7 a 14 milhões de pessoas devido à politização da produção de alimentos feita pelos comunistas. Mao Tsé-Tung, na China, matou mais de 60 milhões de fome. No Camboja, o Khmer Vermelho matou cerca de 20% da sua população colocando em prática ideias de esquerda. A própria Venezuela é responsável por ter 95% da sua população vivendo abaixo da linha da pobreza, por aplicar a política comunista ao campo. Mesmo assim, de forma irresponsável, o MST tem como uma de suas principais bandeiras a guerra contra o agronegócio, chegando a comparar – como visto – sua produção a uma pandemia mundial e promovendo uma campanha de disseminação de mentiras nas universidades através de seus teatros e sua mística.

## 4.6 Terrorismo no prato

Por se disfarçar de “religião do bem”, o MST vem ganhando força fora do cenário nacional em sua investida contra o agronegócio, e isso porque tem reunido grupos de interesse financeiro e grupos identitários em uma campanha sem precedentes contra o agronegócio através de sua pauta mais emotiva, a pauta da agroecologia. Essa ideologia problematiza a produção de alimento convencional, ou seja, aquela caracterizada pelo uso dos praguicidas, chamados pelo movimento pejorativamente de agrotóxicos. O MST vende a ideia de que o sistema de produção atual é responsável por intoxicar a mesa dos brasileiros e que a forma mais saudável de obter a produção de alimentos é voltar ao sistema arcaico de produção orgânica, que, segundo o movimento, são alimentos mais saudáveis, mais baratos, mais saborosos e o paraíso consiste em um mundo onde tudo seja orgânico. Em seu livro *Agradeça aos agrotóxicos por estar vivo*, Nicholas Vital<sup>130</sup> combate as diversas

---

<sup>130</sup> VITAL, N. *Agradeça aos agrotóxicos por estar vivo*. 2017, p. 8.

mentiras fabricadas pelo MST e por grupos identitários e aborda a questão a partir de centenas de estudos científicos, dados estatísticos e pesquisas sérias. De forma neutra sobre questões ideológicas, Nicholas inicia seu livro desmentindo algumas das maiores narrativas no que diz respeito aos alimentos orgânicos e uso de agrotóxicos na produção de alimentos:

1) *Não há, na história, registro de morte comprovadamente relacionada ao consumo de alimentos convencionais, por ingestão de resíduos. Também não houve aumento nos casos de câncer, apesar do uso intensivo de agrotóxicos nos últimos cinquenta anos. A incidência dos principais tipos da doença se manteve estável entre 1975 e 2009. Por outro lado, os orgânicos foram responsáveis por ao menos 35 mortes e mais de 3 mil casos de intoxicação alimentar pela bactéria E. coli na Alemanha, em 2011.*

2) *Não existe qualquer diferença, seja nutricional ou de sabor, entre os alimentos orgânicos e os convencionais. Isso é cientificamente comprovado. Especialistas afirmam que é difícil diferenciar esses alimentos mesmo em laboratório, como veremos mais adiante. Portanto, na próxima vez que alguém lhe sugerir que há diferença no sabor da salada orgânica, desconfie.*

3) *Pagar um pouco mais caro, não. Pagar bem mais caro, até 270%. Os preços mais altos são explicados pela combinação de dois fatores característicos da agricultura orgânica: produtividade menor e custos operacionais elevados. A escassez de produtos certificados faz com que os valores cobrados pelos orgânicos no varejo sejam inacessíveis à maioria da população brasileira.*

4) *O futuro não será orgânico. Em alta no Brasil, a estimativa é que as vendas desses produtos tenham chegado a R\$2,5 bilhões em 2016. Pode parecer muito, mas em relação ao agronegócio brasileiro não é nada. O país produz R\$ 5 bilhões apenas em batatas convencionais.*

A produção agropecuária total ultrapassou os R\$ 480 bilhões em 2015. Não dá para brigar contra OS números. Atualmente, os alimentos orgânicos representam menos de 1% da produção total de alimentos no Brasil. E isso não deve mudar muito nos próximos anos<sup>131</sup>.

---

<sup>131</sup> *Ibidem*, p. 8.

É insanidade pressupor que o Brasil, um país com uma população de 213 milhões de pessoas, sairá de 1% para uma produção 100% orgânica. Isso porque a produção de alimentos orgânicos é ideológica e não tem base alguma na ciência para demonstrar nem um aspecto de superioridade em relação à produção convencional, sem contar que milhões de pessoas morreriam de fome pelo desabastecimento e pelo encarecimento dos produtos. As lavouras seriam devastadas pelas pragas fazendo com que milhares de toneladas de alimentos ficassem inviáveis para o consumo. O pouco que colhêssemos subiria de forma avassaladora devido aos altos custos para a produção e a demanda do mercado. Retrocederíamos como nação uns 100 anos e noticiaríamos práticas de canibalismo como aconteceu em Holodomor. A própria Dinamarca, que até 2016 era considerada a “nação mais orgânica do mundo”, teve naquele ano uma participação de apenas 7,6 % de orgânicos, e isso significa que 92% da sua produção ainda é de alimentos convencionais<sup>132</sup>.

Deixando de lado a ingenuidade de achar que o MST ou esses grupos de ambientalistas estão pensando no bem comum, qual seria então a razão para tantas manchetes falaciosas ganharem as páginas de jornais todos os dias? Veja algumas delas:

**Comer alimentos com agrotóxico diminui quantidade de esperma, diz estudo 17.**

*UOL*, 31 de março de 2015.

**Grupo protesta contra agrotóxicos, microcefalia e Cunha em Brasília.**

*G1*, 3 de dezembro de 2015.

**Usuários temem maconha transgênica e com agrotóxico nos EUA.**

*BBC Brasil*, 25 de janeiro de 2016.

**Estudo liga o uso do pesticida DDT ao Mal de Alzheimer.**

*O Globo*, 28 de janeiro de 2014.

**Conheça o ‘tempero’ mais usado por brasileiros que pode matar a sua família.**

*Hypeness*, 2 de abril de 2015.

---

<sup>132</sup> VITAL, N. *Agradeça aos agrotóxicos por estar vivo*. 2017, p. 9.

**Bela Gil pediu e agrotóxico pode ter venda proibida no país?**

*Exame.com*, 26 de fevereiro de 2016.

**Envenenados: agrotóxicos contaminam cidades, intoxicam pessoas e já chegam às mesas dos brasileiros.**

*Galileu*, setembro de 2013.

**Coquetel’ de agrotóxicos ingerido no consumo de frutas e verduras pode causar Alzheimer e Parkinson?**

*EcoDebate*, 10 de agosto de 2012.

**Ministra da Agricultura diz que há preconceito contra o uso de agrotóxicos – Katia Abreu se refere aos agrotóxicos como ‘agroquímicos’.**

*Catraca Livre*, 5 de novembro de 2015.

**Agrotóxicos: o veneno que o Brasil ainda te incentiva a consumir.**

*El País*, 10 de abril de 2016<sup>133</sup>.

Em suas pesquisas, Nicholas analisou que os pequenos produtores estão fora do páreo quando se trata de ganhar muito dinheiro com produtos orgânicos. Todo esse clima de insegurança e os mitos gerados a partir da disseminação de mentiras interessa na verdade a grandes corporações e empresários experientes que lucram valores absurdos com a nova moda da “alimentação saudável”.

Nos últimos anos, o Brasil tem passado por uma crise econômica que elevou as taxas de juros, trouxe de volta o fantasma da inflação, aumentou o índice de desemprego e reduziu o poder de compra do consumidor. De acordo com o IBGE, os supermercados registraram queda de 2,5% nas vendas em 2015, a maior baixa desde 2003. Na contramão da crise estão os alimentos orgânicos, com uma alta estimada em 25% no mesmo período. Está claro para as grandes redes varejistas que, se não é possível fazer o consumidor comprar mais, que comprem produtos mais caros. No caso dos orgânicos, porém, isso só é possível se houver uma ameaça real. Eles criaram o problema para vender a solução<sup>134</sup>.

---

<sup>133</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>134</sup> VITAL, N. *Agradeça aos agrotóxicos por estar vivo*. 2017, p. 31.

Por falar em grandes cooperações, veja por exemplo o Grupo Pão de Açúcar, que tem 650 produtos orgânicos cadastrados e cresce cerca de 30% ao ano, ou o Grupo Walmart, que em 2014 cresceu três vezes mais que as demais categorias. Nesse mercado não é somente a indústria que lucra altos valores, há também os produtores que surfam na onda dos orgânicos:

Filho do empresário Abílio Diniz, o ex-piloto de Fórmula 1, Pedro Paulo Diniz já percebeu o tamanho do mercado e vem investindo no segmento há cerca de dez anos. Seu objetivo: transformar a Fazenda da Toca, propriedade com 1.500 hectares certificados (outros mil hectares devem ser incorporados em breve) na maior produtora de alimentos orgânicos do Brasil. Entre os sócios, o fundo Península, que gere o patrimônio da família Diniz e tem algo em torno de R\$ 12 bilhões em ativos. Entre os clientes, o shopping gastronômico Eataly e as redes varejistas de alto padrão St. Marché, Zaffari e Mambo. Um negócio de gente grande<sup>135</sup>.

Nas eleições de 2022, o então Vereador Nikolas Ferreira foi eleito o deputado mais votado do país com 1,4 milhão de votos. Um dos vídeos mais populares do Deputado Nikolas se tornou não somente marca da sua luta política como também foi considerado patrimônio nacional dos *memes* da Internet, sendo eternizado pela famosa frase “Faz o L”. O vídeo, que possuía milhões de visualizações, foi censurado pelo TSE e teve que ser retirado do ar, porém a celebre frase “Faz o L” se tornou uma espécie de rótulo para identificar aqueles que declararam voto ao Lula e se arrependeram e aqueles que não declararam seu voto, mas mantêm relações com as políticas de esquerda das quais muito se beneficiam dela.

Fiz questão de trazer esse assunto para nossa discussão pelo seguinte motivo: ao fazer minha pesquisa para este capítulo, todos os livros e artigos que li mostravam figurões, artistas globais e grandes empresários que, de alguma forma, lucravam com a pauta dos alimentos orgânicos e a demonização dos agroquímicos. Mesmo desconhecendo alguns nomes, apliquei uma matemática simples a minha pesquisa, que funciona da

---

<sup>135</sup> *Ibidem*, p. 32.

seguinte forma: a cada capitalista rico e poderoso, artistas globais e jornalistas que se beneficiavam da pauta dos orgânicos, eu dizia “esse certamente fez o L”, e, adivinhem só? É mesmo uma matemática precisa e infalível. O empresário Abílio Diniz por exemplo, cujos lucros com a pauta dos orgânicos lhe rendem milhões de reais todos os anos, é um ferrenho defensor da agenda verde. Ele declara, na manchete do *site Valor Econômico*: “Lula não vai cometer os mesmos erros do passado, diz Abílio”. Na sequência, o empresário toca no assunto referente à pauta ambientalista e diz:

‘Não há dúvida nenhuma que a questão climática é prioridade mundial. Acho que o Lula fez um golaço agora indo para essa conferência no Egito’, diz o empresário Abílio Diniz, um dos maiores acionistas globais da rede varejista francesa Carrefour e fundador da gestora Península<sup>136</sup>.

Mesmo não declarando seu voto abertamente, está nítido a quem empresários do ramo dos orgânicos, como Abílio Diniz e seu filho, apoiaram em 2022. Refiro-me explicitamente às eleições de 2022, pois ela foi um marco histórico na história da nação brasileira, talvez a mais importante de toda a história do Brasil marcada pela polarização entre a velha esquerda e a direita que ressurgem.

Aplicando a estratégia “fazuelí”, é possível ver quem mais tem se beneficiado das campanhas de ataque ao agronegócio brasileiro:

O ator global Marcos Palmeira, um dos maiores críticos dos alimentos convencionais, também é produtor de orgânicos. Dono de uma fazenda em Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro, ele produz verduras, legumes, frutas e queijos com alto valor agregado, vendidos no Armazém Vale das Palmeiras, também de sua propriedade, no Leblon. Lá, 1 quilo de maçã custa R\$ 23,10. Apenas como comparação, o produto convencional era vendido, no mesmo dia, por R\$ 6,90 em uma grande rede de supermercados<sup>137</sup>.

---

<sup>136</sup> SCARAMUZO, M. Lula não vai cometer os mesmos erros do passado, diz Abílio Diniz. *Valor Econômico*, 17 novembro 2022.

<sup>137</sup> “Em Ribeirão Preto, documentário apresenta experiência agroflorestal no assentamento Mário Lago.” *Site do MST*, setembro 2018.

Mais do que simplesmente “fazer o L”, o ator global Marcos Palmeira possui relações estreitas com o MST; inclusive, há uma matéria sobre ele no *site* oficial do MST onde o ator participou da gravação de uma espécie de minissérie chamada *Manual de sobrevivência do século XXI*. A gravação aconteceu no assentamento Mário Lago, do MST. Segundo o *site*, trata-se de uma produção que lança um “novo olhar sobre o meio ambiente, sobre a forma de produção, distribuição e o consumo do alimento”<sup>138</sup>. Há um vídeo do ator no Facebook, com milhares de visualizações, no qual o ator demonstra seu apoio ao movimento nas seguintes palavras:

Manual de sobrevivência para o século 21 aqui no assentamento Mário Lago mostrando a revolução que a agrofloresta pode fazer na vida dessas pessoas e viabilizar realmente o movimento sem-terra com muita produtividade e muita preservação ambiental isso é muito importante. Isso aí! Seguimos na estrada<sup>139</sup>.

Além do mais, há também diversas matérias sobre a filha do ator Marcos Palmeira demonstrando apoio ao MST. Em uma delas, a manchete diz: “Filha de Marcos Palmeira e Amora Mautner, Júlia tem 15 anos, é fã do MST e apoiou Lula na última eleição”. Nas fotos é possível ver a filha do ator fazendo o L – literalmente – e em outras fotos é possível vê-la com o maior símbolo do movimento, o boné do MST<sup>140</sup>.

A *chef* Bela Gil, filha do cantor Gilberto Gil, ganhou fama após voltar dos Estados Unidos e se tornar apresentadora em um programa de TV a cabo que ensina receitas saudáveis. Ganhando o público pela polêmica com suas receitas excêntricas – como foi o caso do churrasco de melancia –, a *chef* ganhou protagonismo em fevereiro de 2016 após convocar seus quase 700 mil seguidores do Facebook para alterarem o resultado de uma consulta pública promovida pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), que é conhecida também por

---

<sup>138</sup> *Ibidem*.

<sup>139</sup> “Ator Marcos Palmeira manda o recado no assentamento do MST, Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra.” Levante Popular da Juventude. *Facebook*, novembro 2016.

<sup>140</sup> “Filha de Marcos Palmeira e Amora Mautner, Júlia tem 15 anos, é fã do MST e apoiou Lula na última eleição.” *Purepeople*, 27 setembro 2023.

ser um órgão aparelhado aos governos de esquerda. A consulta pública visava discutir sobre o banimento do carbofurano, um inseticida muito utilizado em lavouras de milho. Em poucas horas após a militante da causa orgânica entrar em ação, o pleito terminou com 81% dos votos favoráveis ao banimento do pesticida<sup>141</sup>. Sem qualquer comprometimento com a importância dessa consulta e demonstrando ignorar os fatos científicos, milhares de pessoas votaram emocionalmente em uma pauta que desconheciam. E também desconheciam que o pesticida que substituiria o carbofurano obviamente seria um produto mais caro, não necessariamente menos tóxico e que teria resultados significativos na mesa dos brasileiros, em especial os mais pobres.

De acordo com os registros de Nicholas Vital<sup>142</sup>, a *chef* Bela Gil, desde então, vem aproveitando sua popularidade nas redes sociais para fazer propaganda de estabelecimentos especializados em venda de produtos orgânicos. Nas palavras da própria *chef* – “comida boa e sem veneno, cultivada por gente do bem” –, ou seja, os agricultores que produzem os alimentos convencionais, que representam os outros 99% seriam a gente do mal?

No *site* de um dos fornecedores indicados pela *chef* Bela Gil é possível ver a diferença exorbitante dos preços dos alimentos, e como são completamente inacessíveis à maioria da população do país:

A diferença de preços em relação aos alimentos vendidos nos supermercados é absurda. No sítio A Boa Terra, 1 quilo de maçã gala orgânica custa R\$ 33,90. No varejo, 1 o produto convencional é vendido por R\$ 6,90, ou quase cinco vezes menos.

Já 1 quilo de cebola sai por extorsivos R\$ 17,40, o suficiente para comprar mais de 13 quilos de cebola convencional, vendida a R\$ 1,33 o kg.

Existem ainda outras aberrações, como a cenoura (R\$ 9,90 a versão orgânica, contra R\$ 1,35 da convencional), o pepino (R\$ 19,90 contra R\$ 3,35) e o alho (R\$ 98 contra R\$ 16,90). Ser saudável, do ponto de vista da Bela Gil, é para poucos<sup>143</sup>.

---

<sup>141</sup> VITAL, N. *Agradeça aos agrotóxicos por estar vivo*. 2017, p. 163.

<sup>142</sup> *Ibidem*, p. 164.

<sup>143</sup> *Ibidem*, p. 164.

Dados os fatos, vamos às perguntas: será que Bela Gil “fez o L”? Será que apoiar pautas do MST como a demonização do agronegócio, dos agrotóxicos e endeusar os alimentos orgânicos para lucrar com isso não seria um bom negócio? No *site* oficial do MST é possível ver uma matéria no qual Bela Gil visita o assentamento do MST, Eli Vive, em Londrina, no Paraná. Com palavras bonitas como “agroecologia é a resposta para o futuro” e outras balelas, a *chef* e ativista política Bela Gil faz sua apologia à bandeira da agroecologia enquanto faz propaganda dos produtos do MST vendidos nas lojas Armazém do Campo:

O que você pode fazer morando na cidade? Procure o armazém do campo, que é um empório maravilhoso, com produtos da reforma agrária. Você pode comprar diretamente do produtor, pode buscar soluções que sejam possíveis na sua vida para você se aproximar da agroecologia no consumo do seu alimento. Eu acho que também é uma forma de se fazer política, de ser ativista, é comprando, indicando e compartilhando comida agroecológica<sup>144</sup>.

Na mesma data, em Londrina, a *chef* participou de um evento com lideranças do MST e do PT, e com o próprio Lula, e na ocasião discursou: “O MST produz 100% de comida saudável. A comida é uma ferramenta poderosa de transformação. Comer é um ato político. A gente faz política com a comida, para o bem e para o mal”<sup>145</sup>.

Algum tempo antes do evento em Londrina, Bela Gil recebeu Lula e lideranças do MST em seu restaurante orgânico em São Paulo para um bate-papo sobre alimentação saudável, agricultura familiar e agroecologia. Já que Bela Gil gastou tanta saliva discursando sobre resolver o problema da fome no mundo, por um fim à produção convencional dos alimentos substituindo-os pela produção orgânica, dei uma olhada no cardápio de seus produtos para ver se os valores condizem com seu discurso. Será mesmo que pessoas pobres nos acampamentos do MST teriam, por exemplo, condições de comer no badalado restaurante da

<sup>144</sup> “Agroecologia é a resposta para um futuro que a gente quer”, diz Bela Gil. *Site* do MST, março 2022.

<sup>145</sup> VASQUES, L. Reforma agrária é combater o mal pela raiz, diz Bela Gil em ato com Lula no MST. *Revista Fórum*, março 2022.

*chef* Bela Gil? No *site* da mídia *Ninja*, por exemplo, é possível ver uma matéria que demonstra que os preços anunciados no restaurante tiveram queda de até 20%. Na terça-feira, por exemplo, o hambúrguer caiu de R\$ 68,00 para R\$ 63,00. Na quarta-feira, a feijoadinha orgânica caiu de R\$ 68,00 para R\$ 63,00 também. Uma simples limonada teve um reajuste de R\$ 28,00 para míseros R\$ 21,00. Pratos infantis caíram de R\$ 39,00 para R\$ 32,00<sup>146</sup>. Em matéria da revista *Veja*, escrita pelo crítico de restaurantes Arnaldo Lorençato<sup>147</sup>, o veredito sobre os valores a serem pagos em média para uma refeição completa com bebidas e sobremesa chegou a R\$ 140,00.

Está claro que na religião “do bem” o que importa não é a prática, mas sim o discurso. Pode-se muito bem capitalizar em cima de uma pauta ambientalista enquanto se adere a um discurso socialista que contribua com seus rendimentos. A velha história de sempre: capitalismo para mim, socialismo para você, engole o choro e faz o L.

Seguindo a onda de usar ativismo para turbinar seus ganhos, a *chef* Paola Carosella é outro exemplo de influenciadora que comprou a pauta dos orgânicos. Ao se tornar celebridade após entrar para o time de jurados do programa *MasterChef*, um dos programas com recorde de audiência da TV brasileira, a *chef* Paola Carosella não cansa de usar suas redes sociais com milhares de seguidores para fazer campanhas de ataque ao agronegócio. Em um de seus textos, ela afirmou: “Existe uma ilusão de que precisamos da agricultura convencional, com agrotóxicos, para alimentar o mundo”<sup>148</sup>. A *chef*, que tem no cardápio de seu restaurante saladas orgânicas que chegam a custar R\$ 35,00, fez campanha em 2016, nas eleições municipais, para candidatos comprometidos com a pauta dos alimentos saudáveis, sugerindo que as prefeituras priorizassem a compra de alimentos orgânicos para a merenda escolar. Escreveu a *chef* no dia 1º de outubro<sup>149</sup>:

---

<sup>146</sup> “Com redução dos preços de hortifruti, restaurante de Bela Gil reajusta valores do cardápio.” *Mídia Ninja*, julho 2023.

<sup>147</sup> LORENÇATO, A. Bela Gil abre o restaurante Camélia Òdòdò na Vila Madalena. Leia a crítica. *Veja*, 18 junho 2021.

<sup>148</sup> VITAL, N. *Agradeça aos agrotóxicos por estar vivo*. 2017, p. 164.

<sup>149</sup> *Ibidem*, p. 164.

o Brasil pode ser um país agroecológico. Podemos alimentar nossos bebês, nossas crianças e adolescentes com comida limpa e saudável, amorosa, orgânica e local. A transição não será da noite para o dia, mas é possível. Se informe sobre o que sua candidata ou candidato vão fazer pelo fomento a agricultura orgânica e quais as suas iniciativas na merenda escolar<sup>150</sup>.

Com um discurso bonito, carregado de palavras como “bebês, amorosa, crianças, agroecológico, limpa, saudável”, a *chef* Paola não economiza no seu apreço pelos produtos orgânicos, no entanto, como se trata de um discurso político, o caro leitor deve no mínimo questionar quais seriam as intenções para tamanho engajamento. Seria a *chef* Paola uma guardiã do bom alimento ou será que há algo a mais que devemos saber? A seguir, como funciona a máfia dos alimentos orgânicos:

Sob o argumento de melhorar a qualidade das refeições servidas às crianças matriculadas na rede municipal de ensino, o ex-prefeito Fernando Haddad (PT) sancionou em março de 2015 a Lei 16.140, que torna obrigatória a inclusão de alimentos orgânicos ou de base agroecológica na alimentação escolar. A nova lei permite que a prefeitura pague até 30% a mais por esses produtos, uma verdadeira afronta aos contribuintes paulistanos. *‘É óbvio que não conseguiremos comprar orgânicos no mesmo preço que o alimento produzido em latifúndios.*

Por isso, é preciso uma autorização legal para, pagando um pouco mais, ir introduzindo alimento orgânico nas escolas e fazer com que as crianças fiquem mais saudáveis’, afirmou o ex-prefeito<sup>151</sup>.

Segundo Nicholas Vital (2017), até 2012 havia investimento de apenas 1% de recursos do Programa Nacional de Alimentação escolar para a compra de alimentos orgânicos. Porém esse número deu um salto para 27% até o último ano da gestão de Haddad. Outro fato que torna fácil entender a militância da *chef* Paola pela causa orgânica é que foi criada uma zona rural que

---

<sup>150</sup> *Ibidem*, p. 166.

<sup>151</sup> *Ibidem*, p. 166.

prevê o financiamento e vários incentivos fiscais para a produção agroecológica na Cidade de São Paulo. Coincidentemente, esse espaço fica na região de Palheiros, exatamente onde estão instalados os parceiros da *chef* Paola Carosella. Usar dinheiro público para comprar alimentos orgânicos meramente por questões ideológicas abre caminho para fraudes em licitações, com superfaturamento de até 30%. Já é provado cientificamente que os alimentos orgânicos não possuem diferenças significativas em relação aos convencionais. Na verdade, correm o risco de serem menos saudáveis. Qual seria então o motivo para tanto investimento em compra de produtos 30% mais caros usando o dinheiro do contribuinte senão a corrupção? Sem contar que é quase impossível fiscalizar se esses alimentos são realmente orgânicos, pois há nesse mercado uma grande máfia que “vende gato por lebre”, e, em muitos casos, até mesmo com certificação da ANVISA.

A esse ponto, nem se deve mais perguntar se a *chef* ativista também fez o L, não é mesmo? Já é possível visualizá-la com aquele sorriso maroto usando o boné do MST e gritando palavras de ordem, não é mesmo? Exatamente! Em 2022, a *chef* e ativista orgânica lançou uma ofensa contra apoiadores do ex-Presidente Jair Messias Bolsonaro afirmando que “quem apoia Bolsonaro é escroto ou é burro”<sup>152</sup>, além de ter declarado voto no PT<sup>153</sup> e posar com boné do MST ao lado de outros artistas globais como Lázaro Ramos e Maria Ribeiro. Não falha nunca!<sup>154</sup>.

No *site* do MST há uma manchete assim: “Cada brasileiro consome em média 5,2 litros de agrotóxicos por ano. Até quando vamos engolir isso?”<sup>155</sup>. Militantes e ativistas se aproveitam dessas manchetes sensacionalistas para aterrorizar a população brasileira todos os dias. Imagine o cidadão que está em sua casa almoçando e assistindo televisão quando o noticiário lhe diz que naquele ano ele absorveu em seu corpo cerca de 5,2 litros de produtos

---

<sup>152</sup> “Paola Carosella critica quem apoia Bolsonaro: ‘escroto ou burro’; bolsonaristas atacam *chef* na *web*.” *GI*, maio 2022.

<sup>153</sup> ALMEIDA, L. F. Paola Carosella dá opinião surpreendente sobre Lula e o que espera do Brasil. *RDI*, abril 2023.

<sup>154</sup> “Fujam da polêmica: o boné do MST é pra adquirir, prestigiar e usar, diz movimento.” *Mídia Ninja*, março 2022.

<sup>155</sup> “Cada brasileiro consome em média 5,2 litros de agrotóxicos por ano. Até quando vamos engolir isso?” *Site* do MST, maio 2021.

químicos? O sentimento é o mesmo de quem assiste ao teatro místico do grande fazendeiro contra o pequeno camponês, um sentimento de indignação e injustiça. O *site* do movimento nem se deu ao trabalho de dizer que esse número mirabolante se deu através de uma conta burra: os autores pegaram o volume de litros de agroquímicos vendidos naquele ano, estimado em 1 bilhão, e dividiram pela população, que naquela época era de 192 milhões de pessoas. Seria quimicamente impossível que os habitantes do Brasil estivessem vivos caso essa matéria descrevesse a realidade. Como previsto, isso não passa de mais uma narrativa infundada e tendenciosa daqueles que lucram com o terror.

Em 1963, foi criado o *Codex alimentarius*<sup>156</sup> por uma organização intergovernamental assessorada por vários organismos científicos como a FAO/OMS responsáveis por avaliações sobre resíduos em alimentos e no meio ambiente, mas principalmente por recomendar os Limites Máximos de Resíduos, também conhecido pela sigla (LMR). O próprio nome já diz, o LMR é a quantidade máxima de resíduos de agrotóxicos que são permitidos em um determinado alimento. Esse limite é sempre definido em níveis bem abaixo do que poderia representar algum risco para a saúde humana. Nicholas Vital explica de forma matemática e com uma conta simples é capaz de desmentir narrativas mentirosas como essa no *site* do MST e compartilhada pelos ativistas antiagronegócio.

A batata, por exemplo, tem um LMR de 0,1 PPM,<sup>11</sup> o equivalente a 0,1 mg/kg de pesticida, para o fungicida clorotalonil. Em um cálculo grosseiro, isso quer dizer que, para ingerir 5 quilos de agroquímicos por ano, seria preciso consumir 50 mil toneladas de batatas, ou 137 toneladas por dia, durante os 365 dias do ano. Em outros alimentos, o limite seguro para o uso do clorotalonil é ainda maior. No caso do feijão, o LMR é de 0,5 PPM; no arroz, 2 PPM, enquanto na alface chega a 6 PPM.

A matemática é uma ciência exata e os números mostram que esse mito de que os brasileiros ingerem 5,2 litros de

---

<sup>156</sup> O *Codex Alimentarius* é um conjunto de padrões alimentares adotado internacionalmente e apresentado de maneira uniforme. Os objetivos da publicação desses padrões alimentares são proteger a saúde do consumidor e garantir práticas legais no comércio internacional de alimentos.

agrotóxicos por ano não passa de uma grande falácia dos defensores dos alimentos orgânicos<sup>157</sup>.

Assim que a narrativa se torna obsoleta é hora de atualizá-la para fomentar o terror. Em nova nota, o MST afirma que a quantidade de agrotóxico ingerida pelos brasileiros havia subido de 5,2 para 7,36 litros por pessoa durante um ano. Com um estilo militante completamente desonesto, o MST e demais ativistas só reafirmam o que foi dito sobre a “religião do bem”. São maquiavélicos, usam de meios ilegais e criminosos para atrair adeptos e alcançar seus objetivos, que na maioria das vezes envolve dinheiro e poder. Ainda assim, todo o crime é justificado pela “virtuosidade” da causa à qual defendem, o bem da humanidade, a proteção do meio ambiente e a saúde da população, um discurso maniqueísta cheio de remendos do qual se utilizam os defensores da pauta orgânica.

---

<sup>157</sup> VITAL, N. *Agradeça aos agrotóxicos por estar vivo*. 2017, p. 81.



**5**

---

# O exército vermelho

## 5.1 Uma tentativa de definição

Há uma angústia comum a todo cidadão brasileiro de bem em relação ao MST. Trata-se de um sentimento de impunidade, de injustiça e de mistério. Impunidade pois não se tem notícia de nenhuma responsabilização séria, por parte do poder público, em punir aqueles que invadem propriedade privada, depredam patrimônio público, manipulam pessoas pobres, corrompem menores e aterrorizam o país. Injustiça porque são muitas as sequelas de dor, miséria e destruição que ficam em cada centímetro por onde passa esse movimento. Mistério porque existe pouco, ou quase nenhum material capaz de esclarecer as origens e os propósitos desse movimento. Dizer que se trata de um movimento criminoso não resolve a questão. Afinal, seus líderes seguem livres e impunes. Dizer que se trata de um movimento terrorista tem sido insuficiente, pois com exceção do governo do ex-Presidente Jair Messias Bolsonaro, que conseguiu reduzir a quase zero as invasões e combateu frontalmente o movimento, eles seguem aterrorizando os brasileiros, sem pudor e sem limites. Como então é possível definir o MST para trazermos à luz a verdade? Confesso que tentar uma definição do MST não é uma fácil tarefa, mas quero me esforçar para ao menos ligar alguns pontos que precisam ser evidenciados. É evidente que, apesar de ser um sobrevivente aos campos de doutrinação do MST, não sou especialista no assunto, ninguém é, e em nenhum momento tenho a pretensão de ser, mas farei questão de mais uma vez ser fiel a minha consciência e me comprometer com os fatos para expor da forma mais simples e honesta possível do que se trata o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.

Até aqui, o caro leitor já tem visto como o MST é um organismo multifacetado. Ele se apresenta à sociedade de acordo com a conveniência: se é para se mobilizar, se apresentam como guerrilheiros para impor medo e terror a população com facões, foices, paus e pedras; se é para a mídia, se escondem atrás de cooperativas, produção orgânica de alimentos, ajuda aos pobres e algumas cestas básicas doadas com finalidades *marketeiras*. No

entanto, a melhor forma de compreender o MST é olhá-lo através de uma visão tridimensional. Não olhar o MST apenas de uma perspectiva, mas como quem olha para um objeto a partir de todas as suas dimensões. Imagine alguém tentando descrever por exemplo uma cadeira. É necessário ver cada ângulo e olhar a partir de todas as suas dimensões. Para sair de uma matéria prima e chegar ao ponto de se tornar uma cadeira, houve um processo complexo de preparação, cortes, medidas e *design* que foram pensados, e tudo isso deve ser levado em conta a partir dessa descrição.

Até aqui, certamente, já se trilhou um longo caminho para compreender o MST, desde a influência da União Soviética na política do Brasil a partir dos espiões da StB tcheca, passando pelas Ligas Camponesas até sua desmobilização a partir de 1964. Fica compreendido também como a Teologia da Libertação, artificialmente criada no seio da Igreja Católica, deu origem à esquerda brasileira, em especial ao PT, às CEBs e ao próprio MST. Descortinou as entranhas dos acampamentos do MST até os campos de doutrinação e suas investidas contra o agronegócio. Agora, no entanto, é preciso um olhar mais panorâmico para compreender alguns outros fenômenos.

O MST é conhecido principalmente pelas invasões de propriedades privadas em todo o Brasil. O movimento se aproveita de uma brecha na Constituição de 1988 que afirma que cada pedaço de terra em território brasileiro precisa “cumprir uma função social”. Então eles invadem as propriedades para pressionar o governo pela reforma agrária. O MST, no entanto, ignora o artigo 185 que proíbe a invasão de propriedades produtivas, pois entende-se que estas já estão cumprindo sua função social. A CF do Brasil garante o direito à propriedade privada, ao passo que abre brechas para sua relativização, e é disso que o MST se aproveita para suas invasões. A partir desse entendimento, militantes do movimento fazem o que chamam de “trabalho de base”: vão até as periferias e favelas – lugar onde a maioria daquelas pessoas vivem de aluguel, muitas vezes sem condições de bancar as despesas fundamentais como água, luz, alimentação e até mesmo pessoas que moram nas ruas – e cooptam essas pessoas para os acampamentos. Qualquer pessoa que tenha um CPF e um título de eleitor é bem-vinda ao movimento e ali

será usada como massa de manobra e voto útil para a esquerda. Essas pessoas vulneráveis são levadas para um acampamento que geralmente fica em alguma fazenda invadida ou beira de rodovias. Em caso de não haver ali um acampamento já estabelecido, pessoas de outros acampamentos são enviadas em vários ônibus para aquela região para – junto aos novos membros – promover uma nova invasão e criar ali mais um acampamento. As pessoas se submetem a morar nos acampamentos por vários motivos. Além da promessa que lhes é feita de ter uma terra para sair da miséria e cuidar da sua família, ao menos no início o MST as mantém com cestas básicas vindas geralmente do governo, como era o caso do programa Fome Zero, um programa alimentar do governo Lula, gerido pelo Frei Betto, do qual recebíamos, eu e minha família, uma cesta todos os meses. No caso da alimentação, o MST se aproveita de mais uma pauta para mobilizar as pessoas em suas manifestações: alegam que crianças estão morrendo de fome, pessoas estão adoecendo por desnutrição, para captar milhares de toneladas de alimentos nos estados e municípios. Alimento esse que será usado para financiar mais acampamentos e sustentar a militância. Testemunhei que muitas vezes o acampamento recebia alimentos tanto do governo quanto dos municípios e, nesse caso, muito alimento era desviado, vendido e até desperdiçado pelos militantes.

Uma vez morando nos acampamentos, os moradores são iniciados em um processo de doutrinação ideológica e lavagem cerebral que os colocará à disposição de quaisquer que sejam as ordens dos militantes do movimento, e é exatamente aqui que tentar definir o MST se torna complexo, pois são inúmeras as possibilidades de se usar um grande contingente de pessoas pobres, vulneráveis e submissas a uma liderança política com objetivos diversos. Não só isso, as centenas de acampamentos em todo o país contam com várias lideranças regionais que também se utilizam da sua posição para promover ações específicas daquela região, seja invadir propriedades para extorquir um fazendeiro, como o caso da última CPI, em 2023, quando José Rainha, um conhecido líder do MST foi preso<sup>158</sup>, seja mobilizar a militância para fazer *lobby* e eleger mais um político de esquerda

---

<sup>158</sup> MORAES, R. Condenado por extorsão, José Rainha diz que ‘não é criminoso’. *Revista Oeste*, 3 agosto 2023.

daquela região específica. O MST dispõe de tudo o que é preciso para manipular situações; ele conta com recursos – recursos financeiros imensos que a maioria das pessoas não faz ideia – e o seu principal ativo, o recurso humano das massas.

Francisco Graziano Neto é engenheiro agrônomo, mestre em Economia Agrária, doutor em Administração, escritor e publicou dez livros sobre questões agrárias, política e democracia. Atua no agronegócio há mais de 30 anos e é ex-presidente do INCRA<sup>159</sup>. Xico Graziano, como é conhecido, se considera um dos fundadores do MST, sendo um antigo aliado de João Pedro Stédile. Durante uma entrevista que Stédile deu ao programa *Canal Livre* da TV Band, em 2015, Francisco Graziano apareceu em um trecho da entrevista dando seu parecer em relação ao MST. Não só por se tratar de alguém com vasto gabarito em reforma agrária e ter escrito diversos livros sobre o tema, a fala de Francisco Graziano remete a alguém que conhece o MST desde a suas origens, e por isso faço questão de transcrever sua fala:

O Brasil hoje tem uma agricultura muito diferente dos anos 1950, 1960, quando todos nós lutávamos pela reforma agrária. Eu posso dizer que eu sou meio fundador do MST. O Stédile sabe disso...MST foi um movimento muito importante na luta pela reforma agrária do Brasil quando ele surgiu, mas hoje o MST é um movimento **completamente deformado** com relação às suas propostas, nem é mais um movimento. Começa a ser hoje... é uma organização muito rígida do ponto de vista estrutural: **tem comando tem, controle tem que financiar suas atividades** e faz isso de uma forma muito bem feita se **alimentando de recursos públicos**, enfim. **O MST hoje é quase como se fosse um partido político disfarçado**. Quando o MST decidiu invadir fazendas, e mais à frente, de uns 10 anos para cá, começou a **invadir terras produtivas com pretextos variados**. Eu sinto que o MST se desvirtuou completamente dos seus objetivos, da luta democrática pela terra. O MST hoje, ao fazer invasões de terra – e **faz de forma aleatória – ele usa como se fosse o poder de estado**, não é? E diz que faz isso porque o governo não faz reforma agrária, o que é um embuste notório. **Faz**

---

<sup>159</sup> Francisco Graziano é membro do Conselho Científico Agro Sustentável (CCAS), Ministério da Agricultura, Instituto de Tecnologia de Alimentos, Embrapa.

**isso porque ele afronta o estado de direito.** Esse é o grande mal do MST: é o fato de ser **uma organização que não respeita a democracia,** que **procura fazer a justiça com as próprias mãos.** O caminho disso nunca dá bom resultado<sup>160</sup> (grifos meus).

É óbvio que para ganhar expressividade e adeptos o MST precisou mostrar sua face socioeconômica, vendendo-se como um movimento que tinha como objetivo uma reforma agrária que resolvesse grande parte das mazelas sociais do país. No entanto, é perceptível que ao passo que a esquerda foi se ajustando no cenário político, aparelhando as instituições e ganhando poder, o movimento cada vez mais foi se distanciando de suas bandeiras originárias para assumir sua identidade mais essencial. Trata-se do seu caráter paramilitar e pode-se classificar o MST de forma objetiva como exército vermelho marxista.

Eu percebo que ao definir o MST como um movimento paramilitar ou “exército vermelho” incorro no risco de parecer obstinado, mas comparar as lideranças do MST com generais que possuem homens ao seu comando e rotular o Movimento Sem-Terra como um grupo de pessoas disponíveis e dispostas a receberem ordem imediatas para ações planejadas não parece ter sido ideia minha. Não tenho intenção aqui de inventar a roda, pelo contrário, o próprio Lula foi quem primeiro cunhou a ideia do MST como um exército.

O jornalista Rodrigo Constantino que hoje se encontra exilado por perseguição política – tal qual outros jornalistas como Allan dos Santos e João Figueiredo – publicou uma matéria no jornal *Gazeta do Povo* cuja manchete diz: “Ameaça de usar ‘exército de Stédile’ mostra total desespero de Lula”<sup>161</sup>. No corpo da matéria, Constantino denuncia Lula por fazer ameaças “veladas” e incitar o que poderia ser uma guerra civil no país. No vídeo que deu origem à denúncia, Lula está discursando em um evento em 2015, supostamente a favor da Petrobras. Segundo Constantino, o protesto tratava-se de “um protesto a favor da quadrilha instalada na estatal”. Em sua fala emblemática – que

<sup>160</sup> Entrevista de João Pedro Stédile. *Canal Livre*, TV Bandeirantes, 1º junho 2008.

<sup>161</sup> CONSTANTINO, R. Ameaça de usar ‘exército de Stédile’ mostra total desespero de Lula. *Gazeta do Povo*, 25 fevereiro 2015.

custou a Lula e a Stédile o preço de terem sido convidados a prestar esclarecimentos à Comissão de Direitos Humanos na Câmara dos Deputados<sup>162</sup>, Lula afirmou: “Eu quero paz e democracia, mas eles não querem, nós sabemos brigar também. Sobretudo quando o João Pedro Stédile colocar o exército dele do nosso lado”.

O discurso acalorado de Lula se deu em um contexto de tensões políticas que envolviam as manifestações pelo *impeachment* da ex-Presidente Dilma Rousseff e os avanços da operação Lava Jato, que miravam Lula como líder num dos maiores escândalos de corrupção da história do Brasil. Segundo o Ministério Público Federal (MPF), a operação Lava Jato, que ocorreu entre 2014 e 2021, teve 79 fases, milhares de mandados de busca e apreensão no país e no exterior, 130 denúncias, 278 condenações, mais de R\$ 4 bilhões devolvidos aos cofres públicos e R\$ 2,1 bilhões em multas<sup>163</sup>.

O evento em que Lula convoca o “exército de Stédile”, ocorreu em 24 de fevereiro de 2015, e foi promovido pela CUT. Poucos meses depois, o presidente da CUT, Vagner Freitas, também discursou em um evento chamado “Diálogo com Movimentos Sociais”. Enquanto o Brasil se organizava para ir as ruas contra a então presidente Dilma Rousseff, o líder da CUT disse:

Quero dizer em alto e bom tom que somos defensores da unidade nacional na construção de um projeto nacional de desenvolvimento para todos e para todas **e que isso implica agora nesse momento ir para as ruas entrincheirados com arma na mão** se tentarem derrubar a presidenta Dilma Rousseff<sup>164</sup> (grifos meus).

Na sequência, ele manda um recado à Presidente Dilma Rousseff: “Seremos, presidenta Dilma, qualquer tentativa de atentado à democracia, a senhora ou ao presidente Lula **nós**

---

<sup>162</sup> MELO, D. Câmara quer que Lula explique fala sobre ‘exército’ do MST. *Terra*. 18 março 2015.

<sup>163</sup> OTOBONI, J.; FREIRE, D. Relembra todas as 79 fases da operação Lava Jato, que chegou ao fim. *CNN*, março 2020.

<sup>164</sup> FREITAS, V. Discurso do presidente da CUT pede ‘ida à rua com armas na mão’ se tentarem derrubar Dilma. *TV Nacional do Brasil*, 13 agosto 2015.

**seremos o exército que vai enfrentar essa burguesia na rua**<sup>165</sup>  
(grifos meus).

Com Lula agitando as massas e convocando o “exército vermelho” às ruas, cada vez mais outras lideranças da extrema esquerda se uniam ao mesmo tom, colocando o país no limiar de uma guerra civil. Em outubro de 2015, o ex-Presidente Jair Messias Bolsonaro, que naquela altura era simplesmente um deputado do “baixo clero” pelo Partido Progressista (PP-RJ), e seu filho Eduardo Bolsonaro, do Partido Social Cristão (PSC-SP), protocolaram uma representação no MPF contra Mauro Iasi, um professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ex-candidato à presidência pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) “pela evidente prática de crime contra a segurança nacional e a ordem política e social”<sup>166</sup>, Mauro Iasi, discursou em julho daquele ano no 2º Congresso Nacional da Central Sindical e Popular (CONLUTAS), em Sumaré, São Paulo, e em seu discurso ele afirmou: “*É assim* que nós enfrentaremos os conservadores, radicalizando a luta de classes. Mas qual vai ser o nosso diálogo com esse setor, um setor conservador?”. Na sequência, Mauro Iasi, usando da retórica dizendo tratar-se de um poema de Bertolt Brecht, um dramaturgo marxista, continuou seu discurso dizendo:

(...) nós sabemos que você é nosso inimigo, mas considerando que você como afirma é uma boa pessoa nós estamos dispostos a oferecer a você o seguinte: um bom paredão onde vamos colocá-lo na frente de uma boa espingarda com uma boa bala e vamos oferecer depois de uma boa pá, uma boa cova. Com a direita e o conservadorismo nenhum diálogo, luta<sup>167</sup>.

A convocação de Lula para que Stédile colocasse seu exército nas ruas, fez eco a tantos outros movimentos marxistas ligados ao PT, como a CUT, sob Vagner Freitas, e as massas influenciadas por Mauro Iasi. O resultado foi um aumento significativo de

---

<sup>165</sup> *Ibidem*.

<sup>166</sup> BRASIL, F. M. Bolsonaro protocola representação contra Mauro Iasi. Exclusivo, *Veja*, 21 outubro 2015.

<sup>167</sup> IASI, M. Comunicação. Um paredão, uma boa pá e uma boa cova, líder petista fala em discurso. *YouTube*, setembro 2016.

manifestações naquele ano. A manchete do *Canal Rural* em 2015 afirmava: “Manifestações do MST crescem em 2015”<sup>168</sup>. Segundo a matéria, que trazia dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), enquanto os 12 meses de 2014 registraram 62 bloqueios de rodovias, em 2015 somente o primeiro semestre já registrara 81. A ocupação de prédios públicos, foram 54 de janeiro a dezembro de 2014, porém, só os primeiros sete meses de 2015 já registraram 56. O número de mortos em disputa por terras no campo que em 2014 haviam sido seis, em 2015 esse número chegou a seis também no primeiro semestre. A agitação política dos marxistas, em especial a agitação promovida pelo MST naquele ano foi intensa e devastadora. Milhares de pessoas em confronto direto com opositores ou com as forças policiais, centenas de pessoas feridas e muitas vítimas fatais. Algumas manchetes daquele ano foram:

**Mulheres e MST protestam em 14 estados do Brasil.**

*Folha de São Paulo*, 9 março 2015.

**Integrantes do MST quebram porta e invadem Receita Federal, em RO.**

*GI*, 3 agosto 2015.

**Manifestantes do MST invadem sede do Creas na L2 Sul.**

*Correio Brasiliense*, 24 julho 2015

**Protesto tem confronto em frente ao Congresso; quatro são detidos.**

*UOL*, 7 abril 2015

**Integrantes do MST matam vacas com gestação avançada no Pará.**

*Compre Rural*, 1º dezembro 2015

**CRIME. MST invade fazendas, tortura, degola e mata animais.**

**Criminosos mataram vacas prenhas e deixaram os restos mortais com fetos expostos!**

*Eu Político*, 2 dezembro 2015.

Em 2016, na 24ª fase da operação Lava Jato, ficava cada vez mais evidente a iminente prisão de Lula, e ele foi conduzido

---

<sup>168</sup> *Canal Rural*, setembro 2015.

coercitivamente para depor. Poucos dias antes, ele havia discursado que “se quiserem me derrotar, vão ter que me enfrentar na rua”<sup>169</sup>. Resultado: no dia de sua condução coercitiva, militantes marxistas foram até a frente do prédio onde Lula morava, em São Bernardo do Campo (SP), quando ocorria uma manifestação conservadora contra Lula. O resultado foi confronto, agressões e muitas pessoas feridas.

## 5.2 Um exército bem-armado

Na história política do Brasil, a esquerda tem se utilizado da narrativa de que os conservadores promovem ódio contra opositores. É comum ver, principalmente militantes marxistas travestidos de jornalistas, usando contra a direita frases como: “discurso de ódio” ou “gabinete do ódio”. Na prática, tem sido o contrário. São fartas as provas colocadas aqui para demonstrar que, no que diz respeito a ódio e violência, a esquerda não somente promove, como tem em seu DNA ideológico esses dois fatores como instrumento político. Quando se trata do MST, no entanto, é preciso enfatizar que diferentemente de manifestantes marxistas que usam da radicalização para impor suas ideias a partir do medo, o MST faz isso de forma sistematizada, organizada e planejada; daí a sua característica paramilitar e terrorista. Talvez venham a calhar aqui as definições semânticas dessas duas palavras:

- **Paramilitar:** que possui as características de uma força militar; que tem a estrutura e a organização de uma tropa ou exército, sem sê-lo<sup>170</sup>.
- **Terrorismo:** utilização organizada e metódica da violência com propósitos políticos, normalmente por meio de atentados, buscando desorganizar a sociedade vigente<sup>171</sup>.

---

<sup>169</sup> *Carta Capital*, março 2016.

<sup>170</sup> *Dicionário Online de Português*.

<sup>171</sup> *Idem*.

Por ter características militares, o MST faz uso de instrumentos de trabalho como forma de se armar para as manifestações e seu teor terrorista é explicado exatamente pelo uso que faz dessas “armas brancas”, para impor seu terror à população. Para quem acha que considerar foices e facões como armas é um exagero, certamente deixou cair no esquecimento a morte do policial militar (PM) Valdeci de Abreu Lopes, morto em 1990, degolado com um golpe de foice por integrantes do MST na Praça da Matriz, no Centro de Porto Alegre (RS). As descrições feitas por testemunhas revelam o quão perturbador foram os últimos momentos do PM Valdeci.

Segundo testemunhas de acusação, um colono teria batido com uma ferramenta na viatura e Valdeci, sozinho, saiu do carro para repreendê-lo. Companheiros do sem-terra vieram em seu auxílio. O guarda foi imobilizado por um homem e golpeado por outro, pelas costas. Deu dois disparos para o chão e um terceiro, já agonizando, que atingiu a colona Elenir Nunes<sup>172</sup>.

Mas se engana quem acha que as armas usadas por integrantes do MST restringem-se a armas brancas. Desde a sua fundação, em 1984, são inúmeros os relatos de armas de fogo encontradas em acampamentos do MST, a exemplo do confronto em Eldorado do Carajás, de onde foram transmitidas ao vivo cenas de integrantes do movimento trocando tiros com a polícia. Basta dar um *google* com as palavras “armas” e “MST” que aparecerão imediatamente dezenas de manchetes como estas a seguir:

**PM encontra armas com MST e leva 10 deles para a delegacia.**

*Revista Oeste*, 20 outubro 2023.

**PM do Paraná apreende armas em assentamento do MST.**

*O Antagonista*, 20 outubro 2023.

**Caiado denuncia tráfico de drogas em assentamentos do MST.**

*O Antagonista*, 31 maio 2023.

---

<sup>172</sup> BONES, E. Conflito da Praça da Matriz – 15 anos depois. *JÁ online*, janeiro 2006.

**PM apreende armas em assentamento do MST após manifestação em rodovia.**

*UOL*, 20 outubro 2023.

**Grupo do MST invade fazenda em Tapes a tiros, diz BM.**

*Correio do Povo*, 16 abril 2025.

**MST invade mega fazenda e atira em policiais. Qual a solução?**

*Compre Rural*, 12 junho 2023.

## 5.3 As três camadas da hierarquia

Há uma importante característica que define o MST como um exército vermelho: trata-se de como é formada sua *hierarquia*. Bem distante da utopia socialista de esperar que o povo tome consciência de classe e promova uma luta de baixo para cima, o MST é um movimento que acontece de cima para baixo. Pedro Stédile lembra em seu livro que o movimento é dividido entre os “mãos lisas” e os “mãos grossas”. Os “mãos grossas” seriam os trabalhadores rurais, aqueles que lutam pela terra, e os “mãos lisas”, seriam os “estudados”, ou seja, os militantes “intelectuais”.

A mão grossa era quem pegava na enxada, o trabalhador rural, o agricultor. A mão lisa era quem não trabalhava na roça, na agricultura, mas que se engajava no movimento vindo de outros setores sociais. O importante é que, mesmo que houvesse essas brincadeiras, havia um tratamento igualitário entre os membros do MST. Nunca ninguém disse: ‘Você, mãos lisas, esperem lá fora que vamos decidir e, depois, nos juntamos’. Ou, ao contrário, a mão lisa nunca disse para a mão grossa: ‘Tu não sabes, deixe para nós que somos mais estudados’. Todo mundo era igual e recebia o mesmo tratamento e as mesmas oportunidades. É claro que havia diferenciações culturais, de formação e de escolaridade<sup>173</sup>.

---

<sup>173</sup> STÉDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. *Brava gente*. 2005, p. 33.

Em minha experiência nos acampamentos do MST sempre ficou claro que não se tratava de uma simples “brincadeira”, como sugere Stédile. Havia de fato uma hierarquia que separava aqueles que davam as ordens daqueles que as recebiam, porém dividir o movimento a partir de “mãos grossas” e “mãos lisas” seria uma forma insuficiente para compreender como funciona a cadeia de comando do movimento. Eu prefiro olhar a hierarquia do movimento a partir de camadas ou castas, três para ser mais exato:

- Na *camada inferior* está a massa, em geral são pessoas pobres, despolitizadas, grande parte analfabeta e que foi cooptada pelo movimento com a promessa de um futuro melhor.
- Na camada *intermediária*, estão os militantes. Estes, porém: se dividem em dois tipos: i) aqueles que militam pela causa ideológica fazem parte de uma luta que acreditam ser legítima, acreditam no socialismo como algo bom para a sociedade e são levados a acreditar que podem transformar a sociedade a partir desse movimento; ii) o outro tipo que constitui essa camada intermediária são militantes pouco ideológicos que, na verdade, se beneficiam com a exploração dos pobres – são psicopatas, criminosos, bem politizados e com ambições de cunho pessoal e toda a militância que fazem e a maldade que praticam é justificada pelo fato de que fazem parte da “religião do bem”, são protegidos enquanto atuam, e militam de maneira enérgica. É fato que, nessa camada, ideólogos apaixonados e aqueles que só visam o lucro se entrelaçam, pois é raro encontrar um ideólogo que também não esteja buscando se beneficiar de várias formas de todo recurso que dispõe cada faceta do movimento. No entanto, não estão livres para atuarem em tudo o que querem, sua liberdade encontra limite quando são acionados por uma casta superior para agirem como uma milícia, um exército vermelho.
- No topo da “cadeia alimentar” está a *camada superior*, e é lá que estão os que realmente dão as cartas – trata-se dos “generais”, que controlam as demais camadas; são psicopatas, megalomaníacos, movidos por dinheiro,

poder e glória. Nessa última camada estão – como sempre – uns poucos homens, velhos, ricos e poderosos, geralmente engravatados, caminhando pelos corredores institucionais em Brasília.

## 5.4 Operações Especiais

Por se tratar de um exército, o MST promove com frequência operações políticas de impacto. Seja para intimidar opositores, para pressionar o governo vigente, ou promover seu ataque à propriedade privada e ao agronegócio. Seja qual for a pauta, a verdade é que na maioria das vezes as motivações por trás das “missões” realizadas pelo movimento são ocultas aos olhos da população e passam despercebidas até mesmo da mídia. Enquanto a mídia vende as narrativas que motivam, diversas dessas manifestações do tipo “é pelo meio ambiente”, “é pela reforma agrária”, ou ainda “é pelo trabalhador no campo”, grande parte dessas ações de impacto e terror tem propósitos bem definidos e bastante partidário.

Por exemplo, em 2015, quando estava para ser votada em Brasília na Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) uma pauta que liberava o cultivo de algumas sementes transgênicas no Brasil, a principal delas era o eucalipto H421, que aumentaria a produção em até 20%. Isso significa que seria necessário um espaço 20% menor para produzir a mesma quantidade, e a conclusão é que haveria menos desmatamento e, portanto, mais preservação ambiental. Certo? No mesmo dia da votação, no entanto, mais de 1.000 mulheres do MST invadiram a empresa onde se realizavam as pesquisas do eucalipto H421 e destruíram completamente as estufas. Armadas com facões, machados e pedaços de paus, as manifestantes coagiram os funcionários, impedindo-os de sair, invadiram as estufas e destruíram toda a pesquisa<sup>174</sup>. Segundo o empresário cuja

---

<sup>174</sup> “Grupo de mulheres do MST invade fábrica e destrói pesquisas genéticas.” *GI*, 5 março 2015.

propriedade foi atacada<sup>175</sup>, houve comoção e choro, pois 14 anos de pesquisas científicas foram destruídas em poucos minutos, causando um prejuízo milionário e afetando o emprego de centenas de pessoas.

Falando a partir de experiência própria, quase a totalidade daquelas mulheres que estavam ali não faziam a menor ideia das reais motivações daquele ataque, entendiam bem pouco sobre sementes transgênicas e desconheciam qualquer tipo de impacto que isso pudesse causar ao meio ambiente, seja positivo ou negativo. Aquelas mulheres estavam ali porque uma ordem de cima foi dada. Os objetivos ao descenderem do ônibus foram claros, e elas apenas estavam cumprindo ordens, aterrorizando pessoas, destruindo 14 anos de pesquisa sem sequer saber o porquê. Como se tratava de mulheres, foram usadas como escudo humano; afinal, a polícia pensaria várias vezes antes de executar qualquer retaliação. Caso essas mulheres se recusassem a executar a ordem, a retaliação viria dos militantes, seja expulsando-as do acampamento ou impondo certas restrições e ameaças. Um transporte e, literalmente, um pão com mortadela (alimento comum em manifestações do MST) foi suficiente para que uma ação fosse executada pela camada inferior, planejada com certeza pela camada intermediária e, certamente, ordenada por um “mão lisa” de terno e gravata em Brasília.

Em 2018, o prédio onde morava a ministra do Superior Tribunal Federal (STF), Carmem Lúcia, foi brutalmente vandalizado por integrantes do MST. Os vândalos derramaram dezenas de litros de uma tinta vermelha, atiraram paus e pedras contra o apartamento dela e ainda depredaram um prédio do Ministério Público que se situava na mesma região. No vídeo da reportagem<sup>176</sup> é possível ver dezenas de manifestantes com camisas, bonés e bandeiras do movimento, gritando e cantando músicas enquanto vandalizam o prédio. Pouco tempo depois, ônibus e carros apareceram e os manifestantes entraram e foram levados de volta aos acampamentos, deixando um rastro de terror<sup>177</sup>. O MST assumiu a autoria do ataque e o próprio PT

---

<sup>175</sup> *Ibidem.*

<sup>176</sup> PIMENTEL, T.; FREITAS, R. Prédio de Carmen Lúcia em Belo Horizonte é pichado com tinta vermelha. *GI MG*, 6 abril 2018.

<sup>177</sup> *Ibidem.*

lançou nota nas redes sociais em apoio à manifestação. A ministra, no entanto, disse que não estava no apartamento e decidiu não se pronunciar a respeito. Naquela altura, o então ex-Presidente Lula já estava preso, e nas pichações era possível ver frases como “Lula Livre”, “Fora Temer”, e “Moro juiz dos ricos”. O fato é que não se sabe ao certo quais foram as reivindicações que o MST fazia a partir desse ataque. A nota do PT dizia que se tratava do “um protesto contra o comportamento da ministra à frente da presidência do STF”<sup>178</sup>. Que comportamento o MST esperava da então presidente do STF quando Lula estava preso? Por qual motivo uma ministra da Suprema Corte não se pronunciou contra um ataque a sua residência ou buscou meios cabíveis para punir os agressores? Certamente são perguntas para as quais a população jamais saberá a resposta.

Com exceção do calendário interno do movimento, cujas datas comemorativas são fixas, todas as manifestações que presenciei nos acampamentos aconteciam de forma relâmpago. Um fogo de artifício era estourado, centenas de pessoas com facões, foices, paus e pedras chegavam à assembleia sem saber do que se tratava, e, então, os militantes diziam que precisavam de certa quantidade de pessoas para ir à determinada mobilização. Argumentos genéricos e superficiais eram dados – do tipo “precisamos pressionar para ver se a terra sai” eram os mais comuns. Ao final da reunião, palavras de ordem eram dadas a fim de motivar o povo; ônibus e *vans* encostavam no acampamento e os acampados iam para suas casas pegar o “*kit* sem-terra”: uma mochila, bonés, bandeiras e camisetas do movimento, facões, foices e colchões, cobertores dependendo de quanto tempo e de onde ficariam.

Poderia estender este capítulo com centenas de outros casos de manifestações que evidenciam esse caráter militar, com ações de impacto específicas, com motivações comumente desconhecidas até mesmo para os próprios manifestantes do movimento, porém acredito já não ser mais necessário para provar o meu ponto. Sendo assim, vou apenas deixar registradas mais algumas manchetes caso o leitor queira se aprofundar:

---

<sup>178</sup> SANDIN, C. Perfil oficial do partido na Câmara diz que foi um ‘protesto contra comportamento da ministra à frente da presidência do STF’. *R7 Planalto*, 6 abril 2018.

**Governo financiou manifestação em que MST tentou invadir o STF.**

*Diário do Poder*, 24 fevereiro 2014.

**MST invade Ministério da Agricultura e joga tinta vermelha no chão.**

*Gazeta do Povo*, 9 março 2020.

**MST invade fazenda de empresário que distribui cerveja na prisão de Lula.**

*O popular*, 18 abril 2018.

**MST invade a fazenda da família de FHC em Minas.**

*Folha de São Paulo*, 24 março 2002.

**MST invade fazenda de senadora que votou por impeachment.**

*Terra*, 8 setembro 2016.

**MST invade fazenda de político no extremo oeste paulista.**

*Estadão*, 16 janeiro 2016.

**MST invade fazenda de Pedro Corrêa. Família diz que PT está por trás da invasão.**

*Veja*, 17 setembro 2015.

**Líder de invasão do MST à fazenda de amigo de Temer ganha cargo no governo.**

*R7*, 28 janeiro 2023.

## 5.5 A máfia das ONGs e dos movimentos sociais

Como se não bastassem os prejuízos causados pelas invasões de propriedades privadas, pela depredação de patrimônio público e os prejuízos sociais que afetam quase 1 milhão de pessoas pobres que sofreram nas mãos do MST, o movimento conta ainda com um financiamento milionário do Estado para suas ações. Alguém disse certa vez que “o socialismo só acaba quando acaba o dinheiro dos outros”, e isso demonstra que o Brasil é realmente um país

rico, e se depender dos governos petistas o MST está longe de acabar.

Em 2009, o líder do partido Democratas (DEM) na Câmara dos Deputados, Ronaldo Caiado, atual governador do Estado de Goiás, fez uma denúncia de repasses de dinheiro público para o MST que chegava a 268 milhões de reais. Nas palavras de Caiado: “Uma entidade envolvida em ilícito, em crime, não pode receber verba pública e o TCU já identificou irregularidades e condenou membros de entidades ligadas aos sem-terra”. Após a denúncia, ficava evidente como funcionava a máfia de captação de verba pública pelo MST<sup>179</sup>.

Até este momento o caro leitor já deve ter feito a pergunta mais importante deste capítulo e talvez deste livro: afinal, por que o MST ainda não foi criminalizado? Essa pergunta soma-se a outras tantas, tais quais: por que o MST não responde pelos seus crimes? Como é possível que receba tanta verba pública para cometer ilícitos contra a nação sem que seus líderes sejam responsabilizados devidamente? É justamente aqui que cabe a resposta: O MST não existe juridicamente, não há CNPJ, não há registros jurídicos como uma organização social, e isso dificulta o trabalho daqueles que tentam combatê-lo. Eis portanto o motivo pelo qual tantas Comissões Parlamentares de Inquérito (CPI), ainda que tenham tido grandes efeitos para freá-lo, não conseguiram detê-lo; no entanto, o movimento segue captando dinheiro público para financiar suas ações.

A máfia funciona da seguinte forma: como o MST não possui personalidade jurídica, não pode captar verbas públicas diretamente, mas o faz a partir de outras entidades ligadas ao movimento. Ele cria múltiplas organizações rurais com pautas agrárias, tudo feito de forma legal e com personalidade jurídica. Grande parte dos líderes dessas ONGs são formada por pessoas ligadas ao MST, e, assim, as organizações se tornam os braços jurídicos do movimento para captar os recursos. Em 2009, uma matéria da *Folha de São Paulo* denunciava que foram feitos 925 convênios com 43 ONGs ligadas ao MST, das quais 114 estavam inadimplentes<sup>180</sup>. Ou seja, à medida que a captação do recurso

---

<sup>179</sup> “MST pode ter recebido R\$ 268 milhões do governo em seis anos, diz DEM.” *Gazeta do Povo*, 5 março 2009.

<sup>180</sup> SALOMON, M. MST multiplica entidades para não perder repasses. *Folha de São Paulo*, 29 março 2009.

aconteciam, grande parte dessas organizações decretavam falência, fechavam suas portas e não repassavam esse dinheiro ao Estado. Outra coisa comum é que, quando determinadas organizações eram alvos de investigação em CPIs, por exemplo, deixavam de receber os recursos, porém vários outros braços jurídicos eram criados no lugar. Seguem algumas matérias a respeito:

**MST pode ter recebido R\$ 268 milhões do governo em seis anos, diz DEM.**

*Gazeta do Povo*, 21 fevereiro 2024.

**ONGs ligadas ao MST receberam R\$ 115 milhões.**

*Gazeta do Povo*, 7 outubro 2009.

**ONGs ligadas ao MST se multiplicam para obter verba federal.**

*Folha de São Paulo*, 28 março 2009.

**Governo deu R\$ 151,8 mi a 43 ONGs ligadas ao MST.**

*Dourados agora*, 30 março 2009.

**CUT, MST e UNE receberam R\$ 60 MI do governo Lula.**

*UOL*, 30 abril 2006.

**MST multiplica entidades para não perder repasses.**

*Folha de São Paulo*, 29 março 2009.

Se esquivar da justiça e se reinventar a cada passo tem sido uma das maiores façanhas do MST, e o maior erro que alguém pode cometer em relação a ele é subestimá-lo. O movimento tem ganhado *know-how* internacional e se mostrado uma força política subversiva, relevante, atraindo a atenção de ditadores e globalistas na América Latina e fora dela.

Em 2014, o ministro para Comunas e Movimentos sociais da Venezuela, Elias Jaua, veio ao Brasil e firmou um convênio com o MST, segundo a matéria de *O Globo*, “para fortalecer o que é fundamental em uma revolução socialista”<sup>181</sup>. A outra expressão usada pelo ministro da Venezuela foi para “defender o que já foi conquistado e seguir avançando na construção de uma sociedade socialista”<sup>182</sup>. Segundo o MST, o acordo previa, estritamente, cursos de formação na área de produção agrícola, ou seja, o MST

<sup>181</sup> “Governo venezuelano assina convênio com MST.” *O Globo*, 3 novembro 2014.

<sup>182</sup> *Ibidem*.

acredita que a Venezuela, um país socialista tem muito a ensinar à produção agrícola do Brasil. No entanto, em setembro de 2021, a revista *El País* divulgou dados em que coloca a Venezuela com 94,5% da sua população vivendo na pobreza<sup>183</sup>. Nesse caso, a Venezuela não parece ter muito a ensinar ao agronegócio brasileiro, exceto a ensinar o que não se deve fazer, e certamente não se deve politizar a produção agrícola de um país.

Segundo a *Revista Oeste*, uma ONG que em 2023 foi contra a CPI do MST, recebeu em 2021 financiamento de 100 mil dólares da fundação *Open Society*, organização liderada pelo bilionário George Soros<sup>184</sup>. Segundo a matéria de Edson Salgueiro, o recebimento do recurso aconteceu através de uma ONG chamada “De Olho nos Ruralistas”, cuja responsável pela captação do recurso é ninguém menos que Renata Boulos, irmã de Guilherme Boulos, deputado federal e líder do Movimento Sem-Teto MTST, um outro braço marxista do MST. As relações financeiras entre MST, países socialistas e globalistas não param por aí. Até mesmo o governo suíço parece ter interesses em comum com o movimento:

Recursos oficiais do governo suíço estão servindo para financiar atividades e programas do Movimento dos Sem-Terra (MST). O governo suíço e funcionários de entidades estrangeiras envolvidas em projetos com o MST confirmaram ao jornal O Estado de S. Paulo que parte dos recursos de organizações não-governamentais da Suíça em acordos com o MST vem dos cofres do governo de Berna. A Suíça afirma que está consciente de ‘alguns comportamentos irregulares do Movimento dos Sem-Terra’, mas não apoia seus ‘atos ilegais’<sup>185</sup>.

A manchete dessa matéria de 2007 – “Suíça financia trabalho de ONGs com o MST” – é só mais uma das centenas de outras fontes que revelam os curiosos interesses de outros países pelo MST e o perigo dessas relações financeiras que chega a ser uma questão de segurança nacional.

---

<sup>183</sup> SINGER, F. 94,5% dos venezuelanos vivem na pobreza. *El País*, 29 setembro 2021.

<sup>184</sup> SALGUEIRO, E. Ong contra CPI do MST recebeu uns 100 mil de George Soros e tem irmã de Boulos na captação de recursos. *Revista Oeste*, 31 maio 2023.

<sup>185</sup> “Suíça financia trabalho de ONGs com o MST.” *GI*, 25 janeiro 2007.

O MST é astuto e insaciável, segundo uma matéria do *UOL* o líder do movimento, João Pedro Stédile, chegou a solicitar em 2011 que o governo Dilma investisse 1 bilhão na reforma agrária<sup>186</sup>. Além do mais, em 2023, o BNDES liberou 450 milhões para “restaurarem a Amazônia”, dinheiro esse que não precisará ser reembolsado aos cofres públicos, e terá como alvo de recebimento desse recurso vários “projetos sociais”. Segundo a revista *Oeste*, mesmo sem ter personalidade jurídica, até mesmo o MST poderá receber do Fundo Amazônia e se beneficiar desse recurso de forma direta<sup>187</sup>.

Todo esse recurso milionário que o MST dispõe é somente aquilo que é possível enxergar. É provável que os números sejam amplamente maiores do que aquilo ao qual temos acesso, dada a dificuldade que se tem de acessar qualquer informação sobre o movimento. Sendo assim, a conclusão óbvia a que se pode chegar é que o MST não pode ser considerado um simples movimento social. Um exército vermelho, munido com um largo poder de recursos e um alto potencial de periculosidade talvez seja uma definição mais à altura dos fatos aqui apresentados. Mas, afinal, a quem é leal o exército vermelho?

## 5.6 A quem deve sua lealdade o Exército Vermelho?

Um dos discursos mais inflamados e que mais evidenciaram as reais intenções de Lula, seus ideais, seu sonho e seu projeto político, talvez seja o discurso em um carro de som em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Paulo, pouco antes de sua prisão em abril de 2018. Cercado por todas as lideranças dos movimentos marxistas e tendo como plateia centenas de manifestantes,

---

<sup>186</sup> “João Pedro Stédile, coordenador do MST, suspende trégua e cobra de Dilma R\$ 1 bilhão para indenizações.” *O Globo*, 10 março 2011.

<sup>187</sup> CATTAN, T. BNDES vai liberar 450 milhões para movimentos sociais restaurarem Amazônia. *Revista Oeste*, 4 dezembro 2023.

a grande maioria trazidos dos acampamentos do MST, Lula discursou:

(...) não adianta eles acharem que vão fazer com que eu pare. Eu não pararei porque eu não sou mais um ser humano: eu sou uma ideia. Uma ideia misturada com a ideia de vocês. Eu tenho certeza que companheiros como os Sem-Terra, o MTST, os companheiros da CUT, do movimento sindical, sabem, e essa é uma prova, essa é uma prova; eu vou cumprir o mandato e vocês vão ter que se transformar, cada um de vocês, vocês não vão mais chamar Chiquinha, Joãozinho, Zezinho Albertinho. Todos vocês daqui pra frente vão virar Lula e vão andar por este país fazendo o que tem que fazer, e é todo dia é todo dia (...)<sup>188</sup>.

Após afirmar que voltaria ao poder para cumprir seu mandato, Lula disse que cada “companheiro” do MST, MTST, CUT e movimento sindical a partir daquele momento, todos “vão virar Lula” e “vão andar por este país fazendo o que tem que fazer” e acrescenta que fariam isso “todo dia”, ou seja, de forma incansável, como uma meta a ser batida. Como se não bastasse fazer tal convocação para a “guerra”, Lula ainda faz promessas aos movimentos:

(...) Eles têm que saber que a morte de um combatente não para a revolução. Eles têm que saber. Eles têm que saber é que nós vamos fazer definitivamente uma regulação dos meios de comunicação para que o povo não seja vítima das mentiras todo Santo dia. **Eles têm que saber que vocês quem sabe são até mais inteligentes do que eu e poderão queimar os pneus que vocês tanto queimam, fazer as passeatas que tanto você quer, fazer as ocupações no campo e na cidade** [alisando o rosto do deputado Guilherme Boulos, ele segue] (...) parecia difícil a ocupação de São Bernardo e amanhã vocês vão receber a notícia de que ganharam o terreno que vocês invadiram (...)<sup>189</sup> (grifos meus).

O discurso de Lula parecia evocar pelo menos duas coisas; a primeira, uma convocação para uma “guerra santa”

---

<sup>188</sup> “Discurso de Lula no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.” *Rede TV*, 7 abril 2018.

<sup>189</sup> *Ibidem*.

com objetivo da sua saída da prisão e retorno ao poder. Em segundo lugar, Lula parece prometer carta branca para o exército vermelho, composto pelo MST, CUT, MTST e demais grupos, para invasões de propriedade privada, mobilizações e fechamento de BRs com pneus em chamas, típica ação desses movimentos. Essas duas coisas, caso se concretizassem no futuro, também parecem sugerir o início de uma nova era na relação entre PT e MST, quando o MST não ficaria mais separado do debate político, seu caráter “leproso”, devido à baixa popularidade por conta de seus crimes não seria visto mais como um empecilho para que o movimento viesse a ter um papel mais protagonista nessa nova era. Isso tudo, mais uma vez, beiraria a teoria da conspiração caso essas previsões não viessem a ser constatadas anos depois.

Em 2019, Lula deixou a prisão; em 2023, Lula voltou ao poder. No mesmo ano, Roseane Rodrigues, uma militante do MST foi indicada por Lula para comandar o INCRA, mesmo que a nomeação não tenha sido efetivada até o término deste livro, dificilmente essa promessa não será cumprida. Além do mais, as invasões de terra que tiveram uma queda de 98% durante o governo Bolsonaro, voltavam a todo vapor<sup>190</sup>. João Pedro Stédile, um dos fundadores do MST e que tem sido bajulado pelo governo petista, foi convidado com honras para uma comitiva presidencial à China, de onde anunciou o “abril vermelho”, quando foi registrado mais de 80 invasões de terra em um mês<sup>191</sup>. Além do mais os dados apresentados até aqui representam apenas os seis primeiros meses de um governo que tem demonstrado que não pretende ficar no poder apenas quatro anos. Receio que quando este livro estiver sendo lido pelo caro leitor, caso não seja previamente censurado, os números aqui apresentados já tenham se tornado obsoletos ante a imensidão de absurdos que têm emergido dessa relação simbiótica entre o governo do PT e o MST.

Por falar em relação, não é segredo para ninguém que PT e MST sempre atuaram juntos pela causa socialista no Brasil. Só

---

<sup>190</sup> FREUA, S.; GHIRALDELLI, G. Fatos Primeiro: Bolsonaro acerta ao apontar queda em invasões de terra em seu mandato, mas redução começou em governo petista. *CNN*, 14 março 2022.

<sup>191</sup> “Na China, líder do MST ameaça com invasões de terras após ‘Abril Vermelho.’” *Os Pingos nos Is*. Jovem Pan, 15 abril 2023.

para entender a cronologia dos fatos, a vitória do MST na invasão da Fazenda Macali aconteceu em 1979; um ano depois, em 1980, era fundado o PT; quatro anos após a fundação do PT era fundado o MST; tudo aconteceu de forma interligada e paralela. Um detalhe interessante é que a Fundação Perseu Abramo, instituída pelo Diretório Nacional do PT em maio de 1996, foi a responsável por publicar o livro *Brava Gente* de João Pedro Stédile e Bernardo Mançano Fernandes em agosto de 1999. E por falar nesse livro, quando perguntado por Bernardo sobre o encontro que mais marcou toda a história do MST, Stédile respondeu:

**Bernardo:** Qual foi outro Encontro Nacional que mais marcou a história no MST?

**João Pedro:** O quinto, realizado em 1989 num clima de agitação muito grande, porque aconteceu naquela perspectiva de eleger o Lula presidente da República. Ocorria um crescimento do movimento de massas em geral, principalmente da CUT (Central Única dos Trabalhadores) e do PT<sup>192</sup>.

Todavia, para compreender a relação entre PT e MST, nada melhor que olhar os próprios textos das resoluções políticas do partido e olhar a partir de suas lentes, como o PT enxerga esses movimentos sociais, tal qual MST, CUT, e tantos outros. Por exemplo, o texto do 6º Congresso Nacional do PT em 1989:

Nosso projeto político vai além de ganhar a eleição presidencial. Seu sentido histórico é o de transformar o País, realizar uma revolução política e social [...] Só é possível vencer este desafio com o crescimento do PT, de sua organização, capacidade de luta e de propor políticas, seja nos movimentos sociais, seja nos governos municipais<sup>193</sup>.

O tripé proposto pelo partido para implantar seu ideal socialista mirava não somente as eleições presidenciais, mas também sua capacidade política nas eleições municipais e nos movimentos sociais. Nessa mesma resolução, o PT via,

---

<sup>192</sup> STÉDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. *Brava gente*, 2005, p. 53.

<sup>193</sup> ANJOS, Isabel dos. *O socialismo nas resoluções de encontros e congressos do Partido dos Trabalhadores*. 2018, p. 96.

principalmente nos movimentos sociais, uma forma de chegar à eleição, conquistar espaços institucionais para elevar a luta socialista.

O crescimento da CUT, do movimento social, sindical, popular, agrário, negro, da juventude, das mulheres, ecológico é condição para nossa vitória nas eleições de novembro. É também condição para viabilização do governo popular e está articulado com a luta pelo socialismo. Daí se vê que a ocupação de espaços institucionais e a construção de um projeto socialista igualmente dizem respeito à disputa de hegemonia e contribuem para o acúmulo e a mudança na correlação de forças<sup>194</sup>.

Mais adiante, já no texto “O socialismo petista”, aprovado no 7º Encontro Nacional do PT, em 1991, os documentos revelam uma síntese que compõe a gênese do partido, que envolve a Teologia da Libertação, marxismo e uma pedagogia gramscista, que chamaram de “revolução comportamental”: “Confluíram para a criação do PT [...] o cristianismo social, marxismos vários, socialismos não-marxistas, democratismos radicais, doutrinas laicas de revolução comportamental etc.”<sup>195</sup>.

Essa “revolução comportamental” é explicada mais à frente quando afirma: “Pode se dizer sem o devido triunfalismo que tal pedagogia política baseada na autoeducação das massas por meio de sua participação civil revelou-se, no geral, acertada”<sup>196</sup>. Percebe-se, a partir daí, que o PT não se propunha a ser um partido político convencional, com intenções monótonas de fazer a gestão administrativa de um país. Longe disso, o partido busca uma hegemonia cultural que seja capaz de conduzi-lo a um projeto muito maior pelo qual se dispôs a lutar, e, nesse caso, movimento sociais como o MST, com sua capacidade para formar militância em seus campos de doutrinação, seriam essenciais para esse processo de educação das massas. Talvez o ponto alto dos textos do partido que afirmam a simbiose entre PT e MST esteja mais à frente, quando o partido deixa claro quais seriam as regras desse jogo em busca do socialismo:

---

<sup>194</sup> *Ibidem*.

<sup>195</sup> *Ibidem*, p. 101.

<sup>196</sup> *Ibidem*, p. 104.

No atual período, [...] a **disputa da hegemonia** supõe uma ação simultânea no terreno político social ideológico. Engloba o trabalho nas instituições onde atuamos no sentido de alargar as fronteiras da participação da democracia, da cidadania e da afirmação da sociedade sobre o estado. **Inclui a diversidade das lutas sociais não institucionais e nem sempre legais**[...] envolve a **disputa de ideias, a construção de uma nova cultura, de uma nova ética e de uma nova solidariedade social que se contrapõe aos valores dominantes**. Em resumo disputar hegemonia hoje significa construir um enorme movimento social<sup>197</sup> (grifos meus).

Em busca da hegemonia cultural política, o PT se propõe a jogar um jogo sem regras, e, para o partido alcançar o seu objetivo socialista, incluiria a criação de um “enorme movimento social” que fosse capaz de não ser institucional, o que sugere a não existência de personalidade jurídica, e sugere principalmente seu caráter ilegal, ou seja, alguém tem que fazer o trabalho sujo – não é mesmo? Qualquer semelhança com o MST não pode ser mera coincidência diante dos fatos apresentados.

Para o PT, quanto maior for um movimento social, maior sua capacidade de educar as massas. Mas há ainda uma importante característica do MST que representa bem os anseios do PT para a implantação da sua política socialista, que é sua capacidade de assumir identidade popular para pressionar o governo, e esse anseio está muito bem registrado pelo PT em suas resoluções:

Nenhuma política de governo e nenhuma proposta parlamentar se viabilizam sem sustentação social e **sem pressão popular**, muito menos um governo em nível nacional. **Assim, o crescimento, a generalização e a politização dos movimentos sociais são fundamentais** em nossa política de acúmulo de forças e disputa de hegemonia<sup>198</sup> (grifos meus).

Pintar o MST apenas como um cão raivoso, submisso e pronto ao ataque na coleira do PT seria uma resposta muito simplista à pergunta: a quem deve sua lealdade o exército vermelho? Como

---

<sup>197</sup> ANJOS, Isabel dos. *O socialismo nas resoluções de encontros e congressos do Partido dos Trabalhadores*. 2018, p. 143.

<sup>198</sup> *Ibidem*, p. 142.

qualquer organização, o MST é um organismo complexo, são milhares de pessoas sendo manipuladas nas mãos do movimento, algumas sendo introduzidas à doutrinação enquanto outras estão tão profundas na lavagem cerebral que pouco se reconhecem do que um dia foram. A cada dia dezenas de novas invasões são feitas, dezenas de outros acampamentos são formados e novas lideranças surgem. A primeira e segunda camadas da hierarquia é instável e muda com certa frequência. Crimes são cometidos, CPIs são abertas, e o poder público atua à medida que alguém se dispõe a enfrentar face a face esse movimento subversivo. Enquanto isso, o MST vai se reinventando, criando facetas com novos nomes e se subdividindo para ganhar espaços – MST, MTST, MLST são só alguns das centenas de nomes pelos quais o movimento se apresenta à sociedade. A última camada, no entanto, permanece intacta, os objetivos da cúpula permanecem inabaláveis e o exército vermelho permanece sempre disposto e disponível a uma nova missão que sirva à revolução socialista.



# 6

---

## Como Cristo me libertou de Marx

## 6.1 Um grito entalado na garganta

Quando minha história viralizou em 7 de setembro de 2022, eu não tinha noção do quanto aquilo que eu tinha a dizer era importante para expor um movimento que aterroriza o país há décadas. Podia ver no olhar das pessoas que vinham falar comigo, ou que comentavam nas redes sociais, o quanto elas estavam de certa forma impressionadas, quase que em êxtase, não por qualquer coisa que eu poderia oferecer, mas pelo simples motivo de que elas nunca tinham ouvido, até aquele momento, alguém que fosse um “ex-MST”, ou seja, alguém que houvesse sido libertado das garras ideológicas do Movimento Sem-Terra.

Não acredito que eu tenha sido o primeiro a abrir os olhos para a verdade. Acredito que muitos outros antes de mim saíram do movimento e abandonaram o socialismo por perceber tamanho engodo em que se meteram. Muitos outros certamente abandonaram o movimento simplesmente por se cansarem daquele sistema corrupto de manipulação das massas; no entanto, sufocados pelo medo e provavelmente temendo pela própria vida, eles preferiram se calar. Talvez outros até tentaram gritar, mas infelizmente no meio de tanto barulho suas vozes não chegaram a ser ouvidas. Creio que esse tempo chegou ao fim. Acredito que este livro abrirá caminho para aqueles que, como eu, tem um grito entalado na garganta, que sofreram nos campos de doutrinação e que clamam por justiça.

Minha família e eu somos a prova de como funciona o *modus operandi* das “três faces do MST” que foram mostradas na introdução desta obra. Com a finalidade de nos cooptar pela nossa pobreza, nos mostraram a face socioeconômica, prometendo uma terra para sairmos da miséria. Ao chegar ao acampamento, nos mostraram sua face política, dizendo que para conquistar a terra precisaríamos ser inseridos em um processo de luta pela Reforma Agrária. E, por fim, durante os longos anos que se sucederam, fomos aos poucos sendo doutrinados de tal forma que aquela lavagem cerebral nos conduzia a uma face do movimento que foi adquirindo caráter ideológico-religioso ao passo que nosso engajamento aumentava.

Neste último capítulo julguei necessário abordar minha saída do movimento e meu processo de libertação, entretanto, para entrar nesse assunto é necessário um pano de fundo que envolve minha infância, minha fé e o conflito e o efeito que as doutrinas de Cristo (que recebi na infância) e de Marx (que recebi no movimento) tiveram sobre mim, e como uma experiência verdadeiramente espiritual foi responsável pelo meu encontro com a verdade.

## 6.2 A doutrina de Cristo

Aos 12 anos de idade, quando entrei para o movimento, eu era uma criança com certa maturidade precoce e com uma fé genuína. Como afirmei no início, aceitei a Cristo aos oito anos e pouco tempo depois tive a experiência pentecostal do chamado, batismo pelo Espírito Santo, e havia recebido diversas profecias acerca da minha vocação missionária e pastoral. Apesar de toda a pobreza e a desestrutura familiar, minha mãe fez um excelente trabalho em me apresentar à fé cristã e me incentivar a frequentar a escola dominical aos domingos (aquela do qual quase me expulsaram). Foi na Escola Bíblica Dominical (EBD) de uma igreja da Assembleia de Deus, em São Pedro da Cipa, uma pequena cidade no interior do MT, que tive meu primeiro contato com a doutrina de Cristo. Mesmo em tenra idade, assimilava e absorvia vários daqueles conceitos como bondade, honestidade, trabalho, justiça, caridade. Sabia discernir o que era certo e o que era errado em muitos aspectos. A cada domingo havia na EBD um quadro de tecido com figuras adesivas coloridas que ilustravam as histórias bíblicas. Para cada história uma lição sobre casamento, hombridade, feminilidade, honra, força, pureza, mansidão e amor. Todos esses valores eram reforçados pelos familiares próximos, ainda que nem todos seguissem a fé cristã. Meus tios e avós, por exemplo, eram católicos, alguns nem tão praticantes, e, ainda assim, por vezes me elogiavam por estar no caminho certo indo à igreja, mesmo que muitos deles sequer iam com frequência à

missa. Bebiam muito aos finais de semana, em churrascos de família, mas a nós, crianças, não era permitido sequer fazer menção à bebida alcoólica ou cigarro. A essa altura, meu pai já se rendera ao vício do álcool e em jogos, no entanto, me lembro que por diversas vezes quando encontrávamos algo na rua, seja dinheiro ou um brinquedo, meu pai nos obrigava a ir até o local onde encontramos e deixar o dinheiro lá, sob ameaça de nos punir severamente caso não fizessemos isso. Meu pai era alcoólatra, mas sendo honesto, nos ensinou sobre honestidade. Nós dizíamos: “Nós não roubamos, nós achamos; se deixarmos lá, alguém que também não é o dono irá pegar”. Meu pai respondia: “Não interessa! Eu sou pai de vocês, não deles, estou educando vocês; quanto aos outros, não me importa o que farão”. Era nítido para mim, enquanto uma criança, por exemplo, o que era propriedade privada; era para mim um princípio sagrado que deveria ser respeitado. Questões como sexualidade também eram bem resolvidas; sabia o que era certo e o que era errado, os limites entre uma coisa e a outra eram bem definidos, não havia meio termo.

Meu primeiro contato com a doutrinação no MST foi o incidente, também já mencionado, em que os militantes menosprezaram minha fé em uma roda de conversa, me fazendo entrar em crise sobre a existência de Deus. Se diziam ateus, mas iam à missa católica da Teologia da Libertação e muitos militantes eram também feiticeiros e mexiam com ocultismo... tudo aquilo era um tanto complexo de entender. A certa altura no acampamento Oziel Alves Pereira, um pastor chamado Edilson procurou minha mãe pois queria começar um trabalho de evangelização no acampamento. Minha mãe, cristã fervorosa, rapidamente se prontificou e ambos começaram a realizar cultos frequentes no acampamento. Era um trabalho tímido, com poucas pessoas e com muitos desafios visto que os militantes por vezes sabotavam o trabalho do pobre pastor, escondendo o gerador de energia ou o combustível do gerador. Ainda assim, o pastor Edilson se manteve firme e, dali a algum tempo, já havia pelo menos uma dezena de pessoas que estavam afastadas da fé e se voltaram novamente a Cristo se tornando membros da igreja. O pastor Edilson, que pastoreava uma pequena igreja em um bairro periférico da cidade, conseguiu uma *kombi* para levar os irmãos

sem-terra a um congresso evangélico em sua pequena igreja, e assim também acompanhei minha mãe e aqueles irmãos. Nesse período eu já não me considerava mais um cristão, estava em um processo de desconstrução da minha fé. Tudo em que acreditava até aquele momento fora colocado à prova, por influência dos militantes. Eu não estava ali há muitos meses, no entanto aquele tempo foi suficiente para eu entender algo simples: eu queria muito me tornar um militante e para ser aceito naquele grupo seria necessário abrir mão do que acreditava e estar aberto àquelas novas ideias radicais e revolucionárias que tanto mencionavam nas rodas de conversa. Aceitar a desconstrução é o preço a ser pago para ter aceitação.

Ao chegar no congresso, desci da *kombi* e me deparei com uma igreja simples, de madeira e sem muito conforto. Sentei-me no último banco da igreja; não havia muitas pessoas para enchê-la e mesmo assim o culto começou. Hinos eram cantados, testemunhos eram dados e eu nem me lembrava mais qual tinha sido a última vez que fora a uma igreja que não fosse a igreja de lona do acampamento Oziel. A música, a liturgia, a forma daquelas pessoas adorarem de maneira vibrante soava para mim como algo muito estranho; aquele não era mais o meu grupo. Lembro-me exatamente, como se fosse hoje, de abrir um diálogo com Deus enquanto o culto acontecia. Disse a Deus em pensamento: “Deus eu não acredito mais em você, não sei o que estou fazendo aqui. Você disse certa vez que eu era especial, que havia para mim um destino extraordinário, que eu viajaria às nações como um missionário, que eu faria algo importante e relevante. Agora eu entendi que isso não é verdade, pois essa parada de ‘profetizar’ trata-se de uma cultura da Assembleia de Deus. Todos os amigos que tive na igreja já receberam as mesmas profecias de que seriam missionários ou coisa do tipo, ou seja, cheguei à conclusão de que é tudo enganação. Não sou especial e não acho que aquelas palavras sobre mim foram verdadeiras; na verdade, eu não acredito mais em você, você é apenas uma invenção social que está na minha cabeça”. Prossegui: “Vamos fazer assim: vou te dar uma última chance: se é verdade que você realmente me escolheu, quero que aquele pregador venha até aqui onde estou, quero que ele coloque as mãos sobre a minha cabeça e quero o Senhor

me diga, através dele, tudo o que preciso saber”. Antes que eu terminasse essa oração em minha mente, percebi que o pregador desceu do altar onde estava e começou a vir no corredor da igreja em minha direção. Ele vinha marchando como um soldado, de forma lenta e dramática, tomado pelo Espírito Santo e falando em outras línguas. Eu resisti até certo ponto, pois meu coração estava endurecido pela dúvida e obstinado em minha rebeldia, mas toda a minha resistência se foi quando o pregador chegou até mim e colocou a mão em minha cabeça. Havia uma autoridade espiritual sobre ele, havia uma atmosfera poderosa, e eu podia sentir a presença palpável e gloriosa do Senhor Jesus. Com muita ousadia, aquele homem simples, com linguagem inculta, apontou o dedo em minha direção em tom exortativo e começou a falar: “Para que nunca mais duvides da minha Palavra, eu estou aqui”. Nos próximos minutos que se seguiram, aquele homem falou sobre coisas da minha vida que ninguém poderia saber senão o próprio Deus, pois se tratava de coisas muito íntimas da minha alma; falou de como Deus havia me escolhido ainda no ventre da minha mãe; falou de algo que nem eu mesmo sabia, algo que minha mãe veio a confirmar posteriormente, de que ela, quando estava grávida de mim, fez um voto ao Senhor, e caso fosse atendida ela me entregaria a Deus para ser um missionário. Foram coisas acerca do meu passado, do meu presente e do meu futuro, coisas que vi e que a partir dali jamais consegui “desver”.

Mesmo aqueles que não professam a fé em Cristo, ou que não têm muita familiaridade com o movimento evangélico pentecostal, sabem que há coisas no universo que simplesmente não conseguimos explicar e uma delas é a experiência pessoal. Qualquer pessoa que leia este livro tem o direito de acreditar ou não, mas o fato é que isso não importa, pois, como se trata de uma experiência, ela é inquestionável para aquele que a experimentou, e, de fato, o que experimentei naquele dia marcou a minha vida de uma forma inexplicável.

O que aconteceu naquela igreja tem absolutamente tudo a ver com meu processo de libertação ideológica, pois aquela experiência marcante me obrigou a olhar para dentro de mim e reafirmar minhas convicções em Cristo. Toda a doutrina de Cristo que havia aprendido nas escolas bíblicas dominicais

estavam bem ali, não iria mais abandoná-las. Na verdade, me tornei o braço direito do pastor Edilson e passei a me envolver novamente com a igreja. Tudo isso aconteceu nos primeiros dois anos de acampamento e isso significa que após essa experiência eu ainda continuaria por muitos anos ainda sendo doutrinado e militando pela causa marxista. Então, qual era a diferença de mim para qualquer outra criança nos campos de doutrinação? É simples: a diferença era que toda a doutrina de Marx que eu recebi não foi suficientemente forte para destruir a doutrina de Cristo que já habitava em mim e me fora entregue por minha mãe na infância.

Naquele tempo eu não tinha consciência desse tipo de conflito, apenas agia de acordo com minha percepção da realidade e não sabia que havia duas doutrinas conflitandose dentro da minha mente todos os dias, mas havia algo que me impedia de radicalizar-me e abandonar certos valores. Era comum meus amigos usarem drogas de todos os tipos, muitos possuíam armas de fogo, outros já haviam até cometido homicídios. E me refiro a crianças menores de 15 anos. Outra coisa que me chamava a atenção era o nível de promiscuidade que havia entre jovens e adolescentes: as noites culturais promovidas pelo setor da cultura eram um antro de prostituição, drogas e violação dos direitos da criança e do adolescente. Lembro-me que havia no acampamento um rapaz cujo nome era Antônio – cujo apelido era “Tonho” –, e mesmo sendo muito novo, ele era homossexual assumido e tomava muitos remédios. O que diziam era que ele possuía problemas mentais e por isso sofria muito com *bullying* entre os colegas no acampamento. Além do mais, Antônio também era soro positivo e isso agravava o *bullying* que sofria. Mesmo assim, alguns amigos me contaram que tiveram relações sexuais com Tonho, um deles, inclusive, acabou contraindo o vírus da AIDS e morreu anos depois, assassinado em uma troca de tiros entre *gangs* rivais. Muitas foram as vezes em que esses amigos me chamavam para ir ao córrego onde iriam usar drogas e beber álcool, e me recusei a aceitar. Estava ali o tempo todo com eles, no mesmo ambiente, recebendo a mesma doutrinação, vivendo em uma espécie de submundo sem leis e ainda assim me mantive de certa forma protegido de tudo aquilo. Havia algo na minha consciência,

um temor, um medo saudável que me afastava de praticar tudo aquilo. Hoje percebo que se tratava da fé que um dia foi implantada em mim, a doutrina verdadeira e santa que um dia me foi apresentada.

## 6.3 O comunismo é um anticristianismo

**T**alvez a grande façanha do MST com relação a minha doutrinação foi me fazer acreditar que cristianismo e socialismo fossem a mesma coisa. Nesse caso, a mesma energia que eu engajava junto ao pastor Edilson na igreja também usava para militar pela causa socialista. De alguma forma muito estranha eu conseguia ver semelhança em ambas as coisas, buscava pontos em comum e não tinha discernimento ou conhecimento suficiente para perceber que, na verdade, se tratava de coisas antagônicas. Era comum, por exemplo, nos referirmos à terra pelo qual lutávamos como a “terra prometida”. Como podia ser diferente? Durante toda a infância ouvia histórias de como o povo de Israel peregrinou durante 40 anos no deserto, vivendo como nômades, morando em barracas, e permeando a terra a ser conquistada. Era exatamente assim o acampamento do MST. A diferença era que na Bíblia o povo era guiado pelo próprio Deus. Ali, éramos guiados pelos militantes, nosso panteão eram os heróis marxistas revolucionários.

Em uma das fotos mais emblemáticas do Movimento Sem-Terra, tirada em 1981 no acampamento Encruzilhada do Natalino, em Ronda Alta (RS), poucos anos após a invasão da Fazenda Macali, é possível ver uma imensa cruz como um dos primeiros símbolos utilizados pelo movimento para ganhar o imaginário da população. Nessa ocasião, mesmo antes da fundação oficial do MST, os manifestantes reuniram cerca de 15 mil pessoas; foi a maior manifestação do Rio Grande do Sul e contou com o apoio dos padres da Teologia da Libertação e da Igreja Luterana. Em matéria do jornal *Folha de São Paulo* é narrada como aconteceu a invasão da Fazenda Macali, que deu início ao MST: “Atravessam

o riacho que delimita a propriedade, cravam uma cruz no chão e, sobre ela, colocam a bandeira do Brasil”<sup>199</sup>.

As raízes do MST ligadas à CNBB, à CPT e à TL permitiram que o movimento se apropriasse de conceitos e símbolos católicos que fossem convenientes para vender às massas a ideia de que as ideologias que nos apresentavam e cristianismo caminhavam na mesma direção. Elas estavam mais para irmãos gêmeos que para primos de segundo grau, e infelizmente por se tratar de uma população pobre, despolitizada, incapaz de ter ferramentas intelectuais suficientes para distinguir uma coisa da outra, acabava por acreditar que tudo aquilo era verdade e abraçava o marxismo<sup>200</sup>.

A estratégia de usar roupagem cristã para implantar o comunismo não é nova. O livro *Torturado por amor a Cristo* (cuja versão original é *Tortured for Christ*) é uma prova do que estou afirmando. Publicado pela primeira vez em 1970, esse livro conta a história do pastor Richard Wurmbbrand<sup>201</sup>, que sofreu durante 14 anos em prisões comunistas na Romênia por se negar a renunciar sua fé em Cristo. O pastor Richard Wurmbbrand conta como sofreu e foi muito perseguido pelo regime nazista que estava instalado na Romênia, porém, em 23 de agosto de 1944, 1 milhão de soldados da União Soviética invadiram a Romênia logo após os comunistas assumirem o governo do país, e o terror que os comunistas promoveram ali foi tão grande que fez com que a perseguição sob o regime nazista parecesse nada. No entanto, a tática comunista para conquistar a população, principalmente os cristãos, conhecidos por seu apreço pela liberdade, foi cooptar a liderança cristã, seja pelo medo, seja pela ideologia, e fazê-la aceitar que cristianismo e comunismo são a mesma coisa:

Os comunistas organizaram um Congresso de todos os grupos cristãos no edifício do nosso Parlamento. Ali estavam quatro mil padres, pastores e ministros de todas as denominações. Esses quatro mil padres e pastores escolheram Joseph Stalin como presidente honorário do Congresso. Ao mesmo tempo era presidente do Movimento Mundial dos

<sup>199</sup> ORNAGHI, T. Stédile planejou a primeira invasão. *Folha de São Paulo*, 19 janeiro 2004.

<sup>200</sup> “A luta do Acampamento Encruzilhada Natalino.” *Site do MST*, 18 junho 2014.

<sup>201</sup> WURMBRAND, R. *Torturado por amor a Cristo*. 1976, p. 11.

Ateus e assassinos dos cristãos. Um após outro, bispos e pastores se levantaram no nosso Parlamento e declararam que Comunismo e Cristianismo são fundamentalmente a mesma coisa e podiam muito bem coexistir. Um após outro, os ministros ali presentes pronunciaram palavras laudatórias ao Comunismo e asseguraram ao novo governo a lealdade da Igreja<sup>202</sup>.

Já abordei aqui como a “religião do bem” tem em seu tripé ideológico o maniqueísmo, o maquiavelismo e o marxismo e ela divide a sociedade entre os “do bem” e os “do mal”, e usa de meios maquiavélicos para seus fins obscuros; para implantar suas ideias vale tudo, principalmente se utilizar indiscriminadamente de palavras como amor, justiça social, igualdade, liberdade e fraternidade. Essas palavras na boca de um comunista não carregam a sua semântica original; os marxistas esvaziam seus sentidos ontológicos e as transformam em meros instrumentos da revolução cultural, sendo assim a palavra *amor*, do grego *agapao*, não significa mais aquele amor sacrificial e incondicional proclamado por Jesus Cristo nos Evangelhos. Na “religião do bem”, amor pode significar o que você quiser, seja perversão sexual, fanatismo ideológico ou psicopatia. No Evangelho, Cristo nos ensinou a dar a própria vida por amor; na “religião do bem”, 100 milhões de pessoas podem ser exterminadas “por amor” à causa comunista. O mesmo serve para a palavra *liberdade*, que no cristianismo está relacionada a outras virtudes como bondade, justiça e verdade. Ninguém pode ser livre para fazer o mal, falar mentiras ou ser injusto; a liberdade não é plena, ela carrega consigo responsabilidades, no entanto, na “religião do bem”, no marxismo, o verdadeiro sentido de *liberdade* é esvaziado; usa-se a mesma palavra com o sentido de libertinagem, licenciosidade, e as consequências dessa “tal liberdade” é uma cegueira ideológica que torna o “liberto” escravo da mentira e do mal. Nas palavras do pastor Wurmbrand:

Desde que os comunistas assumiram o poder, cuidadosa e astutamente para os seus propósitos têm seduzido a Igreja. A linguagem do amor e a da sedução não diferem. Quem

---

<sup>202</sup> *Ibidem*.

deseja uma jovem para ser sua esposa e quem a deseja por apenas uma noite, para depois a desprezar, ambos dizem ‘eu te amo’. Jesus ensinou-nos a distinguir a linguagem da sedução da do amor, bem como a distinguir entre os lobos vestidos de ovelhas e as ovelhas de verdade<sup>203</sup>.

Um dos principais motivos pelo qual as pessoas se submetem à doutrinação nos acampamentos do MST é porque ela aparece sempre com esse discurso carregado de sedução disfarçada de amor, e isso explica muito como famílias inteiras – pais, mães, idosos e crianças – se tornam massa de manobra nas mãos do movimento.

É importante deixar claro que o propósito deste livro não é demonizar as quase 1 milhão de pessoas entre acampados e assentados que já fizeram ou fazem parte do Movimento Sem-Terra. Na verdade, quando me refiro ao MST, não estou pontuando a primeira camada – a inferior – aquela que agrupa a maior parte das pessoas. Quando me refiro ao movimento, me refiro à segunda e à terceira camadas, que agrupam os militantes (a intermediária), os líderes e “generais” (a superior) do exército vermelho, específica e respectivamente. É fato que na primeira camada, onde fica a massa, há sim pessoas de má índole, que viram no movimento uma oportunidade de legitimar sua maldade, mas esta é apenas uma pequena parte. A maioria das pessoas com quem tive contato nos acampamentos por onde passei eram pessoas idôneas, como meus pais, pessoas sofridas que colocavam no movimento a expectativa de cuidar de suas famílias; grande parte delas sequer entendiam de política ou sabiam quem era Karl Marx ou qualquer personagem histórico; tudo o que queriam eram paz, sossego e uma oportunidade para mudar de vida.

A pergunta que deve vir à mente é: então o que leva pessoas simples como essas se tornarem um verdadeiro exército pronto a matar e morrer pela causa do MST? A resposta é a seguinte: troque a palavra *violência* pela palavra *luta*, e a mágica acontece. Aquelas pessoas foram, dia após dia, levadas a acreditar que fazem parte de uma luta legítima por direitos, e que para isso deveriam ativar seu instinto de sobrevivência e vibrarem na

<sup>203</sup> WURMBRAND, R. *Torturado por amor a Cristo*. 1976, p. 11.

frequência revolucionária do movimento. E, mais do que isso, elas acreditam que estão do lado certo da história; toda a gama de ressentimento a que foram/são submetidas deram a elas certa justificativa para tudo o mais que possam fazer.

Para mim, o ponto alto dessa discussão sobre doutrinação reside na seguinte questão: como o objetivo deste capítulo é contar como foi o meu processo de libertação, é preciso esclarecer antes o quão profundo e prejudicial foi essa doutrinação. Será que se pode aqui mensurar o prejuízo intelectual, emocional, financeiro e humano que o Movimento Sem-Terra promoveu contra a minha vida? Será que é possível enumerar a quantidade de direitos civis, direitos da criança e do adolescente que foram violados, direitos meus, dos meus irmãos e de milhares de crianças que já passaram ou ainda passam pelos campos de doutrinação do MST? Segundo matéria publicada em outubro de 2021, os números do movimento calculam que haja cerca de 160 mil crianças estudando nas escolas do MST<sup>204</sup>. Outra informação importante é que o primeiro “encontro sem-terrinha”, por onde passam milhares de crianças todos os anos, aconteceu em 1994 no Rio Grande do Sul, e, de lá para cá, anualmente, as crianças são levadas a esses encontros com a finalidade de passarem por uma lavagem cerebral intensa, longe dos pais e dos olhos do setor público, desprotegidas e vulneráveis. Não estou me referindo aqui simplesmente a uma doutrinação no sentido ideológico, pois não se trata de ensinar a crianças algo de que se discorda ou um outro ponto de vista sobre algum assunto. Enfatizo que trata-se literalmente de coação, tortura psicológica, lavagem cerebral, manipulação, crianças sendo usadas como escudo humano em manifestações, crianças usadas como moeda de troca, crianças sendo obrigadas a idolatrar psicopatas e assassinos, violação completa da dignidade da pessoa humana de uma forma sem precedentes na História do Brasil e ainda por cima com recursos do Estado. Isso é um ultraje à Constituição brasileira!

Certo dia, telefonei para um amigo advogado e conversamos por horas. Cheguei a pedir-lhe que encontrasse uma forma de eu processar juridicamente o movimento pelos danos causados a mim e a minha família. Infelizmente descobri que isso era

---

<sup>204</sup> LIMA, C. F. “Sem Terrinha”: as infâncias em comunidades do MST. *Lunetas*, 21 outubro 2021.

impossível, visto que o MST não tem personalidade jurídica e portanto não pode ser responsabilizado judicialmente. Isso muito me entristeceu. Havia um grito entalado na minha garganta. Entretanto, ao escrever este livro sinto que parte desse grito está sendo dado; posso me sentir de certa forma aliviado enquanto escrevo. Sinto que através desta obra a verdade ecoará e a justiça virá à tona. “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos” (Mt 5:6)<sup>205</sup>.

## 6.4 “E a verdade vos libertará”

O início da minha libertação se deu ainda no assentamento Che Guevara. Só para fazer distinção, assim que o INCRA divide determinada fazenda entre as famílias, elas saem do acampamento e vão para dentro dos seus “sítios”: aquela fazenda se torna um assentamento. Pense no assentamento como uma cidade de minissítios... ao olhar no horizonte, é possível ver milhares de pequenas propriedades rurais que formam uma comunidade; isso é um assentamento. Se engana, portanto, quem acha que ao ser assentados, eu e minha família, encontramos o caminho da prosperidade tão prometida pelo movimento. O que experimentamos após receber a terra foi uma nova fase de miséria e desilusão, pois os assentamentos do MST são projetos falidos mesmo antes de acontecerem.

Mesmo habitando nossas terras, moramos por anos a fio em barracos de lona mais uma vez; nada havia mudado, exceto o fato de que o vizinho, com seu barraco de lona também, morava a alguns metros a mais de distância. Nosso fogão ainda era à lenha; para termos água tive que cavar um poço à mão – graças a Deus encontrei água a oito metros de profundidade (há lugares onde foi preciso cavar 33 metros) –; nossa luz ainda era a famosa lamparina feita à mão com calça *jeans* e óleo velho da cozinha. Mesmo havendo milhares de reais em recursos que vinham do Estado para a construção de casas e financiamento para o

<sup>205</sup> *Bíblia Sagrada*. Edição revista e atualizada, 1999.

início da produção, o que experimentamos foi uma corrupção generalizada, pois os recursos do Estado passavam antes nas mãos do movimento, licitações eram fraudadas, os materiais chegavam com muito atraso e o assentamento se tornou uma verdadeira favela rural a céu aberto.

Outro fator importante é que nos assentamentos o MST perde parte da sua força de influência sobre a população. Afinal, aquelas pessoas já lutaram por 5, 10, 20 anos ou mais pela causa e agora tudo o que querem é cuidar da própria vida. Isso explica, por exemplo, porque nem sempre é do interesse do próprio movimento entregar a terra para os sem-terra. O fato é que, uma vez assentado, comecei a me aproximar cada vez mais da Igreja e me afastar dos militantes, e o que acabou acontecendo é que tive o privilégio de ajudar a plantar várias igrejas entre aquelas milhares de famílias assentadas. As igrejas eram de lona, lugar simples e com poucas pessoas, mas aquele período na minha história – que se tornou uma verdadeira experiência missionária –, pude servir a Cristo com pouco conhecimento sobre a fé cristã, mas com grande alegria por vivenciar novamente a minha vocação.

## 6.5 Quatro palavras que mudaram a minha vida

**A**pós a minha conversão aos oito anos de idade, talvez as experiências espirituais que mais marcaram minha vida tenham sido essas duas: a primeira foi aquela, já mencionada aqui, no início da minha integração ao MST que me impediu que me tornasse um ateu; a segunda foi justamente no fim desse ciclo, marcando a minha saída do movimento, e selou um novo tempo na minha trajetória de vida. E é por causa do que aconteceu que estou exatamente onde estou neste momento.

Tudo aconteceu quando uma missionária chamada Maria Leite foi convidada a pregar nas igrejinhas do assentamento Che Guevara e em outras igrejas nos assentamentos de outros movimentos que ficavam na região. Certo dia, estava em casa

trabalhando, capinando uma pequena lavoura de mandioca que ficava bem na frente do nosso sítio. Era uma tarde ensolarada, com altas temperaturas quando vi a missionária passar em frente ao nosso lote, na estrada de chão que cortava o assentamento. Ela perguntou se minha mãe estava em casa; chamei minha mãe e logo percebi que havia uma mesa preparada para o café da tarde com a missionária, minha mãe e uma vizinha, outra dona Maria. Era para ser só mais um café da tarde, simples, com bolo de fubá; o café bem suave da minha mãe (que chamávamos de “chafé” por se parecer mais com um chá do que com um café). Na minha agenda era só mais um dia comum, na agenda de Deus, no entanto, Ele tinha algo mais sublime em mente. A missionária Maria tomou a frente e disse “vamos orar e dar graças pelo alimento”. Eu fechei os olhos e esperava mais uma daquelas orações rápidas para que pudéssemos ir direto ao bolo de fubá. No entanto, a presença de Deus tomou o ambiente do nosso barraco e Deus usou a missionária Maria para falar mais uma vez, coisas íntimas e profundas, dessa vez nem tanto sobre meu passado, mas necessariamente sobre meu futuro. Até esse momento jamais vivera algo dessa magnitude: como pode essa mulher saber tanto da minha vida se não a conheço? Ninguém a conhecia, era uma completa estranha para nós. Cabia a mim ouvir tudo o que ela falava, interpretar e aguardar. Só acreditaria caso visse todas as suas palavras se cumprirem, e então saberia que havia sido de fato Deus, e não uma charlatã da fé, como não podemos negar que de fato há. Acontece que durante um período de mais de 10 anos pude provar que aquela mulher era de fato uma mulher de Deus, pois vivi e vi cada palavra se cumprir, com tanta riqueza de detalhes que é certamente necessário ter fé para crer em tudo o que aconteceu. Para interpretar tudo o que foi dito naquele dia, eu resumi em quatro palavras nas quais quero me ater a partir daqui: *comunhão, capacitação, posição e nações*.

### **6.5.1 Comunhão**

A primeira palavra é comunhão. Deus disse que por aqueles dias me tiraria daquele assentamento para me levar a reatar a comunhão que havia sido quebrada. Tempos depois eu descobriria que isso se tratava de um processo de cura interior

que tive que passar para perdoar meu pai e reatar a comunhão fraternal com ele. Para preservar a integridade moral do meu pai, não entro em detalhes, mas devido ao seu alcoolismo eu cresci com muitos traumas de infância, sofri muita violência física e verbal, palavras de maldição e humilhações que geraram mágoas profundas e muito ressentimento sobre o meu passado. Toda essa bagagem me paralisava, e eu possuía muitos bloqueios emocionais que me impediam de prosperar. Até o dia em que recebi essas palavras da missionária Maria, não tinha expectativa de sair do assentamento; tinha a intenção de morar ali, tentar construir algo com muito esforço e trabalho duro, porém, cerca de dois meses depois daquelas palavras, de uma forma que não consigo explicar, eu já estava morando na cidade, em Dourados (MS), com emprego e a vida organizada.

Cresci financeiramente em poucos anos, aluguei uma grande casa, a mobilizei, comprei um bom carro e comecei a me destacar na área de vendas, com um salário que jamais imaginaria ganhar pelo meu pouco tempo de experiência e a pouca idade. Nesse tempo, um período de fome se abateu sobre meus pais e eles não tinham condições básicas de sobrevivência no assentamento; se ficassem mais alguns dias lá passariam fome. Por isso minha mãe me telefonou dizendo que ela e meu pai precisavam de suporte financeiro e passar um tempo em minha casa. Já se passara cerca de cinco anos que eu saíra do assentamento. Pouco tempo antes de sair, tive uma discussão séria com meu pai. Perturbado pelo alcoolismo, meu pai sempre me provocava a ira. No entanto, já com meus 17 anos, encontrara a fórmula mágica para a felicidade: era só ignorar seus gritos e suas afrontas e eu encontraria a paz. Entretanto, certo dia meu pai, alcoolizado, me provocou de tal forma que consegui ignorar sua agressão verbal. Isso não sendo suficiente, ele foi ao meu quarto e pegou aquilo que eu tinha em maior estima: um violão velho que ganhara de presente de um pastor e aprendi a tocar e compor minhas primeiras canções; não valia muito, mas era tudo o que eu tinha. Ele jogou o violão ao chão, que se partiu na minha frente. Por ser um jovem traumatizado, nunca ousei levantar a voz para meu pai, nunca tinha-lhe confrontado nem mesmo olhado com discordância em seus olhos. Naquele dia, entretanto, ao ver meu violão quebrado aos meus pés, me irei a tal ponto que quando menos percebi já

estava de punhos cerrados indo em sua direção, pronto a agredi-lo, ou até mesmo matá-lo.

Não pude disfarçar o que senti: desprezo pelo meu pai; me insurgí contra ele, joguei-lhe na face toda a minha cólera e amargura; falei-lhe coisas que mais tarde me arrependi profundamente. Esse dia tinha tudo para acabar em tragédia, porém, quando estava pronto a agredi-lo, me lembrei de um texto da Bíblia: “Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá” (EX 20.12). Sabia que por mais razão que tivesse, se agredisse meu pai estaria quebrando um princípio que jamais poderia voltar atrás. Àquela altura eu já era um homem formado, forte por trabalhar em serviços braçais e com muito vigor. Meu pai, no entanto, era um homem velho, fraco e abatido pelo vício. Mesmo no ápice da minha ira eu recuei; fui para a casa da vizinha mais próxima, me sentei e desabei em choro. Foi o pior dia da minha vida.

Mais à frente, quando minha mãe disse que ela e meu pai passariam um tempo em minha casa, de imediato recusei. Ter meu pai morando sob meu teto seria como reviver novamente todos os traumas da minha infância, seria um pesadelo do qual havia fugido e não estava disposto a passar por aquilo novamente. Mesmo sem minha autorização, meus pais vieram para a cidade e chegaram a minha casa. Afinal, para onde mais iriam? Eu era sua única opção. Quando meus pais chegaram a minha casa eu me encontrava obstinado; fiz meu pai sentar-se em frente a mim e dei-lhe um sermão de horas, da mesma forma que ele fazia comigo na minha infância. Confesso que fui rude, joguei-lhe na face todos os pecados, disse-lhe que, ao contrário do que ele esperava de mim, eu havia vencido na vida sem sua ajuda, e comecei a ditar as regras da minha casa. As duas principais eram: não precisa me tratar como filho; e a segunda era mais simples, mesmo sendo ele alcoólatra, caso ingerisse uma gota de álcool eu o expulsaria da minha casa. Os dias se passaram e, por incrível que pareça, meu pai ficou durante quase três meses sem álcool. Nunca tinha visto aquilo em toda minha vida. Não tínhamos relacionamento algum, mas, de certa forma, as coisas estavam razoavelmente bem.

Certa noite, cheguei em casa, voltando da igreja, e meu pai não estava. Perguntei a minha mãe onde ele estava, e ela, com

olhar desconfiado, disse-me que não sabia. Pouco tempo depois recebi uma ligação: era meu pai ao telefone, e ao atender soube no mesmo instante que ele estava bêbado; era o mesmo tom de voz que perturbava minha alma e me fazia lembrar os traumas da infância. Desliguei o celular na sua cara e imediatamente corri para o meu quarto em ira e lágrimas. Me prostrei ao chão e fiz uma oração sincera dizendo: “Deus, eu não aceito mais isso, não posso conviver mais com isso, não quero mais reviver tudo isso, desta vez dentro da minha própria casa. Vou ter que expulsar meu pai do meu telhado”. Naquela mesma hora senti mais uma vez a presença inigualável do Espírito Santo invadir meu quarto e ouvi uma voz em meu coração que me perguntava: “Filho, quais são os seus pecados?” Eu disse: “São muitos, não posso contá-los”. A voz me dizia: “Qual a resposta que eu dou em relação aos seus pecados?”. Respondi: “Amor, você me ama com um amor incondicional”. A voz me disse mais uma vez: “Vá e faça o mesmo com seu pai. Seu pai vem de uma família toda destruída, ele não teve paternidade e jamais poderá dar a você aquilo que nunca recebeu, mas você recebeu a paternidade de Deus, seja você o pai do seu pai”.

Nesse momento, me levantei e telefonei para meu pai. Descobri que ele estava a poucas quadras da minha casa e fui buscá-lo a pé. Era noite, estava frio e chovendo muito. Ele estava caído em frente a uma farmácia; de tão bêbado não conseguia se firmar sobre os pés. Estava com algumas sacolas de compras e duas muletas que usava para andar pois a bebida havia consumido toda a sua vida; estava literalmente o couro e os ossos. Lembro-me de pegar as muletas e as sacolas em uma das mãos, apoiá-lo em meu ombro com a outra mão – pois a essa altura ele era leve – e fomos caminhando em direção a minha casa, e naquele momento decidi ser uma voz profética para a vida do meu pai. Disse a ele o quanto eu o amava e pedi o seu perdão. Disse a ele que mesmo que ele já tivesse desistido da própria vida, nossa família jamais desistiria dele e era exatamente por isso que minha mãe jamais divorciou-se dele, ao contrário, sempre orou pela sua libertação do vício e pela sua conversão ao Evangelho. O Evangelho era a causa de não o termos abandonado.

Cheguei em casa com ele e vi uma cena que jamais havia imaginado ver em minha vida: meu pai não parecia mais

alcoholizado, estava lúcido, foi em direção a minha mãe, a abraçou e pediu perdão a ela. Nós três nos abraçamos, choramos e nos perdoamos. Só para terem uma ideia do quão poderoso é o poder do amor e do perdão, até aquele dia meu pai jamais aceitou ser chamado de alcoólatra, mesmo começando a beber desde os 12 anos de idade. No dia seguinte, meu pai saiu cedo sem dizer a ninguém aonde iria. Procurou sozinho uma clínica do Alcoólicos Anônimos (AA) e começou um tratamento contra o alcoolismo. Ele tomava muitos remédios no início e tremia bastante, sofrendo com abstinência. No entanto, meses depois, com o auxílio dos parentes, foi internado em uma clínica para ficar ali pelo menos dois anos de tratamento contra o álcool. Em menos de seis meses de tratamento meu pai já estava completamente reabilitado e pronto para recomeçar a sua vida. Saindo da clínica não pude reconhecer meu pai, nosso relacionamento havia mudado, tínhamos agora um relacionamento de pai e filho, havia amizade, e ele voltou a trabalhar e cuidar da minha mãe como nunca; era de fato um novo homem. Eu, por outro lado consegui perdoar meu pai no exato momento em que lhe pedi perdão. Era eu quem me sentia ofendido, era a vítima afinal, mas tomar a atitude de me humilhar reconhecendo que era tão necessitado da graça de Cristo quanto meu pai, foi exatamente o ponto de convergência na minha história, quando pude perceber que a doutrina de Cristo havia prevalecido sobre a doutrina de Marx.

A minha história de reconciliação tem absolutamente tudo a ver com meu processo de libertação. Poderia ter abraçado o marxismo, adotado o vitimismo e jogado na conta do meu pai, da minha pobreza ou dos percalços da vida toda a minha fraturação. Ao invés disso, decidi dar o primeiro passo em direção à cura, ao perdão e me tornar protagonista da própria história. Romper com um ciclo de dor e violência e restaurar a minha família foi o primeiro passo em meu processo de libertação. A doutrina que havia recebido nos campos de doutrinação do MST tinha pelo menos dois objetivos: o primeiro era tirar de mim a maior benção que Deus me dera, que é a minha capacidade de ser indivíduo. O MST nos via como classe, como coletivos e nunca como seres humanos únicos, com peculiaridades e valores distintos. A segunda expectativa do movimento era transformar os acampamentos

em experimentos sociais onde as crianças pudessem romper com a família tradicional para se tornarem soldados da causa socialista. Reatar um laço fraternal tão desfigurado como meu relacionamento com meu pai era algo que somente o Evangelho poderia fazer, e isso só foi possível porque, ao longo da minha vida, apesar de ainda participar do movimento, Deus sempre colocava pastores, líderes sérios da fé cristã para exercerem figuras paternas e me ensinarem um caminho mais digno. Hoje percebo que a Igreja de Cristo na Terra tem papel fundamental no equilíbrio e restauração de uma sociedade. Olhem para mim. O que seria de alguém como eu se a Igreja não tivesse me alcançado? De fato, foi Jesus Cristo quem edificou a sua Igreja sobre a Terra e as portas do inferno não podem prevalecer contra ela.

### **6.5.2 Capacitação**

A segunda palavra que recebi de Deus através da missionária Maria Leite foi *capacitação*. Ela disse que após Deus reatar a comunhão que havia sido rompida, Ele iria me capacitar intelectualmente, que Deus usaria um homem para me levar para outra cidade com a finalidade de me capacitar, pois o propósito que havia para ser realizado em minha vida necessitaria que assim fosse. A missionária Maria não parou por aí. Ela me disse: “Bruno (meu segundo nome), eu posso ver você indo de carro para longe com um pastor; ele é um homem branco, baixo, nariz largo, cabelo cacheado e usa um óculos fundo de garrafa. Sim, pode parecer loucura, mas não seria fiel a minha consciência caso omitisse o fato de que ela me deu as características físicas do tal homem. Prossigamos. Cinco anos após essa palavra, e exatamente após eu ter reatado a comunhão com meu pai, chegou a minha cidade um pastor chamado Salmon Nobre, que estava ministrando um seminário sobre escatologia em uma das igrejas da cidade. A convite de um amigo fui participar do seminário e lá o conheci. Ele, logo que me viu, me apresentou um projeto de um seminário teológico que estava pretendendo implantar na cidade de Anápolis, no Estado de Goiás, junto com o projeto da plantaçãõ de uma igreja. Naquele tempo ele morava na Europa e estava voltando ao Brasil com essa finalidade. Disse-me que Deus

lhe dissera que colocaria alguns jovens em seu caminho para serem seus pupilos e que, sem dúvidas, eu era um desses jovens. Então me fez a proposta de abandonar tudo e ir com ele para Anápolis dar início a esse projeto. Quando me fez essa proposta já se passara muitos anos. Sequer mantive contato com a missionária Maria e, entretanto, para a minha surpresa, quando esse pastor me fez a proposta estávamos em uma mesa de lanchonete, e, naquele momento olhei para seu rosto e comecei a rir. Não podia crer que aquilo estava mesmo acontecendo. Lembrei-me das palavras da missionária e me deparei com o homem que ela havia descrito cinco anos antes – baixo, branco, nariz largo, pois era judeu, cabelos cacheados e com um óculos fundo de garrafa. Era de fato o pastor Salmon Nobre me convidando para receber capacitação teológica. Em menos de duas semanas tomei minha decisão: abandonei toda a minha vida em Dourados (MS), parei tudo o que estava fazendo: tranquei a faculdade de comunicação social, abandonei o estágio no SBT e segui para Anápolis onde me dediquei a estudar a Bíblia Sagrada por quase 10 anos. Alguns anos depois meus caminhos e os do pastor Salmon se separaram; me formei em um seminário teológico e pouco tempo depois conheci minha amada esposa, Jéssica Poncio, nos apaixonamos e em menos de sete meses nos casamos.

Só para se ter noção da tamanha alienação em que me encontrava quando deixei o assentamento Che Guevara, ao chegar na cidade tive que concluir o terceiro ano do ensino médio e só não reprovei porque tive muita força de vontade para “correr atrás do prejuízo” e ter que estudar 4 ou 5 anos em um. Nos anos anteriores eu estudara nas escolas rurais do MST e naquele tempo não havia nenhum incentivo para desenvolver a intelectualidade e as escolas eram um antro de doutrinação, sexualização e marginalidade. Com exceção de uma coordenadora na época, chamada Viviane, que se esforçava por transformar aquela escola em um lugar para promover educação, tudo o que se via eram aulas sem conteúdo, professores que nos deixavam à vontade para discutir assuntos fúteis e noites culturais que promoviam sexo, drogas e brigas entre os jovens. Durante os estudos do terceiro ano do ensino médio descobri que era um completo alienado; meus colegas estavam se preparando há anos para o vestibular e eu sequer sabia o que significava isso; literalmente

não sabia a definição da palavra vestibular. Não sabia o que era faculdade e nem para o que servia estudar em uma universidade. Foi através do estudo das Escrituras no seminário teológico que comecei a perceber a complexidade do mundo e das relações humanas. Enquanto me dedicava às questões divinas também passei a me empenhar na busca por reestudar a história e me libertar das limitações cognitivas que as ideias paulofreireanas me colocaram. Nada aconteceu do dia para a noite. Foram anos para perceber que havia sido preparado para militar e não para viver. No seminário tive a infeliz surpresa de me deparar com os escritos de Leonard Boff, um dos pais da Teologia da Libertação, no entanto, cada dia ficava mais claro que o marxismo que havia aprendido não podia manter relações com o cristianismo. Na verdade, o inimigo do marxismo nunca foi o capitalismo, mas o próprio cristianismo. Ficou claro para mim que não há nada mais antagônico à fé cristã ou nada mais anticristo que as doutrinas de Marx.

### 6.5.3 Posição

A terceira palavra que recebi foi *posição*. Essa palavra fez muito sentido para mim na época, pois a missionária Maria usou como ilustração do que estava para acontecer em minha vida a história de Mefibosete (2 Samuel 9). Ela disse: “Bruno, você hoje está em Lodebar, terra de miséria e esquecimento, mas quando passar o tempo de capacitação, Deus irá te honrar e te fará se assentar à mesa do Rei; isso vai acontecer, você vai se assentar à mesa com os maiores líderes dessa nação”. Hoje, após tudo já ter acontecido, é muito fácil alguém achar que foi um chute certo ou qualquer outra coisa, mas eu sei o que eu ouvi e sei quem eu era naquele momento. Eu tinha cerca de 17 para 18 anos, já morava há muitos anos em um barraco de lona, não tinha qualquer bem material, quase a totalidade das minhas roupas e calçados eram doações que recebia. Morava no interior há anos, muito raramente ia a cidade, desconhecia sobre tecnologias, não possuía redes sociais ou qualquer meio de comunicação, não tinha amigos na cidade, não tinha contatos nem parentes ou amigos influentes, era apenas um garoto do interior, magro, queimado do sol, cheio de sonhos e com uma

palavra de Deus de que faria algo grande um dia. Lembro-me que ela disse algo muito sério: “Quando você chegar lá, jamais se esqueça de onde Deus te tirou”. Por muito tempo fiquei sem entender isso. Alguns anos depois descobriria que aquilo significava que não deveria ter vergonha da minha história, pelo contrário, deveria contá-la para que todos soubessem o que Deus fez em minha vida e provassem do poder transformador do Evangelho.

Em setembro de 2021, estava morando em Anápolis, casado, trabalhando e servindo a Deus em minha igreja local, Church City. Nesse tempo, era vendedor e professor no seminário teológico Church College. Apesar de acompanhar o momento histórico de transição que o Brasil estava passando, desde o fenômeno Bolsonaro em 2017, não tinha nenhuma pretensão política. Pelo contrário, estava prestes a ser ordenado pastor e iniciar a plantação de uma igreja em São Paulo. Minha vida caminhava bem e completamente no sentido ministerial, em nada mais me engajava a não ser pregar o Evangelho, ensinar teologia e me preparar para o pastoreio. Certo dia, um amigo, pastor Richelson me apresentou, em um churrasco informal, ao então deputado federal e Major Vitor Hugo. As palavras dele foram: “Major, este é o Pedro Poncio, ele é ex-MST”. O deputado ficou espantado com a expressão “ex MST” e me perguntou: “Como assim? Você já pertenceu ao MST e conseguiu libertar-se?”. Respondi-lhe: “Isso mesmo. Por que o espanto?” Ele me disse que já militava há muitos anos e jamais havia conhecido alguém na história política do Brasil que tivesse se libertado das garras do movimento e ainda mais se tornado um conservador. Naquele dia, o major me pediu que eu fizesse uma *live* na rede social para contar minha história às pessoas e disse que eu deveria falar mais sobre isso, pois muita gente precisava ouvir o que eu tinha a dizer. Após essa *live*, senti o peso da responsabilidade sobre os meus ombros e que precisava reestudar a história e dar novo significado a tudo que havia vivido. Não era só um capítulo estranho da minha vida, havia um propósito e eu precisava descobrir. Sai dali convicto de que tinha responsabilidades sobre minha história e fiquei durante um ano mergulhado em livros do professor Olavo de Carvalho e outros buscando compreender melhor tudo aquilo. Sentia que havia um grito que precisava ser dado.

Em 7 de setembro de 2022 havia uma expectativa de 3 milhões de pessoas de verde e amarelo na Esplanada dos Ministérios em Brasília (DF) em apoio às bandeiras “Deus, Pátria, Família e Liberdade”. Para aquele dia mandei confeccionar uma camiseta, um boné e uma bandeira com os símbolos do MST, tudo em vermelho, porém com uma sátira. Ao invés dos dizeres “Movimento dos trabalhadores rurais sem-terra”, estava escrito “Vai trabalhar, vagabundo”, uma frase de impacto, confesso, mas impactar era o que tinha em mente. Ao invés do icônico sem-terra segurando um facão, na bandeira satírica o homem segurava uma carteira de trabalho e abaixo estavam os dizeres “capitalismo e liberdade”. Seriam 3 milhões de pessoas de verde e amarelo e somente eu de vermelho mostrando aquilo que há muito estava entalado em minha garganta: que fora lesado pelo MST e que deveríamos proteger as milhares de crianças que estão sofrendo nos campos de doutrinação.

Ao final da manifestação já havia caído nas graças dos patriotas que ali estavam se manifestando civilmente por seus direitos; muitos me pediam para gravar vídeos contando minha história, pois queriam que todo o Brasil soubesse o que eu tinha a dizer. Foi então que me levaram puxado pelo braço até a Deputada Federal Bia Kícis, que ali estava dando atenção aos seus seguidores. Ela, assim que me viu, me cumprimentou e juntos gravamos um vídeo em que eu fazia uma denúncia contra o MST. Não esperava tamanha repercussão, porém, no mesmo dia, o vídeo bateu mais de 1 milhão de visualizações. Milhares de pessoas acharam minhas redes sociais e aguardavam ansiosamente que eu contasse cada detalhe do que vivera. Foram realmente dias intensos; contudo, o que mais chamou minha atenção não foram necessariamente as milhares de pessoas que me seguiam nas redes sociais, mas a quantidade de pessoas que me ligavam de assentamentos do MST declarando que foram inspiradas pela minha história a tomar partido contra a tirania do movimento. Muitos deles depois participaram de uma CPI que denunciava crimes do MST. Foi uma bandeira importante às vésperas da eleição mais importante do Brasil, em 2022.

Intermediado pelo Major Vitor Hugo, poucos dias depois eu estava ali, sentado à mesa com a figura mais importante do país naquele momento, o Presidente da República, Jair

Messias Bolsonaro, ouvindo atentamente toda a minha história. Poderíamos ter nos encontrado em outro lugar, poderíamos estar em pé em um evento, mas não foi isso que aconteceu: fui convidado ao Palácio da Alvorada e quando fui apresentado ao presidente ele puxou uma cadeira ao seu lado e pediu que eu sentasse com ele à mesa, pediu que as pessoas na sala fizessem silêncio para que ele pudesse ouvir o que eu tinha a dizer. Senti-me com dignidade, que aquilo não era algo natural: Deus queria que eu estivesse ali, não para minha honra, mas para a Sua glória; o mesmo Deus que prometeu é fiel para cumprir. Senti que tinha uma missão, e este livro se trata exatamente disso. Não é o fim. Só estamos começando.

#### **6.5.4 Nações**

*Nações*, foi esta a última palavra. Foi-me dito que após todos esses acontecimentos Deus me levaria às nações. De fato, após a viralização da minha história, senti que Deus me dera a missão de me engajar politicamente. Lembro que estava sentado com minha esposa no gabinete pastoral, e nossos pastores, Kesia Dayane e Thiago Cunha, nos falavam sobre como tinham a intenção de nos ordenar pastores. No entanto, sabiam que Deus havia aberto uma porta, a política, e que aquela porta não era menos santa por se tratar de algo fora do ministério eclesiástico. Por isso, minha pastora olhou para mim e disse: “Pedro, você precisa tomar uma decisão. Eu não tenho dúvidas da sua vocação pastoral, mas não podemos ordenar vocês se não forem pastorear”. Naquele dia, ao sairmos dali, eu não compreendia bem o que estava acontecendo: havia me preparado para a ordenação durante muitos anos e agora meu coração queimava pela política. Sentia-me compungido a dar uma resposta à política, sabia que havia uma missão e que precisava cumpri-la. Engajei-me como nunca para dizer a todos a verdade e as consequências disso não foram apenas a fama e o reconhecimento das pessoas. Poucos dias após a repercussão da minha história, comecei a receber ameaças de morte de facções criminosas, ameaça de lideranças do movimento a minha família. Dentro de poucos meses precisei me autoexilar na Europa, onde estou há quase um ano. Muitas coisas têm acontecido aqui: venho falando sobre Cristo nas praias, ruas e estações de trem; venho

dedicando grande parte do meu tempo a este livro e me engajado para levar a todos a verdade. Afinal, uma mentira repetida mil vezes não se torna verdade. A verdade liberta, não aprisiona. Ela é imbatível, imparável, indestrutível, como disse o Apóstolo Paulo. Nós nada podemos contra a verdade, senão em favor da própria verdade (2 Co 13:8).

## 6.6 Descubra quem você é e viva de propósito

Confesso que sou o tipo de pessoa que acredita que tudo que acontece carrega um significado. Não acredito no acaso ou em coincidências. Se passei anos da minha vida em um acampamento do MST é porque certamente havia um propósito nisso. É isso que me consola sempre que penso que as coisas poderiam ter sido diferentes caso o movimento não tivesse sequestrado todos esses anos da minha vida. Todo o sofrimento que passamos, toda manipulação, tudo isso encontra seu sentido em contribuir para meu crescimento. Viktor Frankl disse: “Contudo, uma das características principais da existência humana é a capacidade de se elevar acima de tais condições, de as superar. O homem é capaz de mudar o mundo para melhor, se possível, e de se mudar a si próprio para melhor se necessário”<sup>206</sup>. No final, não importa necessariamente o que fizeram com você, mas o que você faz com aquilo que fizeram com você.

---

<sup>206</sup> FRANKL, V. *O homem em busca de sentido*. 2012, p. 130.

# Referências

1964 - O Brasil entre armas e livros. *Brasil Paralelo* (documentário: 2h7m19s), março 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg&t=1691s>. Acesso em: 4 de nov. 2023.

92% da população consideram ilegais invasões feitas pelo MST, diz CNA. *Gazeta do Povo*, 21 dezembro 2009. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/92-da-populacao-consideram-ilegais-invasoes-feitas-pelo-mst-diz-cna-c281nmbm7qik5hxxuo1mbjhou/>. Acesso em: 17 dez. 2023.

ALMEIDA, Luiz Fábio. Paola Carosella dá opinião surpreendente sobre Lula e o que espera do Brasil. *Terra - RDI*, 22 abril 2023. Disponível em: <https://rd1.com.br/paola-carosella-da-opinioao-surpreendente-sobre-lula-e-o-que-espera-do-brasil/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

A MENSAGEM: Bíblia em linguagem contemporânea. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Editora Vida, 2011.

ANJOS, Isabel dos. O socialismo nas resoluções de encontros e congressos do Partido dos Trabalhadores. *Cadernos Perseu Memória e História*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018, p. 96-143.

ANTÓN, Jacinto. A fábrica de filhotes nazistas. *El País*, 3 novembro 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/01/internacional/1478025759\\_957657.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/01/internacional/1478025759_957657.html) Acesso em: 23 dez. 2023.

BETTO, Frei. O que é Comunidade Eclesial de Base. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 7-10.

BETTO, Frei. “As Comunidades Eclesiais de Base no mundo brasileiro” – Encontro com 5 mil pessoas debateu desafios contemporâneos em Londrina. Janeiro de 2018. *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/artigo-as-comunidades-eclesiais-de-base-no-mundo-urbano-brasileiro-22339320>. Acesso em: 3 dez. 2023.

BETTO, Frei. Lideranças políticas, (blog). *GZH*, fevereiro 2020. Disponível em: <https://neamp.pucsp.br/liderancas/carlos-alberto-libanio-christo> Acesso em: 28 nov. 2023.

BETTO, Frei; BORGES FILHO, Afonso. *Sinal de contradição*. Rio de Janeiro: Ed. Espaço e Tempo, 1988.

*BÍBLIA SAGRADA*. Tradução: *João Ferreira de Almeida*. (Edição revista e atualizada) Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

*BÍBLIA NVT* (Nova Versão Transformadora). São Paulo: Ed. Mundo Cristão, 2016.

BONES, Elmar. Conflito da Praça da Matriz – 15 anos depois. *JÁ online*, 2 janeiro 2006. Disponível em: <https://www.jornalja.com.br/arquivo/conflito-da-praca-da-matriz-15-anos-depois/> Acesso em: 21 de nov. 2023.

BRASIL, Felipe Moura. Bolsonaro protocola representação contra Mauro Iasi. Exclusivo: *Veja*, 21 outubro 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com>.

br/coluna/felipe-moura-brasil/exclusivo-bolsonaro-protocola-representacao-contra-mauro-iasi Acesso em: 5 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Agricultura. *Visão 2030 – O futuro da agricultura brasileira*. Embrapa, Secretaria de Inteligência e Relações Estratégicas (Sire). Brasília/DF: Embrapa, 2018.

CAMPAGNOLO, Ana. “Terrorismo vermelho”. (Discurso de A. Campagnolo em 19 outubro 2021, transmitido ao vivo pela TVA, Assembleia Legislativa de Santa Catarina.) *YouTube*, outubro 2021 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IEL25k5D61A&t=195s>. Acesso em: 14 dez. 2023.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira: católicos e evangélicos entre 1940 e 2007. *Revista de Estudo da Religião*, 2008. Disponível em: [https://www4.pucsp.br/rever/rv4\\_2008/t\\_campos.pdf](https://www4.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_campos.pdf). Acesso em: 12 nov. 2023.

CARDOSO, Marcos. O arcebispo vermelho em Aracaju. *Infonet*, 19 dezembro 2022. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/marcos-cardoso/o-arcebispo-vermelho-em-aracaju/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

CARRÉ, M.; DE LA MISERICÓRDIA, J.; RAMOS, J. A.; JACOMÉ, E. *AA-1025 – Confissões de um antiapóstol*. (Edição espanhola, *eBook Kindle*), [1972], 2020.

CATTAN, Tauany. BNDES vai liberar 450 milhões para movimentos sociais restaurarem Amazônia. *Revista Oeste*, 4 dezembro 2023. Disponível em: <https://revistaoeste.com/politica/bndes-vai-liberar-450-mi-para-movimentos-sociais-restaurarem-amazonia/>. Acesso em: 23 dez. 2023.

CCAS – Conselho Científico Agro Sustentável (CCAS). Ministério da Agricultura. Instituto de Tecnologia de Alimentos. Embrapa. Disponível em: <https://agriculturasustentavel.org.br/conselheiro/francisco-graziano>. Acesso em: 20 dez. 2023.

COLETIVO Nacional de Cultura – Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré (orgs.). *Teatro e transformação social, Teatro Fórum e Agitprop*, v. 1. São Paulo/SP: Centro de Formação e Pesquisa Contestado, novembro 2007, p. 17-124.

COM redução dos preços de hortifruti, restaurante de Bela Gil reajusta valores do cardápio. *Mídia Ninja*, 12 julho 2023. Disponível em: <https://midianinja.org/news/com-reducao-dos-precos-de-hortifruti-restaurante-de-bela-gil-reajusta-valores-do-cardapio/> Acesso em: dez. 2023.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. CNBB divulga declaração sobre os 50 anos do golpe civil-militar. *Site da CNBB*, 2 abril 2014. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/declaracao-por-tempos-novos-com-liberdade-e-democracia/>. Acesso em: 12 set. 2023.

CONSTANTINO, Rodrigo. Ameaça de usar ‘exército de Stédile’ mostra total desespero de Lula. *Gazeta do Povo*, 25 fevereiro 2015. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/ameaca-de-usar-exercito-de-stedile-mostra-total-despero-de-lula/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

CONTINI, Elisio; ARAGÃO, Adalberto. O agro brasileiro alimenta 800 milhões de pessoas, diz estudo da Embrapa. *Site da Embrapa*, 4 março 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/59784047/o-agro>

brasileiro-alimenta-800-milhoes-de-pessoas-diz-estudo-da-embrapa. Acesso em: 17 dez. 2023.

COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOSEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis. *O livro negro do comunismo*. Crimes, terror e repressão. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CULTURA SEM-TERRA. MST debate: Mística. *You Tube*, agosto 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MEHvS5WasH0&t=2778s>. Acesso em: 7 dez. 2023.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/paramilitar/> e <https://www.dicio.com.br/terrorismo/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

DISCURSO de Lula no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. *Rede TV*, 7 abril 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j5I2YMJ29ME>. Acesso em: 20 dez. 2023.

DUARTE, Daniel Azevedo. Arroz orgânico do MST representa 0,14% da produção nacional. Volume é suficiente para alimentar 310 mil pessoas ao longo de um ano. *Agrofly*, 9 setembro 2022. Disponível em: <https://news.agrofly.com.br/noticia/199738/arroz-organico-do-mst-representa-014-da-producao-nacional>. Acesso em: 17 dez. 2023.

EMBRAPA. Trajetória da agricultura brasileira, uma viagem ao passado para pensar no futuro. Embrapa, 2018. Disponível em: <https://www.embrapa.br/visao/trajetoria-da-agricultura-brasileira>. Acesso em: 17 dez. 2023.

FLOW (*podcast*). João Pedro Stédile. *You Tube*, 2 junho 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G0hr1v6QDaw&t=5791s>. Acesso em: 5 nov. 2023.

FRANKL, Viktor. *O homem em busca de um sentido*. 16. ed. Lisboa: Lua de Papel Ed., 2012, p. 130.

FREITAS, Vagner. Discurso do presidente da CUT pede ‘ida à rua com armas na mão’ se tentarem derrubar Dilma, no evento Diálogos com Movimentos Sociais. *TV Nacional do Brasil*, 13 agosto 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RcJAZQs2Wps>. Acesso em: 5 nov. 2023.

FREUA, Salma; GHIRALDELLI, Gabriela. Fatos Primeiro: Bolsonaro acerta ao apontar queda em invasões de terra em seu mandato, mas redução começou em governo petista. *CNN Brasil*, 14 março 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/fatos-primeiro-bolsonaro-acerta-ao-apontar-queda-em-invasoes-de-terra-em-seu-mandato-mas-queda-comecou-em-governo-petista/>. Acesso em: 23 dez. 2023.

FUJAM da polêmica: o boné do MST é pra adquirir, prestigiar e usar, diz movimento. *Mídia Ninja*, 12 março 2022. Disponível em:

<https://midianinja.org/news/fujam-da-polemica-o-bone-do-mst-e-pra-adquirir-prestigiar-e-usar-diz-movimento/>. Acesso em: 17 dez. 2023.

GOVERNO venezuelano assina convênio com MST. *O Globo*, 3 novembro 2014. Disponível em: [https://oglobo.globo.com/politica/governo-venezuelano-assina-convenio-com-mst-14452866?utm\\_source=Facebook](https://oglobo.globo.com/politica/governo-venezuelano-assina-convenio-com-mst-14452866?utm_source=Facebook). Acesso em: 23 dez. 2023.

GRUPO de mulheres do MST invade fábrica e destrói pesquisas genéticas. *GI*, 5 março 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/03/grupo-de-mulheres-do-mst-invade-fabrica-e-destroi-pesquisas-geneticas.html> Acesso em: 22 dez. 2023.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 49-109.

IASI, Mauro (líder do PC do B). “Um paredão, uma boa pá e uma boa cova”, líder petista fala em discurso. *YouTube*, setembro 2016. II Congresso Nacional da CSP – CONLUTAS, Rio de Janeiro, em 28 outubro 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=t6k\\_JRqJnHI](https://www.youtube.com/watch?v=t6k_JRqJnHI). Acesso em: 5 nov. 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010*. Principais resultados – Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques> Acesso em: 20 nov. 2023.

JOÃO Pedro Stédile, coordenador do MST, suspende trégua e cobra de Dilma R\$ 1 bilhão para indenizações. *O Globo*, 10 março 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/joao-pedro-stedile-coordenador-do-mst-suspende-tregua-cobra-de-dilma-1-bilhao-para-indenizacoes-2812947>. Acesso em: 23 dez. 2023.

KRAENSKI, Mauro Abranches; PETRILÁK, Vladimír, 1964, *o elo perdido* – O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista. Campinas/SP: CEDET, 2017, p. 115-140.

KÜSTER, Bernardo P. Eles estão no meio de nós. *YouTube* (documentário: 2h41m57s), outubro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RahB38Rgd6w&t=708s>. Acesso em: 22 nov. 2023.

KÜSTER, Bernardo P. Dossiê Frei Betto – o “papa” das CEBs. *YouTube* (documentário: 27min), fevereiro 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J5afKQlhI2Y>. Acesso em: 3 dez. 2023.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. Ator Marcos Palmeira manda o recado no assentamento do MST, Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra. *Facebook*, novembro 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/levantepopulardajuventude/videos/ator-marcos-palmeira-manda-o-recado-no-assentamento-do-mst-movimento-dos-trabalh/1312492832149601/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

LIMA, Célia Fernanda. “Sem Terrinha”: as infâncias em comunidades do MST. *Lunetas (blog)*, 21 outubro 2021. Disponível em: <https://lunetas.com.br/sem-terrinha-criancas-mst/>. Acesso em: 23 dez. 2023.

LORENÇATO, A. Bela Gil abre o restaurante Camélia Òdódó na Vila Madalena. Leia a crítica. *Veja*, 18 junho 2021. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/arnaldo-lorencato/camelia-ododo-critica-cardapio>. Acesso em: 20 dez. 2023.

LULA lembra no ‘JN’ que MST é o maior produtor de arroz orgânico do Brasil. Armazém do Campo vende com desconto. *Rede Brasil Atual*, agosto 2022. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/lula-jn-mst-maior-produtor-arroz-organico-brasil/>. Acesso em: 17 dez. 2023.

MANIFESTAÇÕES do MST crescem em 2015. Redação - *Canal Rural*, 7 setembro 2015. Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/programas/rural-noticias/manifestacoes-mst-crescem-2015-58719/>. Acesso em: 5 nov. 2023.

MARIGHELLA, Carlos. Manual do guerrilheiro urbano. 2003. In: KÜSTER, B. P. Dossiê Frei Betto - o “papa” das CEBs. *YouTube*, fevereiro 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J5afKQlh2Y>. Acesso em: 3 dez. 2023.

MATURANA, João. Filha de Marcos Palmeira e Amora Mautner, Júlia tem 15 anos, é fã do MST e apoiou Lula na última eleição. *Purepeople*, 27 setembro 2023. Disponível em: [https://www.purepeople.com.br/midia/filha-de-marcos-palmeira-e-amora-mautner\\_m4403561](https://www.purepeople.com.br/midia/filha-de-marcos-palmeira-e-amora-mautner_m4403561). Acesso em: 20 dez. 2023.

McGEOCH, Graham Gerald. Marxismo, mística e o MST: qual é o segredo do MST na luta pela reforma agrária no Brasil? *Debates do NER*, Porto Alegre, julho 2018, 1(33), p. 174-196. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8136.88044>.

MELO, Débora. Câmara quer que Lula explique fala sobre ‘exército’ do MST. *Terra*. 18 março 2015. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/camara-quer-que-lula- explique-fala-sobre-exercito-do-mst,8d1aebadbae2c410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html> Acesso em: 20 dez. 2023.

MESLIER, Jean. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean\\_Meslier](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_Meslier).

MORAES, Rute. Condenado por extorsão, José rainha diz que “não é criminoso”. *Revista Oeste*, 3 agosto 2023. Disponível em: <https://revistaoeste.com/no-ponto/condenado-por-extorsao-jose-rainha-diz-que-nao-e-criminoso/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

MOREI, Edmar. *O golpe*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965.

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra. *Nossa história*. MST. Disponível em: <https://mst.org.br/nossa-historia/84-86/>. Acesso em: 5 dez. 2023.

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra. *Nosso hino*. MST, julho de 2009. Disponível em: <https://mst.org.br/2009/07/06/nosso-hino/>. Acesso em: 7 dez. 2023.

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra. *Educação*. MST. Disponível em: <https://mst.org.br/educacao/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra. *A luta do Acampamento Encruzilhada Natalino*. MST, 18 junho 2014. Disponível em: <https://mst.org.br/2014/06/18/a-luta-do-acampamento-encruzilhada-natalino/>. Acesso em: 23 dez. 2023.

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra. Em Ribeirão Preto, documentário apresenta experiência agroflorestal no assentamento Mário Lago. MST, setembro 2018. Disponível em: <https://mst.org.br/2018/09/25/em-ribeirao-preto-documentario-apresenta-experiencia-agroflorestal-no-assentamento-mario-lago/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra. Cada brasileiro consome em média 5,2 litros de agrotóxicos por ano. Até quando vamos engolir isso? MST, maio 2021. Disponível em: <https://mst.org.br/download/cada-brasileiro-consome-em-media-52-litros-de-agrotoxicos-por-ano-ate-quando-vamos-engolir-isso/> Acesso em: 17 dez. 2023.

MST – Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra. Agroecologia é a resposta para um futuro que a gente quer, diz Bela Gil. MST, 26 março 2022, Disponível em: <https://mst.org.br/2022/03/26/agroecologia-e-a-resposta-para-um-futuro-que-a-gente-quer-diz-bela-gil/>. Acesso em: 17 dez. 2023.

MST admite morte de 4 funcionários de fazenda em PE. *Terra Brasil Notícias*, 23 fevereiro de 2009. Disponível em: [pe,39a84999eed4b310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html](https://www.terra.com.br/pe/39a84999eed4b310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html). Acesso em: 15 nov. 2023.

MST pode ter recebido R\$ 268 milhões do governo em seis anos, diz DEM. *Gazeta do Povo*, 5 março 2009. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/mst-pode-ter-recebido-r-268-milhoes-do-governo-em-seis-anos-diz-dem-bgi49ltn5pmu9ju0ev460768e/> Acesso em: 23 de dezembro de 2023.

NA China, líder do MST ameaça com invasões de terras após ‘Abril Vermelho’. *Os Pingos nos Is*, Joven Pan, 14 abril 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9Kfzu-DCvws>. Acesso em: 23 dez. 2023.

OLIVEIRA E SILVA, Padre José Eduardo de. Teologia da libertação, uma das linhas de pensamento mais influentes do século XX. *Brasil Paralelo*, 1º dezembro 2023. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/teologia-da-libertacao>. Acesso em: 10 dez. 2023.

ORNAGHI, Tiago. Stéidile planejou a primeira invasão, onde tudo começou. *Folha de São Paulo*, 19 janeiro 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1901200412.htm>. Acesso em: 4 nov. 2023.

OTOBONI, Jéssica; FREIRE, Diego. Relembra todas as 79 fases da operação Lava Jato, que chegou ao fim. *CNN Brasil*, 7 março 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/seis-anos-da-lava-jato-relembra-todas-as-fases-da-operacao/>. Acesso em: 5 nov. 2023.

PAIVA, Vitor. Paulo Freire é terceiro teórico mais citado em trabalhos acadêmicos no mundo. *Controvérsia*, junho 2016. Disponível em: <https://controversia.com.br/2016/06/19/paulo-freire-e-terceiro-teorico-mais-citado-em-trabalhos-academicos-no-mundo/>. Acesso em: 23 dez. 2023.

PAOLA Carosella critica quem apoia Bolsonaro: ‘escroto ou burro’; bolsonaristas atacam *chef* na *web*. *G1*, 23 maio 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/05/23/paola-carosella-critica-quem-apoia-bolsonaro-escroto-ou-burro-bolsonaristas-atacam-chef-na-web.ghtml>. Acesso em: 20 dez. 2023.

PIMENTEL, Thaís; FREITAS, Raquel. Prédio de Carmen Lúcia em Belo Horizonte é pichado com tinta vermelha. *G1 – O Globo*, MG, 6 abril 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/predio-de-carmen-lucia-em-belo-horizonte-e-pichado-com-tinta-vermelha.ghtml>. Acesso em: 21 dez. 2023.

RAUBER, Maiara. 7 de setembro de 1979: a retomada da luta pela terra. Por uma vida melhor, camponeses ocupam duas fazendas: Macali e Brilhante. MST, 3 setembro 2019. Disponível em: <https://mst.org.br/2019/09/03/7-de-setembro-de-1979-a-retomada-da-luta-pela-terra/> Acesso em: 4 nov. 2023.

RAUBER, Maiara. A semente do MST: 40 anos da ocupação Macali e Brilhante. Ações marcam o recomeço da luta pela terra no Brasil, ainda em tempos de

ditadura militar. MST, 2 setembro 2019. Disponível em: <https://mst.org.br/2019/09/02/a-semente-do-mst-40-anos-da-ocupacao-macali-e-brilhante/>. Acesso em: 4 nov. 2023.

REAÇÃO à Lava Jato e polarização criam clima de violência política. *Carta Capital*, 9 março 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/reacao-a-lava-jato-e-polarizacao-criam-clima-de-violencia-politica/>. Acesso em: 5 set. 2023.

REDE de lojas do MST vende mais de 3 mil bonés por mês. *Revista Oeste*, 14 março 2022. Disponível em: <https://revistaoeste.com/politica/rede-de-lojas-do-mst-vende-mais-de-3-mil-bones-por-mes/>. Acesso em: 7 dez. 2023.

RIPPEL, Najla. Lula explica como a Igreja Católica ajudou-o no socialismo. *YouTube*, 10 março 2015. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=UgF\\_1tj7a7c](https://www.youtube.com/watch?v=UgF_1tj7a7c). Acesso em: 27 nov. 2023.

SALGUEIRO, Edilson. Ong contra CPI do MST recebeu uns 100 mil de George Soros e tem irmã de Boulos na captação de recursos. *Revista Oeste*, 31 maio 2023. Disponível em: <https://revistaoeste.com/politica/ong-contra-cpi-do-mst-recebeu-us-100-mil-de-george-soros-e-tem-irma-de-boulos-na-captacao-de-recursos/>. Acesso em: 23 dez. 2023.

SALOMON, Marta. MST multiplica entidades para não perder repasses. *Folha de São Paulo*, 29 março 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2903200904.htm>. Acesso em: 23 dez. 2023.

SANDIN, Caio. PT na Câmara apoia ataque a apartamento de Carmem Lucia. *R7 Planalto*, 6 abril 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/prisma/r7-planalto/pt-na-camara-apoia-ataque-a-apartamento-de-carmem-lucia-29062022>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SCARAMUZO, Mônica. Lula não vai cometer os mesmos erros do passado, diz Abílio Diniz. *Valor Econômico*, 17 novembro 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/11/17/lula-sao-vai-cometer-os-mesmos-erros-do-passado-diz-abilio.ghtml>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SINGER, Florantonia. 94,5% dos venezuelanos vivem na pobreza. *El País*, 29 setembro 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-09-29/945-dos-venezuelanos-vivem-na-pobreza.html>. Acesso em: 23 dez. 2023.

SOUZA, F. “Quem for pego roubando será punido severamente”: o cartaz anticrime atribuído ao Comando Vermelho. *BBC News Brasil*, 23 agosto 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36980813>. Acesso em: 16 dez. 2023.

SOUZA, Ney de. A pobreza da Igreja: história e teologia do Documento 14 da Conferência de Medellín. *Caminhos*, Goiânia, v. 17, n. 2, maio/ago. 2019, p. 727-740.

SOUZA, R. F. de. Massacre de vacas em fazenda de Marabá/PA é maliciosamente atribuído ao MST por páginas reacionárias. *Veganagente*, 3 dezembro 2015. Disponível em: <https://veganagente.com.br/massacre-de-vacas-em-fazenda-de-marabapa-e-maliciosamente-atribuido-ao-mst-por-paginas-reacionarias/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

STÉDILE, J. P. Entrevista concedida ao programa *Canal Livre*. TV Bandeirantes, 1º junho 2008. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=I-Ty7\\_-acbI&t=1781s](https://www.youtube.com/watch?v=I-Ty7_-acbI&t=1781s). Acesso em: 20 dez. 2023.

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. *Brava gente - A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999, (3ª reimpressão: setembro de 2005), p. 19-133.

SUÍÇA financia trabalho de Ongs com o MST. *G1*, 25 janeiro 2007. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1433573-5601,00-SUICA+FINANCIA+TRABALHO+DE+ONGS+COM+O+MST.html>. Acesso em: 23 dez. 2023.

TV PARAENSE (acervo). Massacre de Eldorado do Carajás. *Jornal Nacional / TV Globo*: 15 novembro 2021. Disponível em: [https://youtu.be/E\\_KY-WPV-Hs?si=WzqbWgc6Sw7ftlpC](https://youtu.be/E_KY-WPV-Hs?si=WzqbWgc6Sw7ftlpC) Acesso em: 15 dez. 2023.

VASQUES, Lucas Reforma agrária é combater o mal pela raiz, diz Bela Gil em ato com Lula no MST. *Fórum*, 19 março 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/movimentos/2022/3/19/reforma-agraria-combater-mal-pela-raiz-diz-bela-gil-em-ato-com-lula-no-mst-111761.html>. Acesso em: 17 dez. 2023.

VEIGA, Edison. O que foi o Pacto das Catacumbas, que mudou os rumos da Igreja Católica? *UOL*, 16 novembro 2018, Milão, Itália. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/11/16/o-que-foi-o-pacto-das-catacumbas-que-mudou-os-rumos-da-igreja-catolica.htm> Acesso em: 25 set. 2023.

VITAL, Nicholas. *Agradeça aos agrotóxicos por estar vivo*. São Paulo: Editora Record, 2017, p. 8-166.

WURMBRAND, Richard. *Torturado por amor a Cristo*. 5. ed. *Voz dos mártires - BHF*. 1976, p. 11.

### **Sites das manchetes que constam do Capítulo 5.**

<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1600543-mulheres-e-mst-protestam-em-14-estados-do-brasil.shtml?cmpid=menupe>

<https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2015/08/integrantes-do-mst-quebram-porta-e-invadem-receita-federal-em-ro.html>

[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/06/24/interna\\_cidadesdf,487811/manifestantes-do-mst-invadem-sede-do-creas-na-l2-sul.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/06/24/interna_cidadesdf,487811/manifestantes-do-mst-invadem-sede-do-creas-na-l2-sul.shtml)

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/04/07/protesto-em-brasilia-tem-confronto-em-frente-ao-congresso.htm>

<https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/o-selvagem-ataque-da-tropa-do-mst-a-uma-fazenda-no-para>

<https://www.comprerural.com/integrantes-do-mst-matam-vacas-com-gestacao-avancada-no-para/>

<https://egopoliticus.blogspot.com/2015/12/crime-mst-invade-fazendas-tortura.html>

<https://revistaoste.com/agronegocio/pm-policia-armas-mst/>

<https://oantonista.com.br/brasil/pm-do-parana-apreende-armas-em-assentamento-do-mst/>

<https://oantonista.com.br/brasil/caiado-denuncia-traffic-de-drogas-em-assentamentos-do-mst/>

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/10/20/mst-operacao-pm-parana.htm?cmpid=copiaecola>

<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/grupo-do-mst-invade-fazenda-em-tapes-a-tiros-diz-bm-1.170515>

<https://www.comprerural.com/mst-invade-mega-fazenda-e-atira-em-policiais-qual-a-solucao/>

<https://diariodopoder.com.br/uncategorized/governo-financiou-manifestacao-em-que-mst-tentou-invadir-o-stf>

<https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/mst-invade-ministerio-da-agricultura-e-joga-tinta-vermelha-no-chao/>

<https://opopular.com.br/politica/mst-invade-fazenda-de-empresario-que-distribuiu-cerveja-na-pris-o-de-lula-1.1506838>

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2403200212.htm>

[https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/impeachment/mst-invade-fazenda-da-senadora-ana-amelia,a93751ed3db4d861fcd8d9c6669f86e9tbdaqtd1.html?utm\\_source=clipboard](https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/impeachment/mst-invade-fazenda-da-senadora-ana-amelia,a93751ed3db4d861fcd8d9c6669f86e9tbdaqtd1.html?utm_source=clipboard)

<https://www.estadao.com.br/politica/mst-invade-fazenda-de-politico-no-oeste-do-estado/>

<https://veja.abril.com.br/brasil/mst-invade-fazenda-de-pedro-correa-familia-diz-que-pt-esta-por-tras-da-invasao>

<https://noticias.r7.com/brasil/lider-de-invasao-do-mst-a-fazenda-de-amigo-de-temer-ganha-cargo-no-governo-29012023>

<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/mst-pode-ter-recebido-r-268-milhoes-do-governo-em-seis-anos-diz-dem-bgj49ltn5pmu9ju0ev460768e/>

<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/ongs-ligadas-ao-mst-receberam-r-115-milhoes-bxk0wbtr8pa7xiroik136o5e6/>

<https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u542185.shtml>

<https://www.jusbrasil.com.br/noticias/43-ongs-ligadas-ao-mst-receberam-151-milhoes-de-reais/971615>

<https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/cut-mst-e-une-receberam-r-60-mi-do-governo-lula/>

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2903200904.htm>

Esta obra foi impressa nas oficinas Gráfica Vozes.  
Utilizou-se o papel Avena 80g/m<sup>2</sup>  
e a fonte ITC-NewBaskerville corpo 11 sobre 14.  
Anápolis - GO, 2024.